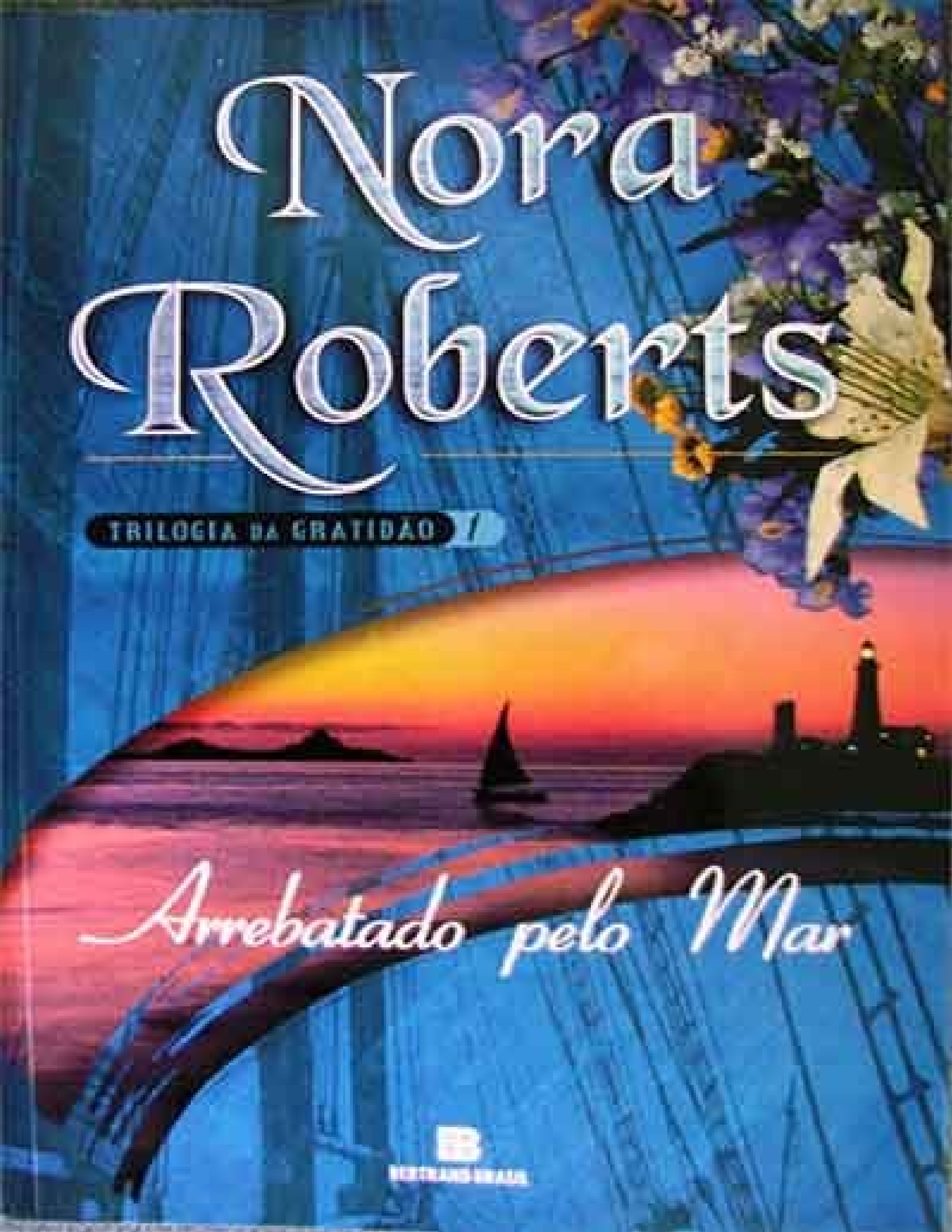
Nora Roberts
TRILOGIA DA GRATIDÃO I
Arrebatado pelo Mar
BERTRAND BRASIL

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

Miserável pelo mar

Nora Roberts

Índice - Geral

Procurando outros livros?

Prólogo

Cameron Quinn não estava do todo ébrio. Poderia chegar a está-lo se se concentrava nisso, mas no momento preferiu a agradável euforia da soleira da bebedeira. Gostava de pensar que se achava nesse ponto em que sua sorte ainda seguia em rajada.

Acreditava firmemente nas desigualdades da sorte, e nesse preciso instante a sua lhe era propícia. Justo no dia anterior tinha ganho o campeonato do mundo com seu aerodeslizador e vitamina o recorde de tempo e velocidade.

Já tinha a glória, e o bolso repleto, assim que se dirigiu com ambas as coisas ao Montecarlo a provar fortuna. sentia-se como um autêntico dandi.

Umas mãos de bacará, um par de tiragens de jogo de dados, uma volta de cartas e sua carteira pesava ainda mais. Rodeado de paparazzi e de um repórter do Sports Illustrated, não parecia tampouco que a glória desse sinais de apagar-se.

A fortuna continuava sonriéndole, bom, mas bem lhe olhava de esguelha, pensou Cameron. Esta lhe tinha dirigido para essa pequena jóia do Mediterrâneo de uma vez que a popular revista cobria o lançamento de sua edição de trajes de banho.

Além disso, a garota com as pernas mais largas do mundo havia tornado seus olhos azuis como o mar para ele, tornando a careta de seus lábios Camosos em um sorriso invitadora que até um cego teria reconhecido, o que fez que ele optasse por ficar uns dias mais.

E ela tinha deixado claro que com um pouco mais de esforço ele poderia ter muita mais sorte.

Champanha, generosos cassinos, sexo sem preocupações nem ataduras. Efetivamente, a sorte estava de sua parte, pensou Cameron.

Quando abandonaram o cassino por volta da suave noite de março, um dos paparazzi lhes jogou em cima, disparando sua câmara freneticamente. A mulher fez um gesto —que depois de tudo era seu gesto de identidade— e meneou a interminável juba de cabelo loiro platino, movendo seu corpo escultural de maneira perita. Embelezada com um vestido vermelho como o pecado, quase tão fino como uma capa de pintura, deteve-se no lado sul de Las Portas do Paraíso.

Cameron se limitou a sorrir.

—São como a peste —disse ela com uma sombra de ceceio ou um acento francês. Cameron não sabia distingui-los. Ela deu um suspiro e deixou que Cameron a guiasse rua abaixo, através das sombras que fazia a lua—. Cada lugar ao que Miro é uma câmara. Estou cansada de que me vejam como um objeto de prazer para os homens.

Sim, claro, refletiu ele. E como pensou que ambos eram bastante superficiais soltou uma gargalhada e a estreitou entre seus braços.

—por que não lhe damos algo para que apareça em primeira página, encanto?

Uniu seus lábios com os dela. O sabor lhe alvoroçava os hormônios e disparava sua imaginação, agradecendo que o hotel estivesse só a duas maçãs dali.

Ela afundou as mãos em seu cabelo. Gostava dos homens com muito cabelo, e o dele era abundante e espesso, e tão escuro como a noite que lhes rodeava. Seu corpo era forte, musculoso e com linhas bem desenhadas. Ela era muito exigente com os corpos de seus amantes, e o dele tinha satisfeito com acréscimo suas estritas exigências.

Suas mãos eram um pouco mais grosseiras do que lhe gostavam. Não no relativo a sua pressão ou movimento, que adorava, a não ser quanto a sua textura. Eram as mãos de um homem trabalhador, mas ela estava desejando passar por cima sua falta de classe em favor de sua experiência.

Tinha uma cara interessante, mas não era bonito. Ela nunca se emparelharia e menos ainda deixaria que a fotografassem com um homem que a superasse em beleza. A severo e dura expressão de seu

rosto tinha que ver com algo mais que com seus rasgos afiados. Havia algo em seus olhos, pensou enquanto ria brandamente e rebolava com liberdade. Eram cinzas, da cor da pedra mais que da fumaça, e ocultavam secretos.

Gostava dos homens com secretos, já que nenhum era capaz de ocultar-lhe durante muito tempo.

—É um menino mau, Cameron —disse pondo o acento na última sílaba. Ela aproximou um dedo a seus lábios, uns lábios que já não eram brandos.

—Isso me hão dito sempre... —O teve que parar-se a pensar um momento, já que não recordava seu nome—. Martine.

—Pode que esta noite te deixe ser mau.

—Conto com isso, cielito. —O se voltou para o hotel, lançando um olhar enviesado. Com um metro oitenta de estatura, Martine era quase tão alta como ele—. Em sua habitação ou na minha?

—Na tua. —Ela quase ronronava—. Pode que se pedir que nos subam outra garrafa de champanha te deixe que tente me seduzir.

Cameron levantou uma sobrancelha e pediu sua chave em recepção.

—Necessitarei uma garrafa de champanha, duas taças e uma vermelha rosa —lhe disse ao empregado enquanto mantinha os olhos fixos no Martine—. Em seguida.

—Sim, monsieur Quinn, ocuparei-me disso.

—Uma rosa. —Ela se enroscou nele enquanto caminhavam para o elevador—. Que romântico.

—OH, queria uma você também? —Desconcertada-a sorriso de lhe alertou de que o senso de humor não ia ser seu ponto forte. Assim decidiu omitir as risadas e a conversação e se precipitou rapidamente sobre seu traseiro.

Assim que se fecharam as portas do elevador, atraiu-a para si e beijou sua zangada boca. Estava faminto. Tinha estado muito ocupado, muito centrado em seu navio, muito envolto na carreira para tomar-se algum tempo de recreio. Sentia o desejo de uma pele suave, fragrante, de

umas curvas generosas. Uma mulher, qualquer mulher, sempre que esta o desejasse, tivesse experiência e conhecesse os limites.

Martine era perfeita.

Ela deixou escapar um gemido, não de tudo fingido, e logo arqueou o pescoço para que ele o mordiscasse.

—Vai muito depressa.

Ele deslizou sua mão dentro do vestido de seda.

—Assim é como ganho a vida. Indo depressa em qualquer momento e em qualquer lugar.

Enquanto a seguia abraçando, precipitou-se fora do elevador com o passar do corredor que conduzia a suas habitações. O coração dela pulsava com força contra o seu, a respiração era contagiosa e suas mãos... bom, ele imaginava que Martine sabia justamente o que fazer com elas.

Tudo era sedução.

O introduziu a chave, deixou a porta aberta e logo a fechou abraçando ao Martine. Deixou cair os dois finos suspensórios de seus ombros e, olhando-a fixamente, apropriou-se daqueles magníficos peitos.

Pensou que seu cirurgião plástico se merecia uma medalha.

—Quer que vá mais devagar?

Sim, a textura de suas mãos era áspera mas excitante de uma vez. Ela elevou uma perna quilométrica e a enroscou em sua cintura. O teve que pôr o máximo empenho em manter o equilíbrio.

—Quero-o agora.

—Perfeito. Eu também. —Ele introduziu a mão sob sua saia e lhe arrancou a suave lingerie que ocultava. Os olhos do Martine ficaram em branco e a respiração se acelerou.

—Animal, besta. —E ela apertou os dentes contra seu pescoço.

No momento em que Cameron pôs a mão em sua braguilha ouviu que chamavam com discrição à porta. Cada gota de sangue tinha

descendido da cabeça para a parte baixa de sua cintura.

—meu deus!, o serviço não pode ser tão bom aqui. Deixe-o fora — solicitou ele enquanto se preparava para possuir à magnífica Martine contra a porta.

—Monsieur Quinn, desculpe. Acaba de chegar um fax para você. É urgente.

—lhe diga que se vá. —Martine enroscou uma mão ao redor dele como se fora uma garra—. lhe Diga que se vá ao inferno e fóllame.

—Espera um momento, a ver —prosseguiu ele desenroscando seus dedos para poder cruzar seus olhares—. Espera um minuto. —Colocou-a detrás a porta, tomou um momento para comprovar sua cremalheira e logo abriu.

—Sinto incomodar...

—Não se preocupe. Obrigado. —Cameron procurou um bilhete em seu bolso, sem incomodar-se em olhar a importância, e o trocou pelo sobre. antes de que o empregado pudesse balbuciar a quantidade da gorjeta, Cameron lhe fechou a porta na cara.

Martine voltou a fazer seu típico gesto com a cabeça.

—Está mais interessado nesse estúpido fax que em mim. Que nisto! — Com uma mão perita, atirou do vestido para baixo desembaraçando-se dele como se fora a pele de uma serpente.

Cameron pensou que qualquer que fosse o preço que tinha pago por esse corpo, o dinheiro não tinha podido estar melhor investido.

—Não, me acredite, céu, não o estou. Só demorarei um segundo. — Rasgou o sobre, abriu-o e logo fez uma bola com ele antes de atirá-lo por cima do ombro, inundando-se imediatamente naquela maravilha feminina.

Mais tarde leu a mensagem, e seu mundo, sua vida e seu coração se detiveram.

—OH, maldita seja! —Todo o vinho que tinha consumido ao longo da noite lhe deu voltas na cabeça, revolveu-lhe o estômago e lhe abrandou os joelhos. Teve que apoiar-se na porta para manter-se em pé antes de

voltar a ler de novo a mensagem.

> *CAM, maldita seja, por que não me há devolvido a chamada? Levamos horas tentando te localizar. Papai está no hospital. Está mau, pior do que parece. Não há tempo para detalhes. Nos está morrendo. Date pressa. Phillip.*

Cameron levantou uma mão: a que havia sustenido o volante das dúzias de navios, aviões e carros que tinha pilotado; a que podia fazer ver o céu a uma mulher. Mas aquela mão se estremeceu à medida que se mesaba o cabelo.

—Tenho que ir a casa.

—Está em casa. —Martine decidiu lhe dar outra oportunidade e se tornou para trás pegando seu corpo ao dele.

—Não, tenho que ir. —Apartou-a e se dirigiu ao telefone—. E você tem que partir. Preciso fazer várias chamadas.

—Crie que pode me dizer que vá?

—Sinto muito. A função terminou. —Não podia entreter-se. De maneira ausente extraiu bilhetes de seu bolso com uma mão e agarrou o telefone com a outra—. Toma, para o táxi —disse, esquecendo que ela se alojava no mesmo hotel.

—Porco! —Nua e furiosa se lançou sobre o Cameron. Se ele se pôde sustentar teria esquivado o golpe. Mas a bofetada lhe deu totalmente. Apitavam-lhe os ouvidos, a bochecha lhe ardia e lhe esgotou a paciência.

Cameron se limitou a rodeá-la com seus braços, ela se revolveu como se se tratasse de uma proposição sexual, e ele a levou para a porta. Agarrou seu vestido e logo jogou em ambos de uma vez ao vestíbulo.

O chiado lhe retumbou na cabeça ao jogar o ferrolho.

—Matarei-te. Porco! Bastardo! Não é ninguém! Ninguém!

Deixou ao Martine gritando e esmurrando a porta, e se dirigiu ao dormitório para colocar algumas costure em uma bolsa.

Parecia como se a sorte tivesse dado um tombo da pior maneira possível.

Um

CAM fez uso de seus contatos, moveu fios, pediu favores e arrojou dinheiro em uma dúzia de direções. Conseguir transporte do Mónaco à costa oriental de Maryland à uma da manhã não era uma tarefa fácil.

Conduziu até a Niza como uma bala, a pesar do vento, pela auto-estrada da costa para uma pequena pista de aterrissagem onde um amigo acessou a lhe levar a Paris pela quantidade de mil dólares americanos. Em Paris alugou um avião pela metade do preço habitual e passou as horas sobre o Atlântico com uma mescla de fadiga e medo atenazador.

Chegou ao areopuerto do Dulles de Washington, Virginia, quando acabavam de dar as seis da manhã, hora da costa oriental. O carro de aluguel estava lhe esperando, assim que ficou a conduzir para a baía do Cheseapeake sob o frio escuro do amanhecer.

Quando alcançou a ponte que cruzava a baía, o sol brilhava no alto, cintilando sobre a água e fazendo resplandecer os navios que estavam preparados para a pesca diária. CAM tinha passado boa parte de sua vida navegando na baía e nos rios e baías desta parte do mundo. O homem pelo que ia voando lhe tinha ensinado muito mais que os conceitos de bombordo e estribor.

Tódo o que tinha, tudo o que tinha feito para sentir-se orgulhoso na vida, o devia ao Raymond Quinn.

Com treze anos, e às portas do inferno, Ray e Stella Quinn lhe tinham afastado do mau caminho. Seu histórico juvenil era já um clássico sobre os inícios na delinqüência.

Roubos, invasões de moradia, bebedeiras juvenis, novilhos, ultraje, vandalismo, vandalismos. Fazia o que tinha querido, e freqüentemente tinha desfrutado dos golpes de sorte que supunham que não lhe agarrassem. Mas o melhor momento de sua vida foi quando lhe pilharam.

Tinha treze anos, estava magro como um palito e ainda conservava os machucados da última surra que lhe tinha dado seu pai. ficaram-se sem cerveja. O que ia fazer um pai?

Naquela calorosa noite do verão, com o sangue seca no rosto, CAM se tinha prometido a si mesmo que nunca ia retornar a esse reboque desmantelado, a essa vida, a esse homem ao que o sistema lhe arrojava uma e outra vez. iria a algum lugar, a qualquer lugar. Possivelmente a Califórnia, ou ao México.

Tinha grandes sonhos apesar de que sua visão era imprecisa graças a um olho arroxeado. Tudo o que possuía eram sessenta e seis dólares e algumas moedas, sua roupa à costas e o ânimo pelos chãos. O que precisava era um transporte, pensou.

Viajou no vagão de carga de carros de um trem que se dirigia a Baltimore. Não sabia aonde ia e tampouco lhe importava, sempre que fora longe. Oculto na escuridão seu corpo acusava cada sacudida do trem, mas se tinha prometido a si mesmo que mataria ou morreria antes que retornar.

Quando saiu deslizando do trem, sentiu o aroma de água e pescado, e pediu a Deus que encontrasse um pouco de comida em alguma parte. Seu estômago uivava de fome. Enjoado e desorientado, começou a caminhar.

Não havia muito que ver. Um pueblecito cujas ruas ficavam desertas de noite. Navios que golpeavam uns moles fundos. Se sua mente tivesse estado limpa, teria considerado o irromper em uma das lojas que se alinhavam frente à água, mas não lhe ocorreu até que teve saído do povo e se encontrou ao bordo de um pântano.

As sombras e sons do pântano lhe assustavam. O sol estava começando a sair pelo este, convertendo em ouro as terras lamacentas e a erva molhada. Um grande pássaro rosa elevou o vôo, fazendo que o coração do CAM desse um salto. Nunca tinha visto uma garça anteriormente, e pensou que parecia algo como saído de um livro, como inventado.

Mas as asas cintilaram e o pássaro se elevou. Por motivos que ele não teria sabido dizer, seguiu-o com o passar do pântano até que desapareceu na espessura das árvores.

Perdeu o sentido da distância e a direção, mas o instinto lhe ditava que seguisse um caminho rural estreito onde pudesse ocultar-se entre as ervas altas ou detrás de uma árvore se por acaso passava um policial.

Queria procurar refúgio, algum lugar onde pudesse acurrucarse e dormir, escapar das pontadas da fome e a pegajosa angústia. À medida que o sol se elevava, o ar se fez mais denso com o calor. A camisa lhe pegava à costas e lhe suavam os pés.

Primeiro viu o carro, um lustroso Corvette branco cheio de potência e elegância, colocado como um grande prêmio na brumosa luz do arnanecer. Havia uma caminhonete a seu lado, oxidada, basta e ridiculamente rural ao lado da sofisticação arrogante do carro.

CAM se agachou depois de uma exuberante hortênsia em flor e o examinou com cobiça.

Isso era, aquele filho de puta lhe levaria ao México e a qualquer outro lugar ao que queria ir. Mierda, como se deveria mover aquela máquina,

ele já estaria a meio caminho antes de que ninguém se desse conta de que se foi.

Trocou de posição e pestanejou com força para esclarecer sua visão tremente e observou a casa. Sempre lhe tinha assombrado que a gente vivesse de uma maneira tão pulcra. Em casas arrumadas com venezianas pintadas, flores e maciços cuidados no pátio. Cadeiras de balanço no alpendre e cortinas nas janelas. A casa lhe parecia enorme, um moderno palácio branco com suaves adornos azuis.

Pensou que deviam ser ricos de uma vez que o ressentimento lhe rugia no estômago junto com a fome. Podiam permitir-se casas elegantes, carros elegantes e vistas elegantes. E uma parte dele, que se alimentava de ódio e Budweiser, queria destruir, esmagar todos os maciços, romper todas as brilhantes janelas e reduzir as madeiras a lascas.

Queria lhes ferir de algum jeito por ter tudo enquanto que ele não tinha nada. Mas quando ficou de pé, a fúria amarga lhe converteu em enjôo. conteve-se, apertando os dentes até que lhe doeram, mas sua cabeça se limpou.

Assim que os ricos filhos de puta dormiam, pensou. Liberaria-lhes daquele estupendo carro. Nem sequer estava fechado, advertiu, e soprou enquanto abria a porta. Uma das técnicas mais úteis que lhe tinha ensinado seu pai era como arrancar um carro de maneira rápida e silenciosa. Dita habilidade resultava muito prática quando um homem se passou a maior parte de sua vida vendendo carros roubados às casas de mudança.

CAM se reclinou no assento, oscilou o volante e ficou a trabalhar.

—Terá que ter ovos para roubar o carro de um tio à porta de sua casa.

antes de que CAM pudesse reagir, ou de que soltasse um taco, uma mão lhe agarrou a parte traseira dos jeans e lhe levantou lhe fazendo sair do carro. Balançou-lhe com o punho apertado, que parecia feito de rocha.

Lançou seu primeiro olhar ao imponente Quinn. O tipo era enorme, mediria pelo menos um e noventa e oito, e sua compleição era como a da linha ofensiva dos Baltimore Colts. Seu rosto era curtido e largo, com

mechas de cabelo loiro bordeados de brilhantes cabelos de prata. Os olhos eram profundamente azuis, e a ira se refletia neles.

de repente se aproximaram o um ao outro.

Não era difícil manter ao menino em seu sítio. Não pesaria mais de trinta e sete quilogramas, pensou Quinn como se tivesse pescado ao menino na baía. Tinha a cara suja e machucada. Um dos olhos estava quase fechado pelo inchaço e o outro, de cor cinza escura, refletia uma amargura imprópria de um menino.

Havia sangre seca em sua boca mas, apesar disso, conseguiu sorrir de maneira zombadora.

Sentia compaixão e aborrecimento ao mesmo tempo, mas manteve sua mão firme. Sabia que essa lebre podia escapar.

—Parece que perdeste a briga, filho.

—me tire as jodidas mãos de cima. Não estava fazendo nada.

Ray levantou levemente uma sobrancelha.

—Estava no carro novo de minha mulher às sete e meia de um domingo pela manhã.

—Estava procurando moedas soltas. Que jodida importância tem isso?

—Não quererá cair no hábito de utilizar em excesso a palavra «jodida» como adjetivo. Perderá-te sua grande variedade de usos.

O suave tom doutrinal permaneceu na mente do CAM.

—Olhe, Jack, esperava encontrar um par de dólares em moedas. Não os teria sentido falta.

—Não, mas Stella teria jogado terrivelmente em falta seu carro se você tivesse conseguido arrancá-lo. E não me chamo Jack a não ser Ray. Bem, a meu modo de ver tem um par de opções. Consideremos a primeira: arrasto seu arrependido traseiro à casa e chamo à polícia. Que tal te sentaria passar-nos próximos anos em um estabelecimento juvenil para balas perdidas?

A pouca cor que ficava ao CAM na cara desapareceu de repente. Sentiu náuseas e as Palmas da mão lhe começaram a suar de repente. Não

poderia suportar o fechamento. Estava seguro de que morreria enjaulado.

—Hei dito que não estava roubando o maldito carro. Tem quatro velocidades. Como demônios ia eu a poder conduzir um carro de quatro velocidades?

—Pois me dá a impressão de que o faria muito bem. —Ray aspirou, pensou um momento e soltou ar—. Bem, a opção número dois...

—Ray! O que está fazendo aí com esse menino?

Ray dirigiu seu olhar para o alpendre, onde uma mulher com o cabelo vermelho intenso e um vestido azul gritão estava de pé com as mãos nos quadris.

—Falando de um par de opções na vida. Estava roubando seu carro.

—Homem, pelo amor de Deus!

—Alguém lhe deu uma surra. Recentemente, quero dizer.

—Bem. —O suspiro do Stella pôde ouvir-se claramente através da úmida grama—. lhe Traga dentro e lhe jogarei uma olhada. Maldita forma de começar a manhã. Não, você fica aí dentro, cão estúpido. É tão bom que nem ladraste quando estavam me roubando o carro.

—Minha esposa, Stella —disse Ray enquanto lhe acendia e iluminava o sorriso— te acaba de dar a opção número dois. Tem fome?

Um cão ladrava a quilômetros de distância. O estridente canto dos pássaros lhe soava muito mais perto. Tão logo estava ardendo como morria de frio.

—Tranqüilo, filho. Eu lhe sujeito.

inundou-se na escuridão e deixou de ouvir o Ray.

Quando despertou, estava convexo sobre um colchão firme em uma habitação onde a brisa fazia ondular as cortinas, levando até ele o aroma

das flores e a água. A humilhação e o pânico lhe assaltaram. Assim que tentou sentar umas mãos lhe fizeram voltar a tombar-se.

—Segue convexo um minuto mais.

Pôde ver o comprido e magro rosto da mulher que se elevava sobre ele bisbilhotando, lhe examinando. Tinha milhares de sardas douradas que, por alguma razão, encontrou que eram fascinantes. Seus olhos eram de cor verde escuro e seu olhar severo. Em sua boca se desenhava uma linha magra, séria. Tinha estirado seu cabelo para trás e cheirava fracamente a talco.

CAM se deu conta de repente de que lhe tinham tirado suas esfarrapadas calças Jóqueis. A humilhação e o pânico estalaram.

—Vete ao inferno e te aparte de mim. —Sua voz soou com um deixe de terror que lhe enfurecia.

—te relaxe agora. te relaxe. Sou médico. me olhe. —Stella aproximou sua cara um pouco mais—. me Olhe agora. me diga como te chama.

O coração lhe saltava no peito.

—John.

—Smith, suponho —disse ela secamente—. Bem, se tiver a suficiente presencia de ânimo para mentir, não está tão mal. —Olhou aos olhos e pigarreou—: Diria que tem uma comoção leve. Quantas vezes te deprimiste desde que lhe golpearam?

—Esta é a primeira. —Sentiu que ficava avermelhado sob o atento olhar e lutou para não violentar-se—. Isso acredito. Não estou seguro. Tenho-me que ir.

—Em efeito. Ao hospital.

—Não. —O terror lhe proporcionou a força de lhe agarrar o braço antes de que ela pudesse levantar-se. Se acabava no hospital haveria perguntas. Com as perguntas viriam os policiais. Com os policiais viriam os trabalhadores sociais. E de alguma forma, antes de que isso acabasse, ele voltaria de retorno a aquele reboque que emprestava a cerveja rançosa e urina com um homem cujo maior alívio era golpear a um menino ao que dobrava em tamanho.

—Não vou a nenhum hospital. Não. Só deme minha roupa. Tenho um pouco de dinheiro. Pagarei-lhe pelas moléstias. Tenho que ir.

Lhe voltou a olhar.

—me diga seu nome. O verdadeiro.

—CAM. Cameron.

—CAM, quem tem feito isso?

—Não me...

—Não me minta —disse ela com brutalidade. E ele não pôde fazê-lo. Seu medo era enorme e a cabeça começava a lhe pulsar com tal força que com muita dificuldade podia deixar de choramingar.

—Meu pai.

—por que?

—Porque gosta.

Stella se apertou os olhos com os dedos e logo baixou as mãos e ficou a olhar pela janela. Podia ver a água, azul como o céu, as árvores espessas e cheias de folhas, e o céu sem nuvens e formoso. E pensou que em um mundo tão belo havia pais que pegavam a seus filhos porque gostavam de fazê-lo. Porque podiam. Porque estavam aí.

—Bem. Iremos passo a passo. Enjoaste-te, te nublou a vista.

Com cautela, Cameron assentiu.

—Sim, um pouco. É que não comi a muito tempo.

—Ray está abaixo ocupando-se disso. É melhor que eu na cozinha. Deste-te um golpe nas costelas, mas não as tem rotas. O olho é o que pior está —murmurou ela passando um dedo brandamente pelo inchaço —. lhe Podemos curar isso aqui. Lavaremo-lhe, cuidaremo-lhe e veremos como evolui. Sou médico —voltou a dizer enquanto sua mão serena lhe alisava o cabelo para trás—. Pediatra.

—Isso é um médico para meninos.

—estudaste, menino duro. Se eu não gostar de como evolui iremos a que lhe façam umas radiografias. —Procurou um anti-séptico em sua

Isto bolsa vai arder um pouco.

O fez uma careta de dor e conteve o fôlego quando ela começou a lhe curar a cara.

—por que faz isto?

Ela não podia evitá-lo. Com a mão livre que ficava, escovou-lhe uma mecha de cabelo escuro.

—Porque eu gosto.

ficaram-se com ele. Tinha sido tão simples como isso, pensou CAM naquele momento. Ou isso lhe pareceu então. Até muitos anos mais tarde não se deu conta de quanto trabalho, esforço e dinheiro tinham investido em lhe criar primeiro e lhe adotar depois. Tinham-lhe dado sua casa, seu nome e tudo o que tinha que valor nesta vida.

Stella tinha morrido fazia quase oito anos por causa de um câncer que penetrou em seu corpo e o devorou. Aquela casa aos subúrbios do pequeno povo costeiro do St. Christopher tinha perdido parte de sua luz; e também Ray, e CAM, e os outros dois meninos que tinham adotado.

CAM se tinha dedicado a pilotar: o que fora, aonde fora. E agora pilotava seu carro para casa, ao encontro do único homem ao que tinha considerado seu pai.

Tinha estado naquele hospital inumeráveis vezes. Quando sua mãe trabalhava nele e quando logo a trataram daquilo que a matou.

Agora entrava nele, doído e assustado, e perguntou pelo Raymond Quinn no mostrador de recepção.

—Está em Cuidados Intensivos. Só parentes.

—Sou seu filho. —Cameron se deu a volta e se dirigiu ao elevador. Não lhe tinham que indicar que piso era. Conhecia-o muito bem.

Viu o Phillip no momento em que as comporta se abriram para a UCI.

—Como vai?

Phillip lhe entregou uma das duas taças de café que sustentava. Estava pálido pelo cansaço e seu cabelo avermelhado normalmente bem penteado o tinha tudo revolto; seus olhos, de cor marrom clara, estavam escurecidos pelo esgotamento.

—Não estava seguro de que o conseguisse. Está mau, CAM. Jesus, tenho que me sentar um momento.

dirigiu-se para uma pequena zona de espera e se deixou cair em uma cadeira. A lata da Coca-cola que estava no bolso de seu traje a medida fez um ruído metálico. Durante um momento, olhou absorto o programa matutino que punham pela televisão.

—O que ocorreu? —perguntou CAM—. Onde está? O que dizem os médicos?

—dirigia-se a casa de Baltimore. Ao menos Ethan pensa que tinha ido a Baltimore por alguma razão. deu-se um golpe contra um poste telefônico. O carregou. —levou-se a mão ao coração porque lhe doía cada vez que o recordava—. Dizem que pode que fora um enfarte, ou um ataque, e que perdeu o controle, mas não estão seguros ainda. Ia conduzindo rápido. Muito rápido. —Teve que fechar os olhos porque tinha um nó no estômago—. Muito rápido —repetiu—. Lhes levou quase uma hora lhe tirar do carro. Quase uma hora. Os médicos disseram que a momentos perdia a consciencia. Ocorreu a um par de milhas daqui.

lembrou-se da Coca-cola que tinha no bolso, abriu a lata e bebeu. Tratou de não pensar mais nisso, concentrar-se no presente e no que ocorreria depois.

—Localizaram ao Ethan em seguida —continuou Phillip—. Quando chegou aqui estavam operando papai. Agora está em vírgula. —Olhou para cima e se encontrou com os olhos de seu irmão—. Não esperam que saia desta.

—Isso é uma gilipollez. É forte como um touro.

—Disseram... —Phillip fechou de novo os olhos. Sua cabeça parecia vazia e tinha que procurar cada pensamento—. Traumatismo geral. Dano cerebral. Lesões internas. Estão-lhe mantendo com vida. O

cirurgião... Papai está inscrito no censo de doador de órgãos.

—Que se jodan com isso. —A voz do CAM era elevada e furiosa.

—Crie que eu gosto de pensar nisso? —Phillip ficou agora em pé, era um homem alto e ágil vestido com um traje enrugado de mil dólares—. Hão dito que era uma questão de horas como muito. As máquinas lhe mantêm a respiração. Maldita seja, CAM, sabe como falavam papai e mamãe a respeito disto quando ela esteve doente. Nada de medidas extremas. Fizeram testamento em vida e nós ignoramos o dele porque... porque não suportamos não fazê-lo.

—Quer que o desconectem? —CAM alargou a mão e agarrou ao Phillip pelas lapelas—. Quer que desconectem a maldita máquina?

Cansado e abatido, Phillip sacudiu a cabeça.

—Preferiria me cortar a mão. Eu tampouco quero lhe perder. Será melhor que o veja por ti mesmo.

deu-se a volta e se dirigiu para o corredor, onde os anti-sépticos não podiam ocultar o aroma do desespero. Atravessaram uma porta dobro, logo um posto de enfermeiras, e a seguir umas pequenas habitações com cristaleiras onde soavam as máquinas, e a esperança se mantinha com obstinação.

Ethan estava sentado em uma cadeira ao lado da cama quando entraram. Sua mão grande e calosa cobria a mão do Ray. Seu corpo enxuto e forte estava inclinado, como se falasse com o homem inconsciente que estava junto a ele. levantou-se lentamente e, com olhos avermelhados pela falta de sonho, olhou ao CAM.

—Assim decidiste aparecer. Já estamos todos.

—vim o antes possível. —Não queria admiti-lo, não podia acreditá-lo. O homem velho e terrivelmente frágil que jazia na estreita cama era seu pai. Ray Quinn era grande, forte, invencível. Mas aquele homem que tinha o rosto de seu pai estava encolhido, pálido e tranqüilo como a morte.

—Papai. —dirigiu-se ao lado da cama e se inclinou para aproximar-se—. Sou CAM. Estou aqui. —Esperou, convencido de que isso faria que seu

pai abrisse os olhos e piscasse os olhos um com malícia.

Mas não houve movimento algum, nem nenhum som distinto ao monótono ruído das máquinas.

—Quero falar com seu médico.

—O doutor García. —Ethan se esfregou a cara com as mãos e jogou para trás seu cabelo esclarecido pelo sol. —O cirurgião cerebral ao que mamãe estava acostumada chamar Mãos Mágicas. A enfermeira lhe chamará.

CAM se endireitou e, pela primeira vez, deu-se conta da presença de um menino acurrucado e dormido na cadeira da esquina.

—Quem é esse menino?

—É o último dos meninos perdidos do Ray Quinn. —Ethan esboçou um ligeiro sorriso. Normalmente esta teria suavizado sua cara séria e adoçado seus pacientes olhos azuis—. Já te falou dele. chama-se Seth. Papai lhe acolheu faz uns três meses. —Quis dizer algo mais mas captou o olhar de advertência do Phillip e se calou—. Falaremos disso mais tarde.

Phillip permanecia aos pés da cama, balançando-se sobre seus talões.

—E, que tal pelo Montecarlo? —Ante o olhar vazio do CAM, encolheu-se de ombros. Era um gesto que os três utilizavam em lugar de palavras—. A enfermeira disse que deveríamos falar com ele e falar entre nós. Que possivelmente possa... Não estão seguros.

—Bem. —CAM se sentou e olhou ao Ethan agarrando a mão do Ray através da barra de amparo. Como a mão estava fláccida e sem vida, sustentou-a com suavidade desejando que pudesse apertar a sua—. Ganhei um montão nos cassinos e estava com uma modelo francesa muito quente em minha suíte quando chegou seu fax. —Trocou o olhar e se dirigiu diretamente ao Ray—. Deveria havê-la visto. Era incrível. Com umas pernas até as orelhas e uns peitos magníficos feitos a medida.

—Tinha rosto? —perguntou-lhe Ethan secamente.

—Um que ia perfeitamente ao corpo. Digo-te que era uma devorahombres. E quando lhe disse que me tinha que partir ficou como

uma loba. —golpeou-se a cara no lugar onde os arranhões marcavam suas bochechas—. Tive que jogar a da habitação ao saguão antes de que me fizesse migalhas. Mas não me esqueci de atirar seu vestido atrás dela.

—Estava nua? —quis saber Phillip.

—Totalmente.

Phillip sorriu, e logo soltou sua primeira gargalhada em quase vinte horas.

—Deus, é tão próprio de ti! —Pôs sua mão no pé do Ray, procurando uma conexão—. Gostará dessa história.

Na esquina, Seth fingia estar dormido. Tinha ouvido entrar no CAM. Sabia quem era. Ray lhe tinha falado muito do Cameron. Tinha dois álbuns grandes que estavam cheios até arrebentar de recortes e artigos sobre suas carreiras e proezas.

Não parecia tão duro e importante agora, pensou Seth, a não ser doente, pálido e ojeroso. Seth já tinha tirado suas próprias conclusões sobre o que pensava do Cameron Quinn.

Gostava de muito Ethan. Apesar de que te fizesse mover bem o culo ao sair a pescar almejas ou ostras com ele. Não estava acostumado a dar sermões e não lhe deu nunca um golpe ou um reverso ao Seth, nem sequer quando tinha cometido enganos. E cumpria com acréscimo a idéia que Seth tinha de um marinheiro a seus dez anos de idade.

Era robusto, bronzeado e tinha o cabelo encaracolado e moreno com nervuras loiras; os músculos eram fortes e a conversação, divertida. Sim, Seth lhe apreciava muito.

Phillip lhe dava igual. Sempre ia engomado e impecável. Seth se imaginava que devia ter uns seis milhões de gravatas, embora não entendia que a ninguém pudesse gostar nem sequer uma. Mas Phillip tinha uma espécie de trabalho elegante em um escritório elegante de

Baltimore. Publicidade. Sempre pensando em vender coisas astutamente a gente que provavelmente não as necessitaria nunca.

Seth pensava que era uma forma guay de enganar a alguém.

E agora CAM. O era quem mais tinha destacado, que vivia ao limite e assumia riscos. Não, não parecia tão duro, não parecia tanto um bale perdida.

Nesse momento CAM voltou a cabeça e seus olhos se fixaram nos do Seth. Manteve-os assim, diretos, sem piscar, até que Seth sentiu que seu estômago se estremecia. Para escapar limitou a fechar os olhos e imaginar-se a si mesmo de retorno na casa que estava perto da água, arrojando paus ao torpe cachorrinho do Ray, que se chamava Tolo.

Sabendo que o moço se achava acordado e que era consciente de seu olhar, CAM continuou lhe observando. Pensou que tinha boa presença, com o cabelo emaranhado de cor loira avermelhada e um corpo que acabava de começar a espigar-se. Se seguia crescendo seria muito alto. CAM observou que tinha um queixo insolente e a boca triste. Quando fingia estar dormido tinha a aparência inofensiva e ardilosa de um cachorrinho.

Mas seus olhos... CAM reconheceu aquela linha em seu olhar, aquela precaução animal. Havia-a visto muitas vezes no espelho. Não tinha podido distinguir sua cor, mas certamente eram escuros. Azuis ou marrons, imaginou.

—Não poderíamos levar a menino a algum outro lugar?

Ethan olhou por cima.

—Está bem aqui. De todas formas não há ninguém com quem lhe deixar. meteria-se em problemas se ficasse sozinho.

CAM se encolheu de ombros, olhou para outro lado e se esqueceu dele.

—Quero falar com o García. Têm que ter os resultados das provas, ou algo assim. Ray conduz como um profissional, assim se tiver sofrido um enfarte ou um ataque... —Sua voz se quebrou: havia muito que considerar—. Precisamos sabê-lo. Estar aqui parados não servirá de muita ajuda.

—Se você precisa fazer algo —disse Ethan com uma voz suave que denotava sua contenção—, vê e faz-o. Estar aqui sim conta. —Olhou a seu irmão por cima da figura inconsciente do Ray e acrescentou—: Sempre contou.

—Algum de nós não quis escavar em busca de ostras ou passar a vida removendo montões de caranguejos —soltou CAM pelo baixo—. Eles nos deram uma vida e esperaram que fizéssemos com ela o que quiséssemos.

—E você fez o que quis.

—Todos nós o temos feito —apostilou Phillip—. Se houve algo na vida de papai que não foi bem nos últimos meses, Ethan, tinha-nos isso que ter contado.

—Como demônios se supunha que eu ia ou seja? —Mas Ethan sentia que devia ter sabido algo e que simplesmente não pôde dar no prego. E o deixou escapar. Aquilo o reconcomía agora, enquanto estava sentado escutando as máquinas que mantinham a seu pai com vida.

—Porque você estava ali —lhe disse CAM.

—Sim, eu estava ali. E você não. Durante muitos anos.

—E se eu tivesse estado no St. Chris não se teria estrelado contra um maldito poste telefônico? Jesus! —CAM se estirou o cabelo com Isso mãos tem sentido.

—Se tivesse estado perto. Se qualquer dos dois tivessem estado perto, ele não teria tratado de fazer tanto por si mesmo. Cada vez que me dava a volta estava no alto de uma maldita escada, ou empurrando um carrinho de mão, ou pintando seu navio. E seguia repartindo classes na escola três vezes por semana, e fazendo tutorías, e qualificando exames. Tem quase setenta anos, Por Deus bendito.

—Só tem sessenta e sete. —Phillip sentiu como se uma garra heladora se cravasse nele—. E sempre teve muito boa saúde.

—Ultimarnente não. Tinha perdido peso, tinha aspecto cansado e quebrado. Viram-no vós mesmos.

—Muito bem, muito bem. —Phillip se esfregou a cara com as mãos e

sentiu a aspereza da barba de um dia—. Possivelmente teria que ter baixado o ritmo um pouco. o de ficar com o menino deveu ser muito, mas não havia nada que discutir sobre isso.

—Sempre brigando.

A voz, débil e incompreensível, fez que os três homens fixassem bruscamente a atenção.

—Papai. —Ethan se aproximou o primeiro, o coração lhe pulsava agitadamente no peito. —irei procurar ao médico.

—Não, fica —murmurou Ray antes de que Phillip pudesse sair precipitadamente em busca do médico. Esta volta, embora fora por pouco tempo, era um esforço enorme. E Ray compreendia que ficava muito pouco. Seu corpo e sua mente pareciam já costure separadas, embora ainda podia sentir a pressão de outras mãos nas suas, escutar o som das vozes de seus filhos e o medo e a angústia que havia nelas. Estava cansado, Meu deus, o que cansado estava! E queria ao Stella. Mas antes de partir, tinha que cumprir um último dever.

—Venham. —As pálpebras pareciam lhe pesar vários quilogramas, mas forçou seus olhos para que se abrissem, lutando para poder enfocar. Pensou que seus filhos eram três maravilhosos presentes do destino. Fazia todo o melhor para eles, tratando de lhes ensinar como converter-se em homens. Agora lhes necessitava para uma coisa mais. Necessitava que se mantiveram unidos sem ele e que se ocupassem do menino—. O menino. —Inclusive as palavras pesavam. Doía-lhe arrastar as da mente para os lábios—. O menino é meu. É seu agora. Fica com ele e lhe cuidem, aconteça o que acontecer. CAM. Você lhe entenderá melhor que ninguém. —Aquela mão grande, antes tão forte e vital, fazia esforços se desesperados para poder apertar—. me Dê sua palavra.

—Nós cuidaremos dele. —E naquele momento, CAM teria prometido a lua e as estrelas—. Cuidarão dele até que volte a estar bem.

—Ethan. —Ray deu outro suspiro que retumbou no respirador—. Necessitará de sua paciência e de seu coração. É um bom homem de mar graças a isso.

—Não se preocupe pelo Seth. Nós lhe cuidaremos.

—Phillip.

—Aqui estou. —aproximou-se e se inclinou para ele—. Todos estamos aqui.

—Que bons são. Já saberão como fazer para que tudo vá bem. Não deixem escapar ao menino. São todos irmãos. Recordem que são irmãos. Estou orgulhoso de vós. De todos vós, irmãos Quinn. —Sorriu um pouco e parou de lutar—. Agora devem deixar que vá.

—vou procurar ao médico. —Morto de medo, Phillip saiu correndo da habitação enquanto que CAM e Ethan tratavam de que seu pai recuperasse a consciência.

Ninguém se precaveu do menino que parecia um novelo na cadeira apertando os olhos para tentar conter as lágrimas.

Dois

Receberam eles sozinhos às pessoas que deveu velar e enterrar ao Ray Quinn. O tinha sido algo mais que um residente naquele lugar do mapa chamado St. Christopher's. Tinha sido professor, amigo e confidente. Durante anos, quando fraquejava a coleta de ostras, tinha contribuído a organizar a busca de recursos de ajuda, ou encontrado de repente dúzias de trabalhos estranhos que terei que fazer para tirar de apuros aos marinheiros durante o inverno.

Se um estudante se esforçava, Ray encontrava o modo de tirar de onde

fora uma hora extra para lhe dar aulas particulares. Suas classes de literatura na universidade sempre se encheram, e era estranho que alguém pudesse esquecer ao professor Quinn.

Tinha acreditado na comunidade, e essa crença tinha sido forte e flexível de uma vez. Tinha tirado o melhor da condição humana. Tinha influenciado nas vidas da gente.

E tinha convertido em homens a três moços que ninguém queria.

Sua tumba estava coberta de flores e lágrimas. Assim quando começaram as falações e perguntas, a maioria preferiu calar-se rapidamente. Poucos queriam ouvir as fofocas sobre o que tinha sido Ray Quinn. Ou isso diziam, ainda que aguçavam seus ouvidos para captar os murmúrios.

Escândalos sexuais, adultério, filhos ilegítimos. Suicídio.

Ridículo. Impossível. A maioria o dizia e acreditava. Mas outros se aproximavam um pouco mais para captar cada sussurro, franziam o sobrecenho e passavam o rumor de boca para ouvidos.

CAM não ouviu nenhum murmúrio. Sua pena era tão grande, tão monstruosa, que logo que podia ouvir seus próprios pensamentos escuros. Quando sua mãe morreu, pôde assumi-lo. Estava preparado para isso, tinha-a visto sofrer e tinha rezado por que chegasse seu fim. Mas esta perda tinha sido muito rápida, muito arbitrária, e não havia câncer algum ao que jogar a culpa.

Havia muita gente na casa: gente que queria oferecer sua simpatia ou compartilhar lembranças. O não queria suas lembranças, não podia enfrentar-se a eles antes de ter podido assumir os seus.

sentou-se sozinho no mole que tinha ajudado ao Ray a reparar mais de uma dúzia de vezes durante anos. A seu lado se achava o bonito balandro de vinte e quatro pés no que tinham navegado juntos inumeráveis vezes. CAM se lembrou do arranjo que Ray teve o primeiro verão: um pequeno Sunfish, um navio de alumínio que lhe tinha resultado ao CAM tão grande como uma cortiça.

E com que paciência lhe tinha ensinado Ray a navegar, a dirigir o equipamento de barco, a virar. E CAM pensou agora no calafrio que lhe

tinha percorrido a primeira vez que Ray lhe deixou dirigir o leme.

Tinha sido uma experiência que lhe trocou a vida a um moço que tinha crescido nas duras ruas: o ar salgado na cara, o vento golpeando a pintura branca do casco, a velocidade e a liberdade de deslizar-se sobre a água. Mas por cima de todo se achava a confiança. «A ver, olhe o que pode fazer com ela», havia-lhe dito Ray.

Pode que fora então, naquela tarde nebulosa em que as folhas já estavam verdes e o sol era um balão avermelhado detrás da névoa, quando aquele moço se converteu no homem que era hoje.

E Ray o tinha conseguido tudo com um sorriso.

Ouviu as pisadas no mole, mas não se deu a volta. Seguiu olhando por cima da água enquanto Phillip permanecia de pé a seu lado.

—A maioria se foi já.

—Bem.

Phillip deixou que suas mãos escorregassem em seus bolsos.

—vieram por papai. lhe teria gostado.

—Sim. —Cansado, CAM pressionou seus olhos com os dedos, deixando-os cair—. Sim que lhe teria gostado. Me esgotaram as coisas que dizer e o modo de fazê-lo.

—Já. —Embora ganhava a vida com frases inteligentes, Phillip compreendeu exatamente. tomou um momento para desfrutar de do silêncio. A brisa que vinha da água era como uma pequena dentada, o que era um alívio depois de ter estado na abarrotada casa, reaquecida pela presença humana—. Grace está limpando a cozinha. Seth lhe está dando uma mão. Acredito que se interessa por ela.

—Parece boa pessoa. —CAM lutou por dirigir sua mente para outra pessoa ou para qualquer outra coisa—. É difícil acreditar que tem uma filha. Está divorciada, não?

—Há um ano ou dois. O se foi justo antes de que a pequena Aubrey nascesse. —Phillip soprou entre dentes—. Há algo do que temos que falar, CAM.

CAM reconheceu o tom, que significava que terei que ficar mãos à obra. O ressentimento começou a aflorar imediatamente.

—Estava pensando em ir a navegar. Há bom vento hoje.

—Pode navegar mais tarde.

CAM voltou a cabeça com rosto temperado.

—Posso navegar agora.

—Circula o rumor de que papai se suicidó.

O rosto do CAM ficou perplexo, e logo se tingiu de cor vermelha de raiva.

—De que coño fala? —perguntou enquanto ficava rapidamente em pé.

Agora faz conta, pensou Phillip com profunda satisfação.

—especula-se que se estrelou de propósito contra o poste.

—Isso é uma gilipollez. Quem demônios vai dizendo isso?

—Circula por aí, há gente que crie. Tem que ver com o Seth.

—O que é o que tem que ver com o Seth? —CAM começou a andar, dando largas e furiosas pernadas com o passar do estreito mole—.O que acontece, que pensam que estava louco por haver ficado com o menino? Diabos, ele estava louco por haver ficado com qualquer de nós mas o que tem que ver isso com um acidente?

—Há falatórios a respeito de que Seth é seu filho. De sangue. —Aquilo fez que CAM se parasse em seco—. Mamãe não podia ter filhos.

—Já sei. —A fúria encheu seu peito como um martelo de aço—. Está dizendo que ele a enganou? Que saiu com outra mulher e teve um filho? meu deus, Phil.

—Eu não o digo.

CAM se aproximou mais, até que estiveram cara a cara.

—Que demônios diz você?

—Estou-te contando o que ouvi —disse Phillip de forma imparcial— para que falemos disso.

—Se tivesse ovos teria calado a boca a todo aquele que tivesse mentido.

—Igual a quer fazer você comigo. É esse seu modo de confrontá-lo? lhe dar golpes até que desapareça? —Com o temperamento a flor de pele, Phillip se afastou um palmo do CAM —. O era também meu pai, maldita seja. Você foi o primeiro, mas não foi o único.

—Então, por que demônios não lhe defendeste em vez de escutar esse lixo? Tinha medo de te sujar as mãos? De te danificar a manicura? Se não te tivesse comportado como uma maldita menina haveria...

O punho do Phillip se disparou e golpeou ao CAM diretamente na mandíbula. O murro tinha sido arrojado com tal força que deslocou a cabeça do CAM para trás, lhe fazendo cambalear-se um ou dois passos. Mas recuperou o equilíbrio bastante rápido. Com os olhos cheios de raiva, assentiu.

—Muito bem, venha.

O sangue se amontoava em sua cabeça e Phillip começou a tirá-la jaqueta. O ataque chegou de forma rápida, silenciosa e desde atrás. Quase não teve tempo de renegar quando se encontrou caindo à água do mole.

Phillip saiu à superfície, cuspiu e se apartou o cabelo úmido dos olhos.

—Filho de puta. É um filho de puta.

Ethan tinha os polegares metidos nos bolsos dianteiros e observou a seu irmão à medida que Phillip dava patadas na água.

—lhes tranqüilize —sugeriu com voz suave.

—O traje é do Hugo Boss —alcançou a dizer Phillip enquanto se dirigia para o mole.

—A mim isso não diz nada. —Ethan olhou ao CAM de acima—. Te diz algo a ti?

—Significa que vai pagar uma maldita fatura de tinturaria.

—Você também —disse Ethan e empurrou ao CAM fora do mole—. Este não é nem o momento nem o lugar para andar atando-se a murros. Assim quando vós dois movam o culo e lhes sequem falaremos disto.

Mandei ao Seth que se vá um momento com o Grace.

Com os olhos entrecerrados, CAM se jogou o cabelo para trás com os dedos.

—Assim de repente você te tem feito cargo de tudo.

—Parece-me que sou o único que manteve a cabeça a flutuação. —Dito isto, Ethan se deu a volta e se dirigiu lentamente para a casa.

Juntos, CAM e Phillip se agarraram ao bordo do mole. Intercambiaram um olhar largo e duro antes de que CAM sonriera.

—Logo lhe atiraremos —disse.

Aceitando aquilo como uma desculpa, Phillip assentiu. sentou-se no mole dando-se impulsiono para cima e logo se tornou para trás a danificada gravata de seda.

—Eu também lhe queria. Tanto como você. Tanto como qualquer.

—Sim. —CAM se tirou os sapatos de um puxão—. Não posso suportá-lo. —Era difícil de admitir para um homem que tinha eleito viver ao limite —. Não queria estar ali. Não queria estar ali e ver como lhe enterravam.

—Estava ali. Isso é o único que lhe teria importado a ele.

CAM se tirou os meias três-quartos, a gravata e a jaqueta, sentindo o frescor da incipiente primavera.

—Quem te contou... quem te disse essas coisas sobre papai?

—Grace. Tinha escutado conversações e pensou que seria melhor que soubéssemos o que se falava. Contou-nos isso ao Ethan e a mim esta manhã, e ficou a chorar. —Phillip arqueou uma sobrancelha—. Ainda pensa que deveria lhe haver calado a boca?

CAM arrojou os danificados sapatos à grama.

—Quero saber quem começou isto e por que.

—olhaste ao Seth, CAM?

O vento começou a introduzir-se em seus ossos. Isso é o que fez que sentisse um calafrio repentino.

—É obvio que lhe olhei. —CAM se voltou e se dirigiu para a casa.

—lhe jogue uma olhada de perto —murmurou Phillip.

Quando CAM entrou na cozinha vinte minutos mais tarde, reconfortado e seco com um pulôver e uns jeans, Ethan tinha preparado café quente e tinha o uísque preparado.

tratava-se de uma grande cozinha familiar com uma mesa grande de madeira no centro. As encimeras brancas refletiam o passado do tempo, desgastadas pelo uso. Uns anos antes tinham falado de substituir a velha cozinha. Logo, Stella ficou doente e aí tinha terminado tudo.

Em cima da mesa havia uma terrina grande e plana que tinha feito Ethan durante seu penúltimo ano na oficina de madeira da faculdade. Tinha estado aí desde dia em que o levou a casa, e freqüentemente se enchia com cartas, notas e ninharias caseiras em vez da fruta para a que se desenhou. Na parede traseira havia três janelas grandes e sem cortinas que davam a um pátio com água.

As portas dos armários tinham a parte dianteira de cristal, e em seu interior se alinhavam os pratos lisos de cerâmica branca, meticulosamente dispostos, como devia estar o conteúdo de tudas as gavetas, pensou CAM. Stella tinha insistido nisso. Quando necessitava uma colher, Por Deus bendito, não queria ter que procurá-la.

E a geladeira estava coberta de fotos e recortes de periódico, notas, postais e desenhos infantis fixados de maneira fortuita com ímãs de cores.

O coração lhe deu um salto ao entrar naquela habitação e saber que seus pais não voltariam a estar ali.

—O café está carregado —comentou Ethan—. E também o uísque. Vós escolhem.

—Tomarei as duas coisas. —CAM encheu a jarra, acrescentou um gole do Johnnie Walker ao café, e se sentou—. Quer me golpear a mim

também?

—Sim, tinha vontades e pode que as volte a ter. —Ethan decidiu que queria o uísque sozinho, e se serve um dobro—. Não penso nisso agora. —ficou junto à janela, olhando por volta de fora e sustentando o uísque que não tinha provado na mão—. Possivelmente ainda pense que deveria ter estado aqui mais freqüentemente nos últimos anos. Possivelmente não pôde. Não parece que importância muito isso agora.

—Não sou um marinho, Ethan. Dedico a aquilo no que destaco. E isso é o que eles teriam esperado.

—Sim. —Não podia imaginá-la sensação de ter que fugir daquele lugar que para ele era seu lar e um refúgio. Mas não tinha sentido questioná-lo agora ou dar lugar a ressentimentos. Ou culpar a ninguém—. A casa necessita alguns acertos.

—Já me dei conta.

—Deveria ter dedicado mais tempo a estar por aqui e me ocupar das coisas. A gente sempre pensa que há muito tempo para fazer as coisas e logo não o há. Os degraus de atrás estão carcomidos, terei que trocá-los. Quis fazê-lo. —deu-se a volta quando Phillip entrou na habitação—. Grace tem que trabalhar esta noite, assim não se pode ocupar do Seth mais de um par de horas. Solta-o você, Phil. Eu me estenderia muito.

—Bem. —Phillip se serve café sem uísque. Em vez de sentar-se, apoiou-se para trás, sobre a encimera—. Parece que uma mulher deveu ver a papai faz uns meses. Foi à faculdade e causou certo alvoroço ao que ninguém emprestou muita atenção naquele momento.

—Que classe de alvoroço?

—Montou uma cena em seu escritório com muitos gritos e pranto. Logo foi ver o decano e tratou de apresentar cargos de perseguição sexual contra papai.

—Isso é muito velho.

—Aparentemente o decano pensou o mesmo. —Phillip se serve uma segunda taça de café e então o levou a mesa—. Alegou que papai lhe tinha acossado e perseguido quando ela era estudante. Mas não havia

provas de que tivesse estudado alguma vez na faculdade. Logo disse que ela somente tinha assistido a sua classe de ouvinte porque não podia permitir-se pagar a matrícula. Mas ninguém pôde comprovar isso tampouco. A reputação de papai resistiu, e parecia que ela tinha desaparecido.

—Papai estava bastante meio doido —acrescentou Ethan—. Não queria me falar disso. Não queria falá-lo com ninguém. Logo se foi viaje durante uma semana. Disse-me que se ia a Florida a pescar e retornou com o Seth.

—Está tratando de me dizer que a gente pensa que o menino é dele? Pelo amor de Deus, pensam que teve algo com essa niñata e que ela esperou durante dez ou doze anos para queixar-se?

—Ninguém pensou muito nisso então —disse Phillip—. Papai tinha um histórico de acolher meninos necessitados em casa. Mas logo veio o do dinheiro.

—Que dinheiro?

—Estendeu cheques, um por dez mil dólares, outro por cinco mil e outro por dez mil nos últimos três meses. Todos em nome de Glória DeLauter. Alguém no banco se deu conta e o contou a alguém mais, porque Glória DeLauter era o nome da mulher que tinha tratado de lhe carregar o tema do perseguição sexual.

—por que diabos ninguém me disse o que estava ocorrendo aqui?

—Eu não averigüei o do dinheiro até faz umas semanas. —Ethan dirigiu o olhar para seu uísque e logo decidiu que seria melhor beber-lhe O tirou de um gole—. Quando lhe perguntei sobre isso me disse somente que o menino era o importante. Que não me preocupasse. Que assim que todo se arrumasse me explicaria isso. Pediu-me tempo e parecia tão... indefeso. Não sabem o que foi lhe ver ferido, velho e frágil. Não lhe viram, não estivestes aqui para lhe ver. Assim esperei. —O uísque e a culpa se mesclavam com o ressentimento, e a pena parecia haver-se feito oco nele—. Mas me equivoquei.

Comovido, CAM se separou da mesa.

—Pensa que lhe estavam fazendo chantagem, que fraudou a uma

estudante faz uma dúzia de anos e que de repente ela apareceu? E que agora ele estava pagando por seu silêncio? E que lhe entregou ao menino para que o cuidasse?

—Estou-te contando o que ocorreu e o que sei. —A voz do Ethan era tranqüila e seus olhos permaneciam fixos—. Não o que acredito.

—Não sei o que acredito —disse Phillip tranqüilamente—. Mas sei que Seth tem seus olhos. Só tem que lhe olhar, CAM.

—O jamais haveria follado com uma estudante, nem teria enganado a mamãe.

—Eu não quero acreditá-lo. —Phillip posou sua taça—. Mas era humano. Pôde ter cometido um engano. —Um deles tinha que ser realista, e ele decidiu que era o eleito—. Se o fez, não serei eu quem lhe condene por isso. O que temos que pensar é resolver como faremos o que ele nos pediu. Temos que encontrar um modo de ficar com o Seth. Eu posso averiguar se tinha iniciado o procedimento de adoção. Não podia estar concluído. vamos necessitar um advogado.

—Quero averiguar algo mais sobre Glorifica DeLauter. —Deliberadamente, CAM afrouxou seus punhos antes de utilizá-los contra algo ou contra alguém—. Quero saber quem demônios é. Onde diabos está.

—Você mesmo. —Phillip se encolheu de ombros—. Pessoalmente eu não quero nem vê-la.

—E o que é esse disparate do suicídio?

Phillip e Ethan intercambiaram um olhar e logo Ethan ficou em pé e se dirigiu a uma das gavetas da cozinha. Abriu-o e extraiu uma grande bolsa selada. Doía-lhe sustentá-la e pelo modo em que os olhos do CAM se escureceram, viu que este se deu conta de que levava o chaveiro com um trevo verde esmaltado de seu pai.

—Isto é o que estava dentro do carro depois do acidente. —Abriu-o e extraiu um sobre. O papel branco estava manchado de sangre seca—. Imagino que alguém, algum dos policiais, o operário da grua, ou pode que algum dos paramédicos, olhou dentro e leu a carta, e não se preocuparam de calar-lhe É dela. —Ethan tirou a carta e a entregou ao

CAM—. DeLauter. O carimbo é de Baltimore. Voltava dali.

Com temor, CAM tirou a carta do sobre. A letra era grande e com ganchos de ferro.

Quinn, estou cansada de andar jogando. Se quiser tanto ao menino, é hora de que pague por ele. Encontraremo-nos onde lhe recolheu. Faremo-lo na segunda-feira pela manhã. O edifício estará bastante tranqüilo. Às onze. Traz cento e cinqüenta à vista. Em efetivo, Quinn, e sem descontos. Se não vir com cada centavo me voltarei a levar a menino. Recorda, posso atirar do fio da adoção no momento em que eu queira. Cento e cinqüenta dos grandes é uma boa ganga para um menino tão aparente como Seth. Traz o dinheiro e vou. Tem minha palavra.

Glória.

—Lhe estava vendendo —murmurou CAM—. Como se fora um... —de repente se parou e olhou repentinamente ao Ethan enquanto recordava. Ao Ethan também tinha vendido uma vez sua própria mãe a homens que preferiam meninos jovens—. O sinto, Ethan.

—Vivo com isso — disse simplesmente —. Mamãe e papai se asseguraram de que pudesse fazê-lo. Ela não vai conseguir que volte Seth. Custe o que custar, não lhe voltará a pôr a mão em cima.

—Não sabemos se papai a pagou?

— Esvaziou sua conta bancária daqui —disse Phillip—. Pelo que lhes posso dizer, e ainda não me coloquei detalladamente com seus papéis, cancelou suas economias regulares e vendeu seu CD. Só teve um dia para conseguir o dinheiro. Isto subiria a uns cem mil. Não sei se tinha cinqüenta mil mais... se teve tempo de liquidar o que fora.

—Ela não se teria partido. Ele deveria ter sabido isso. —CAM baixou a carta e se passou as mãos pelas calças como se queria as limpar—. Assim que a gente murmura que ele se suicidó por... vergonha, pânico,

desespero? O não teria deixado sozinho ao menino.

—Não o fez. —Ethan se dirigiu para a cafeteira—. Nos deixou isso .

—Como diabos se supõe que nos vamos ficar isso? —CAM se voltou a sentar—. Quem nos vai deixar adotar a ninguém?

—Encontraremos o modo. —Ethan serve café e acrescentou o açúcar suficiente para que Phillip reagisse—. Nós somos responsáveis por ele.

—Que demônios vamos fazer com ele agora?

—lhe levar a colégio, lhe procurar um teto, lhe alimentar e tratar de lhe dar algo do que nos deram . —Voltou a levar a cafeteira e preencheu a taça do CAM——. Te ocorre algo?

—Uma dúzia de coisas, mas nenhuma tão importante como o fato de que demos nossa palavra.

—Nisso estamos de acordo, pelo menos. —Franzindo o cenho, Phillip tamborilou com os dedos na mesa—. Mas omitimos um ponto essencial. Nenhum de nós sabe o que Seth tem que dizer sobre isto. Pode que não queira estar aqui. Pode que não queira ficar conosco.

—Sempre complicando as coisas, como de costume —se queixou CAM —. por que não ia querer?

—Porque não te conhece, e apenas me conhece . —Phillip elevou sua taça e gesticulou—. Com o único com o que aconteceu algum tempo é com o Ethan.

—Tampouco aconteceu muito tempo comigo —admitiu Ethan—. Saímos em navio algumas vezes. Tem uma mente rápida e boas mãos. Não é muito falador mas, quando o faz, larga o bastante. passou algum tempo com o Grace. Não parece que lhe importe.

—Papai queria que ele ficasse —disse CAM encolhendo-se de ombros —. E fica. —Olhou para fora para ouvir uma buzina que soou três vezes.

—Essa deve ser Grace, que lhe traz para casa de caminho ao pub do Shiney.

—O pub do Shiney? —CAM arqueou as sobrancelhas—. O que faz ela ali?

—Ganhá-la vida, suponho —lhe respondeu Ethan.

—OH, sim. —Um sorriso lhe desenhou na cara—. Segue tendo a suas garçonetes vestidas com essas falditas com laços no culo e meias negras de malha?

—Sim —disse Phillip com um comprido suspiro de desejo—. Assim as tem.

—Imagino que Grace deve preencher esses uniformize bastante bem.

—Efetivamente —sorriu Phillip—. Efetivamente.

—Pode que logo dê uma volta pelo pub do Shiney.

—Grace não é uma de seus modelos francesas. —Ethan se levantou da mesa e levou sua taça e seu aborrecimento à pia—. te Afaste dela.

—Latido. —A costas do Ethan, CAM fez um gesto com as sobrancelhas ao Phillip—. Afastarei, hermanito. Não sabia que tinha o olho posto nessa direção.

—Não o tenho. Ela é mãe, Por Deus bendito.

—Passei um momento realmente bom com a mãe de dois meninos no Cancún o passado verão —recordou CAM—. Seu ex nadava em azeite, azeite de oliva, e tudo o que ela obteve na sentença de divórcio foi uma vila no México, um par de carros, algumas bagatelas, obras de arte e dois milhões. Passei uma semana memorável consolando-a. E os meninos eram bonitos... a uma distância prudencial. Melhor com a babá.

—É muito humanitário, CAM —lhe disse Phillip.

—Não sabia.

Ouviram fechá-la porta principal e se olharam entre eles.

—Bem, quem fala com ele? —perguntou Phillip.

—A mim não me dão bem essas coisas. —Ethan se dirigia já para a porta traseira—. Além disso tenho que dar de comer a meu cão.

—Covarde —murmurou CAM uma vez que se fechou a porta detrás o Ethan.

—Você ganha. Eu passo. —Phillip se tinha levantado e se dispunha a

partir—. Faz você o primeiro intento. Eu tenho que jogar uma olhada a esses papéis.

—Espera um maldito minuto somente...

Mas Phillip já se foi e dizia amavelmente ao Seth que Cameron queria falar com ele. Quando Seth entrou na cozinha, com o cachorrinho brincando a seu redor, viu o CAM com o cenho franzido servindo-se mais uísque no café.

Seth colocou as mãos nos bolsos e elevou o queixo. Não queria estar ali, não queria falar com ninguém. Em casa do Grace podia sentar-se em seu pequeno alpendre e estar a sós com seus pensamentos. Nem sequer lhe incomodou quando ela saiu um momento e se sentou junto a ele com o Aubrey nos joelhos.

Porque ela sabia que queria estar tranqüilo.

Agora tinha que falar com aquele homem. Não lhe davam medo suas grandes mãos nem seu duro olhar. Não devia, não podia permitir-se lhe ter medo. Não lhe importava que eles fossem jogar lhe a patadas, que lhe devolvessem como a um desses pececillos que Ethan pescava na baía.

Podia cuidar de si mesmo. Não lhe preocupava.

O coração lhe removia no peito como um camundongo em uma jaula.

—O que? —A palavra em si era um puro desafio e uma provocação. Seth permaneceu de pé, com as pernas fechadas, e esperou a reação.

Cain seguia com o cenho franzido, dando sorvos a seu café enriquecido. Com uma mão, golpeou de forma distraída ao cachorrinho, que tratava de subir a seu regaço com valentia. Viu um moço fracote que vestia uns jeans rígidos e obviamente novos, com um sorriso zombador que te brocava, e os olhos do Ray Quinn.

—Sente-se.

—Posso estar de pé.

—Não te perguntei o que pode fazer, hei-te dito que se sente.

lhe fazendo um gesto, Parvo deixou cair obedientemente seu gordo

traseiro no chão e grunhiu. E o homem e o menino se olharam o um ao outro. O menino foi o primeiro em baixar o olhar. Foi o rápido movimento de ombros o que fez que CAM posasse sua taça na mesa com um som. Aquele era um gesto do Quinn sem lugar a dúvidas. CAM se tomou um momento para repor-se e ordenar seus pensamentos. Mas estes estavam dispersos e revoltos. Que demônios se supunha que devia lhe dizer ao menino?

—comeste algo?

Seth lhe observou com cautela desde suas espessas pestanas femininas.

—Sim, alguma porcaria.

—Ah. Contou-te Ray alguma... coisa? Tinha planos para ti?

Voltou a mover os ombros com rapidez.

—Não sei.

—estava-se ocupando de te adotar, de legalizar a situação. Você sabia algo disso.

—O está morto.

—Sim. —CAM voltou a agarrar seu café e deixou que a pena lhe invadisse—. Está morto.

—Vou a Florida —soltou Seth sem pensá-lo duas vezes.

CAM deu um sorvo ao café e inclinou a cabeça mostrando um ligeiro interesse.

—Ah, sim?

—Tenho algum dinheiro. Imagino que irei pela manhã e agarrarei um ônibus rumo ao sul. Não me pode impedir isso —Por supuesto que puedo. –Sintiéndose ahora más cómodo, Cam se recostó en la silla—. Soy mayor que tú. ¿Qué has planeado hacer en Florida?

—É obvio que posso. –Sentindo-se agora mais cômodo, CAM se recostou na cadeira—. Sou maior que você. O que planejaste fazer na Florida?

—Posso conseguir trabalho. Posso fazer um montão de coisas.

—Como roubar alguma carteira ou dormir na praia.

—Pode.

CAM assentiu. Esse tinha sido seu plano quando seu destino era o México. Pela primeira vez pensou que poderia conectar com o menino depois de tudo.

—Imagino que não poderá conduzir ainda.

—Poderia se tivesse que fazê-lo.

—Agora é mais difícil arrancar um carro, a menos que tenha experiência. E precisa ser bastante ágil para ir por diante da poli. Florida não é uma boa idéia.

—Pois aí é aonde vou. —Seth elevou o queixo.

—Não, não o fará.

—Não me vais enviar de volta. —Seth se levantou cambaleando da cadeira e seu magro corpo vibrava de medo e raiva. Seu rápido movimento e seus gritos fizeram que o cachorrinho saísse temeroso da habitação—. Não tem nenhum controle sobre mim, não pode me obrigar a retornar.

—Retornar aonde?

—Com ela. Irei agora mesmo. Agarrarei minhas coisas e irei. E se pensar que me pode impedir isso vete a mierda.

CAM reconheceu a atitude: preparado para encaixar o golpe mas disposto a lutar.

—Ela te golpeava?

—Isso não te importa.

—Ray se ocupou de que sim me importasse. Você te aproxime da porta —acrescentou enquanto Seth se dava a volta— e te farei retornar a rastros.

CAM sorriu quando Seth saiu correndo.

Ao agarrar ao Seth a um metro da porta, teve que reconhecer que o menino era rápido, e logo, quando lhe agarrou pela cintura e lhe ameaçou lhe dando um murro, teve que admitir que, além disso, era forte.

—Aparta suas malditas mãos de mim, filho de puta. Matarei-te se me toca.

De forma inflexível, CAM arrastou ao Seth para o salão, empurrou-lhe para uma cadeira e lhe reteve ali lhe olhando de perto. Se tivesse sido rabia o que viu nos olhos do menino, ou simplesmente desafio, não lhe teria importado. Mas o que viu era puro medo.

—Tem ovos, filho. Agora procura ter cérebro. Se quiser sexo, procuro uma mulher. Entende-me?

Não podia falar. Quão único sabia quando aquele rude e musculoso braço lhe rodeou era que naquele momento não poderia escapar, não poderia nem lutar nem escapar.

—Aqui não te vai pegar ninguém. Nunca. —Sem dar-se conta, CAM tinha suavizado a voz. Seus olhos permaneciam sombrios, mas a dureza tinha desaparecido—. Se te ponho as mãos em cima, quão pior pode significar é que trato de te inculcar certa sensatez. Agarra-o?

—Não quero que me toque —disse Seth. Quase não respirava. O suor de pânico fazia brilhar sua pele como o azeite—. Não quero que ninguém me toque.

—Muito bem, de acordo. Fica sentado aí. —CAM se relaxou e logo alcançou um tamborete e se sentou. Como Parvo estava tremendo de medo, CAM o levantou bruscamente e o colocou no regaço do Seth—. Temos um problema —começou a dizer CAM, rogando para que lhe acudisse a inspiração—. Não posso te vigiar as vinte e quatro horas do dia. E se pudesse não o faria, maldita seja. Se for a Florida terei que ir te buscar e te arrastar de volta. E isso me enfureceria realmente.

Como o cão estava ali, Seth lhe apertou contra si e isso lhe fez sentir-se mais cômodo.

—por que te importa que vá?

—Não posso dizer que me importe. Mas ao Ray sim. Assim que te terá que ficar.

—Ficar ? —Aquela era uma opção que Seth não tinha considerado alguma vez. Certamente não se permitiu nem pensá-lo—. Aqui? Quando enfaixam a casa...

—Quem vai vender a casa?

—Eu... —Seth se calou, pensando que estava falando muito—. A gente diz que ides fazê-lo.

—A gente está equivocada. Ninguém vai vender a casa.

CAM se surpreendeu ao ver o firmes que eram seus sentimentos a respeito.

—Ainda não sei como vamos arrumar nos. Estou trabalhando nisso. Mas até que resolva será melhor que te coloque isto na cabeça. Te vais ficar aqui.

O que significava, caiu na conta CAM, que ele também.

Parecia que sua sorte seguia sem lhe acompanhar.

—Filho, permaneceremos juntos um tempo.

Três

CAM pensou que esta tinha sido a semana mais estranha de sua vida. Deveria ter estado na Itália preparando o motocross com o que tinha planejado obsequiar-se. A maior parte da roupa e seu navio estavam no Montecarlo, o carro se achava na Niza e a motocicleta em Roma.

E em troca estava no St. Chris fazendo de babá de um menino rebelde de dez anos. Pedia a Deus que o menino estivesse na escola..., onde devia estar. Tinham tido uma batalha campal sobre esse assunto aquela mesma manhã. E é que discutiam por quase tudo.

Pelas tarefas da casa, o toque de silêncio, penetrada-a, a televisão. CAM agitou a cabeça enquanto alavancava os degraus podres da escada traseira. Estava seguro de que o moço ficaria em guarda para o combate pelo mero feito de lhe dizer bom dia.

E pode que ele não estivesse fazendo um trabalho fabuloso como tutor, mas estava esforçando-se ao máximo, maldita seja. Tinha uma dor de cabeça terrível que o demonstrava. E, além disso, estava sozinho. Phillip tinha prometido ir os fins de semana. Algo era. Mas também havia cinco horríveis dias entre meias. Ethan se acreditava na obrigação de acudir e permanecer umas horas cada tarde depois da pesca diária.

Mas isso era só pelas tardes.

CAM teria vendido sua alma ao diabo por uma semana no Martinica. Areia quente e mulheres mais quentes ainda. Cerveja fria e sem preocupações. Em lugar disso lavava a roupa, aprendia os mistérios da cozinha com microondas e tentava não perder de vista a um moço que parecia completamente decidido a lhe fazer a vida impossível.

—Você foi igual.

—E uma mierda! Não teria chegado aos doze se tivesse sido tão idiota.

—A maior parte do primeiro ano Stella e eu estávamos acostumados a ir à cama de noite nos perguntando se estaria aqui ao dia seguinte.

—Mas pelo menos foram dois. Y...

A mão do CAM afrouxou o martelo. Seus dedos o foram soltando até que caiu fazendo um ruído surdo sobre o chão. Ali estava sentado Ray Quinn, sobre a velha cadeira de balanço lhe chiem que havia no

alpendre traseiro. Em sua cara se desenhava um sorriso, e seu cabelo era uma juba branca desgrenhada, larga e solta. Levava postos suas calças cinzas de pesca favoritos e uma camiseta descolorida de cor cinza com um caranguejo vermelho no peito. Estava descalço.

—Papai? —CAM girou a cabeça de forma forçada, e logo seu coração saltou de alegria. ficou rapidamente em pé.

—Não acreditaria que lhes ia deixar que dirigissem isto sozinhos, verdade?

—Mas... —CAM fechou os olhos. Estava alucinando, pensou. Eram o estresse e o cansaço, a pena que lhe embargava.

—Sempre tratei que lhes ensinar que a vida está cheia de surpresas e milagres. Quis que abrierais a mente não só ao possível, CAM, mas também também ao impossível.

—Fantasmas? meu deus!

—por que não? —A idéia pareceu divertir ao Ray imensamente, já que soltou uma de suas gargalhadas profundas e estrepitosas—. Consulta os livros, filho. Estão cheios deles.

—Não pode ser —murmurou CAM para si mesmo.

—Estou aqui sentado, assim parece que sim o é. deixei muitas coisas sem terminar. Ahoraa dependem de ti e de seus irmãos, mas quem diz que não posso lhes ajudar agora e no futuro?

—Realmente vou necessitar ajuda. Começando pela de um psiquiatra. —antes de que suas pernas lhe vencessem, CAM pisou com cuidado os degraus quebrados e se sentou no bordo do alpendre.

—Não está louco, CAM, só um pouco confuso.

CAM deu um suspiro de alívio e voltou a cabeça para observar ao homem que se balançava perezosamente na velha cadeira de madeira. O imponente Quinn, pensou enquanto liberava o ar dos pulmões.

—Se estiver realmente aqui, me fale do menino. É teu?

—É seu agora. Teu e do Ethan e do Phillip.

—Isso não basta.

—É obvio que sim. Conto com todos vós. Ethan se toma as coisas conforme vêm e saca o melhor delas. Phillip se correia a cabeça com dados e logo os reúne. Você força as coisas até que saem a sua maneira. O menino lhes necessita aos três. Seth é o que importa. Todos vós são os que importam de verdade.

—Não sei o que fazer com ele —disse CAM com impaciência—. Não sei o que fazer comigo mesmo.

—Compreende o primeiro e depois compreenderá o segundo.

—Maldita seja, me conte o que ocorreu. me conte o que está passando.

—Isso não é pelo que estou aqui. Tampouco posso te contar se já vi ao Elvis. —Ray sorriu maliciosamente quando CAM soltou uma gargalhada de impotência—. Acredito em ti, CAM. Não abandone ao Seth. Não abandone a ti mesmo.

—Não sei como fazer isto.

—Fixa os degraus —respondeu Ray com uma piscada—. É um começo.

—Ao inferno os degraus —começou a dizer CAM, mas agora estava sozinho de novo com o som dos pássaros e o manso chapinho da água —. Estou perdendo a cabeça —murmurou esfregando-a cara de forma insegura—. Estou perdendo a maldita cabeça.

E, levantando-se, dispôs-se a arrumar os degraus.

Anna Spinelli tinha a rádio a todo volume. Aretha Franklin, com aquele tesouro de voz, exigia um pouco de respeito. Anna chorava junto com ela, estremecendo-se de agradar com seu imponente carro novo.

deixou-se até a última gota de sangue nele, fazendo presupostos e jogos malabares para poder desembolsar mensalmente o primeiro pagamento e os seguintes. E certamente, valia a pena cada pote de iogurte consumido em vez de uma comida em toda regra.

A pesar do fresco ar primaveril, Anna teria preferido levar a capota

baixada enquanto conduzia rapidamente pelas estradas rurais. Mas chegar com o cabelo revolto não teria dado uma boa imagem. por cima de tudo era essencial aparecer e comportar-se de maneira profissional.

Para esta visita tinha eleito um traje azul marinho singelo junto com uma camisa branca. O que levava debaixo não importava a ninguém mais que a ela. Sua adoração pela seda deixava maltratado seu já de por si reduzido pressuposto, mas, depois de tudo, a vida era para vivê-la.

recolheu-se sua larga e ondulada juba negra em um coque. Pensava que o fazia parecer mais amadurecida e elegante. Freqüentemente, quando levava o cabelo solto a rechaçavam porque tomavam por uma tia sexy sem mais em lugar de por uma trabalhadora social séria.

Sua pele tinha um tom dourada clara graças à herança italiana. Os olhos eram grandes e escuros e com forma amendoada. Tinha a boca grande e o lábio inferior bem perfilado. Os ossos da cara eram fortes e proeminentes, e o nariz largo e reta. Levava pouca maquiagem durante as horas de trabalho para não chamar a atenção.

Tinha vinte e oito anos, dedicava-se por completo a seu trabalho e estava satisfeita com sua vida singela, e encantada de haver-se podido estabelecer na bonita localidade do Princess Anne.

fartou-se da grande cidade.

Enquanto conduzia entre os grandes e planos campos, com as colheitas dispostas em fileiras e o aroma da água que a brisa introduzia pelo guichê, sonhou com que um dia se transladaria a um lugar como esse; caminhos rurais e tratores, vista da baía e dos navios.

Precisaria economizar, fazer planos, mas um dia esperava poder comprar uma casita no campo. Os deslocamentos não seriam tão duros; além disso, conduzir era um de seus maiores prazeres.

O reprodutor do CD trocou da rainha do soul ao Beethoven. Anna começou a cantarolar o Hino à Alegria.

Estava contente de que lhe tivessem atribuído o caso Quinn. Era muito interessante. Lhe teria gostado de conhecer o Raymond e Stella Quinn. Tinham que ter sido gente muito especial para ter adotado a três meninos pequenos e problemáticos, e fazer que aquilo funcionasse.

Mas eles já não estavam e agora Seth DeLauter era o problema. É obvio os trâmites de adoção não poderiam prosperar muito. Três homens solteiros: um que vivia em Baltimore, o outro no St. Chris e o terceiro lá onde escolhesse em cada momento. Bom, não parecia ser o melhor ambiente para o menino, pensou Anna. Em qualquer caso, duvidava de que eles quisessem a tutoría.

Assim Seth DeLauter seria absorvido pelo sistema. Anna pretendia fazer o melhor para ele.

Quando vislumbrou a casa através das incipientes folhas das árvores, parou o carro. Deliberadamente, baixou a rádio até um volume razoável, e logo se olhou a cara e o cabelo no espelho retrovisor. Colocando primeira, percorreu devagar os últimos metros e logo girou lentamente até alcançar o caminho para a casa.

Seu primeiro pensamento foi que se tratava de uma casa bonita em uma convocação encantadora. Tão tranqüilo e silencioso, pensou. Necessitava uma capa de pintura, e o pátio alguns cuidados, mas a ligeira falta de reparações acrescentava um toque caseiro.

Pensou que um menino poderia ser feliz ali. Qualquer o seria. Era uma pena que o menino tivesse que ver-se afastado daquilo. Anna suspirou levemente, sabedora de que o destino tinha seus caprichos. Depois agarrou a maleta e saiu do carro.

estirou-se a jaqueta para assegurar-se de que a deixava bem posta. Levava-a ligeiramente folgada para não distrair a atenção com suas curvas. dirigiu-se à porta principal enquanto comprovava que os maciços de folha perene que flanqueavam a escada haviam começando a florescer.

Realmente precisava aprender algo mais sobre flores, assim que se disse que devia folhear alguns livros de jardinagem na biblioteca.

Quando ouviu as marteladas duvidou um momento, mas logo se dirigiu à parte traseira da casa andando sobre a grama com seus sapatos quase planos.

O estava ajoelhado no chão lhe viu. Levava uma camiseta negra bastante ajustada em cima da calça vaqueira. De uma perspectiva

feminina, era impossível permanecer impassível e não lhe dar a aprovação. Seus músculos, grandes e esbeltos, ondularam-se quando martilleó um prego na madeira com a suficiente rabia e força para enviar fortes vibrações ao ar, conforme pensou Anna.

Phillip Quinn?, perguntou-se. O executivo publicitário? Era bastante duvidoso.

Cameron Quinn, o trotamundos arriscado? Mais duvidoso ainda.

Assim devia tratar-se do Ethan, o marinheiro. Fixou um sorriso educado em seu rosto e deu um passo à frente.

—Senhor Quinn.

O levantou a cabeça. Com o martelo ainda na mão, deu-se a volta até que ela pôde contemplar sua cara. Sim, a raiva estava ali, uma raiva letal e a ponto de estalar. E seu rosto era ainda mais irresistível e forte do que ela esperava.

Pensou que aquele era sangue americana autêntica, a responsável por aqueles angulosos ossos e essa pele bronzeada. Seu cabelo era profundamente negro, descuidado e o suficientemente largo para ocultar seu pescoço. Seus olhos eram de tudo menos amigáveis, e tinham a cor das piores tormentas.

Mesmo assim pensou que o conjunto era escandalosamente sexy. Mas do ponto de vista profissional, Anna sabia reconhecer o aspecto de um briguento ao vê-lo, e pensou sobre a marcha que era um homem com o que terei que tomar cuidado, qualquer dos três Quinn que fora.

O se tomou seu tempo para estudá-la. Seu primeiro pensamento foi que umas pernas como aquelas se mereciam uma cristaleira melhor que aquela insípida saia azul marinho e aqueles sapatos negros tão feios. Seu segundo pensamento foi que quando uma mulher tinha uns olhos tão grandes, tão escuros e tão bonitos, provavelmente podia conseguir o que quisesse sem necessidade de dizer uma só palavra.

Deixou o martelo em terra e ficou de pé.

—Sou Quinn.

—Eu sou Anna Spinelli. —Manteve o sorriso à medida que avançava,

com a mão estendida—. Qual dos Quinn é você?

—Cameron. —Pensou encontrar uma mão branda de acordo com os olhos e o suave ronrono de sua voz, mas era firme. —O que posso fazer por você?

—Sou a trabalhadora social do caso do Seth DeLauter.

O interesse do CAM se evaporou e suas costas ficou rígida.

—Seth está no colégio.

—Isso espero. Eu gostaria de falar com você da situação, senhor Quinn.

—Meu irmão Phillip se ocupa dos detalhes legais.

Anna arqueou uma sobrancelha disposta a manter a educado sorriso.

—Está ele aqui?

—Não.

—Bem, pois, se pudesse me dedicar uns minutos de seu tempo. Suponho que você vive aqui, ao menos de forma temporária.

—E o que?

Ela se limitou a suspirar. Muita gente considerava os trabalhadores sociais como inimigos. Ela mesma o tinha feito uma vez.

—trata-se do Seth, senhor Quinn. Podemos falar disso agora ou simplesmente posso levar adiante a tramitação de sua saída desta casa e seu ingresso em um lar de acolhida autorizado.

—Seria um engano que o tentasse, senhorita Spinelli. Seth não vai a nenhum sítio.

Suas costas se endireitou devido ao modo em que ele pronunciou seu nome.

—Seth DeLauter é um menor. A adoção privada que estava tramitando seu pai não se completou e existe alguma dúvida a respeito de sua validez. Chegados a esse ponto, senhor Quinn, não têm vocês relação legal alguma com ele.

—Não quererá você que lhe diga o que pode fazer com sua relação

legal, verdade, senhorita Spinelli? —Com certa satisfação, CAM observou o brilho daqueles olhos grandes e escuros—. O sinto, não pude resistir. Seth é meu irmão. —Somente lhe dizê-lo fez estremecer-se e, elevando os ombros, deu-se a volta e acrescentou—: Necessito uma cerveja.

Ela ficou quieta um momento enquanto a porta de tecido metálico se fechava.

No que se referia ao trabalho, não podia permitir-se perder os nervos. Agarrou ar e o expulsou três vezes antes de subir pelos degraus ao meio reparar e entrar na casa.

—Senhor Quinn...

—Segue aqui? —respondeu desenroscando o plugue de uma Harp—. Quer uma cerveja?

—Não. Senhor Quinn...

—Eu não gosto dos trabalhadores sociais.

—Não me diga. —A jovem se permitiu fazer um bato as asas com suas pestanas quando lhe olhou—. Nunca o teria adivinhado.

CAM apertou os lábios antes de levá-la garrafa para eles.

—Não é nada pessoal.

—Suponho que não. Eu não gosto dos homens grosseiros e arrogantes. Tampouco é algo pessoal. Bem, está você disposto a que falemos sobre o bem-estar do Seth, ou simplesmente volto com os documentos adequados e a polícia?

É capaz de fazê-lo, pensou CAM depois de estudá-la de novo. Pode que ela tivesse um rosto muito adequado para retratar mas não era uma pessoa fácil de convencer.

—Tente-o e o menino se largará. Agarrariam-lhe mais tarde ou mais cedo e acabaria no tribunal de menores... e logo em uma cela. Seu sistema não lhe vai ajudar senhorita Spinelli.

—E você pode?

—Talvez —respondeu franzindo o cenho enquanto bebia—. Meu pai o

teria feito. —Quando voltou a elevar a vista, viu nela emocione que afloravam a seus olhos enquanto a olhava—. você Crie no sagrado de uma promessa em um leito de morte?

—Sim —disse Anna antes de haver-se parado a pensar.

—O dia em que meu pai morreu prometi, prometemo-lhe, que ficaríamos com o Seth. Nada nem ninguém vai fazer que falte a minha palavra; nem você nem seu sistema nenhuma dúzia de policiais.

A situação não era a que ela tinha esperado encontrar. Teria que voltar a expor-lhe —Hágalo.

—Eu gostaria de me sentar —disse a jovem ao cabo de um momento.

—Faça-o.

Separou uma cadeira da mesa. Advertiu que havia pratos na pia e o ligeiro aroma de algo que se queimou no jantar do dia anterior. Mas para ela isso somente significava que alguém tratava de dar de comer a um menino.

—vai tratar de solicitar a custódia legal?

—Nós...

—Você, senhor Quinn —lhe interrompeu —.lhe estou perguntando a você se essa for sua intenção. —Esperou, observando as dúvidas e a resistência que se desenhavam em sua cara.

—Suponho que assim é, sim. —Que Deus nos ajude, pensou—. Se isso é do que se trata.

—você tem intenção de viver nesta casa com o Seth de forma permanente?

—Permanente? —Possivelmente fora a única palavra aterradora em sua vida—. Agora sou eu o que tem que sentar-se. —Assim o fez e logo pressionou a ponte de seu nariz com o polegar e o índice para aliviar parte da tensão—. Que tal se utilizarmos a expressão «durante um futuro previsível» em lugar de «permanente»?

Anna juntou as mãos no bordo da mesa. Não duvidava de sua sinceridade e teria aplaudido suas intenções. Mas...

—Não tem você ideia do que pensa assumir.

—equivoca-se. Sei e estou absolutamente aterrorizado.

A jovem assentiu, considerando a resposta como um ponto a seu favor.

—O que lhe faz pensar que seria você melhor tutor para um menino de dez anos, um menino ao que conheceu faz menos de duas semanas, que um lar de acolhida autorizado e controlado?

—Porque lhe entendo. fui como ele. E porque este é o lugar ao que pertence.

—me deixe lhe explicar alguns dos grandes obstáculos aos que se enfrenta. Você é um homem solteiro sem um lar permanente e sem uns ganhos estáveis.

—Tenho uma casa aqui. Tenho dinheiro.

—Em nome de quem está a casa, senhor Quinn? —Anna se limitou a assentir quando as sobrancelhas dele se elevaram—. Imagino que não sabe.

—Phillip saberá.

—Bem pelo Phillip. E estou segura de que terá você algum dinheiro, senhor Quinn, mas estou falando de emprego estável. Ir pelo mundo pilotando diversos meios de transporte não é um emprego estável.

—Pagam bastante bem.

—considerou o risco que supõe para você e para o menino o estilo de vida que escolheu na hora de propor-se assumir uma responsabilidade como esta? me crie, o tribunal o fará. O que aconteceria algo lhe ocorresse quando tratar de bater algum recorde de terra e velocidade?

—Sei o que faço. Além disso, somos três.

—Só um de vocês vive na casa onde vive Seth.

—cY?

—E o que o faz não é um respeitável professor de universidade com a experiência de educar a três filhos.

—Isso não significa que eu não possa controlar o tema.

—Não, senhor Quinn —respondeu Anna com paciência— mas é um grande obstáculo para a custódia legal.

—O que aconteceria todos o fizéssemos?

—Como diz?

—O que aconteceria todos vivêssemos aqui? O que aconteceria meus irmãos se transladassem? —Vá mierda!, pensou CAM, mas seguiu adiante—. O que aconteceria eu tivesse... —disse enquanto dava um grande gole de cerveja porque a palavra lhe entupia na garganta— um trabalho?

Ela ficou olhando.

—Está você disposto a trocar sua vida de forma tão drástica?

—Ray e Stella Quinn trocaram minha vida.

O rosto da Anna se suavizou, fazendo que CAM se surpreendesse à medida que via como a boca se curvava em um sorriso e seus olhos se voltavam mais profundos e escuros. Quando a mão dela se aproximou ligeiramente à sua, ele ficou olhando, surpreso pelo que devia ser simplesmente luxúria.

—Quando vinha conduzindo para aqui desejava ter podido lhes conhecer. Pensava que deveram ser umas pessoas muito especiais. Agora estou segura disso. —Logo se tornou para trás e disse— Precisarei falar com o Seth e com seus irmãos. A que hora chega Seth da escola?

—A que hora? —CAM jogou uma olhada ao relógio da cozinha sem ter nem idéia—. Para as... depende.

—Terá você que fazê-lo melhor se isto for além de um mero estudo formal do lar. Irei à escola a lhe ver. E a seu irmão Ethan —acrescentou levantando— lhe encontrarei em casa?

—Não a esta hora. Trará a pesca antes das cinco.

Anna olhou seu relógio, calculando o tempo.

—Muito bem. Também me porei em contato com seu outro irmano em Baltimore. —Extraiu um caderno de notas de couro da maleta e

acrescentou—: Necessito que me dê os nomes e direções de alguns vizinhos; pessoas que lhe conheçam você e ao Seth e que possam me falar de seu caráter. Do lado bom de seu caráter, quero dizer.

—Certamente poderei lhe proporcionar alguns.

—É um bom começo. Farei algumas averiguações por aqui, senhor Quinn. Se o melhor para o Seth é que fique em sua casa, sob seu cuidado, farei tudo o que possa por lhe ajudar. —Anna inclinou a cabeça e acrescentou—: Se chegar à conclusão de que o melhor para o Seth é lhe tirar de sua casa, e de seu cuidado, lutarei com unhas e dentes para que isso ocorra.

CAM se levantou também.

—Então acredito que nos entenderemos.

—Duvido-o muito. Mas por algo se começa.

Não tinha transcorrido nem um minuto desde que ela saiu da casa quando CAM já estava ao telefone. Para quando passaram a uma secretária, e logo a uma ajudante, e logo ao Phillip, seu humor se disparou.

—veio uma maldita trabalhadora social.

—Disse-te que estivesse preparado.

—Não, não o fez.

—Sim o fiz. Você não escuta. Tenho um amigo, um advogado que trabalha no departamento de custódias. A mãe do Seth se largou; por isso se sabe, já não está em Baltimore.

—Importa-me uma mierda onde esteja a mãe. A trabalhadora social se pôs a armar bulha sobre a questão de levar-se ao Seth.

—O advogado está apresentando a custódia temporária. Isso leva tempo, CAM.

—Pode que não tenhamos tempo. –Fechou os olhos e tentou que lhe acontecesse a raiva—. Ou pode que tenha conseguido ganhar um pouco. De quem é a casa agora?

—De todos. Papai a deixou, bom, deixou-nos tudo aos três.

—Vale, estupendo. Porque te translada. vais ter que empacotar alguns de seus trajes de desenho, tio, e mover o culo para aqui. vamos voltar a viver juntos de novo.

—Nem o sonhe.

—E eu tenho que procurar um maldito trabalho. Espero-te por volta das sete da tarde. Traz o jantar. Estou até os narizes de cozinhar.

Produziu-lhe certa satisfação pendurar enquanto Phillip lançava uma maldição.

Anna encontrou ao Seth anti-social, impertinente e mal-humorado. O diretor lhe tinha dada permissão para lhe tirar de classe e utilizar uma esquina da vazia cafeteria como escritório improvisado.

—Seria mais fácil se me dissesse o que pensa e sente, e o que quer.

—por que maldita razão?

—Pagam-me por isso.

Seth se encolheu de ombros e seguiu fazendo desenhos na mesa com o dedo.

—Acredito que deveria te ocupar do teu, estou aborrecido e quero que vá —declarou.

—Bem, basta de falar de mim —respondeu Anna com o prazer de ver o Seth lutando por reprimir um sorriso—. Falemos de ti. Está contente de viver com o senhor Quinn?

—É uma casa guay.

—Sim, gostou-me. Que tal o senhor Quinn?

—crie-se um sabichão porque esteve em todo mundo. Mas não tem nem idéia de cozinhar.

Anna posou a caneta sobre a mesa e pregou as mãos sobre o caderno. Pensou que estava muito magro.

—Passa fome?

—Sempre termina indo procurar pizza ou hambúrgueres. Patético. Tão difícil é utilizar o microondas?

—Possivelmente deveria cozinhar você.

—Eu gostaria que me pedisse isso. A outra noite arrebentou as batatas. Não se lembrou de lhes fazer buracos, sabe?, e bam! —Seth se esqueceu de seu sorriso zombador e soltou uma forte gargalhada—. Vá desastre! Miúdos tacos soltava.

—Assim não domina a cozinha. —Anna pensou que ao menos o estava tentando.

—me vais contar isso! Está melhor fora dela, quando se dedica a arrumar coisas com o martelo ou brinca com esse muito cozido. Viu esse Corvette? CAM disse que era de sua mãe e que sempre gostou. Vai como uma bala. Ray o guardava na garagem. Eu acredito que não queria tirá-lo.

—Lhe sente falta de? Ao Ray?

voltou-se a encolher de ombros e baixou a vista.

—Era guay. Mas era velho e quando te faz velho morre. Assim é a coisa.

—Que tal com o Ethan e Phillip?

—São majetes. Eu gosto de sair nos navios. Se não tivesse escola poderia trabalhar com o Ethan. Diz que ponho muito de minha parte.

—Quer ficar com eles, Seth?

—Não tenho aonde ir, não?

—Sempre há uma oportunidade e eu estou aqui para te ajudar a encontrar a melhor para ti. Se souber onde está sua mãe...

—Não sei —respondeu Seth subindo o tom de voz e elevando a cabeça.

Seus olhos se obscureceram ressaltando sobre sua pálida cara—. E não quero sabê-lo. Se tenta me mandar ali outra vez não me voltará a encontrar.

—Fez-te mal? —perguntou Anna esperando que estalasse, mas sorriu ao comprovar que Seth se limitava a olhá-la—. Bem, deixaremos isso de lado por agora. Há casais e famílias que desejam e podem acolher a meninos em suas casas, cuidar deles e lhes proporcionar uma boa vida.

—Eles não me querem, verdade? —Estava ao bordo das lágrimas. Maldita seja, não o permitiria. Em vez disso, seus olhos se acaloraram e permaneceram candentes e secos—. O disse que me podia ficar, mas era uma mentira. Outra jodida mentira.

—Não. —Anna agarrou a mão do Seth antes de que pudesse apartá-la —. Não, eles lhe querem. De fato, o senhor Quinn, Cameron, zangou-se muito comigo por sugerir que deveria ir a outra casa. Só trato de averiguar o que quer você. E acredito que me acaba isso de dizer. Se viver com os Quinn é o que quer, e é o melhor para ti, quero te ajudar a consegui-lo.

—Ray disse que me podia ficar. Disse que nunca teria que voltar. Prometeu-o.

—Se puder, tentarei lhe ajudar a que cumpra sua promessa.

Quatro

Como parecia que não havia nada frio para beber na casa mais que cerveja, refrescos e leite de aspecto duvidoso, Ethan pôs a chaleira a ferver. Prepararia chá, esfriaria-o e desfrutaria de um copo grande no alpendre enquanto caía a tarde.

Tinha chegado às duas da tarde disposto a relaxar-se.

Mas não ia ser fácil de conseguir, pensou enquanto procurava bolsitas de chá e ouvia de passada ao CAM e Seth enquanto mantinham outra estúpida discussão no salão. Deviam desfrutar lançando-se rabugices o um ao outro, porque de outro modo não empregariam tanto tempo nisso.

Quanto a ele, desejava passar um momento tranqüilo, desfrutar de uma comida decente e logo depois de um dos dois havanês que se permitia ao dia. Pelo modo em que se foram desenvolvendo as coisas pensou que o momento tranqüilo não ia formar parte da ordem do dia.

Enquanto inundava as bolsas de chá na água fervendo, escutou o som de fortes pisadas nas escadas, seguido do ruído surdo de uma porta ao fechar-se.

—O menino me vai voltar socasse —se queixou CAM enquanto entrava com passo irado na cozinha—. Só lhe dizendo «mu» se quadra para começar a brigar.

—Mmmmm.

—Discutidor, descarado, inquieto. —Sentindo-se enormemente molesto, CAM agarrou uma cerveja da geladeira.

—Deve ser como olhar-se em um espelho.

—Disso nada.

—Não sei no que estava pensando. Você é uma alma pacífica. —Movendo-se relajadamente, Ethan se agachou para procurar uma jarra velha de cristal—. vamos ver, você acabava de fazer quatorze anos quando eu apareci. A primeira coisa que fez foi começar uma briga com a que ter uma desculpa para me ensangüentar o nariz.

Pela primeira vez em muitas horas, CAM sentiu que lhe iluminava o sorriso.

—Isso foi só para te dar a bem-vinda à família. Além disso, pô-me o olho

arroxeado como agradecimento.

—Isso, não? O menino é muito preparado para te dar um murro —continuou Ethan enquanto começava a jogar generosas colheradas de açúcar na jarra—. Assim em vez disso tira o sarro. Seguro que atrai sua atenção, verdade?

Era irritante porque era certo.

—Se lhe tiver tão bordado, por que não lhe leva isso contigo? —perguntou CAM.

—Porque estou no mar cada manhã ao amanhecer. Um menino como esse necessita supervisão. —Aquela era sua história, pensou Ethan, e se pegaria a ela embora lhe torturassem no inferno—. De nós três é o único que não trabalha.

—vou ter que arrumá-lo —resmungou CAM.

—Ah, sim? —Com um suave bufo, Ethan terminou de preparar o chá—. Quando chegará o dia!

—O dia está ao cair. A trabalhadora social esteve hoje aqui.

Ethan grunhiu, pensando no que isso supunha.

—O que queria?

—nos estudar. Também quer falar contigo. E com o Phillip. Já falou com o Seth e isso era o que eu estava tratando de lhe perguntar diplomáticamente quando começou a jogar babas de ira.

CAM franziu o cenho nesse momento, pensando mais na Anna Spinelli, em suas grandes pernas e sua cuidado maleta que no Seth.

—Se não aceitarmos, ficará a trabalhar para nos tirar isso —Las cosas están bien como están. —Ethan llenó un vaso con hielo y luego echó té hasta que aquél crujió.

—Seth não irá a nenhum sítio.

—Isso é o que eu disse. —Voltou a passá-la mão pelo cabelo, o que por algum motivo lhe recordou que tinha feito intenção de cortar-lhe em Roma. Parecia que Seth não era o único que não ia a nenhum sítio—. Mas irmão, para isso vamos ter que fazer sérios ajustes aqui.

—As coisas estão bem como estão. —Ethan encheu um copo com gelo e logo jogou chá até que aquele rangeu.

—Que fácil te resulta dizê-lo. —CAM saiu ao alpendre e deixou que a porta mosquiteira se fechasse atrás dele. dirigiu-se para o corrimão e observou ao retriever do Ethan, Simon, que jogava pillapilla com o grosso cachorrinho. escada acima, Seth tinha decidido vingar subindo o volume da rádio até um nível ensurdecedor. Um estridente e ensurdecedor rock fazia retumbar as janelas.

As mandíbulas do CAM se crisparam. Nem por indício lhe ocorreria a maldita idéia de lhe dizer ao menino que o baixasse. A resposta seria terrivelmente tópica e adulta. Deu um sorvo a sua cerveja e tratou de relaxar os ombros, concentrando-se no percurso que riscava o sol ao descender, que desenhava brancos diamantes na água.

O vento ia em aumento e a erva da restinga se agitava como um campo de trigo em Kansas City. Um par de patos se elevaram grasnando de caminho a casa, onde a água se curvava para o bordo das árvores.

Lucy, estou em casa, é tudo no que CAM pôde pensar, e quase lhe fez voltar a sorrir.

Por debaixo do rugido da música pôde ouvir o suave e rítmico rangido da cadeira de balanço. A cerveja se derramou pelo bordo da garrafa quando se girou bruscamente. Ethan parou de balançar-se e lhe olhou.

—O que acontece? —perguntou—. meu Deus, CAM, parece como se tivesse visto um fantasma.

—Não é nada. —CAM se deu uma palmada na cara e logo descendeu lentamente ao alpendre para poder recostar-se contra o poste—. Não é nada —repetiu deixando a cerveja de lado—. Estou um pouco nervoso.

—É o normal quando está em um lugar mais de uma semana.

—Não lhe suba a chepa, Ethan.

—É só um comentário. —Como CAM tinha aspecto gasto e pálido, Ethan colocou a mão no bolso do peito de sua camisa e extraiu dois puros. Aquilo não ia alterar seu costume de fumar depois de jantar—. Gosta de um puro?

CAM suspirou.

—Sim, por que não? —Em vez de mover-se, deixou que Ethan acendesse o primeiro puro e o passasse. Voltou a tornar-se para trás, soltando preguiçosos aros de fumaça. Quando a música se interrompeu bruscamente, sentiu que tinha obtido uma pequena vitória pessoal.

Durante os seguintes dez minutos não houve mais som que o chapinho da água, o canto dos pássaros e o sussurro da brisa. O sol seguiu baixando convertendo o oeste em um céu rosa suave que tingiu a água e esfumou o horizonte. As sombras se intensificaram.

Assim era Ethan, pensou CAM: sem perguntas. Sentar-se em silêncio e esperar. Compreender a necessidade do silêncio. Quase tinha esquecido as características admiráveis de seu irmão. E reconheceu que era possível que quase tivesse esquecido quanto queria ao irmão que Ray e Stella lhe tinham dado.

Mas, inclusive ao pensar nisso, não estava seguro do que terei que fazer.

—Vejo que cravaste os degraus —comentou Ethan quando acreditou que CAM se tornou a relaxar.

—Sim. A este sítio tampouco viria mal uma mão de pintura.

—Deveríamos nos pôr a isso.

Deveriam ficar a fazer um montão de coisas, pensou CAM. Mas o tranqüilo rangido da cadeira de balanço fazia que sua mente retornasse a aquela tarde.

—tiveste alguma vez um sonho enquanto estava bem acordado? —Podia perguntá-lo porque se tratava do Ethan, e este pensaria e o analisaria.

Depois de colocar o copo quase vazio no alpendre, perto da cadeira de balanço, Ethan observou seu puro.

—Isto... Acredito que sim. À mente gosta de vagar quando a deixa.

Pôde ter sido isso, pensou CAM. Sua mente tinha vagado, pode que inclusive se perdeu durante um momento. Essa poderia ser a razão pela que pensou que tinha visto seu pai balançar-se no alpendre. Ilusões,

pensou. Isso era tudo.

—Recorda que papai estava acostumado a trazer aqui fora seu violino? Nas noites cálidas do verão se sentava onde você estava e tocava durante horas. Tinha umas mãos enormes.

—Você aprendeu a tocá-lo bastante bem. Ethan se encolheu de ombros e aspirou perezosamente seu charuto.

—Algo.

—lhe deveria levar isso lhe teria gostado que o tivesse você.

Ethan moveu seus olhos tranqüilos e os fixou nos do CAM. Nenhum deles falou durante um momento; não fazia falta.

—Acredito que o farei, mas ainda não. Não estou preparado.

—Já. —respondeu CAM enquanto aspirava de novo o charuto.

—Segue tendo o violão que lhe deram de presente em Natal?

—Deixei-a aqui. Não queria que andasse dando tombos comigo.

CAM se olhou os dedos dobrando-os corno se se dispusera a colocá-los nas cordas.

—Acredito que não a hei meio doido há mais de um ano.

—Possivelmente deveríamos fazer que Seth tocasse algum instrumento. Mamãe estava acostumada dizer que cantarolar uma melodia suavizava os aborrecimentos. —Voltou a cabeça quando os cães começaram a ladrar e a correr pelo lateral da casa—. Espera a alguém?

—Ao Phillip.

Ethan moveu as sobrancelhas.

—Pensei que não ia vir até na sexta-feira.

—Digamos que isto é uma emergência familiar. —CAM deu uns golpecitos à bituca de seu havanês antes de levantar-se—. Espero que haja trazido comida decente em vez dessa porcaria elegante de vagens de ervilhas que gosta de comer.

Phillip entrou em pernadas na cozinha balançando uma bolsa grande da

que me sobressaía uma caixa de frango gigante, e emanando quebras de onda de ira.

Soltou a comida em cima da mesa, passou-se uma mão pelo cabelo e se dirigiu airadamente a seus irmãos.

—Já estou aqui —soltou enquanto eles entravam pela porta traseira—. Que problema há?

—Temos fome —disse CAM com suavidade enquanto tirava a tampa da caixa e arrancava uma coxa—. Phil, manchaste-te as calças de «sou um executivo».

—Maldita seja. —Furioso, Phillip se escovou com impaciência os rastros de patas de suas calças—. Quando vais ensinar a esse cão idiota a não saltar sobre a gente?

—Vai passeando com frango frito e o cão trata de conseguir uma parte. É bastante inteligente por sua parte, se te interessar minha opinião.

Sem ofender-se, Ethan se dirigiu a um armário a procurar pratos.

—Há batatas fritas? —CAM colocou a mão na bolsa e tirou uma—. Está fria. Será melhor que alguém as quente. Se o fizer eu estalarão ou se desintegrarão.

—Eu o farei. Agarra algo para servir essa salada de couve.

Phillip deu um suspiro e logo outro mais. A viagem de Baltimore era comprido e o tráfico tinha sido horrível.

—Quando deixarem de jogar às casitas como duas mulheres pode que me contem por que tive que romper uma entrevista com uma contável muito maciça; nossa terceira entrevista, por certo, que consistia em um jantar em sua casa com a mais que segura probabilidade de que jogássemos um pó depois, e em lugar disso tive que passar um par de horas metido em um tráfico horrível para entregar uma maldita caixa de frango a um par de bobos.

—Para começar, estou cansado de cozinhar. —CAM jogou um montão de salada de couve no prato e agarrou uma bolacha—. E estou mais cansado ainda de atirar o que cozinhei porque inclusive o cachorrinho, que está acostumado a beber do privada, não o come. Mas isso é só o

princípio.

Agarrou outra boa parte de frango enquanto se dirigia à porta e chamou gritos ao Seth.

—O menino deveria estar aqui. Todos estamos metidos nisto.

—Bem. Estupendo. —Phillip se deixou cair em uma cadeira e estirou sua gravata.

—Não faz falta zangar-se porque seu contável não vai fazer contas contigo esta noite, amigo —lhe disse Ethan lhe oferecendo um amistoso sorriso e um prato.

—O período fiscal está ao cair —comentou com um sorriso Phillip enquanto escavava na salada—. Terei sorte se consigo um olhar cálida antes de quinze de abril. E o tinha ao alcance da mão.

—Não parece que nenhum de nós vá ter muito movimento em um futuro próximo. —CAM sacudiu a cabeça para ouvir os pés do Seth esmurrando a escada ao baixar—. Esses pasitos ligeiros vão arruinar nos a vida sexual.

CAM ocultou seu desejo de tomar outra cerveja e se decidiu pelo chá gelado quando Seth entrou na cozinha. O menino inspecionou a habitação e fez um gesto com o nariz ante o aroma a frango especiado, mas não se equilibrou sobre a bandeja como lhe tivesse gostado.

—Do que falam? —perguntou metendo-as mãos no bolso enquanto seu estômago rugia.

—Reunião familiar —anunciou CAM—. Com comida. Sente-se.

Seth agarrou uma cadeira enquanto Ethan colocava as batatas recém esquentadas sobre a mesa.

—Sente-se —repetiu CAM ao ver que Seth permanecia onde estava—. Se não ter fome pode te limitar a escutar.

—Poderia comer —respondeu Seth enquanto passeava ao redor da mesa e se deslizava em uma cadeira—. Tem que ser melhor que as coisas crudas que tentaste fazer passar por comida.

—Sabe? —disse Ethan com seu deixe lento antes de que CAM pudesse

grunhir— acredito que eu estaria agradecido a alguém que tivesse tratado de cozinhar comida quente para mim de vez em quando. Inclusive embora estivesse crua. —Com a vista posta no Seth, Ethan se inclinou sobre a bandeja, contemplando suas opções—. Especialmente se esse alguém estivesse fazendo-o o melhor que pudesse.

Como se tratava do Ethan, Seth se ruborizou, removeu-se e se encolheu de ombros enquanto arrancava uma grosa peito.

—Ninguém lhe pediu que cozinhasse —argüiu. —Com mais motivo. As coisas iriam melhor se fizessem turnos.

—Ele não acredita que eu possa fazer nada. —Seth olhou ao CAM de forma sarcástica—. Assim não o faço.

—Sabem, me prova voltar a atirar a este pececillo ao lago —disse CAM jogando sal a suas batatas e lutando por conter a raiva—. Poderia estar em Aruba amanhã a estas horas.

—Pois vete —exclamou Seth com os olhos brilhando de fúria e desafio —. Vete aonde demônios queira sempre que te perca de vista. Não te necessito.

—Mucoso descarado. Já tive o bastante. —CAM tinha um braço comprido e o utilizou para lançar sua mão por cima da mesa e atirar ao Seth da cadeira. Inclusive Phillip abriu a boca para protestar e Ethan sacudiu a cabeça. —Crie que me diverti acontecendo as duas últimas semanas cuidando de um monstro mucoso com uma atitude de mierda? pus a vida em me ocupar de ti.

—Bom intento —comentou Seth, que se tinha ficado branco como o papel e estava preparado para o estalo que estava seguro que se produziria. Mas não deu marcha atrás—. Tudo o que faz é ir por aí recolhendo troféus e te atirando a mulheres. Volta para lugar de onde veio e segue fazendo-o. Importa-me uma mierda.

CAM notou como os borde de seus próprios olhos se avermelhavam. A ira e a frustração fluíam por seu sangue como uma serpente preparada para a luta.

Viu as mãos de seu pai no extremo de seus braços. Não as do Ray, a não ser as do homem que tinha usado essas mãos sobre ele com tanta

violência gratuita durante sua infância. antes de fazer algo que não poderia esquecer, voltou a colocar ao Seth em sua cadeira. Sua voz se acalmou e na habitação vibrava o controle.

—Se crie que estou aqui por ti está equivocado. Estou aqui pelo Ray. Tem alguma idéia de onde te arrojaria o sistema se um de nós decide que não merece que nos preocupemos com ti?

Lares de acolhida, pensou Seth. Estranhos. Ou pior, ela. Como suas pernas começavam a tremer, enroscou os pés ao redor das patas de sua cadeira.

—Não lhes importa o que fariam comigo —comentou.

—Essa é outra coisa sobre a que está equivocado —respondeu CAM sosegadamente—. Se não querer ser agradecido, de acordo. Mas vais começar por mostrar algum respeito, e vais começar a fazê-lo agora. Não sou só eu o que vai estar detrás de seu culo, amigo. vamos ser os três.

CAM se voltou a sentar e esperou a recuperar sua compostura.

—A trabalhadora social que esteve aqui hoje, Spinelli, Anna Spinelli, está um pouco preocupada com o entorno.

—O que tem que mau com o entorno? —perguntou Ethan. Pensou que a desagradável briga tinha espaçoso o ambiente. Agora poderiam falar em detalhe—. É uma casa boa e sólida em uma boa zona. E a escola está bem, há pouca criminalidade.

—Tenho a impressão de que eu sou o entorno. No momento sou o único que está aqui fiscalizando as coisas.

—Os três nos apresentaremos como tutores —particularizou Phillip. Apurou um copo de chá gelado e o deixou por acaso ao lado da mão que Seth tinha apertado sobre a mesa. imaginou que a garganta do menino devia estar completamente seca nesse momento—. falei com o advogado depois de que chamasse. A papelada preliminar deveria examinar-se no fim de semana. Haverá um período de prova com estudos regulares da casa, reuniões e avaliações. Mas a menos que exista uma objeção séria, não parece que haja nenhum problema.

—Spinelli é um problema —declarou CAM, que se negou a que a briga lhe danificasse o apetite e agarrou mais frango—. É a clássica buenecita. Largas pernas e mente séria. Sei que falou com o menino, mas ele não está disposto a compartilhar sua conversação, assim que eu compartilharei a minha. Tem dúvidas a respeito de minhas aptidões como tutor. Homem solteiro, sem um emprego estável e sem um lar permanente.

—Somos três —comentou Phillip enrugando a frente e concentrando-se em sua salada. intuía-se uma certa sensação de culpabilidade, mas não lhe importou.

—Já o disse. A senhorita Spinelli, de maravilhosos olhos italianos, respondeu com o triste argumento de que parecia que eu era o único dos três que vivia atualmente aqui com o menino. E com muito tato sugeriu que eu era o candidato menos provável a ser um tutor. Assim lancei a idéia de que os três vivêssemos aqui.

—O que quer dizer com que os três vivamos aqui? —perguntou Phillip deixando cair o garfo—. Eu trabalho em Baltimore, compartilho uma casa. Como diabos se supõe que vou viver aqui e trabalhar ali?

—Isso vai ser um problema —assentiu CAM—. Mas o maior problema é como vais colocar toda sua roupa no armário de sua antiga habitação.

Enquanto Phillip tratava de conter uma resposta, Ethan começou a dar golpecitos com um dedo no bordo da mesa. Pensou em sua pequena e, para ele, perfeita casa. Sua tranqüilidade e solidão. E viu o modo em que Seth baixava a vista para o prato com um olhar escuro e desconcertado.

—Quanto tempo crie que vai durar isso? —perguntou.

—Não sei —respondeu CAM, enquanto se passava ambas as mãos pelo cabelo—. Seis meses, pode que um ano.

—Um ano —comentou Phillip, quem se limitou a fechar os olhos—. meu Deus.

—Fala com o advogado —sugeriu CAM—. Considera todas as possibilidades. Mas, ou apresentamos um frente comum aos Serviços Sociais ou o levarão. E eu tenho que procurar trabalho.

—Trabalho —A careta de desgraça do Phillip se converteu em um sorriso zombador—. Você? Fazendo o que? Não há pistas de carreiras no St. Chris. E a do Chesapeake, Meu deus, seguro que nem sequer é regulamentar.

—Encontrarei algo. Estabilidade não significa elegância. Não estou procurando algo para o que necessite um traje do Armani.

Está equivocado, pensou CAM. Aquele maldito assunto lhe ia danificar o apetite.

—Conforme acredito, Spinelli vai voltar amanhã ou depois de amanhã como muito tarde. Temos que chegar a um acordo e tem que parecer como se soubéssemos o que estamos fazendo, maldita seja —concluiu.

—Eu tirarei férias antecipadas —declarou Phillip dizendo adeus às duas semanas que tinha projetado passar no Caribe—. Isso nos proporciona um par de semanas. Posso trabalhar com o advogado e me ocupar da trabalhadora social.

—Eu me ocuparei dela —disse CAM sonriendo ligeiramente—. Eu gostei de seu aspecto, por isso deveria obter alguma vantagem disso. Claro que tudo depende do que lhe haja dito o menino.

—Disse-lhe que me queria ficar —murmurou Seth. As lágrimas lhe afetavam ao estômago. A comida seguia no prato sem tocar—. Ray disse que poderia. Disse que me poderia ficar aqui. Disse que o arrumaria para que assim fora.

—E nós somos o que fica dele —disse CAM esperando a que Seth levantasse o olhar—. Assim que nós o arrumaremos.

Mais tarde, quando a lua estava no alto e cortava a água escura com seus brancos brilhos, Phillip permanecia de pé no mole. O ar era frio e o vento úmido transportava o lado mais cru do inverno, que lutava por não dar passo à a primavera.

Isto lhe acalmou o ânimo.

Havia uma luta em seu interior que se debatia entre a consciência e a ambição. No curto prazo de duas semanas a vida que tinha planejado, que tinha posto em marcha com meticulosidade, deliberação e com

muito esforço se feito pedacinhos.

Agora, quando ainda se sentia sacudido pela pena de ter perdido a seu pai, lhe pedia que se transladasse, que comprometesse aqueles planos que tinha esboçado com tanto esmero.

Tinha treze anos quando Ray e Stella lhe acolheram. A maioria desses anos os tinha passado na rua burlando ao sistema. Era um ladrão consumado, um briguento entusiasta que consumia drogas e álcool para aliviar seu lado escuro. Os subúrbios de Baltimore foram sua pista de carreiras, e quando uma noite uma bala perdida lhe deixou sangrando naquelas ruas, ele estava preparado para morrer. Para terminar contudo.

Entretanto, a vida que tinha levado até o extremo terminou essa noite, ferido naquela rua abarrotada de lixo. Sobreviveu e, por razões que ele nunca compreendeu, os Quinn lhe queriam. Abriram mil e uma portas fascinantes ante ele. E, sem lhes importar as vezes que ele tratou de fechar as de maneira desafiante, eles nunca o permitiram.

Procuraram-lhe opções, esperanças e uma família. Ofereceram-lhe a possibilidade de estudar, o que salvou sua alma. Phillip utilizou o que eles lhe proporcionaram para converter-se no homem que agora era. Estudou e trabalhou, enterrando profundamente a aquele moço miserável que tinha sido.

Seu posto no Innovations, a ponteira empresa publicitária da área metropolitana, era sólido. Ninguém duvidava de que Phillip Quinn se achava na reta final para o topo. E ninguém que conhecesse homem que levava aqueles elegantes trajes a medida, que podia pedir uma comida em um perfeito francês e sempre conhecia o vinho adequado, poderia pensar que uma vez trocou seu corpo por uma bolsa de moedas de dez centavos.

Estava orgulhoso disso, possivelmente muito orgulhoso, mas o considerava como o legado dos Quinn.

Havia nele ainda muito daquele menino egoísta e auto-suficiente que o fazia rebelar-se ante a idéia de ter que ceder um ápice de todo aquilo. Mas também havia muito do homem que Ray e Stella tinham moldado, o que lhe induzia a considerar que terei que fazer as coisas de outra maneira.

De algum jeito tinha que achar como comprometer-se.

deu-se a volta e olhou para a casa. A parte de acima estava às escuras. Seth devia estar agora na cama, pensou Phillip. Não tinha nem idéia do que sentia pelo menino. Reconhecia-lhe, compreendia-lhe e pensava que odiava um pouco certas partes de si mesmo que tinha visto no jovem Seth DeLauter.

Era o filho do Ray Quinn?

Sobre essa questão, pensou Phillip enquanto mantinha apertados os dentes, sentia certo ressentimento ante a só idéia de que fora possível. Era possível que aquele homem ao que tinha idolatrado durante mais da metade de sua vida se cansado realmente de seu pedestal, sucumbindo à tentação e traindo a sua mulher e a sua família?

E se o tinha feito, como podia ter dado as costas a seu próprio sangue? E como esse homem que tinha acolhido a estranhos podia ter ignorado durante mais de dez anos a um filho saído de suas vísceras?

Já temos suficientes problemas, recordou-se Phillip a si mesmo. O primeiro era comprometer-se. Ficar com o menino.

Deu a volta, utilizando a luz do alpendre traseiro como guia. CAM estava sentado nas escadas e Ethan na cadeira de balanço.

—Voltarei para Baltimore pela manhã —anunciou Phillip—. Verei o que o advogado pode garantir. Disse que a trabalhadora social se chamava Spinelli?

—Sim. —respondeu CAM acariciando uma taça de café puro—. Anna Spinelli.

—Pertence ao condado. Provavelmente ao Princess Anne. O direi. —Só são detalhes, pensou. concentraria-se nos fatos—. Conforme o vejo eu vamos ter que aparentar ser três cidadãos modélicos. Eu já passo por isso. —Phillip sorriu fracamente—. Mas vós ides ter que lhes trabalhar seu papel.

—Disse ao Spinelli que conseguiria um trabalho—comentou CAM a quem só lhe pensá-lo zangava.

—Eu deixaria isso no momento —disse Ethan, que se balançava

tranqüilamente nas sombras—.

Tenho uma idéia. Quero seguir pensando nela um pouco mais. Parece-me —prosseguiu— que se Phill e eu estamos por aqui, e os dois trabalhamos, você poderia levar a casa.

—OH, Deus! —foi tudo o que CAM pôde exclamar.

—Seria deste modo. —Ethan se deteve, balançou-se e seguiu—: Você seria o que eles chamam um cuidador primário. Está disponível quando a escola chama em caso de problemas, ou se Seth ficar doente ou algo assim.

—Tem sentido —assentiu Phillip e, encontrando-se já melhor, fez- uma careta ao CAM—. Você será a mamãe.

—Que lhe jodan.

—Essa não é forma de falar em uma mãe.

—Se criem que me vou passar o dia lhes lavando os meias três-quartos sujos e esfregando os banhos, estão esbanjando a boa educação da que lhes sentem tão orgulhosos.

—Será algo temporal —disse Ethan, embora se divertia com a idéia de ver seu irmão com um avental e tirando tecidos de aranha com um espanador—. Faremos turnos. Seth deveria ter também algumas obrigações regulares. Sempre o temos feito assim. Mas te terá que ocupar você durante nos próximos dias, enquanto Phillip pensa em como vamos dirigir os temas legais e eu vejo como posso fazer jogos malabares com meu tempo.

—Tenho temas próprios dos que me ocupar. —O café lhe estava fazendo um buraco nas tripas, mas mesmo assim CAM o bebeu—. Tenho coisas repartidas por toda a Europa.

—Bem. Seth está na escola todo o dia, não? —Distraídamente, Ethan alargou uma mão para dar tapinhas ao cão que dava uma cabeçada a seu lado.

—Bem. Estupendo —acessou CAM—. Você —disse assinalando ao Phillip— traz um pouco de compra. Nos acabou quase tudo. E Ethan converterá o que traga em algo de comer. Cada um se fará a cama,

maldita seja. Eu não sou uma criada.

—O que acontece o café da manhã? —disse secamente Phillip—. Não irás enviar a seus homens a trabalhar pela manhã sem uma comida quente, verdade?

CAM lhe lançou um olhar furioso.

—Está-te divertindo tudo isto, verdade?

—Pode que sim —respondeu Phillip. sentou-se nas escadas ao lado do CAM apoiado nos cotovelos—. Alguém deveria falar com o Seth para que melhore sua linguagem.

—OH, sim —respondeu CAM soprando—. Seguro que funciona.

—dedica-se a soltar tacos diante dos vizinhos, a trabalhadora social, seus professores; e isso produz uma má impressão. Como vão seus estudos?

—Como diabos vou ou seja eu?

—Venha, mamãe... —grunhiu Phillip e logo riu quando o cotovelo do CAM se cravou em suas costelas. —Segue assim e terminará com outro traje arruinado, figura.

—Deixa que me troque e fazemos um par de assaltos. Ou melhor ainda... —Phillip arqueou as sobrancelhas e deslizou o olhar sobre o Ethan e logo sobre o CAM.

Passando na proposta, CAM se arranhou o queixo e depositou sua taça vazia. precipitaram-se escada abaixo ao uníssono com tal rapidez que ao Ethan não deu tempo a pestanejar.

O lançou primeiro o punho, que foi bloqueado, e logo se viu miserável da cadeira pelos sovacos e os tornozelos, amaldiçoando sem parar. Simon deu um salto, ladrando de contente e correndo em círculo ao redor daqueles homens que arrastavam a seu dono fora do alpendre apesar de sua resistência.

dentro da cozinha o cachorrinho se movia amalucado ladrando. Para lhe manter perto, Seth arrancou uma coxa ao frango que ele tinha pego às escondidas e o atirou ao chão. Enquanto Parvo o engolia, Seth observava entre o assombro e o desconcerto as sombras que se

dirigiam ao mole.

Tinha baixado a encher sua vazia barriga. Estava acostumado a mover-se silenciosamente. Tinha a boca cheia de frango e escutava aos homens enquanto falavam.

Atuavam como se fossem permitir ficar. Mesmo que não sabiam que ele estava ali escutando, falavam como se fora uma coisa normal. Ao menos por agora, pensou, até que lhes esquecesse que tinham feito uma promessa, ou deixasse de lhes importar.

Sabia que as promessas não significavam ficar de joelhos.

Exceto as do Ray. Tinha acreditado no Ray. Mas logo se morreu, danificando-o tudo. Entretanto, cada noite que tinha passado nessa casa, entre lençóis limpa e com o cachorrinho enroscado, tinha sido uma evasão. Quando decidissem lhe abandonar, estaria preparado para ir-se.

Porque morreria antes de voltar aonde tinha estado antes de viver com o Ray Quinn.

O cachorrinho olisqueaba a porta, atraído pelo som de risadas, latidos e gritos. Seth lhe deu mais frango para lhe distrair.

O queria sair também, correr pela grama e unir-se a eles em suas risadas, sua alegria... sua família. Mas sabia que não seria bem recebido. Eles parariam e lhe olhariam como se se perguntassem de onde diabos tinha saído e que demônios foram fazer com ele.

E logo lhe diriam que voltasse para a cama.

Queria ficar. Só queria estar ali. Seth pressionou seu rosto contra a porta mosquiteira desejando ficar de coração.

Quando ouviu o taco que Ethan soltou entre risadas, o grande chapinho que seguiu e os rugidos de satisfação masculina que vieram depois, sorriu.

E permaneceu ali, sonriendo apesar de que uma lágrima lhe escapou e descendeu por sua bochecha sem que se desse conta.

Cinco

Anna foi logo a trabalhar. Era estranho que sua supervisora não estivesse ali. Sempre podia um contar com que Marilou Johnston estivesse em sua mesa ou a uma distância da que te pudesse ouvir.

Marilou era uma mulher a que Anna admirava e respeitava de uma vez. Quando necessitava conselhos, eram suas opiniões as que ela valorava mais.

Quando colocou a cabeça na porta aberta do escritório, Anna sorriu um pouco. Como esperava, Marilou estava ali, enterrada atrás dos expedientes e documentos que se empilhavam em sua abarrotada mesa. Era uma mulher baixa, cuja estatura não superava o metro e médio. Levava o cabelo muito curto, por comodidade, mas com estilo. Seu rosto era suave, como o ébano gentil, e sua expressão podia agüentar a compostura incluso ante as piores crises.

Marilou era para a Ana como um centro de relaxação. perguntava-se como poderia ser tão tranqüila quando sua vida se compunha de uma carreira absorvente, dois meninos adolescentes e uma casa que sempre estava repleta de gente.

Anna tinha pensado muitas vezes que queria ser como Marilou Johnston

quando fora maior.

—Tem um minuto?

—É obvio. —A voz do Marilou era rápida e viva, maturada por esse acento da costa sul que apanhava as palavras com um deixe lento e fanhoso. Assinalou uma cadeira a Anna com uma mão e brincou com a bolinha de ouro que pendurava de sua orelha esquerda—. O caso Quinn-DeLauter?

—acertaste à primeira. Havia um par de faxes me esperando ontem do advogado dos Quinn. Uma escrivaninha de Baltimore.

—O que tem que dizer nosso advogado de Baltimore?

—Em essência, eles tratam de obter a custódia. vai apresentar uma petição ao tribunal. Vão a sério quanto ao de ficar com o Seth DeLauter em sua casa e sob seus cuidados.

—cY?

—trata-se de uma situação incomum, Marilou. até agora falei só com um dos irmãos. que vivia na Europa até recentemente.

—Cameron? E o que te pareceu?

—A verdade é que impressiona. —E como Marilou era também amiga da Anna, permitiu-se lançar um sorriso—. Uma delícia para a vista. Encontrei-me isso quando estava reparando as escadas do alpendre traseiro. Não posso dizer que parecesse um homem feliz, embora certamente é um homem resolvido. Tem um montão de fúria e de tristeza em seu interior. O que mais me impressionou...

—Além de seu aspecto?

—Além de seu aspecto —assentiu Anna com uma risada afogada—, foi o fato de que nunca se questionou o ficar com o Seth. Era um fato. Chamou irmão ao Seth. Assim acreditava. Não estou segura de que saiba exatamente quais são seus sentimentos a respeito, mas crie.

Enquanto Marilou escutava sem fazer comentários, prosseguiu dando detalhes de sua conversação: o desejo que tinha CAM de trocar de vida, e sua preocupação por que Seth se largasse se lhe tiravam da casa.

—E —continuou dizendo— depois de falar com o Seth, estou de acordo com ele.

—Você crie que o menino fugiria?

—Quando lhe falei do lar de acolhida se zangou, ofendeu-se e se assustou. Se se sente ameaçado, fugirá.

Então, pensou em todos os meninos que acabavam nas ruas mais pobres das cidades sem um teto e desesperados. Pensou no que faziam para sobreviver e em quantos não sobreviviam.

Seu trabalho agora consistia em fazer que esse moço, estivesse seguro.

—O menino quer ficar ali, Marilou. Pode que o necessite. Os sentimentos para sua mãe são muito fortes e negativos. Suspeito que houve abusos, mas não está preparado para falar disso. Ao menos não comigo.

—sabe-se algo do paradeiro da mãe?

—Não. Não temos nem idéia de onde está ou do que fará. Assinou os papéis autorizando ao Ray Quinn a que iniciasse o procedimento de adoção, mas ele morreu antes de que estivessem finalizados. Se retornar e quer a seu filho... —Anna sacudiu a cabeça—. Os Quinn teriam uma batalha nas mãos.

—Parece como se estivesse de seu lado.

—Estou com o Seth —respondeu Anna com firmeza—. E aí vou permanecer. falei com seus professores. —Tirou um expediente enquanto falava—. Tenho aqui o relatório. vou voltar hoje para falar com alguns vizinhos, e pode que a me entrevistar com os três Quinn. É possível que paremos a custódia temporária até que eu complete o estudo inicial, mas eu me inclino em contra. Esse menino necessita estabilidade. Precisa sentir-se querido. E inclusive se os Quinn só lhe quiserem por uma promessa, segue sendo melhor que o que teve anteriormente, acredito eu.

Marilou agarrou o expediente e o manteve à parte.

—Atribuí-te este caso porque não é das que fica só com a fachada. E te enviei em frio porque queria sua opinião. Agora te contarei o que sei dos

Quinn.

—Conhece-lhes?

—Anna, eu nasci e cresci na costa —disse sonriendo com doçura. Era algo muito simples, mas do que se sentia muito orgulhosa—. Ray Quinn foi um de meus professores na universidade. Admirava-lhe tremendamente. Quando tive a meus dois filhos, Stella Quinn foi seu pediatra até que transladamos ao Princess Anne. Adorávamo-la.

—Quando ia conduzindo ontem fazia ali desejei ter tido a oportunidade de lhes conhecer.

—Eram gente excepcional —declarou Marilou com simplicidade—. Normais, às vezes simples em algum aspecto, e excepcionais. Hei aí o caso em questão —acrescentou reclinando-se na cadeira—. Me graduei na universidade faz dezesseis anos. Os três Quinn eram adolescentes. contavam-se toda classe de histórias. Pode que fossem um pouco selvagens, e a gente se perguntava por que Ray e Stella Quinn tinham acolhido a aqueles hombrecitos com más tendências. Eu estava grávida do Johnny, meu filho maior, e me deixava o traseiro por conseguir o título, além de ajudar a meu marido Ben a pagar o aluguel. O tinha dois trabalhos. Queríamos uma vida melhor para nós e, é obvio, uma vida melhor para o filho que esperava.

Fez uma pausa e girou o marco de fotos dobro que havia em cima de sua mesa para ter um melhor ângulo do que observar a seus dois hombrecitos sorridentes.

—Eu também me perguntei isso. Pensei que estavam loucos, ou que jogavam bom samaritano. O professor Quinn chamou a seu escritório um dia. Eu tinha perdido um par de classes. Tinha tido o pior episódio de náuseas matutinas que uma mulher possa recordar.

Aquilo ainda lhe seguia dando asco.

—Juro-te que não compreendo como algumas mulheres evocam esse tipo de coisas. Em qualquer caso, pensei que me ia recomendar que deixasse sua classe, o que significava perder os créditos para minha licenciatura. Eu estava a um passo de consegui-la, a um passo, e me converteria na primeira da família com um título universitário. Estava

disposta a lutar. Em vez disso, ele queria saber o que podia fazer para me ajudar. Deixou-me sem fala.

Marilou sorriu, recordando, e logo projetou seu sorriso sobre a Anna.

—Você sabe quão impessoal pode ser a universidade; as grandes conferencia nas que o estudante é somente um rosto entre a multidão. Mas ele se fixou em mim e se tomou o tempo necessário para averiguar algo sobre minha situação. Rompi a chorar. Os hormônios —comentou com um sorriso irônico—. Bom, deu-me tapinhas na mão, alguns lenços de papel e me deixou que chorasse tudo o que quisesse. Eu tinha uma beca e se minhas qualificações baixavam ou me jogavam de uma classe, poderia perdê-la. Só ficava um semestre. Disse-me que não me preocupasse, que trabalharíamos juntos e que ia obter meu título. Seguiu falando disto e o outro para me acalmar. Estava-me contando alguma história sobre ensinar a seu filho a conduzir e me fez rir. Até depois não me dava conta de que não estava falando de um desses meninos que tinha acolhido porque não eram isso o que representavam para ele. Considerava-os seus filhos.

Algo doce para um final feliz. Anna suspirou.

—E obteve seu título.

—assegurou-se de que o fizesse. O devo a ele. Por isso é pelo que não te falei disto até que te tivesse formado suas próprias opiniões. Quanto aos três Quinn, realmente não lhes conheço. Vi-lhes em dois funerais. Vi o Seth DeLauter com eles no do professor Quinn. Por razões pessoais eu gostaria que tivessem uma oportunidade de ser uma família. Mas... —fez uma pausa colocando suas mãos palma sobre palma— os interesses do menino estão por cima disso... e da estrutura do sistema. Você é conscienciosa, Anna, e crie na estrutura e no sistema. Ao professor Quinn lhe teria gostado do melhor para o Seth, e também pagar uma antiga dívida. Deixo-o em suas mãos.

Anna deu um comprido suspiro.

—Sem pressões, né?

—Pressões é o que temos sempre por aqui. —E como se estivesse preparado, seu telefone começou a soar—. E o relógio segue seu curso.

Anna se levantou.

—Será melhor que me ponha a trabalhar, então. Parece que passarei a maior parte do dia sobre o terreno.

Era quase a una do meio-dia quando Anna ascendeu o caminho para a casa dos Quinn. As tinha arrumado para entrevistar-se com três dos cinco nomes que CAM lhe tinha dado no dia anterior, e esperava acabar com isso antes de que passasse muito mais tempo.

Ao chamar o escritório do Phillip Quinn em Baltimore, tinham-lhe informado que estaria ausente durante as duas semanas seguintes. Anna esperava lhe encontrar ali para poder fazer uma opinião sobre outro dos Quinn.

Mas foi o cachorrinho o que a recebeu. Ladrava com fúria apesar de que tinha retrocedido rapidamente ao vê-la. Anna observava divertida como se fazia pis de medo. Rendo, agachou-se e lhe tendeu uma mão.

—Vamos, bonito, não te vou fazer mal. É um encanto, é muito bonito. —Seguiu lhe sussurrando coisas até que se aproximou de olisquearle a mão, e logo rodou extasiado enquanto lhe acariciava.

—Por isso sei, tem pulgas e raiva.

Anna olhou para cima e viu o CAM na porta de entrada.

—E pelo que eu sei, você também —respondeu.

Com um grunhido a modo de sorriso e as mãos dentro dos bolsos, saiu do alpendre. Advertiu que ela levava hoje um traje marrom. Não podia entender como tinha podido escolher uma cor tão triste.

—Suponho que gosta do risco e por isso tornou. Não a esperava tão logo.

—O bem-estar de um menino está em jogo, senhor Quinn. Não sou partidária de tomar o com tranqüilidade, dadas as circunstâncias.

Obviamente encantado com sua voz o cachorrinho se ergueu e lhe lambeu a cara. antes de poder reprimi-lalhe escapou uma gargalhada (um som que fez que CAM arqueasse as sobrancelhas) e defendendo-se daquela jovem língua do cachorrinho se levantou. alisou-se a jaqueta... e sua dignidade.

—Posso entrar?

—por que não? —Esta vez ele a esperou, e inclusive abriu a porta e deixou que entrasse antes que ele.

Anna contemplou um salão grande e bastante cuidado. Os móveis refletiam o uso, mas tinham um aspecto cômodo e colorista. A espineta da esquina atraiu seu olhar.

—Toca você?

—Realmente não. —Sem dar-se conta, CAM passou uma mão pela madeira. Não viu o rastro que seus dedos marcavam sobre o pó—. Minha mãe tocava e Phillip tem bastante ouvido.

—Tratei de localizar a seu irmão Phillip esta manhã no escritório.

—saiu a fazer a compra —respondeu. Como estava contente de ter ganho aquela batalha, CAM sorriu um pouco—. vai viver aqui... no futuro próximo. Ethan também.

—Trabalha você rápido.

—O bem-estar de um menino está em jogo —respondeu ele fazendo-se eco de suas palavras.

Anna assentiu. Ante o som distante de um trovão olhou para fora e franziu o cenho. A luz se obscureceu e o vento começou a agitar-se.

—Eu gostaria de falar do Seth com você. —Girou a maleta e dirigiu o olhar para uma cadeira.

—Levará-nos muito tempo?

—Não saberia lhe dizer.

—Então falemos na cozinha. Quero tomar café.

—Bem.

A jovem lhe seguiu, estudando a casa. Estava tão limpa que parecia como se CAM tivesse sabido de antemão que ela ia vir. Passaram por um estudo no que as mesas estavam cheias de pó, o sofá cheio de periódicos e uns sapatos que sujavam o chão.

«Se esqueceu isto, verdade?», pensou ela com um sorriso malicioso. Mas o encontrou enternecedor.

Logo escutou um taco saído de tom e quase cai dos sapatos.

—Maldita seja. joder! Que demônios é isto? Que mais pode passar? Deus! —exclamou CAM enquanto chapinhava através da água e o sabão que alagavam o chão da cozinha, e lhe dava um golpetazo à lava-louça.

Anna retrocedeu para evitar a inundação.

—Em seu lugar eu o apagaria.

—Sim, sim, sim. Agora terei que desmontar este traste. —Atirou da porta para abri-la e muito brancas pompas de sabão se precipitou fora.

Anna se mordeu o interior da bochecha e se esclareceu voz.

—E que tipo de sabão utiliza você?

—Sabão para pratos —respondeu vibrando de impotência e tirando de um puxão um cubo que havia debaixo da pia.

—Sabão para a lava-louça ou sabão lava-louça?

—E que diferença há? —Furioso, começou a esgotar água. Fora, a chuva começou a cair com força açoitando os cristais.

—Esta —assinalou Anna quem, mantendo um gesto de sobriedade admirável em seu rosto, assinalou o rio que corria por Esta chão é a diferença. Se se utilizar o líquido para lavar pratos a emano na lava-louça, este é o resultado inevitável.

O se endireitou, com o cubo na mão, e fez um gesto tão espantoso de irritação que ela não pôde reprimir a risada.

—Sinto muito, sinto muito. Escute, dese a volta.

—por que?

—Porque não quero danificar meus sapatos ou minhas meias. Assim dese você a volta enquanto me as Quito e lhe darei uma mão.

—Sim. —Patéticamente agradecido, CAM ficou de costas, e inclusive fez um grande esforço por não pensar em como se tirava as médias. Dito

esforço não foi o suficientemente bom, mas a intenção era o que contava —. Ethan se ocupava de quase todas as tarefas da cozinha quando fomos pequenos. Eu fazia minha parte, mas não parece que tenha aprendido muito.

—Está claro que isto não é o seu. —Introduziu as meias com cuidado dentro de seus sapatos e os deixou a um lado—. Deme uma faxineira. Eu limparei e você faz o café.

CAM abriu um armário comprido e estreito e entregou uma faxineira de corda.

—O agradeço.

Enquanto chapinhava em busca de umas taças, pensou que suas pernas não necessitavam meias. Eram de uma cor dourada claro fascinante e suaves como a seda. Quando ela se inclinou, ele se passou a língua pelos dentes. Não tinha nem idéia de que uma mulher com uma faxineira pudesse ser tão extremamente... atrativa.

Ao CAM resultava incrivelmente agradável estar ali; com a chuva açoitando, o vento ululando e uma mulher descalça e bonita lhe fazendo companhia na cozinha.

—Você sim parece estar como peixe na água —comentou ele sonriendo burlonamente quando ela voltou a cabeça e lhe olhou de maneira funesta—. Não quero dizer que seja um trabalho feminino. Minha mãe me teria esfolado por havê-lo pensado. Só digo que parece que sabe o que faz.

Anna sabia muito bem, já que se tinha costeado seu acesso à universidade limpando casas.

—Posso dirigir uma faxineira, senhor Quinn.

—Já que está você passando a faxineira pelo chão de minha cozinha, deveria me chamar CAM.

—Sim, falemos do Seth. Importa-lhe que me sente?

—Adiante.

A jovem fez um esforço por conter-se antes de começar a vacilar. A despreocupação, a chuva e o isolamento eram coisas muito relaxantes.

—Seguro que você já sabe que falei com ele ontem. —Sim, e sei que lhe disse que queria ficar aqui. —Fez-o, e está em meu relatório. Também falei com seus professores. Sabe como vai no colégio?

CAM trocou o tom.

—Não tive ainda muito tempo de me ocupar disso.

—Mmmmm. Quando estava recém-chegado teve algum problema com os outros estudantes. Brigas e essas coisas. Rompeu-lhe o nariz a um menino.

Bem por ele, pensou CAM com uma surpreendente sensação de orgulho, embora fez um esforço por aparentar que o desaprovava.

—Quem começou a briga?

—Essa não é a questão. Entretanto, seu pai dirigiu a situação. A este respeito hão dito que Seth o guarda tudo para ele. Não participa de classe, o qual é outro problema. Estranha vez entrega seus deveres, e quando os faz revistam ser uma porcaria.

CAM sentiu que lhe começava a doer a cabeça.

—Assim que o menino não é um estudante...

—Ao contrário. —Anna se endireitou e se apoiou na faxineira—. Se participasse de classe, embora fora de forma marginal, e fizesse seus deveres e os entregasse a tempo, seria um estudante de sobressalente. Com o que faz agora tira notáveis.

—E qual é o problema então?

Anna fechou um momento os olhos.

—O problema é que o grau de inteligência do Seth e as provas de avaliação são incrivelmente altos. O menino é brilhante.

Embora tinha suas dúvidas a respeito disso, CAM assentiu.

—Isso está bem. E além disso obtém boas notas e não se mete em animações.

—Bem. —Tentaria enfocar o de outra maneira—. Suponha que está você em uma carreira de Fórmula Um...

—estive —comentou com certa nostalgia.

—Bem. E tem o melhor carro e o mais rápido do mercado.

—Sim —disse sonriendo—. O tive.

—Mas você nunca provou todas suas possibilidades, nunca foi ao limite, nunca lhe picou nas curvas ou colocou quinta e voou nas retas.

O elevou uma sobrancelha.

—É aficionada às carreiras?

—Não, mas conduzo um carro.

—Bonito carro, é verdade. A quanto o pôs?

A cento e quarenta, pensou com secreto regozijo, mas nunca o admitiria.

—Considero o carro como um meio de transporte —disse mentindo de forma recatada—, não um brinquedo.

—Não sei por que não pode ser as duas coisas. por que não saímos a dar uma volta no Corvette? É um meio de transporte entretido.

Embora lhe teria encantado permiti-la fantasia de deslizar-se depois do volante daquela elegante bale branca, tinha alguma puntualización que fazer.

—Trate de ajustar-se a esta analogia. Você conduz uma máquina superior. Se não conduzisse essa máquina do modo em que se supõe que terá que conduzi-la, estaria desperdiçando seu potencial e pode que obtivesse o dinheiro do prêmio, mas não seria o ganhador.

O captou o argumento, mas não pôde deixar de fazer uma careta zombadora.

—Normalmente ganho.

Anna moveu a cabeça.

—Seth —recalcou com paciência admirável—, estamos falando do Seth. Está socialmente atrofiado e desafia à autoridade constantemente. Expulsam-lhe freqüentemente da escola. Necessita supervisão aqui em casa ao chegar a esta etapa de sua vida. vai ter que jogar você um papel ativo em seu trabalho escolar e em seu comportamento.

—Parece-me que a um menino que tem notáveis deveria deixar-se o em paz. —Mas levantou uma mão antes de que ela pudesse falar—. Potencial. Eu tive ao melhor me amassando a cabeça com o potencial. Trabalharemos nisso.

—Bem. —Anna voltou a passar a faxineira—. Seu advogado me enviou uma comunicação a respeito da custódia. Parece que a vão conceder, ao menos de forma temporária. Mas os Serviços Sociais deverão realizar inspeções esporádicas.

—Ou seja, que as realizará você.

—Realizarei-as eu.

CAM fez uma pausa.

—Não saberá também limpar cristais, não?

Anna não pôde resistir e pôs-se a rir enquanto vertia água com sabão na pia.

—Também falei com alguns de seus vizinhos, e falarei com alguns mais. —deu-se a volta e acrescentou—: de agora em diante sua vida será um livro aberto para mim.

CAM ficou em pé, agarrou a faxineira e para dar o gosto se situou um palmo mais perto do correto.

—me faça saber quando chega a um capítulo que lhe interesse no plano pessoal.

E1 coração deu um par de batimentos do coração que lhe sacudiram as costelas. Um homem perigoso, pensou, no plano pessoal.

—Não tenho muito tempo para a ficção. Anna começou a retroceder, mas lhe agarrou a mão.

—Eu gosto de você, senhorita Spinelli. Ainda não me detive a pensar por que, mas eu gosto.

—Isso fará que nossa associação seja mais fácil.

—equivoca-se —respondeu CAM lhe acariciando o dorso da mão com o polegar—. Isso a vai complicar. Mas não me importam as complicações. E já era hora de que minha sorte desse um giro. Gosta da comida

italiana?

—Com um sobrenome como Spinelli? —CAM sorriu com ironia.

—Bem. Poderia compartilhar um jantar tranqüilo em um bom restaurante com uma mulher formosa. Que tal esta noite?

—Não vejo nenhuma razão pela que não possa compartilhar um jantar tranqüilo em um bom restaurante com uma mulher formosa esta noite. —Deliberadamente, ela soltou sua mão—. Mas se me está pedindo uma entrevista, a resposta é não. Em primeiro lugar, não seria adequado; e em segundo, estou ocupada.

—Maldita seja, CAM não me ouviste dar buzinadas?

Anna se deu a volta e viu um homem empapado e profundamente zangado que levava duas bolsas repletas de comestíveis à habitação. Era alto, de pele moréia e muito bonito. E vinha jogando faíscas.

Phillip se tirou o cabelo dos olhos e fixou a vista na Anna. Sua mudança de expressão foi rápido e suave: de enfurecido a encantado em um abrir e fechar de olhos.

—Olá. Sinto muito. —Arrojou as bolsas em cima da mesa e a sorriu—. Não sabia que CAM tivesse companhia. —Jogou uma olhada ao cubo e a faxineira que havia entre eles, e chegou a uma conclusão errônea—. Não sabia que ia contratar ajuda doméstica. Mas graças a Deus. —Phillip lhe agarrou a mão e a beijou—. Já sinto adoração por você.

—Meu irmão Phillip —disse CAM secamente—. Anna Spinelli, dos Serviços Sociais. Pode deixar de aparentar elegância, Phil.

Seu encanto nem desapareceu nem diminuiu.

—Senhorita Spinelli. Encantado de conhecê-la. Acredito que nosso advogado se pôs em contato com você.

—Sim o tem feito. O senhor Quinn me há dito que vai você a viver aqui agora.

—Disse-lhe que me chamasse CAM —comentou enquanto se encaminhava para o fogão a encher sua taça de café—. vai resultar muito confuso se chamar a todos senhor Quinn. —CAM ouviu ruído na porta traseira e tirou outra taça—. Especialmente agora —disse no

momento em que se abriu a porta e entraram um homem e um cão jorrando.

—meu deus, como sopra esta ditosa tormenta. —Não lhe tinha dado tempo a tirar o impermeável quando o cão fixou suas patas no chão e começou a sacudir-se com fúria. Anna se limitou a fazer um gesto quando a água lhe salpicou o traje—. Não me deu tempo nem a cheirá-la quando já...

Vislumbrou a Anna e automaticamente se tirou a empapada boina e logo se passou uma mão pelo cabelo encaracolado e molhado. Ao ver a mulher com o cubo e a faxineira lhe entrou um sentimento de culpabilidade pensando em suas botas enlameadas.

—Senhora.

—Meu outro irmão, Ethan. —CAM entregou ao Ethan uma taça de café fumegante—. Esta é a trabalhadora social a que seu cão acaba de encher de água e de cabelos.

—Sinto muito. Simon, sente-se.

—Não passa nada —prosseguiu CAM—. Parvo já a babou inteira e Phillip acaba de tentar ligar com ela.

Anna sorriu brandamente.

—Pensei que era você o que tinha querido ligar comigo.

—Pedi-lhe que fôssemos jantar juntos —corrigiu CAM . Se tivesse querido ligar com ela, não tivesse sido tão sutil. —CAM deu um sorvo a seu café—. Bem, agora já conhece todos os atores.

sentiu-se em inferioridade de condições e com a profesionalidad diminuída enquanto permanecia aí naquela cozinha pouco iluminada, descalça e em frente de três homens enormes e incrivelmente bonitos. Como defesa, tirou de dentro toda a dignidade que pôde e agarrou uma cadeira.

—Cavalheiros, sentamo-nos? Esta parece uma ocasião ideal para falar de seus planos para cuidar do Seth —disse girando sua cabeça para o

CAM— em um futuro próximo.

—Bem —disse Phillip uma hora mais tarde—. Acredito que já lhe demos volta a tudo.

CAM permanecia na porta de entrada observando como se afastava o pequeno carro esportivo sob a fina chuva.

—Tem-nos impregnados —murmurou CAM—. Não lhe acontece uma.

—Me gostou de —comentou Ethan desperezándose na grande poltrona brincalhona e deixando que o cachorrinho subisse a seu regaço—. Não seja mal pensado, CAM —sugeriu quando este riu disimuladamente—. quis dizer que eu gosto; é inteligente, profissional, mas não fria. Parece uma mulher que se envolve.

—E tem as pernas largas —acrescentou Phillip—. Mas independentemente disso, vai tomar nota de cada vez que a caguemos. Agora mesmo, acredito que estamos no melhor momento: temos ao menino e ele quer ficar, sua mãe se largou a Deus sabe onde e não está fazendo ruído... de momento. Mas se a bela Anna Spinelli fala com muita gente no St. Chris, vai começar para ouvir rumores.

Colocou as mãos nos bolsos e começou a caminhar.

—Não sei se isso não irá em nosso contrário.

—São só rumores —disse Ethan.

—Sim, mas são muito feios. tivemos a sorte de ficar com o Seth graças à boa fama de papai. Se essa reputação se sujar, teremos que lutar em diferentes frentes.

—Se alguém tratar de sujar a reputação de papai, vão se encontrar com algo mais que uma batalha —declarou CAM.

Phillip se voltou para o CAM.

—Isso é justo o que temos que evitar. Se nos dedicarmos a ir por aí montando bronca só conseguiremos piorar as coisas.

—te dedique você à diplomacia. —CAM se encolheu de ombros e foi se

sentar ao braço do sofá—. E eu dedicarei ao resto.

—Eu digo que é melhor que confrontemos o que há antes do que possa chegar a haver. —Ethan deu umas palmadas ao cachorrinho—. estive pensando sobre esta situação. Para o Phillip vai ser duro viver aqui e estar indo e vindo a Baltimore. E mais tarde ou mais cedo, CAM vai se fartar de jogar às casitas.

—Isso está começando a ocorrer já.

—pensei que poderíamos pagar ao Grace para que fizesse parte do trabalho de casa. Possivelmente um par de dias por semana.

—Essa é uma idéia que assino aos cem por cem —respondeu CAM e se deixou cair no sofá.

—O problema é que te deixa sem muito que fazer. A idéia é que os três estejamos aqui, compartilhando a responsabilidade que temos com o Seth. Isso é o que diz o advogado e o que também diz a trabalhadora social.

—Pinjente que procuraria trabalho.

—O que é o que vais fazer? —perguntou Phillip—. Pôr gasolina? Abrir ostras? Deixaria-o em um par de dias.

CAM se tornou para frente.

—Posso agüentar. você poderá? Estranho seria que depois da primeira semana de ir e vir não chamasse de Baltimore pondo desculpas para não voltar. por que não fica aqui e tráficos de dispensar gasolina ou de abrir ostras durante um tempo?

A discussão era inevitável. Em uns minutos estavam os dois de pé, frente a frente. Ethan teve que tentá-lo várias vezes antes de poder impor sua voz. CAM retrocedeu e se voltou com expressão desconcertada.

—O que?

—Hei dito que acredito que deveríamos construir navios.

—Construir navios? —perguntou CAM movendo a cabeça—. Para que?

—Como negócio. —Ethan extraiu um puro, mas brincou com ele entre os

dedos em vez de acendê-lo. Sua mãe não lhe teria deixado fumar dentro de casa—. Há muitos turistas que vêm por aqui todos os anos. E mais gente que vem fugindo da cidade. Gostam de alugar navios. Gostam de ter navios. O ano passado construí um em meus momentos livres para um tipo da capital. Um pequeno esquife de quatro metros e médio. Chamou-me faz um par de meses para ver se me interessaria lhe construir outro. Quer um navio maior, com camarote e galera.

Ethan colocou o charuto de novo em seu bolso.

—estive pensando nisso. Construí-o em uns meses lhe dedicando só meus momentos livres.

—Quer que lhe ajudemos a construir um navio? —Phillip se oprimiu os olhos com os dedos.

—Não só um navio. Estou falando de montar um negócio.

—Eu já tenho um negócio ——murmurou Phillip—. Trabalho em publicidade.

—E necessitaríamos a alguém que soubesse desse tipo de coisas se montássemos um negócio. A construção de navios tem sua própria história nesta zona, mas ninguém se dedica a isso no St. Chris.

Phillip se sentou.

—Não te ocorreu que pode que exista um motivo para isso?

—Sim, me ocorreu. Pensei-o muito, e imagino que é porque ninguém quer arriscar-se. Estou falando de navios de madeira. De veleiros. Uma especialidade. E já temos um cliente.

CAM se esfregou o queixo.

—Demônios, Ethan, não tenho feito esse tipo de trabalho seriamente desde que construímos seu Skipjack. E disso faz..., Jesus!..., quase dez anos.

—E segue em pé, verdade? Assim fizemos um bom trabalho. É uma aposta —acrescentou sabendo que aquela simples palavra iria direta ao coração do CAM.

—Temos o dinheiro para os gastos iniciais —murmurou CAM, maturando

a idéia.

—Como sabe? —perguntou Phillip—. Não tem idéia do dinheiro que necessitam para os gastos iniciais.

—Você pensará nisso. —Aquilo era como uma jogada de jogo de dados, pensou CAM. Não havia nada que gostasse mais—. Quem sabe, não me desgosta dirigir um martelo em vez de uma bomba pneumática. Aponto-me.

—Assim de simples? —disse Phillip subindo os braços—. Sem pensar nos gastos gerais, perdas e lucros, licenças, impostos, seguros. Onde demônios ides estabelecer a empresa? Como ides levar a negócio?

—Esse não é meu problema —comentou CAM com uma careta—. Será o teu.

—Eu já tenho trabalho. Em Baltimore.

—Eu tinha uma vida —disse simplesmente CAM— na Europa.

Phillip se afastou um pouco, retornou e voltou a afastar-se. «Apanharam-me» pensou.

—Farei o que possa para iniciar o assunto. Se for um engano nos vai custar um montão de dinheiro. E os dois deveriam considerar que a trabalhadora social poderia ter outra visão de nós se começarmos um negócio arriscado neste momento. Eu não vou deixar meu trabalho. Ao menos temos uns ganhos estáveis.

—Falarei com ela —decidiu CAM em um impulso—. Verei como reage. Falará você com o Grace para que brigue com a casa? —perguntou ao Ethan.

—Sim, baixarei ao pub e o soltarei.

—Bem. Só fica que você te ocupe do Seth esta noite —disse CAM sonriendo ao Phillip de forma zombadora—. te Assegure de que faz os deveres.

—OH, Meu deus.

—Agora que está tudo arrumado —comentou CAM tornando-se para trás—. Quem vai fazer o jantar?

Seis

Localizar a Anna Spinelli era a desculpa perfeita para fugir do caos que se produzia em casa depois do jantar. Significava que os pratos eram problema de outro, e que não lhe foram arrastar à discussão caseira que acabava de cozer-se entre o Phillip e Seth.

De fato, no que se referia ao CAM, uma viagem em carro ao Princess Anne em uma tarde chuvosa era um grande entretenimento. Embora era um pouco triste para um homem que tinha crescido acostumado a ir a reação de Paris a Roma.

Tratou de não pensar nisso.

Tinha conseguido que lhe guardassem o aerodeslizador e que lhe empacotassem suas roupas e as enviassem. Entretanto, ainda faltava que lhe mandassem o carro. CAM tinha suas obrigações na casa, mas durante o tempo que ficava entre o acerto das escadas e o de fazer a penetrada, entretinha-se pondo a ponto e reparando o prezado Corvette de sua mãe.

lhe conduzi-lo produzia um grande prazer; tanto, que aceitava sem queixar a multa por excesso de velocidade que lhe esperava justo à saída do Princess Anne.

A cidade não era o hervidero de atividade que tinha sido durante os séculos dezoito e dezenove quando o tabaco era o rei, e a prosperidade chovia em toda a zona. Mas CAM pensava que era suficiente que as velhas casas tivessem sido restauradas e as ruas estivessem podas e tranqüilas. Agora que o turismo era o novo deus da costa, o encanto e a elegância das cidades históricas eram um grande atrativo econômico.

O apartamento da Anna estava a menos de uma milha dos escritórios dos Serviços Sociais. Uma distância cômoda para ir andando aos tribunais. As lojas estavam ao alcance da mão. CAM pensou que teria eleito aquela velha casa vitoriana por ambos os motivos, além de por seu encanto.

O edifício ficava oculto depois de umas grandes árvores, cujos ramos estavam agora cobertas de folhas novas. A passarela de acesso estava gretada e flanqueada por hortênsias, a ponto de brotar com o sol da primavera. As escadas conduziam a uma galeria coberta. A placa que havia junto à porta indicava que a casa se achava inscrita no registro histórico. A porta não estava fechada e conduziu ao CAM a um vestíbulo. O chão de madeira estava um pouco gasto, mas alguém se preocupou de poli-lo até conseguir um brilho pálido. As rolhas da parede eram de cobre, também gentil, e indicavam que o edifício tinha sido convertido em quatro apartamentos. A. Spinelli ocupava o 2B.

CAM ascendeu os degraus que rangiam até o segundo piso. O corredor se estreitava mais aí, e as luzes eram mais tênues. O único som que ouviu era o eco apagado de algo que soava como uma comédia amalucada no televisor do 2A.

Bateu na porta da Anna e esperou. Logo voltou a chamar, colocou as mãos nos bolsos e franziu o cenho. Esperava que estivesse em casa, não tinha considerado outra possibilidade. Eram quase as nove em ponto de um dia laborable e ela era uma funcionária.

Deveria estar tranqüilamente em casa, lendo um livro ou preenchendo formulários e informe. Assim era como as mulheres práticas de carreira passavam as tardes, embora realmente ele esperava poder lhe mostrar um modo mais entretido de passar o tempo.

Provavelmente estaria em alguma reunião de um clube feminino, pensou

zangado com ela. Rebuscou nos bolsos de sua jaqueta Bómber de couro negro em busca de um pedaço de papel, e estava a ponto de incomodar aos do 2A com a esperança de pedir emprestado algo sobre o que escrever, quando ouviu o rápido repico do que um homem com experiência reconheceria como o som de uns altos saltos femininos sobre a madeira.

Jogou um olhar ao vestíbulo e se alegrou de que sua sorte tivesse trocado.

Quase não se deu conta de que se ficou com a boca aberta.

A mulher que caminhava para ele era como a mais escura fantasia de um homem. Mostrava generosamente aquele cuerpazo dentro de um vestido apertado azul elétrico, de corte desço no peito e alto nas coxas. Não deixava nada, e de uma vez o deixava tudo, à imaginação masculina.

O repico dos sapatos na madeira se devia a uns saltos de agulha da mesma cor estridente, o que convertia a suas pernas em uma fascinação sem fim.

Seu cabelo molhado pela chuva se curvava incrivelmente sobre os ombros, formando uma juba espessa da cor do ébano, que lhe trazia para a mente imagens evocadoras de mulheres ciganas e sexo ao redor da fogueira. A boca era encarnada e úmida, e os olhos grandes e escuros. Pôde perceber seu aroma com dez segundos de antecipação a sua chegada, cravando-se o na pele.

Ela não disse nada, só estreitou o olhar daqueles olhos incríveis, inclinou um de seus gloriosos quadris, e esperou.

—Vá! —CAM pugnou por recuperar o fôlego—. Não é muito partidária de ocultar seus encantos.

—Pode. —Anna estava furiosa por lhe haver encontrado na porta de sua casa, furiosa de não levar sua armadura profissional. E estava ainda mais furiosa de que ele tivesse estado muito mais presente em sua cabeça que a pessoa com a que se citou.

—O que quer senhor Quinn?

Agora foi ele o que sorriu burlonamente, rápido e preparado como um lobo ensinando as presas.

—Essa é uma pergunta que se disposta a muitas respostas, senhorita Spinelli.

—Não seja vulgar, senhor Quinn. até agora não o tinha sido.

—Prometo-lhe que não tenho nem um só pensamento vulgar na cabeça. —Incapaz de resistir, alargou uma mão para brincar com as pontas de seu cabelo—. Onde estiveste, Anna?

—Olhe, faz muito que terminei de trabalhar e minha vida pessoal não é... —Anna se deteve, tentando não soltar nenhuma queixa, pois a porta do outro lado do corredor se abriu naquele momento.

—chegaste tarde de sua entrevista, Anna.

—Sim, senhora Hardelman.

A mulher de uns setenta anos estava envolta em uma bata rosa de chenilla e olhava por cima dos óculos que coroavam seu nariz. Umas risadas altas e enlatadas alagaram o vestíbulo. Dirigiu um sorriso ao CAM, que iluminou seu agradável rosto.

—OH, este é muito mais bonito que o último.

—Obrigado —respondeu CAM dando um passo adiante e lhe devolvendo o sorriso—. Tem muitos?

—OH, vêm e vão. —A senhora Hardelman soltou uma risada entre dentes e se cavou o branco cabelo—. Não lhe duram muito.

CAM permaneceu apoiado na porta desfrutando dos sons de frustração que Anna soltava detrás dele.

—Eu acredito que ainda não encontrou um que valha a pena que dure. É muito bonita.

—E uma garota muito boa. Faz-nos a compra no mercado quando minha irmã e eu não temos vontades de sair. Sempre se oferece a nos levar a missa no domingo. E quando meu Petie morreu, Anna se fez cargo do enterro.

A senhora Hardelman a olhou com tal afeto e ternura que Anna se

limitou a sorrir.

—está-se perdendo seu programa, senhora Hardelman.

—OH, sim. —Jogou um olhar a seu apartamento onde o televisor troava —. eu adoro minhas comédias. Volte outra vez —disse ao CAM, e fechou brandamente a porta.

E como Anna sabia perfeitamente que sua vizinha não poderia resistir o olhar através da mira para ver se captava um beijo romântico de despedida, tirou as chaves da bolsa.

—Deveria entrar, já que veio até aqui.

—Obrigado. —CAM atravessou o vestíbulo, esperando a que ela abrisse a porta—. Enterrou você ao marido de sua vizinha.

—A seu periquito —corrigiu Anna—. Petie era um pássaro. Ela e sua irmã levam viúvas há uns vinte anos. E tudo o que eu fiz foi lhes dar uma caixa de sapatos e cavar um fossa na parte traseira, perto de uma roseira.

CAM voltou a acariciar seu cabelo enquanto que ela empurrava a porta para abri-la.

—Significava muito para ela —comentou. —Cuidado com as mãos, Quinn —advertiu ela enquanto acendia as luzes.

Como amostra de complacência, ele apartou as mãos as colocando nos bolsos enquanto estudava a habitação.

Almofadas grandes e brandas de cores alegres e atrevidas. Pensou que aquela eleição mostrava sua mais profunda sensualidade.

Gostou de pensar nisso.

A habitação era espaçosa e estava mobiliada com moderação. O sofá era grande e o suficientemente fofo para dormir nele, e sua única companhia eram uma cadeira grande estofa e duas mesas.

As paredes estavam cobertas de obras de arte. Gravados, pósters e desenhos a plumilla. Os motivos eram lugares em vez de pessoas, e podia reconhecer a maioria dos lugares. As estreitas ruas de Roma, os escarpados selvagens do oeste da Irlanda e os pequenos e elegantes

cafés de Paris.

—Eu estive aqui —disse dando um golpecito ao marco do café de Paris.

—Me alegro por você —respondeu secamente, tratando de que não aflorasse o fato de que suas pinturas eram o único modo em que se podia permitir viajar. No momento—. E bem, o que está fazendo aqui?

—Queria falar contigo sobre... —Cometeu o engano de dá-la volta e voltá-la para olhar. A jovem estava realmente zangada, mas isso só era um aplique a seu atrativo. Seus olhos e sua boca mostravam o aborrecimento e seu corpo estava desafiante—. meu Deus, é um bombom, Anna. Antes me sentia atraído por ti, imagino que o captou, mas... quem se tivesse imaginado...?

Anna tratou de não sentir-se adulada. Certamente não queria que lhe acelerasse o coração. Mas era difícil controlar qualquer reação quando um homem como Cameron Quinn estava ali de pé olhando-a como se queria começar a mordiscar cada parte de seu corpo, e continuasse fazendo-o até havê-lo devorado tudo.

Anna deu um suspiro lento.

—Queria me falar sobre...? —soltou de repente.

—Sobre o menino, tolices. Que tal se tomarmos um café? Isso é um pouco civilizado, não? —CAM pensou que deviam provar-se, e o fez caminhando para ela—. Imagino que esperas que me leve de maneira civilizada. Estou desejando tentá-lo.

Ela se coibiu por um momento, e logo se girou sobre os saltos azuis tão sexys. CAM apreciou a vista traseira, girou os olhos para o céu e logo a seguiu até o imaculado mostrador que separava o salão da cozinha. apoiou-se sobre ele, encantado de que aquele lugar lhe proporcionasse uma visão tão perfeita de suas pernas.

Logo escutou o zumbido elétrico e captou o incrível aroma do café recém feito.

—Demole você mesma o café?

—Quando se prepara café se deve procurar que seja bom.

—Sim. —CAM fechou os olhos para poder apreciar melhor o aroma—.

OH, sim. Devo me casar contigo para que me faça o café todos os dias, ou basta com que vivamos juntos?

Anna lhe olhou por cima do ombro, elevou as sobrancelhas à vista de seu sorriso amplo e de desejo, e logo seguiu com o que estava fazendo.

—Arrumado a que utiliza esse gesto para acabar com os homens com indubitável êxito. Quanto a mim, eu gosto. Onde andava esta noite?

—Tinha uma entrevista.

CAM rodeou o mostrador. A cozinha era pequena, não maior que um corredor estreito. Gostava de estar tão perto dela que seu aroma se mesclava com o aroma de café.

—Até muito tarde —comentou ele.

—Assim tinha que ser. —Anna sentiu seu cabelo na parte posterior da nuca. O estava muito perto. Instintivamente, empregou o método que estava acostumado a utilizar com os homens que curvavam seu espaço. Incrustou-lhe o cotovelo nos intestinos.

—praticaste este movimento —murmurou ele esfregando o estômago e retrocedendo um palmo—. Tem que utilizá-lo normalmente em sua condição de trabalhadora social?

—Poucas vezes. Como gosta do café?

—Forte e sozinho.

Começou a prepará-lo, deu-se a volta e se chocou contra ele com força. Então pensou que seu radar estava apagado quando ele agarrou seus braços com as mãos. Ou possivelmente o tinha ignorado voluntariamente para assim poder comprovar como se ajustavam o um ao outro.

Pois bem, agora já sabia.

CAM manteve a vista sobre ela de forma deliberada, não deixando que seus olhos se afundassem na pequena cruz de ouro que se alojava entre seus peitos. O não era particularmente devoto, mas tinha medo de ir ao inferno por ter tido pensamentos lascivos com o marco que alojava um símbolo religioso.

Além disso, gostava de sua cara.

—Quinn —disse ela com um olhar largo e irritado—. te Afaste.

—deixaste já o tratamento de «senhor» Quinn. Significa isso que somos amigos?

Como sorria ao dizê-lo e além disso deu um passo atrás, ela soltou uma gargalhada.

—O jurado segue fora.

—eu adoro como cheira, Anna. Forte, provocadora, desafiadora. É obvio, também eu adoro como cheira a senhorita Spinelli: tranqüila, prática e sutil.

—Muito bem..., CAM —Anna se deu a volta e tirou duas taças pequenas muito bonitas do armário—. Deixemos de dançar e reconheçamos que nos atraímos o um ao outro.

—Esperava que uma vez que o reconhecêssemos começaríamos a dançar.

—Falso. —Jogou o cabelo para trás e se bebeu o café—. Eu levo o caso do Seth. Você te ofereceste a ser seu tutor. Seria uma imprudência incrível por nossa parte que nos deixássemos levar por uma atração física.

Ele agarrou a taça e se recostou contra a encimera.

—Não sei nada de ti, mas eu adoro fazer tolices imprudentes. Especialmente se a um sintam bem. —levou-se a taça aos lábios e sorriu lentamente—. E arrumado a que nos deixar levar pela atração física tem que sentar bastante bem.

—Menos mal que estou acostumado a ser muito prudente —respondeu ela com um sorriso refletivo e se recostou contra a encimera de em frente—. Bem, queria falar do Seth... e de tolices conforme acredito que disse.

Seth, o resto de seus irmãos e a situação em si lhe tinham ido completamente da cabeça. Supunha que o tinha utilizado como uma desculpa para vê-la. Isso era algo que consideraria depois.

—Tenho que admitir que vir ao Princess Anne a falar contigo era uma boa razão para fugir. Estava a ponto de me voltar louco com a lavagem de pratos, e Phil e o menino estavam a ponto de começar o primeiro assalto sobre o tema dos deveres.

—Me alegro de que alguém se ocupe de seu trabalho escolar. E por que alguma vez chama o Seth por seu nome?

—Faço-o. Seguro que o faço.

—Não, em geral, não. —Ela inclinou a cabeça—. Cameron, evita sempre dizer o nome da gente com a que não tem intenção de manter uma relação importante ou permanente?

Era seu ponto débil, viu-se forçado a reconhecer, mas arqueou uma sobrancelha.

—Eu uso seu nome.

CAM viu sua piscada, ouviu um suspiro e viu como ela deixava o tema de lado.

—O que acontece Seth?

—Não se trata dele, diretamente. Exceto que penso que estamos começando a repartir as coisas de maneira eqüitativa. Phil é o que melhor pode fazer um seguimento dele..., do Seth —se corrigiu com ênfase— e da escola, porque, realmente, ao Phil gostava da escola. E decidimos que alguém venha a ocupar-se da maior parte das tarefas domésticas um par de dias à semana.

Anna tinha ainda a imagem dele de pé sobre um atoleiro de sabão, com aspecto de fúria e desconcerto no rosto. Seus lábios tratavam seriamente de esboçar um sorriso.

—Estarão mais contentes.

—Espero não ter que voltar a ver uma bolsa de aspirador. Alguma vez te tem quebrado uma? —CAM se estremeceu deliberadamente, provocando a risada dela—. Em qualquer caso, ao Ethan deu um ataque de loucura. Eu estou atando cabos, Phillip precisa ocupar-se de algo se for ficar aqui..., embora pense ir e vir de Baltimore no momento. Assim vamos empreender esse negócio.

—Negócio? Que classe de negócio?

—Construção de navios.

Ela baixou a taça.

—ides construir navios?

—Eu construí muitos... igual a Ethan. E além disso, embora Phillip se dedicou à vida de traje e gravata, também construiu alguns. Os três trabalhamos no Skipjack com o que Ethan segue navegando.

—Isso está bem como diversão ou hobby. Mas pensar em iniciar um negócio, um negócio arriscado, de uma vez que tentam adotar a um menino menor...

—Não passará fome. Por Deus bendito, Ethan ganha a vida na baía, e Phil tem seu escritório em Baltimore. Eu poderia ter uma ocupação, assim que qual é o problema?

—Quão único digo é que em uma aventura desta natureza se emprega muito dinheiro e tempo, particularmente durante os primeiros meses. A estabilidade...

—Não é o único maldito tema. —Zangado, posou seu café e começou a passear-se—. Não poderia aprender o menino que na vida há algo mais que trabalhar de nove a cinco? Que há outras possibilidades, que um pode arriscar-se? O que tem que bom em que ele me veja costurado a aquela casa tirando o pó aos móveis e odiando cada minuto que emprego nisso? Ethan já tem um cliente, e se Ethan o tirou reluzir é porque o sopesou desde todos os ângulos. Ninguém pensa as coisas tanto como ele.

—E como você pensou que queria tratar isto comigo, eu simplesmente estou fazendo o mesmo. Sopesá-lo desde todos os ângulos.

—Mas pensa que seria melhor que eu encontrasse um trabalho bom, estável, com um horário fixo e que contribuísse um bom cheque, estável e fixo cada semana. —parou-se frente a ela—. É esse o tipo de homem que te atrai? que ficha às nove os cinco dias da semana, que te tira jantar uma noite chuvosa e deixa que largue a uma hora razoável sem tentar te convencer sequer de que te tire essa espécie de vestido?

Anna se tomou um minuto, recordando-se a si mesmo que não resolveria nada se os dois perdiam a batalha pelo temperamento.

—O que me atraia, o que tenha posto e como eu goste de passar as noites não é a questão neste momento. Trabalho no caso do Seth, e minha preocupação é que sua vida familiar seja o mais estável e feliz possível.

—por que o que eu construa navios lhe pode fazer infeliz?

—Minha pergunta respeito a esta sua idéia é se deixarão de emprestar atenção a ele para emprestar-lhe ao novo negócio. Um negócio que imagino que encontrarão excitante, desafiador e interessante, ao menos durante um tempo.

Seus olhos se entrecerraron.

—Você não crie que eu vá adaptar a esta situação, verdade?

—Isso terá que vê-lo. Mas acredito que o tentará. O que me preocupa é que penso que não o faz tanto pelo Seth como por seu pai. Por seus pais. Não é uma recriminação para ti, CAM —disse ela com suavidade —. Mas não é um ponto a favor do Seth.

Como diabos se pode discutir com uma mulher que insiste em pôr os pontos sobre as íes?

—Assim que você pensa que ele estaria melhor com estranhos?

—Não, eu acredito que ele estaria melhor contigo e seus irmãos. — Sorriu, satisfeita de lhe haver calado de momento—. E isso é o que contém meu relatório. Essa ideia de empreender um negócio de construção de navios é algo novo no que pensar, e espero que nenhum de vós trate de fazer as coisas depressa.

—Você navega?

—Não. Nunca o provei. por que?

—Eu não tinha estado nunca em minha vida em um navio até que Ray Quinn me levou a navegar.

Como recordava o modo em que aqueles olhos se enterneciam de compaixão, decidiu lhe contar o que tinha sido para ele.

—Eu estava assustado de morte, mas era muito duro para admiti-lo. Só tinha estado com eles uns dias, e nunca pensei que ficaria. Tirou-me o pequeno Sunfish que tinha naquele momento. Disse-me que o ar me sentaria bem.

Tudo o que tinha que fazer era pensar, e a imagem daquela manhã lhe veio à mente clara como a luz do dia.

—Meu pai era um grande homem: o imponente Quinn, forte como um touro. Eu sabia que o barquito ia derrubar, e que provavelmente me afogaria, mas ele tinha seu modo de conseguir que alguém fizesse as coisas.

«Isso é amor» —pensou Anna. Havia simples e puro amor em sua voz. Admitiu que lhe atraía cada pedaço daquele rosto tão formoso.

—Sabia nadar?

—Não, mas entretanto odiava que me fizesse levar um DFP: um dispositivo de flutuação pessoal —explicou ele—. Um salva-vidas. Eu pensava que aquilo era para meninas.

—Preferiria te haver afogado?

—Diabos, não, mas tinha que fazer que ele acreditasse. Em qualquer caso, sentei-me na popa com o estômago atendido. Levava aqueles óculos que minha mãe... Stella —corrigiu, pois ela era Stella então—, tinha tirado algum sítio porque tinha um olho mau e a luz do sol me fazia danifico.

Anna recordou que lhe tinham pego, maltratado e abandonado quando os Quinn lhe recolheram. Lhe saía seu coração pensando naquele menino pequeno.

—Devia estar aterrorizado.

—Até os ossos, mas me teria tragado a língua antes que reconhecê-lo. Ele devia sabê-lo —disse CAM brandamente—. Sempre sabia o que acontecia minha mente. Fazia calor e a umidade era alta, assim que cada vez que respirava era como se tragasse água. Disse que estaria mais afresco quando saíssemos do estreito para o rio, mas eu não lhe acreditei. Imaginei que simplesmente ficaríamos ali sentados e nos

fritaríamos. O navio nem sequer tinha motor. meu deus, como riu quando eu disse aquilo. Respondeu-me que tínhamos algo melhor que um motor. —CAM se tinha esquecido do café, deixando-se levar pelas lembranças—. Começam a nos deslizar pela água, lenta e brandamente ao princípio, e o navio se balançava nos giros, por isso eu pensei que já estava, que o jogo tinha terminado. Uma garça saiu de entre as árvores. Eu já a tinha visto uma vez. Ao menos eu gosto de pensar que era a mesma. Voava justo em cima do navio, com as asas desdobradas para apanhar o ar. Começamos a voar. O se deu a volta e me lançou um sorriso. Não me dava nem conta de que lhe estava devolvendo o sorriso até que voltei a abrir a boca. Nunca me havia sentido antes assim em minha vida. Nunca. —CAM elevou uma mão e distraidamente lhe pôs o cabelo detrás da orelha—. Nunca em minha vida.

—Isso te trocou. —Anna sabia que há momentos, simples e dramáticos de uma vez, que podem trocar o curso das coisas para sempre.

—Aí começou tudo. Um navio na água e pessoas que me davam uma oportunidade. Tão singelo como isso. Não tem por que ser muito mais complicado agora. Faremos que o menino empunhe o martelo e ponha um pouco de suor e esforço em construir um navio. Se for ser uma operação dos Quinn, isso inclui a ele.

O sorriso da Ana chegou rápida e plena e, para sua surpresa, a jovem lhe deu uns golpecitos na bochecha.

—Essa última parte o diz tudo. É uma aposta. Não estou segura sobre se for momento e lugar para uma aposta mas... será interessante de ver.

—Isso é tudo o que vais fazer? —CAM se tornou para frente, apoiando as costas dela contra a encimera—. me Observar?

—Eu não penso te tirar a vista de cima, profissionalmente falando, até me assegurar de que você e seus irmãos proporcionam ao Seth o lar e a custódia adequados.

—Parece-me justo. —CAM se aproximou um pouco mais, justo até que aqueles dois corpos bem construídos se roçaram—. E pessoalmente falando?

Anna fraquejou e teve que baixar o olhar. Sua boca era absolutamente

tentadora: perigosa e muito próxima.

—te olhar não custa nada. Pode que seja um engano, mas não me custa nada.

—Sempre penso que se a gente for cometer um engano... —disse colocando suas mãos sobre a encimera, aprisionando-a— que seja um grande. O que diz você, Anna? —Baixou a cabeça um pouco mais, e a roço.

A jovem tratou de pensar, de considerar as conseqüências. Mas havia vezes em que a necessidade, o desejo e a força simplesmente ultrapassavam a lógica.

—Que demônios! —murmurou ela e, cavando sua mão por detrás de seu pescoço, arrastou a boca dele para a sua.

Era exatamente o que desejava. Aquela fome, aquela ferocidade e aquele deixar-se levar. Sua boca era cálida e dura, sua maneira de beijar, como se fora a devorá-la, era quase uma heresia. Ela se abandonou e o deu tudo em um momento de loucura no que o corpo dominava à mente e o sangue podia à razão.

E se viu embargada pela emoção, qual queimação rápida, aguda, dolorosa, rápida e surpreendente.

—Deus meu —CAM se ficou sem respiração e a cabeça lhe dava voltas. Apoiou as mãos na encimera e logo a atraiu bruscamente para si.

Tudo o que pôde ter esperado, tudo o que pôde ter imaginado não era nada comparado com aquele vulcão que tinha entrado em erupção entre seus braços. Afundou uma mão em seu cabelo, aquele arbusto selvagem e frisado, e se aferrou a ele como se sua vida dependesse disso.

—Não posso —disse ela, mas seus braços lhe rodeavam, envolviam-lhe e parecia como se seu coração não pulsasse contra o seu a não ser dentro dele. Seu gemido era um murmúrio de prazer desesperado e delirante que soou na garganta no lugar exato em que ele mordeu, arranhou e cravou seus dentes grosseiramente.

Anna sentiu a encimera nas costas e lhe cravou os dedos nos quadris

enquanto lhe arrastava para ela. meu deus, queria contato, fricção, algo mais. voltou-se a encontrar com sua boca e se inundou uma vez mais no seguinte beijo.

Só um mais, prometeu-se a si mesmo, enquanto satisfazia e respondia a selvagem demanda dele.

O aroma da Anna diminuiu seus sentidos. Seu nome era um murmúrio nos lábios, um sussurro na mente. Seu corpo era um glorioso banquete preparado para ele. Nenhuma mulher lhe tinha cheio tão rápida, tão completa e tão intimamente.

—me deixe. —Era uma petição, e nunca lhe tinha rogado a nenhuma mulher em sua vida—. Por Deus bendito, Anna, me deixe te fazer minha —disse enquanto percorria as mãos por suas pernas, por aquelas coxas intermináveis— agora.

Ela o desejava. Teria sido tão fácil dar-se e receber. Mas sabia que o fácil não era sempre o adequado.

—Não. Agora, não. —A pena lhe afogava enquanto elevava as mãos rodeando sua cara. Durante um momento mais, suas bocas permaneceram juntas—. Ainda não. Não deste modo.

Os olhos dela estavam fechados, nublados. CAM sabia o suficiente e tinha suficiente experiência sobre como voltar para uma mulher louca de prazer.

—É perfeito assim.

—Não é o momento, nem as circunstâncias. Espera. —Anna pensou que algum dos dois tinha que mover-se. Romper esse contato. apartou-se e soltou um suspiro débil. Fechou os olhos e elevou uma mão para lhe manter afastado—. Bom —conseguiu dizer depois disto momento foi uma loucura.

CAM tomou a mão que ela tinha elevado, levou-a a seus lábios e cravou seus dentes em seu dedo indicador.

—Quem necessita prudência?

—Eu. —Anna quase conseguiu esboçar um sorriso sincero enquanto atirava de sua mão para liberá-la—. Não é que não o lamente

profundamente, mas preciso estar corda neste momento. minha mãe! —Voltou a dar um comprido suspiro e se passou a mão pelo cabelo—. Cameron, é muito mais capitalista do que imaginava.

—Não tenho feito mais que começar.

Ela ampliou o sorriso.

—Estou segura disso. —tornou-se para trás um pouco mais e agarrou o café que se estava esfriando rapidamente—. Não sei se este episódio nos vai deixar dormir bem esta noite, mas o problema é que ocorreu. —Inclinou a cabeça quando os olhos dele se entrecerraron—. O que passa?

—Muitas mulheres, especialmente as de sua posição, teriam posto desculpas.

—por que? —Ela elevou um ombro e se prometeu que tinha que recuperar-se pouco a pouco—. foi uma coisa tanto tua como minha. Estive-me perguntando o que se sentiria ao te rodear com os braços desde a primeira vez que te vi.

CAM pensou que não ia voltar a ser o mesmo.

—Acredito que estou louco por ti.

—Não, não o está. —Anna riu e lhe aconteceu o café—. Está intrigado, atraído e tiveste um são arrebatamento de luxúria, mas esses são temas totalmente diferentes. E nem sequer me conhece.

—Quero está-lo —disse deixando escapar uma risada breve—. E isso é uma grande surpresa para mim. Normalmente é algo que não me importa nada.

—Sinto-me adulada. Ignoro se se trata de um tributo a seus encantos ou minha própria estupidez, mas me sinto adulada. Entretanto...

—Maldita seja, sabia que isto ia chegar.

—Entretanto —repetiu ela colocando sua taça na pia—. Seth é minha prioridade. Tem que sê-lo. —A ternura, mescla de compaixão e compreensão, refletiu-se em seus olhos e despertou algo nele que estava enterrado baixo essa capa de sã luxúria—. E deveria ser a tua. Espero estar perto quando isso ocorra, se é que ocorre.

—Estou fazendo tudo o que posso.

—Sei que é assim. E está fazendo mais do que faria a maioria. —Ela roçou ligeiramente seu braço e logo se afastou—. Tenho a sensação de que ainda tem muito dentro. Mas...

—Aí está outra vez.

—Será melhor que vá.

CAM queria ficar, embora só fora para permanecer ali falando com ela, estando com ela.

—Não me terminei o café.

—Está frio. E se está fazendo tarde. —Jogou um olhar pela janela, onde as gotas de chuva corriam como lágrimas—. E a chuva faz que me questione coisas que não deveria me questionar.

O fez uma careta.

—Suponho que não haverá dito isso para me fazer sofrer.

—com certeza que sim. —Anna voltou a rir, dirigiu-se à porta e a abriu completamente—. Se eu for sofrer, por que você não?

—Eu gosto, Anna Spinelli. conquistaste meu coração.

—Você não está interessado em uma mulher que te conquiste o coração —respondeu enquanto ele cruzava a habitação—. Quer uma que te conquiste o corpo.

—Assim já vamos conhecendo melhor o um ao outro.

—boa noite. —Anna não opôs resistência quando ele atirou dela para lhe

dar outro beijo enquanto caminhava para a porta. A resistência teria sido um pretexto e ela não queria enganar-se a si mesmo.

Assim aceitou o beijo com o coração palpitante e verdadeiro entusiasmo. Logo lhe fechou a porta e se recostou contra ela sem forças.

Poderoso? Isso era pouco. Seu pulso ia seguir pulsando a toda máquina durante horas. Pode que dias. Desejou não haver-se sentido tão feliz por isso.

Sete

CAM olhava com o cenho franzido um cesto cheio de meias três-quartos e cueca rosas de jóquei quando o telefone soou. Sabia de sobra que aqueles meias três-quartos e aquela roupa interior tinham sido brancos, ou quase, quando os tinha metido na máquina de lavar roupa. Agora tinham a cor rosa dos ovos de páscoa.

Pode que tivessem esse aspecto porque estavam molhados. Tirou-os para colocá-los na secadora e então viu o meia três-quartos vermelho escondido entre a roupa. E apertou os dentes.

Phillip, jurou, era homem morto.

—Joder. —Colocou-os dentro, deu um golpe à secadora, pô-la a uma temperatura lhe torrem e se dirigiu a responder o telefone.

lembrou-se bem a tempo de baixar o volume do pequeno televisor portátil que estava metido na esquina da encimera. Não é que estivesse vendo a televisão, nem tampouco emprestando atenção às paixões e traições da telenovela da tarde. Simplesmente a tinha aceso para ouvir ruído.

—Quinn.

—O que?

—Olá, CAM. Há-me flanco muito te encontrar, tio. Sou Tod Bardette.

CAM agarrou um pacote aberto de bolachas da encimera e agarrou um punhado.

—Que tal vai, Tod?

—Bom, pois a verdade é que bastante bem. passei algum tempo ancorado no Grande Recife.

—Bonito sítio —murmurou CAM comendo uma bolacha. Logo, lhe dispararam as sobrancelhas ao ver uma mulher absolutamente esplêndida pulando na cama com um homem ridiculamente bonito na pequena tela que estava ao outro lado da cozinha.

Pode que, depois de tudo, tivesse algo a televisão matinal.

—Não está mau. Hão-me dito que esteve jodiendo ao pessoal no Mediterrâneo faz umas semanas.

Umas semanas?, pensou CAM enquanto mastigava uma segunda bolacha. Seguro que tinha sido faz anos quando atravessou voando a meta com seu aerodeslizador. Água azul, velocidade, gente encantadora e dinheiro para fundir.

Agora se conformava encontrando um pouco de leite na geladeira com a que tragar aquela bolacha rançosa.

—Sim, isso me hão dito também.

Tod soltou a típica gargalhada de homem rico.

—Bem, mantenho a oferta de compra daquele teu brinquedo. Mas tenho outra proposta que te fazer.

Tod Bardette sempre tinha outra proposta que fazer. Era o filho rico de um pai rico do leste de Telhas, que estava acostumado a utilizar o mundo como um pátio de recreio. E era aficionado aos navios. Pilotava-os, patrocinava carreiras e os comprava e vendia. Além disso, colecionava algemas e troféus, compartilhando a carteira com bastante regularidade.

CAM tinha pensado sempre que a sorte do Tod tinha estado de sua parte

desde que o conceberam. Como escutar não fazia danifico, e a cena de cama tinha ficado deslocada por um anúncio de uma escova gigante, apagou o aparelho.

—Sempre estou disposto a escutar propostas.

—Estou recrutando tripulação para A Coupe Internationale.

—A One-Tom Cup? —CAM notou um hormiguillo no estômago e perdeu todo interesse pelas bolachas e o leite. A carreira internacional era um gigante no mundo da navegação. Cinco mangas, e a última consistia em uma carreira no oceano de trezentas milhas exaustivas.

—Isso. Sabe que os australianos ganharam a taça o ano passado, assim que a têm aqui na Austrália. Quero lhes chutar o culo, e tenho o navio perfeito. É rápido, tio. Com a tripulação adequada conseguiremos voltar a trazer a taça aos Estados Unidos. Necessito um patrão. Quero o melhor. Quero a ti. Quando pode chegar aqui?

«me dê cinco minutos.» Isso é o que lhe teria gostado de dizer. Podia preparar uma bolsa em um minuto, agarrar um avião rapidamente e ficar de caminho. Para a gente que competia, esta era uma das oportunidades de ouro na vida. Mas quando foi abrir a boca, seu olhar aterrissou sobre a cadeira de balanço que estava fora da janela da cozinha.

Assim fechou os olhos e escutou com aborrecimento o som dos meias três-quartos rosas que se secavam no quarto de máquinas que estava a suas costas.

—Não posso, Tod. Não me posso largar agora.

—Olhe, quero te dar algum tempo para que ponha tudo —deu um bufo— em ordem. Tome um par de semanas. E se tiver alguma outra oferta, amassarei-a.

—Não posso fazê-lo. Tenho que... —Fazer a penetrada? Educar a um menino? Maldita seja, seria humilhante soltar essa informação—. Meus irmãos e eu iniciamos um negócio —disse impulsivamente—. Tenho obrigações que cumprir.

—Um negócio? —Esta vez a risada foi muito larga—. Você? Não me

faça rir tanto que dói.

Os olhos do CAM se entrecerraron. Não duvidava de que Tod Bardette, do leste de Telhas, uniria-se a alguns de seus amigos e conhecidos para rir ante a idéia de ver o Cameron Quinn como empresário.

—vamos construir navios —disse entre dentes—, aqui neste costa. Navios de madeira. Trabalhos de encargo —acrescentou disposto a chegar até o final—. únicos. Em seis meses pagará um montão de dólares para que os Quinn lhe desenhem e construam um navio. Como somos velhos amigos, não me aproveitarei de ti.

—Navios. —A voz do Tod refletia um interesse em aumento—. Bem, sabe como pilotá-los, assim pode que saiba como construi-los.

—Estou seguro disso.

—Essa é uma empresa interessante mas, vamos, CAM, você não é um empresário. Não te vais ficar pego a uma pequena baía de Maryland comendo caranguejos e cravando pranchas de madeira. Sabe o que farei que esta carreira te compense economicamente; dinheiro, fama e fortuna. —E soltou uma risada sufocada—. Uma vez que ganhemos podem voltar e juntar um par de veleiros.

Podia controlá-lo, pensou CAM. Podia controlar os insultos e a frustração de não poder fazer a bagagem e ir-se aonde quisesse. O que não podia fazer era lhe proporcionar ao Bardette a satisfação de saber que estava alterado.

—vais ter que te buscar outro patrão. Mas se queria comprar um navio, me chame.

—Se pode terminar realmente um, me chame. —ouviu-se um suspiro através do receptor telefônico—. Está perdendo uma oportunidade única na vida. Se trocar de opinião nas próximas duas horas, faça-me saber. Mas preciso completar minha tripulação esta semana. Falamos.

E CAM pôde escutar o tom de chamada.

Não arrojou o receptor pela janela. Tinha-o desejado e considerado, mas logo se imaginou recolhendo os cristais. Merecia a pena?

Assim pendurou o telefone com lentidão. Inclusive deu um comprido

suspiro. E se o que tinha metido na máquina de lavar roupa não tivesse eleito aquele momento para centrifugar e fazer que a máquina saltasse, ele não teria dado um murro contra a parede.

—Por um minuto pensei que o aceitaria.

deu-se a volta e viu seu pai sentado na mesa da cozinha, renda-se.

—meu deus, isto é o cúmulo.

—por que não agarra gelo para os nódulos?

—Estão bem. —CAM baixou o olhar para vê-los. Um par de arranhões. Aquela dor aguda era boa para aceitar a realidade—. pensei nisto, papai. Realmente pensei nisso. Simplesmente não me acredito que esteja aqui.

Ray seguiu sonriendo.

—Você está aqui, CAM. Isso é o que importa. foi duro rechaçar uma carreira como essa. Agradeço-lhe isso. Estou orgulhoso de ti.

—Bardette disse que tinha o navio perfeito. E com tudo esse dinheiro detrás... —CAM apertou suas mãos contra a encimera e olhou as tranqüilas águas através da janela—. Poderia ganhar nesse bastardo. Dirigi uma tripulação e obtive o segundo posto na Pequena Taça a América faz cinco anos, e ganhei a Chicago-Mackinac o ano passado.

—É um bom marinho, CAM.

—Sim. —Dobrou os punhos—. Que diabos estou fazendo aqui? Se isto continuar assim me vou fazer um perito em telenovelas. Começarei a pensar que Lilac e Lance não são só pessoas reais a não ser além meus amigos pessoais. Começarei-me a obcecar com o fato de que a brancura de minha roupa de esporte não é suficiente. Recortarei cupons e colecionarei receitas, e começarei a perder a cabeça.

—Surpreende-me quando pensa em te ocupar de uma casa nesses términos. —A voz do Ray era agora séria, com tinturas de desilusão—. Criar um lar e cuidar de uma família é um trabalho importante. O trabalho mais importante que há.

—Esse não é meu trabalho.

—Parece que o é agora. Sinto muito.

CAM se deu a volta. Quando vai se manter uma conversação com uma alucinação é melhor olhá-la.

—por que? Por nos haver vexado morrendo ?

—Sim, a verdade é que foi uma tarefa para todo mundo.

CAM se teria rido, pois o comentário e o tom irônico eram típicos do Ray Quinn. Mas tinha que soltar o que o reconcomía o pensamento.

—Algumas pessoas dizem que te equilibrou sobre o poste.

O sorriso do Ray desapareceu e seus olhos se voltaram tristes e sérios.

—Você o crie?

—Não. —CAM soltou um suspiro—. Não, não acredito.

—A vida é um presente. Não sempre é confortável, mas é um tesouro. Eu não lhes teria feito mal a ti e a seus irmãos acabando com a minha.

—Sei —murmurou CAM—. É um alívio ouvir lhe dizer isso, mas sei.

—Poderia ter parado algumas costure. Poderia ter feito as coisas de forma diferente. —Suspirou e fez girar sua aliança de casamento de ouro —. Mas não o fiz. Agora depende de vós: de ti, do Ethan e do Phillip. Havia uma razão para que os três ficassem comigo e com o Stella. Uma razão para que estiveram juntos. Sempre o acreditei, e agora sei.

—E o que passa com o menino?

—O sítio do Seth está aqui. Necessita-lhes. Agora tem problemas e necessita que lhe recordem o que era este sítio antes.

—O que quer dizer com isso de que tem problemas?

Ray sorriu um pouco.

—Responde o telefone —sugeriu uns segundos antes de que soasse, e logo partiu.

—Tenho que começar a dormir mais —decidiu CAM, e logo arrancou de um puxão o telefone de seu suporte— Sim, sim.

—Olá?, senhor Quinn?

—Sou eu. Cameron Quinn.

—Senhor Quinn, sou Abigail Moorefield, subdirectora da Escola secundária do St. Christopher.

CAM sentiu que lhe caía a alma aos pés.

—Uy, uy...

—Sinto lhe dizer que temos um problema. Tenho ao Seth DeLauter em meu escritório.

—Que classe de problema?

—Seth se brigou com outro estudante. foi expulso, senhor Quinn, agradeceria-lhe que viesse a meu escritório para lhe explicar o assunto e que se levasse ao Seth a casa.

—Bem, estupendo. —Sem saber o que fazer, CAM se passou uma mão pelo cabelo—. Vou para lá.

CAM comprovou que a escola não tinha trocado muito desde que ele esteve ali. A primeira manhã que atravessou suas pesadas portas, Stella Quinn teve que atirar dele.

Agora tinha quase dezoito anos mais, e tampouco lhe atraía muito.

Os chãos eram de linóleo claro, a luz entrava pelos grandes ventanales e cheirava a caramelos de contrabando e a suor infantil.

CAM introduziu as mãos nos bolsos e se dirigiu aos escritórios de administração. Conhecia o caminho. depois de tudo, tinha-o percorrido inumeráveis vezes em direccción por volta desses despachos durante sua estadia no St. Chris.

Não era a mesma secretária com olhos de águia a que dominava o escritório da habitação exterior. Esta era mais jovem e alegre, e lhe obsequiava com seus melhores sorrisos.

—No que posso lhe ajudar? —perguntou com uma voz enérgica.

—Estou aqui para entregar a fiança do Seth DeLauter.

Ela piscou para ouvir aquilo, e seu sorriso se voltou confusa.

—Desculpe?

—Quero ver a subdirectora.

—OH, quer você dizer a senhora Moorefield. Sim, está-lhe esperando. Segunda porta deste corredor à direita. —O telefone soou e ela o desprendeu de um puxão—. bom dia —disse com voz cantarina—, Escola secundária St. Christopher. Fala com a Kathy.

CAM pensou que preferia a arpía que custodiava os escritórios em seus dias antes que a esta coquete intrusa. Quando começou a andar para a porta ergueu as costas, apertou a mandíbula e as Palmas de suas mãos lhe umedeceram.

Algumas costure nunca trocavam.

A senhora Moorefield estava sentada depois da mesa, colocando dados no ordenador com calma. Suas mãos se moviam com eficácia e o movimento ia acorde com ela. Seu aspecto era pulcro e asseado, e rondaria os cinqüenta. O cabelo era curto e lustroso, de cor castanha clara, e o rosto sereno e brandamente atrativo.

Sua aliança de ouro de casada captava a luz à medida que os dedos se moviam no teclado. As únicas jóias que levava eram umas singelas conchas de ouro nas orelhas.

Ao outro lado da habitação, Seth se achava fundo em uma cadeira, olhando ao teto. CAM pensou que parecia aborrecido, embora tinha um aspecto mal-humorado. deu-se conta de que o menino necessitava um corte de cabelo, e se perguntou quem teria que ocupar-se daquilo. Levava uns jeans com os baixos feitos farrapos, um pulôver duas talhas maior e umas sapatilhas incrivelmente sujas.

Ao CAM pareceu que seu aspecto era absolutamente normal.

Chamou brandamente à porta. Tanto a subdirectora como Seth lhe olharam, mas com duas expressões absolutamente diferentes. O sorriso da senhora Moorefield lhe dava a bem-vinda de maneira educada. Seth lhe olhou com desprezo.

—Senhor Quinn.

—Sim. —Logo recordou que se supunha que estava ali como um tutor responsável—. Espero que possamos resolver isto, senhora Moorefield. —Compôs seu melhor sorriso e se dirigiu à mesa tendendo a mão.

—Agradeço-lhe que tenha vindo tão rápido. Quando temos que empreender uma ação disciplinadora desagradável como esta contra um estudante, queremos que os pais ou responsáveis tenham a oportunidade de compreender a situação. Sente-se por favor, senhor Quinn.

—Qual é a situação? —CAM tomou assento e se deu conta de que aquilo gostava tão pouco como antes.

—Temo-me que Seth atacou a outro estudante esta manhã, entre classes. O outro menino está sendo atendido pela enfermeira da escola, e seus pais já foram informados.

CAM elevou uma sobrancelha.

—E onde estão?

—Os pais do Robert estão trabalhando neste momento. Mas em qualquer caso...

—por que?

Ela recuperou seu sorriso de forma atenta e inquisidora.

—por que, senhor Quinn?

—por que Seth deu um murro ao Robert? —A senhora Moorefield suspirou.

—Acredito que acaba você de assumir a custódia do Seth, assim pode que não esteja informado de que esta não é a primeira vez que se brigou com outros estudantes.

—Sei. Estou perguntando pelo incidente.

—Muito bem —respondeu ela juntando as mãos—. Segundo Robert, Seth lhe pediu que lhe desse um dólar, e quando Robert se negou a dar-lhe Seth lhe golpeou. A este respeito —acrescentou, voltando sua vista para o menino— Seth nem confirma nem nega nada. A política escolar requer que os estudantes sejam expulsos durante três dias como ação disciplinadora, em caso de que se metam em brigas nas instalações da escola.

—Está bem. —CAM ficou de pé mas, quando Seth começou a levantar-

se, apontou-lhe com um dedo—. Fique aí —lhe ordenou, e logo ficou de cuclillas até que estiveram cara a cara—. Tratou de sacudir a esse menino?

Seth elevou um ombro.

—Isso é o que ele diz.

—Deu-lhe um murro.

—Sim, esmurrei-lhe. No nariz —acrescentou com um débil sorriso, e se apartou o cabelo cor pajizo que tinha sobre os olhos—. Dói mais.

—por que o fez?

—Pode que eu não gostasse de sua cara gorda.

Com a paciência tão rota como os jeans do Seth, CAM lhe agarrou pelos ombros. Quando Seth se estremeceu e soltou um suspiro, os sinos de alarme se apagaram. antes de que Seth pudesse livrar-se dele, CAM atirou da manga daquele pulôver tão grande. Umas feias feridas, rastros de nódulos, pensou CAM, percorriam o braço do ombro até o cotovelo.

—Solta —disse Seth com aspecto envergonhado e retorcendo-se, mas CAM não lhe soltou. Tinha arranhões no alto das costas, tintos e em carne viva.

—te esteja aquieto —ordenou CAM. Soltou-lhe e colocou suas mãos nos braços da cadeira. Os olhos se fixaram no Seth—. Me vais dizer o que aconteceu. E nem te ocorra me mentir.

—Não quero falar disso.

—Não te perguntei o que quer. Estou-te dizendo que o solte. Ou —acrescentou baixando a voz para que só lhe pudesse ouvir Seth— vais deixar que esse valentão se vá sem mais?

Seth abriu a boca e a voltou a fechar. Teve que fixar a mandíbula para que não lhe tremesse.

—Robert estava cheio o saco. Tivemos uma prova de história o outro dia e eu tirei um dez. Qualquer idiota o teria tirado, mas ele é mais que idiota e suspendeu. Assim começou a me incomodar, me perseguindo pelo vestíbulo, me cravando. Larguei-me porque me põe doente a EDE.

—O que?

Seth girou os olhos.

—A Expulsão Da Escola. Aborrece-me. Não queria que me expulsassem, assim segui andando. Mas ele seguiu me cravando e me insultando: cara de ovo, mascote dos professores e toda essa mierda. Não deixava de me incomodar. Mas logo me empurrou para os fichários e me disse que eu não era mais que um filho de puta e que todo mundo sabia, assim que lhe peguei.

Envergonhado e enojado, elevou os ombros com desafio.

—Assim tenho umas férias de três dias. Estupendo.

CAM assentiu e se levantou. Quando se deu a volta seus olhos estavam cheios de fúria.

—Você não vai expulsar a este menino por defender-se de um valentão ignorante. E se o tenta, porei sua cabeça ante o Conselho de Educação.

Absolutamente assombrado, Seth olhou ao CAM de abaixo. Ninguém lhe tinha defendido nunca. Jamais tivesse esperado que ninguém lhe defendesse.

—Senhor Quinn...

—Ninguém chama a meu irmão filho de puta, senhora Moorefield. E se não ter você uma política escolar contra os insultos maliciosos e a perseguição, deveria tê-la, maldita seja. Assim que o estou dizendo, mais vale que volte a jogar uma olhada a esta situação e que se volte a pensar melhor quem tem que ser expulso. Além disso, pode lhes dizer aos pais do pequeno Robert que se não quererem que seu filho chore porque lhe têm quebrado o nariz, mais vale que lhe ensinem bons maneiras.

Ela se tomou um tempo antes de falar. Tinha ensinado e assessorado a meninos desde fazia trinta anos. O que viu no rosto do Seth era esperança, com assombro e cautela, mas esperança ao fim. Era um olhar que ela não queria que se apagasse.

—Senhor Quinn, pode estar seguro de que investigarei este assunto em profundidade. Não sabia que Seth tinha sido insultado. Se queria lhe

levar a enfermaria enquanto falo com o Robert Y... outros...

—Posso lhe cuidar eu mesmo.

—Como quero. Sotaque anulada a expulsão até que me convençam os fatos.

—Faça isso, senhora Moorefield, mas me convencem os fatos. Agora me vou levar a casa ao Seth durante o resto do dia. Já teve bastante por hoje.

—Estou de acordo com você.

O menino não parecia confundido quando chegou a seu escritório, pensou ela. Parecia um galo de briga. Tampouco parecia confundido quando lhe disse que se sentasse e chamou a sua casa. Tinha um aspecto beligerante.

Mas, finalmente, agora parecia confundido. Tinha o olhar vazio e assombrado, e as mãos agarravam os braços da cadeira. O fino e duro escudo que ele se colocou ao redor, um escudo que nem ela nem nenhum de seus professores tinham conseguido mais que arranhar, quebrado-se.

Pensou que agora teriam que averiguar o que se podia fazer por ele.

—Se trouxer para o Seth pela manhã ao colégio e se encontra comigo aqui, resolveremos o assunto.

—Estaremos aqui. Vamos —disse ao Seth e se dirigiu para fora.

Quando caminhavam pelo vestíbulo para as portas de entrada, os passos retumbavam com som oco. CAM olhou para baixo e percebeu que Seth se olhava os sapatos.

—Ainda me põe a carne de galinha —comentou.

Seth deu um empurrão à porta.

—O que?

—O som que se produz ao percorrer o comprido caminho para o despacho da subdirectora.

Seth soprou, elevou os ombros e seguiu caminhando. Tinha a sensação

de que milhares de mariposas se estavam brigando dentro do estômago.

A bandeira americana no alto do poste próximo ao estacionamento ondeava ao vento. Através de uma janela aberta a suas costas chegava o som patético e desafinado de uma classe de música a metade de amanhã. A escola elementar estava separada da secundária por uma estreita franja de erva e uns tristes arbustos de folha perene.

Ao outro lado do pequeno atalho exterior se elevava o edifício de tijolos marrons de secundária. Parecia mais pequeno agora, quase peculiar, conforme comprovou CAM, e não se assemelhava à a prisão que ele se imaginou um dia que era.

recordava-se a si mesmo recostando-se com pereça sobre a capota de seu carro de segunda mão naquele estacionamento olhando às garotas. Atravessando aqueles ruidosos corredores para ir de uma classe a outra, e olhando às garotas. Sentado naquelas cadeiras que lhe intumesciam o traseiro durante as classes que lhe intumesciam o cérebro, e olhando às garotas.

O fato de que sua experiência em secundária chegasse até ele como um desfile das mais variadas formas femininas lhe fez ficar quase sentimental.

Logo, o timbre soou de maneira estridente e o ruído através das janelas abertas que se achavam atrás dele se elevou. O sentimentalismo se evaporou rapidamente. Graças a Deus, aquele capítulo de sua vida tinha terminado: isso é tudo no que pôde pensar.

Mas recordou que aquilo não tinha terminado para o menino. E como ele estava ali poderia tratar de lhe ajudar. Abriram as duas portas do Corvette e CAM se deteve, esperando a que seus olhos se encontrassem.

—Assim crie que lhe rompeu o nariz a esse gilipollas?

Um indício de sorriso se desenhou na boca do Seth.

—Pode.

—Bem. —CAM se introduziu no carro e fechou a porta—. Pegar no nariz está bem, mas se não querer que o sangue danifique as coisas, lhe

pegue nas tripas. Um bom murro, forte e direto nas tripas, não deixará nenhum sinal.

Seth considerou o conselho.

—Queria lhe ver sangrar.

—Bem, cada um escolhe na vida. Faz bom dia para navegar —disse enquanto arrancava o motor—. Poderíamos tentá-lo.

—Isso acredito. —Seth se toqueteó as joelheiras de seu jeans. Alguém lhe tinha defendido, era tudo no que sua confusa mente podia pensar. Tinha-lhe acreditado, tinha-lhe defendido e se pôs de sua parte. Doía-lhe o braço, doíam-lhe os ombros, mas alguém se pôs de sua parte—. Obrigado —disse em um sussurro.

—Não há problema. Se te colocar com um Quinn te coloca com todos eles. —Olhou por cima enquanto saía do estacionamento e viu que Seth lhe observava—. Assim é como funciona a coisa. Em qualquer caso, compremos uns hambúrgueres ou algo para tomar no navio.

—Sim, gostaria de comer algo —disse Seth passando uma mão por debaixo do nariz—. Tem um dólar?

Quando CAM pôs-se a rir e pisou no acelerador, Seth pensou que era um dos melhores momentos de sua vida.

O vento do sudoeste soprava de forma constante e as ervas do pântano se agitavam perezosamente. O céu estava espaçoso e seu azul resplandecia; um marco perfeito para a garça que elevava o vôo da erva açoitada pelo vento, da água brilhante, e logo descendia como uma cometa branca e cintilante para pescar o almoço.

Por impulso, CAM tinha introduzido alguns arranjos de pesca no navio. Com um pouco de sorte, jantariam pescado frito.

Seth sabia já algo mais de navegação do que CAM esperava. Possivelmente não deveria haver-se surpreso por isso. Anna disse que o menino tinha uma mente rápida e Ethan lhe tinha ensinado bem e com

paciência. Quando viu com que facilidade dirigia Seth os linhas, confiou-lhe o equilibrado do foque. As velas caçaram o vento e CAM desfrutou da velocidade.

Deus!, o sentia falta de. A velocidade, a potência, o controle. Aquilo lhe impregnava dentro, lhe limpando a mente de preocupações, obrigações, desilusões e inclusive da dor. A água por debaixo e o céu em cima, e suas mãos postas no leme mimando o vento, desafiando-o, desafiando-o para obter mais.

detrás dele Seth fazia gestos, surpreendendo-se a si mesmo quando soltou um grito de prazer. Nunca tinha ido tão rápido. Com o Ray tinham ido lentos e constantes, e com o Ethan trabalhando e fazendo perguntas. Mas isto era uma carreira selvagem e livre, subindo e baixando as ondas, e lançados como uma grande bale branca para nenhuma parte.

O vento quase lhe arrancou a boina, assim girou a viseira para trás para que a brisa não pudesse caçá-la e arrebatar-lhe —Creo que treinta y uno —contestó Seth subiéndose las gafas de sol envolventes y mirando hacia el muelle—. Esperaba ver a Grace. Quería saludar a alguien conocido.

Voaram ao longo da linha de costa e passaram por diante dos moles, que tinham sido o eixo do St. Chris antes de seu declive. Um velho Skipjack fora de uso, símbolo do modo de vida dos marinheiros, estava ancorado ali.

Os homens e mulheres que faenaban na baía deixavam ali sua captura diária. Nesta época do ano pescavam platijas, réus, peixes de rocha Y...

—Que dia é hoje? —perguntou CAM enquanto olhava por cima do ombro.

—Acredito que trinta e a gente —respondeu Seth subindo-as óculos de sol envolventes e olhando para o mole—. Esperava ver o Grace. Queria saudar alguém conhecido.

—A temporada do caranguejo começa amanhã. Maldita seja. Asseguro-te que Ethan trará amanhã um cubo cheio dessas belezas. Poderemos comer como reis. Você gosta dos caranguejos, não?

—Não sei.

—O que significa isso de que não sabe? —CAM abriu a argola de uma lata da Coca-cola e tragou o líquido—. Não provaste alguma vez os caranguejos?

—Não.

—Será melhor que prepare a boca para um manjar, menino, porque o comerá amanhã. Observando o movimento do CAM, Seth agarrou uma bebida.

—Nada do que você cozinha é um manjar.

Disse-o com um sorriso, e recebeu outra de volta.

—Posso cozinhar caranguejos bastante bem. Não é difícil. Coze a água, joga montões de especiarias e logo coloca a esses bastardos ruidosos na panela...

—Vivos?

—É a única maneira.

—Isso é um asco.

CAM não trocou quase de postura.

—Não vivem muito tempo. E logo se convertem em jantar. Acrescenta-lhe um pacote de seis cervejas e tem um festim. E dentro de umas semanas falaremos dos caranguejos tenros. Introduz-os dentro de um par de fatias de pão e lhe come isso.

Esta vez Seth sentiu que o estômago lhe dava voltas.

—Eu não.

—É apreensivo?

—Sou civilizado.

—Joder. Às vezes, os sábados do verão, papai e mamãe nos levavam aos moles. Procurávamo-nos alguns sanduíches de caranguejos tenros, um bote de batatas fritas em azeite de amendoim e observávamos aos turistas que tratavam de imaginá-lo que comíamos. Partíamo-nos o culo de risada.

A lembrança lhe fez ficar triste por um momento e tratou de sacudi-la

pena de cima.

—Às vezes navegávamos como hoje. Ou cruzávamos para o rio e pescávamos. A mamãe não gostava de muito pescar, assim nadava, logo se dirigia à costa, sentava-se na borda e lia.

—E por que não ficava simplesmente em casa?

—Gostava de navegar —disse CAM com suavidade—. E gostava de estar aqui.

—Ray disse que ficou doente.

—Sim, ficou doente. —CAM soltou um suspiro. Tinha sido a única mulher a que tinha amado, e a única mulher a que tinha perdido. Sua perda lhe seguia estremecendo e era como se lhe tivessem amputado as pernas.

—Vamos —disse—, vamos para o Annemessex e vejamos se lança algo.

A nenhum dos dois lhe ocorreu pensar que as três horas que passaram na água tinham sido as mais pacíficas que tinham desfrutado desde fazia semanas.

E quando retornaram a casa com seis robalos raiados, estavam em total harmonia pela primeira vez.

—Sabe como limpá-los? —perguntou CAM.

—Possivelmente. —Ray lhe tinha ensinado, mas Seth não era tolo e acrescentou—: Eu agarrei quatro dos seis, assim que isso significa que te toca limpá-los a ti.

—Isso é o melhor de ser o chefe —começou a dizer CAM, e logo se interrompeu quando viu lençóis pendurando do antigo varal. Não tinha visto nada pendurando dali desde que sua mãe ficou doente. Por um momento teve medo de sofrer outra alucinação, e lhe secou a boca.

Logo a porta traseira se abriu e Grace Monroe entrou no alpendre.

—Olá, Grace.

Era a primeira vez que CAM ouvia a voz do Seth com tal felicidade e alegria infantil. Surpreendeu-lhe tanto que elevou a vista de forma

brusca, e logo quase lhe cai a geladeira portátil aos pés quando Seth deixou cair seu extremo e se precipitou para frente.

—Tudo bem? —Grace tinha uma voz agradável que contrastava com seu aspecto distante. Era alta e magra, com pernas largas que lhe tinham feito sonhar antigamente sendo bailarina.

Mas Grace tinha aprendido a deixar de lado a maioria de seus sonhos.

Tinha o cabelo talhado ao menino por comodidade. Não tinha tempo nem vontades de preocupar-se com seu estilo. Sua cor era loira escura, e às vezes estava veteado de uma cor mais clara durante o verão. Os olhos eram verde claro, e muito freqüentemente tinham sombras a seu redor.

Mas seu sorriso era puro e claro, e nunca deixava de aparecer em sua cara, ou de marcar a covinha que me sobressaía justo debaixo da boca.

Uma mulher bonita, pensou CAM, com cara de duende e voz de sereia. Surpreendia-lhe que os homens não se rendessem a seus pés.

O menino quase o fez, pensou CAM surpreso ao ver o Seth correndo para seus braços abertos. O a abraçou e lhe devolveu o abraço: aquele moço picajoso ao que não gostava que lhe tocassem. Logo se ruborizou, deu um passo atrás e começou a jogar com o cachorrinho, que seguia ao Grace por toda a casa.

—Boa tarde, CAM —saudou Grace enquanto se protegia os olhos do sol com a palma da mão—. Ethan veio ao pub ontem à noite e me disse que poderia dar uma mão por aqui.

—vais ocupar te do trabalho de casa?

—Bom, posso lhes ajudar três horas durante dois dias à semana até...

Grace não pôde continuar, pois CAM deixou cair a geladeira, subiu três degraus de uma vez e a agarrou para lhe dar um beijoca e entusiasta. Aquilo fez que ao Seth quase lhe pusessem os cabelos de ponta, mesmo que Grace estivesse gaguejando e rendo.

—Isso esteve bem —alcançou a dizer ela—, mas mesmo assim me terão que pagar.

—me diga o preço. Adoro-te. —Agarrou suas mãos e foi plantando beijos nelas—. Daria minha vida por ti.

—Vejo que aqui me vai apreciar... e a necessitar. Tenho esses meias três-quartos rosas metidos em água com lejía. vou ver se tiver funcionado.

—O meia três-quartos vermelho era do Phil. Ele tem a culpa. Que homem razoável possui um par de meias três-quartos vermelhos?

—Já falaremos mais sobre a organização da penetrada... e a dos bolsos. Um livrinho negro de alguém estava metido no último lavado.

—Joder. —CAM viu como ela mantinha o olhar com as sobrancelhas arqueadas sobre o menino e se esclareceu voz—. O sinto, acredito que é meu.

—Fiz limonada e ia fazer algum guisado, mas parece que vós já trouxestes o jantar.

—a de esta noite, mas também se poderia fazer algum guisado.

—Bem. Ethan não tinha muito claro o que poderia querer ou necessitar. Possivelmente deveríamos repassar algumas costure.

—Querida, faz o que pense que vamos necessitar, e sempre será mais do que lhe possamos pagar.

Grace já tinha jogado uma olhada: roupa interior rosa, pó de uma quarta de espessura sobre uma mesa e substâncias sem identificar aderidas à outra. E a cozinha? Só Deus sabia quando foi a última vez que se limpou.

Era agradável que a necessitassem. Estava bem saber o que era o que terei que fazer.

—Iremos improvisando, pois. Pode que algumas vezes precise trazer para a menina. Julie a cuida de noite quando eu trabalho no pub, mas não sempre posso encontrar a alguém que se dela ocupe. É uma boa menina.

—Posso-te ajudar eu —se ofereceu Seth—. Volto da escola às três e meia.

—Desde quando? —quis saber CAM e Seth se encolheu de ombros.

—Quando não tenho EDE.

—Ao Aubrey adora jogar contigo. Ainda fica uma hora aqui —comentou, já que era uma mulher que estava constantemente forçada a programar o tempo—. Assim farei esse guisado e o porei na geladeira. Só terão que esquentá-lo quando o necessitarem. Deixarei-lhes a lista de produtos de limpeza que lhes faltam, ou posso comprá-los eu se quiserem.

—comprá-los? —perguntou CAM, que se teria posto de joelhos a seus pés naquele momento—. Quer um aumento?

Ela riu e se dirigiu para dentro.

—Seth, vigia que esse cachorrinho se afaste das tripas de pescado. Se não, estará cheirando durante uma semana.

—Bem. De acordo. Acabo em um minuto e ponho a isso. —levantou-se e saiu do alpendre para que Grace não pudesse lhes ouvir através da porta. Com valentia, olhou ao CAM—. Não vais começar a ligar com ela, verdade?

—Ligar com ela? —repetiu. Por um momento ficou em branco e logo agitou a cabeça—. Por amor de Deus. —Elevando com esforço a geladeira portátil, deu um rodeio à lateral da casa até chegar à mesa de limpar o pescado—. Conheço o Grace há meia vida e não me dedico a ligar com cada mulher que vejo.

—Vale.

Foi o tom do menino o que fez que CAM se passasse a língua pelos dentes enquanto depositava a geladeira no chão. Um tom possessivo, proprietário e satisfeito.

—Assim... jogaste-a o olho, não?

Seth ficou um pouco avermelhado e abriu a gaveta para procurar a balança do pescado.

—Simplesmente me preocupo com ela, isso é tudo.

—Está claro que é bonita —disse CAM brandamente com o prazer de ver como se acendiam os olhos do Seth de inveja—. Mas o que passa é que agora estou ligando com outra mulher, e é um pouco delicado se o tentar com mais de uma mulher de uma vez. Além disso, esta fêmea em particular vai ser muito difícil de convencer.

Oito

Decidiu que devia começar a ligar-se a Anna. Como estava pensando nela CAM deixou ao Seth ocupando-se dos dois últimos peixes que lhe tocavam, e se dedicou a perambular pela casa. Fez umas adulações ao que Grace estava guisando na cozinha, e logo se foi acima.

Teria um pouco mais de privacidade no telefone de sua habitação. E o cartão de visita da Anna estava em seu bolso. parou-se na porta de seu quarto e quase chora de alegria. A cama estava recém feita, a colcha verde lisa alisada de forma profissional e os travesseiros cavados; além disso, soube que algumas dos lençóis que penduravam no varal eram delas.

Essa noite dormiria sobre lençóis frescas e podas que não tinha tido que lavar ele. Isso fez que a perspectiva de dormir sozinho fora um pouco mais passível.

A superfície do velho aparador de carvalho não só estava poda de pó, mas também reluzia. As estanterías, que normalmente continham a maior parte de seus troféus e novelas favoritas, estavam ordenadas, e a cadeira estofada que tinha pego para encher a de coisas estava agora vazia. Não tinha nem idéia de onde teria posto ela aquelas coisas, mas pensou que as encontraria no lugar adequado.

Possivelmente se tinha quebrado vivendo em hotéis durante os últimos anos, mas seu coração se sentia bem ao entrar em sua habitação e não ver uma dúzia de coisas por fazer que lhe saltassem imediatamente à vista.

As coisas foram melhorando, assim que se atirou na cama, estirou-se e agarrou o telefone.

—me diga? —disse em tom baixo e profissionalmente neutro.

Fechou os olhos para poder fantasiar melhor sobre seu aspecto. Gostava da idéia de imaginá-la depois de uma mesa burocrática mas

levando o ajustado vestido azul da noite anterior.

—Senhorita Spinelli. O que lhe parecem os caranguejos?

—Né...

—me deixe voltar a começar. —estirou-se até ficar quase plano e se deu conta de que poderia dormir em cinco minutos sem quase tentá-lo—. O que te parece tomar caranguejos cozidos?

—Parece-me bem.

—Bem. Que tal manhã de noite?

—Cameron...

—Aqui —especificou—. Em casa. É uma casa que nunca está vazia. Amanhã é o primeiro dia de temporada do caranguejo. Ethan trará para casa um cubo. Cozinharemo-los. Assim poderá ver como os Quinn..., como o diria você?..., relacionam-se, interaccionan. Ver como progride Seth, aclimando-se a seu particular entorno caseiro.

—Isso está muito bem.

—Ouça, tratei antes com trabalhadores sociais. É obvio, ninguém que levasse saltos altos azuis, mas...

—Estava fora de meu horário de trabalho —lhe recordou ela—. Entretanto, penso que o jantar pode ser uma idéia factível. A que hora?

—Às seis e meia ou assim. —CAM escutou a revoada de papéis e se deu conta de que lhe incomodava que ela estivesse comprovando sua agenda.

—Muito bem, sim posso. Às seis e meia.

Soava totalmente como uma trabalhadora social lhe dando uma entrevista que lhe quadrasse.

—Está sozinha aí?

—Em meu escritório? Sim, de momento. por que?

—Só me perguntava isso. estive pensando em ti hoje todo o tempo. por que não deixa que vá à cidade para te buscar amanhã, e logo te volto a levar a casa? Poderíamos parar Y... me tinha ocorrido saltar ao assento

traseiro, mas o Corvette não tem. Mesmo assim acredito que nos poderíamos arrumar isso.

—Estou segura disso. Assim levarei meu próprio carro.

—Tenho que voltar a te pôr as mãos em cima.

—Não duvido de que isso vá ocorrer. Entretanto, até então...

—Desejo-te.

—Sei.

Ao ver que sua voz se suavizou, e não parecia tão formal, ele sorriu.

—por que não lhe conto o que eu gostaria de te fazer? Posso ir passo a passo. Inclusive pode tomar notas em sua caderneta, como referência futura.

—Acredito... acredito que será melhor que pospor isso, embora poderia me interessar discuti-lo em outro momento. Sinto muito, mas tenho uma entrevista em uns minutos. Verei-lhes ti e a sua família amanhã de noite.

—me deixe estar dez minutos a sós contigo, Anna —sussurrou ele—. Dez minutos para te acariciar.

—Eu... podemos tratar esse horário amanhã. Tenho que ir. Adeus.

—Adeus —disse encantado de havê-la desconcertado, pendurou o telefone e se deixou cair em um sonho bem merecido.

despertou uma hora mais tarde a causa da portada da porta dianteira e da voz irada e elevada do Phillip.

—Lar, doce lar —murmurou CAM girando-se para sair da cama. Foi cambaleando-se para a porta e atravessou o vestíbulo para dirigir-se às escadas. Não conseguia dormir facilmente e, quando o fazia, levantava dormitado, irritável e com umas vontades se desesperadas para tomar um café.

Quando chegou abaixo, Phillip já estava na cozinha desarrolhando uma

garrafa de vinho.

—Onde diabos está todo mundo? —perguntou Phillip.

—Não sei. te tire de minha vista —respondeu CAM. Esfregando-a cara com a mão derrubou os sedimentos da jarra em uma taça, colocou esta no microondas e pulsou as teclas ao azar.

—A companhia de seguros me informou que vão reter a reclamação até o momento em que a investigação tenha terminado.

CAM fixou a vista no microondas, desejando que finalizassem aqueles dois minutos intermináveis para poder tragar a cafeína. Seu esgotado cérebro recolheu as palavras seguro, reclamação e investigação, e não pôde relacionar os términos.

—Umm?

—Coordena, maldita seja. —Phillip lhe deu um empurrão de impaciência —. Não vão processar a apólice de papai porque suspeitam que foi suicídio.

—Isso é uma gilipollez. O me disse que não se havia suicidado.

—Ah, sim? —Até estando turbado e furioso, Phillip conseguiu elevar uma sobrancelha de maneira irônica—. Teve essa conversação com ele antes ou depois de que morrera?

CAM se conteve, mas quase fica avermelhado. Em vez disso voltou a amaldiçoar e abriu a porta do microondas.

—Quero dizer que não há nenhuma razão para que o fizesse, põem desculpas simplesmente porque não querem pagar.

—O tema é que não vão pagar neste momento. Seu investigador esteve falando com a gente e algumas destas pessoas estavam encantadas de lhe contar os detalhes mais sórdidos da situação. E conhecem a carta da mãe do Seth... e os pagamentos que papai lhe fez.

—Pois. —Sorveu café, escaldou-se o véu do paladar e soltou—: Que se vão ao inferno. lhes deixe que fiquem com seu maldito e sujo dinheiro.

—Não é tão singelo como isso. Em primeiro lugar, se não pagarem se deduz que papai cometeu suicídio. É isso o que quer?

—Não. —CAM se oprimiu a ponte do nariz, tratando de aliviar parte da pressão que se estava produzindo. Tinha vivido a maior parte de sua vida sem enxaquecas, e agora parecia que estava infestado delas.

—O que significa que temos que aceitar suas conclusões, ou lhes levar aos tribunais para provar que papai não o fez, o qual seria de domínio público. —Lutando consigo mesmo por acalmar-se, Phillip lhe deu um sorvo a seu vinho—. De qualquer modo sujarão seu nome. Acredito que vamos ter que encontrar a essa mulher... Glorifica DeLauter... Temos que esclarecer tudo isto.

—O que te faz pensar que encontrá-la e falar com ela nos vai esclarecer tudo isto?

—Temos que lhe tirar a verdade.

—Como? Torturando-a? —Não é que aquilo não tivesse sua parte de atrativo—. Além disso, o menino está aterrorizado por ela —acrescentou CAM—. Se aparecer por aqui, vai a joder a custódia.

—E se não aparecer, pode que não saibamos nunca a verdade, toda a verdade.

Phillip pensou que precisava saber a verdade para poder começar a aceitá-la.

—A verdade é esta, conforme o vejo eu. —CAM depositou a taça com um golpe—. Esta mulher procurava uma presa fácil e pensou que a tinha encontrado. Papai ficou encantado com o menino e quis lhe ajudar. Assim saiu em sua ajuda, quão mesmo fez por nós, e ela seguiu lhe exigindo mais. Imagino que ele estava zangado, preocupado e distraído quando voltou para casa aquele dia. Conduzia muito rápido, confiou-se e perdeu o controle ou algo assim. Isso é o que aconteceu.

—A vida não é tão simples como você a vê, CAM. Não se começa em um ponto e se acaba em outro o antes possível. Há curvas, separações e retenções. É melhor que comece a pensar nisso.

—por que? Isso é no que pensaste sempre, e me parece que acabamos exatamente no mesmo lugar.

Phillip deixou escapar um suspiro. Era duro discutir daquilo, assim

pensou que um segundo copo de vinho era a melhor ideia.

—Pense o que pense temos uma confusão entre mãos, e vamos ter que nos ocupar disso. Onde está Seth?

—Não sei onde está. por aí.

—meu deus, CAM. por aí? supunha-se que tinha que lhe vigiar.

—estive lhe vigiando todo o maldito dia. Está por aí. —dirigiu-se à porta traseira, inspecionou o pátio e franziu o cenho quando não encontrou ao Seth—. Provavelmente estará frente à casa, ou dando um passeio, ou em qualquer lugar. Eu não lhe tenho pacote com corda.

—A esta hora do dia deveria estar fazendo os deveres. Você só tem que lhe vigiar durante um par de horas ao dia depois de classe.

—Isso não foi assim hoje. Deram-lhe uma pequena permissão na escola.

—Fez novilhos? Deixaste-lhe fazer novilhos quando os Serviços Sociais estão colocando o nariz?

—Não, não tem feito novilhos. —Aborrecido, CAM se deu a volta—. Um gilipollas da escola se dedicou a meter-se com ele, arranhou-lhe por toda parte e lhe chamou filho de puta.

O olhar do Phillip trocou imediatamente, passando do ligeiro assombro à fúria mais iracunda.

—Que gilipollas? Quem diabos é?

—Um menino de cara gorda chamado Robert. Seth lhe atacou e disseram que lhe foram expulsar.

—Ao inferno com eles. Quem é o maldito diretor agora, algum nazista?

CAM teve que sorrir. Quando se tratava de brigas, sempre se podia contar com o Phillip.

—Ela não tinha esse aspecto. Quando fui para lá e conseguimos que Seth nos contasse toda a história, trocou de postura. Amanhã lhe tenho que voltar a levar para escutar outro pequeno bate-papo.

Agora foi Phillip o que fez um gesto, entre assombrado e malvado.

—Você? Cameron Quinn vai assistir a uma tutoría de pais na escola

secundária? Quem pudesse estar ali para vê-lo.

—Não terá que esperar muito, porque você vais vir também.

Phillip se tragou o vinho a toda pressa antes de dizer entrecortadamente:

—O que quer dizer com que irei também?

—E também Ethan —decidiu CAM sobre a marcha—. Vamos todos. O fronte unido. Sim, assim vai ser.

—Tenho uma entrevista...

—Anula-a. O primeiro é o menino. —Vislumbrou ao Seth que saía do bosque com Parvo a seu lado—. esteve brincando por aí com o cão. Ethan deveria chegar em qualquer minuto, assim vou citar lhe para este cometido.

Phillip franziu o sobrecenho ao beber vinho.

—Ódio que tenha razão. Iremos todos.

—Poderia ser uma manhã divertida. —Satisfeito, CAM deu ao Phillip um murro carinhoso no braço—. Esta vez somos os majores. E quando ganharmos esta batallita com autoridade poderemos celebrá-lo amanhã de noite... com um cubo de caranguejos.

O gesto do Phillip se suavizou.

—Em um de abril. Começa a temporada do caranguejo.

—Esta noite temos afresco pescado... eu o pesquei assim que você o cozinha. Necessito uma ducha. —CAM se voltou—. A senhorita Spinelli deve jantar amanhã.

—Uy, uy. Bem. Você... o que? —Phillip se girou rapidamente quando CAM saiu da habitação—. Lhe pediste à trabalhadora social que deva jantar? Aqui?

—Isso. Disse-te que eu gostava. Phillip não se limitou a fechar os olhos.

—Por Deus bendito, está-te ligando à trabalhadora social.

—Ela também está ligando comigo. —CAM fez uma careta—. Isso eu gosto.

—CAM, não é que questione sua pervertida idéia de um romance, mas utiliza a cabeça. Temos o problema com a companhia de seguros e temos o do Seth na escola. Como se casa todo isso com os Serviços Sociais?

—Não lhe falamos do primeiro, e contamos a história completa do segundo. Acredito que à senhorita Spinelli vai gostar de muito. Lhe vai encantar que os três vamos em defesa do Seth.

Phillip abriu a boca, reconsiderou-o e assentiu.

—Tem razão. Isso está bem. —Logo, já que lhe assaltaram novos pensamentos, inclinou a cabeça—. Possivelmente possa usar você... influencia sobre ela para que acelere o estudo do caso, e assim nos tirar de cima ao sistema.

CAM não disse nada ao princípio, surpreso pelo que a simples sugestão lhe tinha incomodado. Sua voz soou tranqüila.

—Não vou utilizar a para nada, e as coisas vão se ficar como estão. Uma situação não tem que ver com a outra. Isto vai se ficar também como está.

Quando CAM saiu, Phillip apertou os lábios e pensou que aquilo era muito interessante.

Enquanto Ethan dirigia seu navio para o mole, pôde vislumbrar ao Seth no pátio. A seu lado,

Simon deu um forte latido de contente. Ethan lhe acariciou o cabelo.

—Sim, moço, já quase estamos em casa.

Enquanto dirigia as velas, Ethan observou como o menino lhe lançava paus ao cachorrinho. Sempre tinha havido um cão no pátio que recolhia paus ou Pelotas, e com quem podia lutar na erva. lembrou-se do Dumbo, o retriever de cara doce do que se apaixonou quando chegou a casa dos Quinn.

Tinha sido o primeiro cão com quem jogou e o primeiro que lhe reconfortou em sua vida. Do Dumbo tinha aprendido o significado do amor incondicional, e tinha crédulo no cão muito antes do que o fez no Ray e Stella Quinn, ou nos meninos que se converteram em seus

irmãos.

Pensou que Seth sentia mais ou menos o mesmo. A gente sempre podia depender de seu cão.

Quando ele chegou faz anos, ferido em corpo e alma, não tinha esperança de que sua vida realmente trocasse. Promessas, consolo, comidas decentes e gente decente não significavam nada para ele. Assim que se expôs acabar com aquela vida.

Inclusive então a água lhe tinha atraído. imaginava a si mesmo introduzindo-se nela, deixando que lhe cobrisse a cabeça. Naquele momento não sabia nadar, assim teria sido fácil. Só fazia falta afundar-se mais e mais até que não houvesse nada.

Mas a noite em que se escapou para fazê-lo, o cão tinha ido com ele. Lambia-lhe a mão e apertava aquele quente e peludo corpo contra suas pernas. E Dumbo havia lhe trazido um pau movendo a cauda e com o olhar cheia de esperança. A primeira vez, Ethan lançou o pau alto, longe, com fúria. Mas Dumbo o agarrou alegremente e o devolveu movendo a cauda.

Voltou-o a lançar uma e outra vez, dúzias de vezes. Logo, sentou-se tranqüilamente na erva, chorando a lágrima viva sob a lua e aferrando-se ao cão como se fora sua tabela de salvação.

A necessidade de acabar contudo tinha passado.

Um cão, pensou Ethan enquanto acariciava com a mão a cabeça do Simon, podia ser algo glorioso.

Viu como Seth se dava a volta e vislumbrava o navio. depois de uma breve vacilação, o menino levantou uma mão para lhe saudar e pôs-se a correr com o cachorrinho para o mole.

—Assegura os cabos, oficial.

—Sim, meu capitão —respondeu Seth enquanto dirigia os cabos que Ethan lhe tinha atirado com destreza, e os atava ao poste—. CAM disse que traria caranguejos amanhã.

—Ah, sim? —Ethan sorriu ligeiramente e se tornou para trás a boina de beisebol. Seu denso cabelo moreno acariciava o pescoço da camisa

sujada pelo trabalho—. Vamos, moço —sussurrou ao cão que estava sentado, vibrando em seu sítio enquanto esperava a ordem de abandonar o navio. Com um latido, Simon se lançou à água e nadou para a costa—. Está no certo, conforme se apresenta a coisa. O inverno não foi muito duro e a água está começando a temperar-se. Tiraremos um montão. Será um bom dia.

Dirigindo-se a um lateral, extraiu uma armadilha para caranguejos que pendurava do mole.

—Não há cabelo invernal —disse.

—Cabelo? Como poderia haver corto em uma velha caixa de arame para galinhas?

—Cesta. É uma cesta para caranguejos. Se tiro disto e está cheia de pelame..., cheia de algas loiras..., significará que a água está ainda muito fria para os caranguejos. Se a vir assim quando estamos quase em maio significa que foi um mau inverno. Com uma primavera como essa será difícil ganhá-la vida na água.

—Mas não esta primavera, porque a água está o suficientemente cálida para os caranguejos.

—Isso parece. Pode pôr a ceva a esta cesta depois; pescoços de frango ou partes de pescado servirão muito bem..., e pela manhã encontraremos um par de caranguejos zangados dentro. Picam sempre.

Seth se ajoelhou, querendo jogar uma olhada mais de perto.

—Que coisa tão estúpida. Têm aspecto de insetos feios, parecem bobos.

—São mais vorazes que preparados, diria eu.

—E CAM diz que os cozem vivos. Não penso comê-los.

—Como quer. Eu acredito que vou comer umas duas dúzias amanhã de noite. —Deixou que a cesta se voltasse a introduzir na água e logo saltou de forma perita do navio até o mole.

—Grace esteve aqui. limpou a casa e toda a porcaria.

—Ah sim? —Imaginou que a casa cheiraria brandamente a limão. A casa do Grace cheirava assim.

—CAM a beijou diretamente na boca.

Ethan parou de caminhar e olhou diretamente a cara do Seth.

—O que?

—Smuac. Fez-a rir. Acredito que foi uma espécie de brincadeira.

—Uma brincadeira, seguro. —encolheu-se de ombros e fez caso omisso ao nó de angústia que crescia em seu interior. Não incumbia a quem beijava Grace. Não tinha nada que ver com ele. Mas sentiu que sua mandíbula se esticava ao ver o CAM, com o cabelo gotejando, de pé no alpendre traseiro.

—Como se apresenta o assunto dos caranguejos?

—Irá bem —respondeu Ethan secamente.

CAM arqueou as sobrancelhas para ouvir o tom de sua voz.

—O que passou, saltou um da cesta e te mordeu o culo?

—Necessito uma ducha e uma cerveja —respondeu Ethan enquanto passava a seu lado e entrava na casa.

—Uma mulher vai vir amanhã a casa para jantar.

Aquilo fez que Ethan se detivera, desse-se a volta e mantivera a porta mosquiteira aberta entre eles.

—Quem é?

—Anna Spinelli.

—Joder —disse Ethan enquanto se afastava.

—por que vem? O que quer? —perguntou Seth. O pânico foi ascendendo como uma fonte por seu interior, refletindo-se em sua voz antes de que pudesse impedi-lo.

—Vem porque eu o pedi, e quer jantar caranguejos —respondeu CAM colocando os polegares nos bolsos e balançando-se sobre os saltos. por que diabos ele era o único que se encarregava de tranqüilizar a outros? —. Imagino que quererá ver se o que fazemos aqui é nos atirar pedos, arranhamos e cuspir. Possivelmente possamos deixar disso lado por uma noite. Tem que te lembrar de baixar a tampa do privada. As

mulheres odeiam que não o faça. Fazem disso um tema social e político se a deixa levantada. te figure.

Parte da tensão se afastou da cara do Seth.

—Ou seja que vai vir só a ver se formos uns vagos. Grace o limpou tudo e você não vais cozinhar, assim que tudo irá bem.

—Sobre tudo se cuidar um pouco essa tua boca.

—A teu é igual de suja que a minha.

—Sim, mas você é mais baixinho que eu. Embora não penso te pedir que lhe aconteça as jodidas batatas na mesa.

Seth fez uma careta para ouvi-lo, e relaxou os ombros tensos como uma rocha.

—Lhe vais contar essa mierda do colégio? —CAM soltou um bufo.

—Tenta encontrar uma alternativa à palavra «mierda» para amanhã de noite. Sim, lhe vou contar o que aconteceu na escola. E lhe vou contar que Phil, Ethan e eu iremos contigo manhã a resolvê-lo.

Esta vez quão único pôde fazer Seth foi pestanejar.

—Todos vós? ides vir todos?

—Isso. Como te disse, se alguém se meter com um Quinn se está colocando com todos.

Os dois ficaram assombrados, aterrorizados e de pedra quando as lágrimas apareceram nos olhos do Seth. Permaneceram ali um momento e, imediatamente, ambos colocaram as mãos em seus bolsos e se deram a volta.

—Tenho que fazer... algo —disse CAM com o passo vacilante—. E você... vá lavar te as mãos ou o que queira. Jantaremos dentro de pouco.

Justo no momento em que controlou os nervos e se deu a volta, com a intenção de posar uma mão no ombro do Seth, de lhe dizer algo que, quase seguro, faria-lhes sentir-se como idiotas, o menino se precipitou para dentro e se foi correndo à cozinha.

CAM se apertou os olhos, massageou-se as têmporas e deixou cair os braços.

—Jesus!, terei que voltar para as competições, onde sei o que fazer.

Deu um passo para a porta e logo agitou a cabeça e se afastou rapidamente dela. Não queria entrar com a emoção e o desassossego que lhe embargavam.

Deus Santo, o que queria era que lhe devolvessem a liberdade, despertar e encontrar-se com que tudo tinha sido um sonho. Ou melhor, encontrar-se em uma cama grande de algum hotel anônimo em alguma cidade exótica com uma mulher apaixonada e nua a seu lado.

Mas quando tratou de imaginar-lhe a cama era a mesma em que dormia agora e a mulher era Anna.

Certamente não era má idéia, mas tampouco fazia que desaparecessem o resto de suas preocupações. Observou as janelas do segundo piso enquanto caminhava ao redor da casa. O menino estava ali, tranqüilizando-se. E CAM tratava de fazer o mesmo.

Pensou no olhar que lhe tinha arrojado o menino antes de que as coisas ficassem tão sentimentais. Tinha-lhe revolto por dentro. Pareceu-lhe ter visto confiança nela, e também uma gratidão patética, quase desesperada, que lhe tinha dado uma lição de humildade, embora também lhe tinha aterrorizado.

Que demônios ia fazer? E quando as coisas se tranqüilizassem e pudesse reatar sua vida... Em algum momento teria que ocorrer, garantiu-se a si mesmo. É obvio que sim. Não poderia seguir sempre ao cargo de tudo, nem vivendo daquela maneira. Tinha lugares aos que ir, competições que correr e riscos que assumir.

Uma vez que tivessem tudo sob controle, que fizessem o que fora preciso pelo menino e que estabelecessem o negócio que Ethan queria, seria livre para ir e vir a seu desejo.

Pensou que uns quantos meses mais, possivelmente um ano, e logo partiria. Ninguém poderia esperar mais dele.

Nem sequer ele mesmo.

Nove

A subdirectora Moorefield observou aos três homens que permaneciam de pé como se formassem parte da parede de seu escritório. Seu aspecto não teria indicado nunca que fossem irmãos. Um deles levava um elegante traje cinza e uma gravata perfeitamente atada, outro uma camisa negra e uns jeans, e a terceira umas calças kaki claras e uma camisa vaqueira de trabalho enrugada.

Mas sim pôde ver que nesse momento estavam tão unidos como uns trigêmeos no ventre materno.

—Imagino que todos terão coisas que fazer. Agradeço-lhes que tenham vindo.

—Queremos solucionar tudo isto, senhora Moorefield —disse Phillip, que mantinha um sorriso suave e negociador no rosto—. Seth precisa estar na escola.

—Estou de acordo. depois da declaração do Seth de ontem fiz várias averiguações. Tudo indica que Robert iniciou o incidente. Parece que há um motivo. O assunto da pequena extorsão...

CAM levantou uma mão.

—Seth, disse a esse tal Robert que te desse um dólar?

—Não. —Seth colocou os polegares nos bolsos dianteiros, como lhe tinha visto fazer ao CAM—. Eu não necessito seu dinheiro. Nem sequer lhe falo com menos que se plante diante de mim.

CAM voltou a olhar à senhora Moorefield.

—Seth diz que tirou um dez nessa prova e que Robert suspendeu. É isso certo?

A subdirectora juntou as mãos em cima da mesa.

—Sim. Os exames se entregaram ontem justo antes de finalizar as classes e Seth recebeu a máxima pontuação. Assim...

—Parece-me —interrompeu Ethan com voz tranqüila—, então, que Seth lhe disse toda a verdade. me perdoe, senhora, mas se o outro menino mentiu a respeito de parte da história, pôde mentir sobre o resto. Seth diz que o menino lhe perseguiu, e é verdade. Disse que se tratava desse exame, assim que eu penso que é assim.

—considerei isso e me inclino a pensar como você, senhor Quinn. falei com a mãe do Robert e não está mais feliz que você respeito a este incidente, ou para o fato de que ambos sejam expulsos.

—Não vai expulsar ao Seth —se plantou CAM—. Não por este motivo... e sem que lutemos por isso.

—Compreendo como se sente. Entretanto, produziu-se um intercâmbio de murros. Não podemos permitir a violência física aqui.

—Estaria de acordo com você, senhora Moorefield, em outras circunstâncias —argüiu Phillip colocando uma mão no braço do CAM para impedir—que seguisse adiante—. Entretanto, Seth foi física e verbalmente atacado. defendeu-se a si mesmo. Tinha que ter havido um professor vigiando o corredor durante a mudança de classes. Teria que ter podido apoiar-se em um adulto ou no sistema para proteger-se. por que não havia ninguém ali para fazê-lo?

Moorefield inflou suas bochechas e soprou.

—Essa é uma questão razoável, senhor Quinn. Não vou começar a me queixar sobre os recortes de pressuposto, mas é impossível controlar a

todos os meninos todo o tempo com o pessoal com que contamos.

—Compreendo seu problema, mas Seth não deveria pagar por isso.

—passou por um mau momento recentemente —particularizou Ethan—. Não acredito que jogar ao menino da escola um par de dias vá servir lhe de nada. supõe-se que a educação é algo mais que o ensino... ou ao menos é o que nos ensinaram . supõe-se que deve ajudar a formar seu caráter e te ensinar como te deve desembrulhar no mundo. Se te ensinar que vão dar uma patada por fazer o que deve, por te defender a ti mesmo, então há algo que falha no sistema.

—Se lhe castigar da mesma maneira que vai castigar ao menino que iniciou o assunto —disse CAM—, está-lhe dizendo que não há muita diferença entre o bem e o mal. Esse não é o tipo de escola no que quero que esteja meu irmão.

Moorefield separou as mãos, olhou por cima das pontas dos dedos aos três homens e logo olhou ao Seth.

—Suas provas de avaliação foram excelentes e suas notas estão muito por cima da média. Entretanto, os professores dizem que poucas vezes entregas os deveres e que não participa quase nunca nas discussões de classe.

—Estamos resolvendo o dos deveres —comentou CAM dando uma cotovelada sutil ao Seth—. Verdade?

—Sim, isso acredito. Eu não vejo que...

—Você não tem que ver nada —cortou CAM baixando os olhos—. Simplesmente os tem que fazer. Nós não podemos nos sentar em classe com ele e fazer que abra a boca, mas trará os deveres.

—Imagino que o fará —murmurou ela—. Isto é o que acesso a fazer. Seth, posto que te acredito, não te vou expulsar. Mas estará a prova durante trinta dias. Se não haver mais incidentes durante esse tempo, e seus professores me informam que melhoraste o nível de seus deveres, deixarei este assunto de lado. Entretanto, seus primeiros deveres para casa lhe encarregarei isso eu agora. Tem uma semana para escrever

uma redação de quinhentas palavras sobre a violência em nossa sociedade e a necessidade de soluções pacíficas aos problemas.

—Tronca... !

—Fecha a boca —ordenou CAM com suavidade—. Me parece justo —lhe disse à senhora Moorfield—. O agradecemos.

—Não esteve tão mal —comentou Phillip saindo marcha atrás à luz do dia enquanto girava os ombros.

—Fala por ti —disse Ethan enquanto se ajustava a boina—. Eu suei tinta. Não quero voltar a fazer isto em minha vida. me levem a porto. vou jogar uma carreira até o navio. Jim está trabalhando nele e a esta hora já deve ter tirado uma boa quantidade de caranguejos.

—te assegure de trazer sua parte a casa. —CAM subiu ao brilhante Land Rover azul marinho do Phillip—. E não se esqueça de que temos companhia para jantar.

—Não o esquecerei —disse Ethan aturdido—. Diretoras pela manhã e trabalhadoras sociais pela tarde. Jesus bendito. Cada vez que te dá a volta tem que falar com alguém.

—Trato de manter ocupada à senhorita Spinelli.

Ethan se deu a volta para olhar ao CAM.

—Não pode deixar tranqüilas às garotas, verdade?

—E por que ia fazer o? Estão aí.

Ethan deu um suspiro por resposta.

—Mais vale que alguém se ocupe de comprar mais cerveja.

CAM se ofereceu a comprar a cerveja a última hora da tarde. Não era altruísmo. Era porque não podia seguir escutando ao Phillip outros cinco minutos mais. Ir ao supermercado era o melhor modo de sair de casa e estar longe da tensão, enquanto Phillip redigia e aperfeiçoava uma carta para a companhia de seguros em seu vistoso e pequeno ordenador portátil.

—Compra alguma coisa de salada quando sair —gritou Phillip, fazendo que CAM se desse a volta e colocasse a cabeça na cozinha, onde Phillip se achava teclando em cima da mesa.

—O que quer dizer com alguma coisa de salada?

—Hortaliças frescas, mas Por Deus, não traga para casa uma alface «iceberg» e um par de tomates de estufa insípidos. Fiz o outro dia um vinagrete bom, mas não há nenhuma maldita coisa por aqui para mesclá-la. Compra alguns tomates de pêra se tiverem bom aspecto.

—Para que diabos necessitamos todo isso?

Phillip suspirou e deixou de teclar.

—Em primeiro lugar, porque queremos viver muito e de maneira sã e, em segundo lugar, porque convidaste a uma mulher para jantar... uma mulher que vai observar como satisfazemos as necessidades alimentícias do Seth.

—Então vê você à maldita loja. —Bem. Escreve você a condenada carta. Preferiria que lhe queimassem vivo. —Hortaliças frescas, Por Deus bendito!

—E compra pão de massa fermentada. E quase não fica leite. Como vou trazer meu liquidificador a próxima vez que vá a Baltimore, traz também fruta fresca, cenouras e laranjas de suco. Acabo de fazer uma lista.

—Espera, espera. —CAM sentia que lhe escapava o controle das mãos e lutou por controlar os punhos—. Só vou procurar umas cervejas.

—E pão-doces integrais —murmurou Phillip enquanto seguia escrevendo muito concentrado.

Trinta minutos mais tarde, CAM se encontrava inspecionando os produtos da seção de verduras da loja. Qual era a maldita diferença entre uma alface e a alface romana e por que devia lhe importar? Assim começou a carregar o carro ao azar.

Como aquilo funcionou, fez o mesmo no resto de corredores. Quando chegou à caixa tinha dois carros abarrotados de latas, caixas, garrafas e bolsas.

—meu deus, vão dar uma festa!

—Temos muito apetite —respondeu a cajera, e rebuscando rapidamente em sua memória se lembrou de seu nome—. Tudo bem, senhora Wilson?

—OH, bastante bem —respondeu enquanto passava os artigos pela cinta e o exploratório e os metia em bolsas, com uns dedos tintos e rápidos que se moviam como um raio—. Faz um dia esplêndido para estar aqui pega, o asseguro. Sairei dentro de uma hora e me irei pôr ceva para caranguejos por aí com meu neto.

—Nós teremos caranguejos para jantar. Provavelmente deveria ter comprado algumas cevas para meter na cesta de nosso mole.

—Imagino que Ethan lhes proverá bem deles. Senti muitíssimo o do Ray —acrescentou—. Não lhes pude dizer isso depois do funeral. Asseguro-te que lhe vamos sentir falta de. Estava acostumado a vir aqui uma ou duas vezes por semana depois de que Stella morrera, e comprava um montão dessas comidas para microondas. Eu lhe dizia: «Ray, tem que te cuidar melhor. Um homem necessita uma boa fatia do Came de vez em quando». Mas é duro cozinhar para um quando se está acostumado a fazê-lo para uma família.

—Sim —foi tudo o que CAM pôde dizer. O era sua família e não tinha estado ali.

—Sempre tinha histórias que contar a respeito de cada um de vós. Ensinava-me fotos tuas e coisas de periódicos estrangeiros. Competições por aqui e por lá. E eu lhe dizia: «Ray, como sabe se o menino tiver ganho ou perdeu se estiver escrito em italiano ou em francês?». E nos ríamos.

Ela comprovou o peso de uma bolsa de maçãs e teclou o preço.

—Como está esse moço? Como se chama? Sam?

—Seth —murmurou CAM—. Está bem.

—Um moço muito bonito. Disse-lhe ao senhor Wilson quando Ray lhe trouxe para casa: «Assim é Ray Quinn, sempre com a porta aberta». Não sei como um homem de sua idade pretendia ocupar-se de um menino como esse; mas se ninguém podia fazê-lo, Ray Quinn sim. O e Stella cuidaram de vós três.

Ao ver que ela sorria e pestanejava, CAM sorriu também.

—Sim o fizeram. Nós lhes demos bastante que fazer.

—Suponho que desfrutaram de cada minuto. E suponho que o menino, Seth, foi uma companhia para o Ray uma vez que lhes fizeram maiores e foram. Quero que saibam que eu não compartilho o que a gente vai dizendo. Não o compartilho. —Apertou a boca à medida que passava três caixas gigantes de cereais. Estalando a língua e agitando a cabeça, seguiu falando—. Eu digo diretamente à cara quando enchem os ouvidos com suas asquerosas fofocas que se tiverem um ápice de humanidade em seu interior deveriam vigiar sua língua.

Seus olhos brilharam de fúria e lealdade.

—Não faça caso desses falatórios, Cameron. De onde tiraram a idéia de que Ray teve um assunto com aquela mulher e que o menino é sangue de seu sangue? Nenhuma mente decente vai acreditar isso, ou que se estrelou de propósito contra o poste. Põe-me doente ouvi-lo.

CAM sim que se estava pondo doente. Desejou de todo coração não ter ido à loja.

—Alguma gente acredita nas mentiras, senhora Wilson. Algumas pessoas as acreditam.

—Sim que o fazem. —Assentiu duas vezes com a cabeça de forma enérgica—. E embora não as criam adoram as difundir. Quero que saiba que o senhor Wilson e eu considerávamos o Ray e ao Stella bons amigos e boa gente. Quem diz algo feio deles, as terá que ver comigo.

CAM teve que sorrir.

—Se não recordar mau, dava a você muito bem. Ela soltou uma gargalhada alegre.

—te dava nas orelhas aquela vez que te dedicou a rondar a meu

Caroline. Não cria que não sabia a pelo que foi, moço.

—Caroline era a garota mais bonita de décimo curso.

—Segue sendo uma preciosidade. Seu filho é com quem vou pôr cevas. Fará quatro anos no verão. E agora está esperando o segundo para dentro de três meses. O tempo faz bem as coisas.

Parecia que sim, pensou CAM enquanto colocava as bolsas em casa. Sabia que a senhora Wilson havia dito todo aquilo com sua melhor intenção, mas tinha conseguido lhe deprimir.

Se a alguém que tinha sido uma amiga leal de seus pais lhe tinham contado aquelas asquerosas mentiras, é que se estavam difundindo mais rapidamente do que ele pensava. Quanto tempo poderiam as ignorar antes de ter que as desmentir e adotar uma posição firme?

Nesse momento ao CAM aterrorizava não ter outro remédio que aceitar o conselho do Phillip e procurar à mãe do Seth.

CAM sabia que ao menino não gostaria de nada. O que aconteceria a confiança que tinha visto aflorar no olhar do Seth?

—Imagino que necessitará que te dê uma mão com essa porcaria —disse Phillip entrando na cozinha—. Estava ao telefone. Era o advogado. A custódia temporária está fechada, assim já demos o primeiro passo.

—Estupendo. —Começou a recordar a conversação na loja de comestíveis, e logo decidiu pospô-la para a noite. Maldita seja, tinham ganho duas batalhas esse dia. Não ia permitir que o resto da tarde se danificasse pelos falatórios.

—Há mais no carro —disse ao Phillip.

—Mais o que?

—Bolsas.

—Mais? —perguntou Phillip olhando a meia dúzia de bolsas marrons repletas—. Deus, CAM, não te apontei mais de vinte coisas nessa lista.

—Eu acrescentei algumas. —Tirou uma bolsa e a jogou na encimera—. Ninguém vai passar fome aqui durante um tempo.

—compraste Twinkies? É dos que acreditam que a porcaria branca que

há nelas pertence a um dos quatro grandes grupos de mantimentos?

—Ao menino provavelmente gostará.

—com certeza que sim. E você pagará a próxima fatura do dentista.

Com a raiva quase ao limite, CAM se deu a volta.

—Olhe, amigo, que vai à loja compra o que lhe dá a maldita vontade. Essa é uma regra nova. E agora, quer tirar essa porcaria do carro ou vais deixar que se apodreça, joder?

Phillip elevou uma sobrancelha.

—Como fazer a compra te põe de tão bom humor, eu me encarregarei disso a partir de agora. E seria melhor que começássemos a fazer um fundo em casa para cobrir as possíveis incidências diárias.

—Bem. —CAM lhe fez um gesto com a mão—. Você te encarrega.

Quando Phillip saiu, CAM começou a colocar caixas e latas de qualquer modo. Já as colocaria outro. O já tinha feito suficiente.

dispôs-se a sair, e quando chegou à porta dianteira viu que Seth chegava a casa. Phillip lhe acontecia bolsas enquanto os dois falavam como se não passasse nada.

Assim pensou que era melhor dar meia volta e deixar aos dois homens ocupando-se de tudo durante um par de horas. Ainda não se tinha dado a volta quando apareceu o cachorrinho e se fez pis no tapete.

—Suponho que esperas que eu o limpe. —Quando Parvo agitou a cauda e deixou cair a língua, quão único fez CAM foi fechar os olhos.

—Sigo dizendo que a redação é um tema duro —se queixava Seth enquanto entrava na casa—. Essa classe de porcaria é uma gilipollez. E não vejo por que...

—Fará-o —atalhou CAM, quem arrancou as bolsas dos braços do Seth —. E não quero ouvir nenhuma queixa. Pode começar depois de que limpe a mierda que acaba de deixar seu cão no tapete.

—Meu cão? Não é meu.

—É-o agora, e mais vale que lhe ensine a comportar-se em casa, ou ficará fora.

Saiu com passo irado para a cozinha com o Phillip, quem lhe seguia fazendo intentos se desesperados por não rir.

Seth permaneceu onde estava, observando a Tolo.

—Cão tolo —murmurou e, quando se agachou, o cachorrinho se lançou aos braços do Seth, que lhe recebeu com um grande abraço—. Agora é meu.

Anna se disse que deveria e poderia ser perfeitamente profissional durante a noite. Tinha consultado com o Marilou sobre a visita informal, para que fora oficial. E a verdade era que queria ver o Seth de novo. Desejava-o tanto como desejava voltar a ver o CAM. Por diferentes motivos, claro, e possivelmente com diferentes parte de seu ser, mas desejava voltar a ver os dois. Poderia controlar ambos os lados de seu coração e de sua mente. Sempre tinha podido separar as distintas áreas de sua vida e as dirigir satisfatoriamente.

Esta situação não deveria ser diferente.

A música do Verdi retumbava nos auriculares, selvagem e apaixonada.

Subiu o guichê o justo para que a brisa não a despenteasse. Esperava que os Quinn lhe permitissem estar uns momentos a sós com o Seth para poder julgar por si mesmo, e sem influências, como se sentia ele.

Esperava ter a oportunidade de passar uns momentos a sós com o CAM, para poder julgar por si mesmo como se sentia ela.

Aquilo a intimidava, embora o necessitava.

Mas não sempre era possível ou necessário atuar conforme aos sentimentos, mesmo que fossem muito fortes. Se depois de voltar a lhe ver considerasse que o melhor para todos era dar um grande passo para trás, daria-o.

Não duvidava de que ele tinha uma vontade de ferro. Mas também a tinha Anna Spinelli. Podia competir a esse respeito com o Cameron

Quinn qualquer dia. E poderia ganhar.

E quando se estava convencendo a si mesmo desse fato, Anna introduziu seu cochecito no caminho de acesso à casa.

E nesse momento, CAM saiu ao alpendre.

Permaneceram onde estavam durante um momento, observando o um ao outro. Quando ele descendeu do alpendre para o caminho, com aquele corpo robusto apertado em negro, o cabelo escuro rebelde e aqueles inescrutáveis olhos cinzas, o coração dela começou a pulsar desenfrenadamente e logo parou de repente.

Anna desejou que aquela boca de aspecto rude a beijasse e que aquelas mãos de Palmas ásperas a tocassem. Desejava que aquele corpo tão masculino cravasse o seu em um colchão, e se movesse com a velocidade que tão importante era em sua vida. Era absurdo negá-lo.

Mas lhe controlaria, prometeu-se Anna a si mesmo. Quão único pedia era poder controlar-se a si mesmo.

A jovem saiu do carro, vestida com um traje formal de cor marrom clara. estirou-se o cabelo para trás de forma conscienciosa. Em seus lábios sem pintar se desenhava um sorriso educado e algo distante, e levava a maleta.

Por razões que lhe desconcertavam, CAM experimentava a mesma reação que tinha tido quando ela cortou o chão do corredor com seus saltos aquela noite de chuva. Luxúria imediata e raivosa.

Quando se dirigiu para ela, Anna inclinou ligeiramente a cabeça, o justo para enviar uma mensagem de alarme. O sinal de rechaço era tão clara como um alarido.

Mas CAM avançou um pouco e chegou até ela, olisqueando o ar.

—Tem-no feito a propósito —declarou.

—O que tenho feito a propósito?

—Levar o traje de «não me toque» e o perfume de deusa do sexo de uma vez, só para me voltar louco.

—Fica com a mensagem do traje, Quinn, e sonha com o perfume.

Anna lhe adiantou e logo olhou para baixo com tranqüilidade quando a mão do CAM lhe sujeitou o braço.

—Não me está escutando.

—Eu gosto de jogar tanto como a qualquer, Anna. —Atirou de seu braço até que ela se deu a volta e se encontraram os dois cara a cara—. Mas pode que você tenha eleito um mau momento.

A jovem pensou que havia algo em seus olhos que se mesclava com o desejo: irritação. E como se deu conta, moderou-se um pouco.

—ocorreu algo? Algo marcha mau?

—Algo marcha bem? —respondeu ele.

Ela colocou uma mão sobre a dele, que seguia arranca-rabo a seu braço, e a apertou ligeiramente.

—tiveste um mau dia?

—Sim. Bom, não. Endiabrado. —Rendendo-se, deixou-a retroceder e se apoiou no capô do carro. Como prova de sua compaixão, ela conteve uma careta. Acabava de lavar e encerar o carro—. É pelo assunto da escola.

—Assunto?

—Provavelmente te chegue um relatório oficial ou algo a respeito, assim quero te dar nosso ponto de vista pessoalmente.

—Pontos de vista! Bem, ouçamo-lo.

Assim que ele o contou, e notou como lhe fervia o sangue quando chegou ao ponto no que viu as feridas no braço do Seth, e terminou levantando do carro e dando voltas a seu redor enquanto acabava a história lhe relatando como haviam resolvido.

—Fizeram-no muito bem —murmurou Anna, quase ao bordo da risada quando ele se deteve e a olhou com desconfiança—. É obvio que golpear ao outro menino não era a resposta, mas...

—Acredito que foi uma boa resposta.

—Compreendo-o, e vamos deixar o por agora. Minha opinião é que fez o

que tinha que fazer. Foi ali, escutou e convenceu ao Seth de que te contasse a verdade, e logo lhe defendeu. Duvido que ele esperasse isso de ti.

—por que não..., por que não ia eu A...? Acredito que Seth tinha razão.

—me acredite, não todo mundo dá a cara por seus filhos.

—Não é meu filho. É meu irmão.

—Não todo mundo dá a cara por seu irmão —corrigiu ela—. Que fossem os três esteve bem, e é algo que infelizmente não todo mundo faria. destes um passo adiante, e acredito que vós o vêem assim também. É isso o que se preocupa?

—Não, isso é uma tolice. São outras coisas que não importam.

Não podia falar da investigação sobre a morte de seu pai, ou a fofoca do povo sobre aquela Espinosa questão. Tampouco acreditou que fora um ponto a seu favor o que lhe confessasse que se encontrava apanhado e sonhando escapando.

—Como o tomou Seth?

—Está tranqüilo —respondeu CAM elevando um ombro—. fomos navegar ontem e pescamos algo. Deixamos que passasse o dia.

Anna voltou a sorrir, e esta vez pôs o coração nisso.

—Tivesse-me gostado de estar presente para ver como ocorria. Está começando a te interessar por ele.

—Do que está falando?

—Está começando a preocupar-se por ele. De forma pessoal. Começa a ser algo mais que uma obrigação, uma promessa por cumprir. O menino te importa.

—Pinjente que me faria cargo dele. Isso é o que estou fazendo.

—Importa-te —repetiu ela—. Isso é o que se preocupa, CAM. Isso é o que ocorre quando um se interessa de verdade por alguém.

O a olhou, observando o percurso do sol ao descender para posar-se em suas costas e o modo em que seus olhos olhavam escuros e quentes

aos seus. Pode que estivesse preocupado, admitiu, mas não só por esses sentimentos cambiantes sobre o Seth.

—Eu acabo o que começo, Anna. E não fujo de minha família. Parece que o menino se está adaptando a isto. Mas sou um egoísta filho de puta. Pergunta a quem quer.

—Há algumas costure que prefiro averiguar eu misrna. E agora, vamos jantar esses caranguejos ou não?

—Ethan deveria ter trazido a cesta já. —CAM deu um passo adiante como se queria ajudá-la a entrar. Logo, considerando que já se relaxou, agarrou-a entre seus braços e a elevou para lhe dar um beijo ardente que estremecia o coração.

—Vê-o?, isto é para mim —sussurrou ele quando estiveram ofegantes e trementes—. O desejo e o obtenho. Adverti-te que era um egoísta.

Anna se tornou para trás e se ajustou tranqüilamente a enrugada jaqueta, e logo se passou uma mão pelo cabelo para assegurar-se de que estava em seu sítio.

—Sinto muito, mas me gostou tanto como a ti. Assim que eu não o qualificaria como um ato egoísta.

CAM riu apesar de que o pulso lhe tinha disparado.

—me deixe tentá-lo de novo. A ver se o obtenho esta vez.

—De momento, passo. Quero jantar. —Ao dizer aquilo, subiu brandamente as escadas, chamou brevemente à porta e entrou lentamente na casa.

CAM ficou onde estava com o cenho franzido. Pensou que aquela mulher ia conseguir que esse episódio de sua vida fora memorável.

Para quando CAM percorreu o caminho de entrada para a casa e chegou à cozinha, Anna já estava falando com o Phillip e aceitando um copo de vinho.

—Tem que beber cerveja com os caranguejos —lhe disse CAM tirando uma da geladeira para ele.

—Não estou comendo nada de momento. E Phillip me assegurou que

este é um vinho branco muito bom —respondeu Anna. Deu um sorvo, saboreou-o e sorriu—. E tem toda a razão.

—É um de meus brancos favoritos. —Ao ver que ela assentia, Phillip lhe preencheu o copo—. Suave, delicado e não muito intenso.

—Phillip é um esnobe dos vinhos —disse CAM enquanto desentupia a garrafa do Harp e a levava aos lábios—. Mas lhe deixamos que viva aqui, em qualquer caso.

—E como marcha todo? —inquiriu Anna enquanto se perguntava se eles se dariam conta de quão masculina parecia a casa. Ordenada como um alfinete, sim, mas sem um só toque feminino—. Deve resultar estranho adaptá-los três ao mesmo lar outra vez.

—Bom, não nos matamos uns aos outros —respondeu CAM ensinando os dentes a seu irmão com um sorriso— ainda.

Renda-se, ela se dirigiu à janela.

—E onde está Seth?

—Está com o Ethan —disse Phillip—. Estão cozinhando os caranguejos no fossa.

—O fossa?

—Aqui à volta. —CAM a agarrou da mão e atirou dela para a porta—. Mamãe não nos teria deixado cozinhar os caranguejos na casa. Era doutora, mas também era escrupulosa. Não gostava de olhar. —Levou-a fora do alpendre, falando enquanto baixavam as escadas—. Papai tinha este fossa de tijolos no flanco da casa. Caí-me o primeiro verão. Não lhe dava muito bem pôr tijolos, mas o reconstruímos.

Quando deram a volta à esquina, ela viu o Seth e ao Ethan de pé ao lado de uma grande caldeira que se achava em cima de uma fogueira, colocada em um fossa recortado com as paredes de tijolo. Saíam quebras de onda de fumaça, e o som de umas patas que arranhavam e arranhavam escapava de um barril de aço que estava sobre o chão.

Anna olhou o barril e a caldeira um par de vezes.

—Sabe? Acredito que eu também sou um pouco escrupulosa.

Retrocedeu e se deu a volta para olhar a água. Não lhe importou que CAM se riera dela, especialmente quando ouviu o Seth elevar a voz com um tom de nervosismo desesperado.

—Lhes ides colocar agora? Tio, joder, Esse é muito gordo!

—Disse-lhe que vigiasse sua língua esta noite, mas não sabe ainda que está aqui.

Ela se limitou a mover a cabeça.

—Sonha bastante normal. —estremeceu-se um pouco para ouvir o som das patas, e a exclamação de gosto e desgosto do Seth—. E acredito que o que está ocorrendo à volta da esquina é o suficientemente selvagem para lhe assustar. —E se levou a mão rapidamente à cabeça, para proteger-se, quando ouviu o som dos caranguejos ao cair.

—Eu gosto de solto. —CAM atirou a forquilha que lhe tinha tirado.

—E a mim recolhido —disse ela brandamente começando a caminhar para a água.

—Arrumado a que vamos chocar respeito a um montão de coisas. —CAM deu um sorvo a sua cerveja e lhe dirigiu um largo olhar enquanto caminhavam—. Isto vai resultar interessante.

—Duvido que nenhum de nós se aborreça. Seth é o primeiro, CAM. Digo-o a sério. —Ela fez uma pausa e escutou o som musical da água que golpeava o casco dos navios e a linha da costa. No alto de um dos postes indicadores havia um grande ninho. As bóias se balançavam com a maré.

—Posso lhe ajudar, e não acredito que sempre vamos estar de acordo no que é melhor para ele. É importante que mantenhamos esse tema totalmente à parte quando acabarmos na cama.

CAM agradeceu não ter dado outro sorvo à garrafa. Sua mente não duvidava que se teria engasgado.

—Posso fazê-lo.

Anna elevou a cabeça quando uma garceta elevou o vôo e se perguntou se o ninho seria dele.

—Quando estiver segura o farei. Utilizaremos minha cama. Meu apartamento é mais privado que sua casa.

CAM se arranhou o estômago com a mão, em um intento fútil de acalmar-se.

—Vá, é muito direta, não?

—De que vale ser de outro modo? Somos pessoas adultas e sem ataduras. —Lhe lançou um olhar..., um movimento de pestanas, uma sobrancelha elevada—. Mas se for do tipo dos que preferem que eu finja que sou reticente à sedução, sinto muito.

—Não, parece-me muito bem assim. —Se não fora a explorar enquanto —. Sem jogos, despretensioso e sem promessas... De onde diabos saíste você? —terminou dizendo, fascinado.

—De Pittsburgh —disse ela com suavidade, começando a retroceder para a casa. —Não referia a isso.

—Sei. Mas se pretende te deitar comigo deveria te interessar pelos dados básicos. Sem jogos, despretensioso, sem promessas; isso está bem, mas eu não me deito com desconhecidos.

CAM colocou uma mão em seu braço antes de que ela se aproximasse muito à casa. Queria ter outro momento a sós.

—De acordo, quais são os dados básicos?

—Tenho vinte e oito anos e ascendência italiana. Minha mãe... morreu quando eu tinha doze e me eduquei basicamente com meus avós.

—Em Pittsburgh.

—Isso. São maravilhosos, à antigo uso e com energia; encantadores. Posso fazer um molho rosa terrorífica em um segundo... A receita esteve em mãos de minha família há gerações. Transladei-me à capital justo ao acabar a universidade, trabalhei ali e realizei alguns estudos de graduado. Mas Washington não ia comigo.

—Muito politico?

—Sim e muito urbana. Eu procurava algo diferente, assim acabei aqui.

CAM jogou uma olhada à tranqüilidade do pátio, à tranqüilidade da água.

—Isto é muito diferente à capital, é verdade.

—Eu gosto. Também eu gosto das novelas de terror, os filmes intrascendentes e qualquer tipo de música exceto o jazz. Leio revistas de cima abaixo sem saber por que, e embora me encontro cômoda com todo tipo de gente, eu não gosto das grandes festas sociais. —Anna se deteve, considerando a situação. Pensou que já se veria quanto mais quereria ele saber dela—. Acredito que é suficiente por agora, além disso meu copo está vazio.

—Não te parece em nada à primeira impressão que tive sobre ti.

—Não? Pois você te adapta exatamente à impressão que tubo de ti.

—Falas italiana?

—Com fluidez.

CAM se tornou para frente e lhe murmurou ao ouvido uma sugestão explícita e altamente carregada de sexualidade. Algumas mulheres lhe teriam esbofeteado, outras se teriam rido e outras se teriam ruborizado. Anna se limitou a deixar escapar um som lhe ronronem pela garganta.

—Seu acento é medíocre, mas sua imaginação está bastante bem. —Deu-lhe uma ligeira palmada no braço—. Não se esqueça de me perguntar isso de novo... em outra ocasião.

—Claro que o farei, maldita seja —disse CAM observando seu sorriso suave e aberto ao ver vir ao Seth com o barril dando a volta à esquina da casa.

—Olá, Seth.

O menino deu um derrapagem e se parou. Aquele olhar preocupado e distante se apoderou de seus olhos.

—Sim, olá. Ethan diz que podemos jantar quando quisermos.

—Bem, estou faminta. —Embora sabia que Seth se sentia forçado com ela, seguiu caminhando por volta dele—. Me hão dito que fostes navegar ontem.

Os olhos do Seth se separaram dela e olharam ao CAM de maneira acusadora.

—Sim, e?

—Eu nunca fui. —Disse-o rapidamente, sentindo o suspiro do CAM—. CAM me ofereceu que vá alguma vez com vós.

—É seu navio —respondeu Seth. Logo, ao captar o cenho franzido do CAM, encolheu-se de ombros e disse—: Sim, será estupendo. supõe-se que tenho que conseguir uma tonelada de papel de periódico para colocar no alpendre. Assim comem vós os caranguejos.

—Bem. —antes de que Seth pudesse fugir, ela se agachou e lhe sussurrou ao ouvido—: Menos mal que CAM não os cozinhou.

Aquilo fez que ele soltasse uma risita e fizesse um gesto fugaz antes de dá-la volta e correr para dentro.

Dez

Não estava tão mal para ser uma trabalhadora social. Seth chegou a esta meditada conclusão sobre rlnna uma vez que se retirou a sua habitação para trabalhar em sua redação antiviolencia. Em vez de ficar a isso, dedicou-se a fazer desenhos; rápidos e pequenos esboços de rostos. Tinha tido uma semana muito estúpida para terminar escrevendo sobre aquele estúpido assunto. Não lhe levaria mais de um par de horas uma vez que começasse a fazê-lo. Era injusto, mas melhor que deixar que lhe expulsassem por culpa daquele cara gorda do Robert.

Ainda podia fechar os olhos e rememorar a imagem dos três irmãos

Quinn de pé no despacho da diretora. Os três irmãos a seu lado enfrentando-se à capitalista Moorefield. Pensou que tinha sido tão... guay, e começou a fazer ganchos de ferro a respeito daquele instante em seu caderno.
Ali..., ali estava Phillip com seu traje elegante, seu cuidado cabelo e sua cara de intolerante. Seth pensou que se parecia com os dos anúncios de revista, aqueles que vendiam tolices que só os tipos ricos podiam comprar.

Logo retratou ao Ethan, com seu rosto sério e as grenhas, mesmo que Seth recordou como se penteou justo antes de sair para a escola. Seu aspecto era exatamente o que se via: o de um tipo que ganhava a vida e a vivia ao ar livre.

E logo estava CAM, duro e rude, com esse brilho de maldade no olhar. Com os polegares metidos nos bolsos dianteiros de seu jeans. Sim, isso era, pensou Seth. Ele adotava também essa postura quando estava zangado. Inclusive no grosseiro desenho dava a impressão de alguém que o tinha feito quase tudo e que seguia planejando fazer um pouco mais.

Por último, desenhou-se a si mesmo tratando de ver o que os outros veriam. Seus ombros eram demasíado magros e ossudos, pensou com certa desilusão. Mas não sempre seria assim. Seu rosto era muito magro para os olhos, mas também se preencheria algum dia. Algum dia seria mais alto, mais forte e não teria o aspecto de um moço adoentado. Mas tinha mantido a cabeça alta, não? Não tinha tido medo de nada. E não dava a impressão de estar naquele desenho como por acaso. Esse parecia ser seu sítio.

«que se mete com um Quinn se mete com todos.» Isso é o que havia dito CAM... e seguro que o pensava a sério. Mas ele não era um Quinn, pensou Seth enquanto franzia o cenho sustentando o esboço para estudar os detalhes. Ou pode que sim o fora, não estava seguro. Não lhe importava se Ray Quinn tinha sido seu pai, como diziam algumas pessoas. O único que lhe importava era estar longe do alcance dela.

Não lhe importava quem tinha sido seu pai. Seguia sem lhe importar, assegurou-se a si mesmo. Importava-lhe um cominho. Quão único queria era seguir estando ali, só ali.

Ninguém lhe tinha posto a mão ou o punho em cima desde fazia meses. Ninguém estava abarrotado de drogas até o ponto de atirar-se ao chão durante tanto tempo e com tal imobilidade que parecia um morto, embora no fundo desejasse que assim fora. Já não havia tipos gordos com mãos suarentas que tentavam lhe colocar emano.

Nem sequer ia seguir pensando naquilo.

Comer caranguejos tinha sido também bastante guay. Uma experiência boa e um pouco pringosa, recordou com uma careta. Terei que comê-los com as mãos. A trabalhadora social tampouco se comportou de maneira feminina e formal. tirou-se a jaqueta e se arregaçou a camisa. Não parecia que estivesse observando se ele arrotava ou se arranhava o culo ou um pouco parecido.

Recordou que ela se riu muito. Não estava acostumado a que as mulheres se rieran muito sem estar cheias de cocaína. E aquela era uma risada diferente. Seth sabia. A senhorita Spinelli não era violenta, nem irritável nem se desesperada. Pelo contrário era silenciosa e tranqüila, segundo sua impressão.

Tampouco ninguém lhe havia dito que não comesse mais. Tio, apostaria a que tinha comido um centenar daqueles feios mamões. Nem sequer pôs cuidado em comê-la salada, embora o intenó.

Não tinha tido aquela sensação corrosiva e doentia no estômago, de fome se desesperada, desde fazia muito tempo, tanto que deveria havê-la esquecido. Mas não tinha esquecido nada.

Deu-lhe medo que a trabalhadora social queria lhe levar de volta, mas parecia bastante boa com ele. E tinha visto como lhe dava trocitos de caranguejo e pão a Parvo às escondidas, assim não podia ser tão má.

Mas lhe teria gostado mais se tivesse sido uma garçonete ou algo assim, como Grace.

Quando aqueles ligeiros golpes soaram em sua porta, Seth fechou de repente o caderno, ocultando os esboços, e abriu rapidamente outro onde estavam rabiscadas as primeiras doze palavras das quinhentas da redação.

—Sim?

Anna colocou a cabeça.

—Olá. Posso entrar um minuto?

Era estranho que o perguntasse, e pensou se ela se daria a volta e se iria se lhe dissesse que não. Mas em vez disso se encolheu de ombros.

—Suponho que sim.

—Tenho-me que ir em seguida —começou a dizer enquanto fazia uma inspeção rápida da habitação. Duas camas, feitas de maneira inexperiente, um penteadeira e uma mesa robustos, uma parede com prateleiras que continham alguns livros, uma equipe estéreo portátil de aspecto muito novo e um par de binoculares não tão novos. Havia umas pequenas persianas brancas nas janelas e as paredes estavam pintadas de cor verde pálida.

Necessitava um pouco de desordem, pensou. A desordem de um menino. Antigos brinquedos quebrados e pósters pegos na parede. Mas o cachorrinho roncando na esquina era um bom começo.

—Isto é bonito —comentou Anna dirigindo-se à janela—. Tem boa vista sobre a água e as árvores. Pode observar os pássaros. Eu me comprei um livro sobre aves aquáticas locais quando me transladei da capital para poder distinguir umas de outras. Deve ser bonito ver garcetas todos os dias.

—Imagino.

—Eu gosto disto. É difícil que não goste, verdade? —Seth se encolheu de ombros, tratando de seguir a via cautelosa.

—Está bem. Não tenho problemas.

Ela se deu a volta e observou o caderno.

—A horrível redação?

—Já a comecei. —Defensivamente, aproximou-se o caderno um pouco mais... e atirou o outro ao chão. antes de que pudesse agarrá-lo, Anna se agachou para agarrá-lo.

——Vá, olhe isto! —O caderno tinha cansado mostrando um esboço do cachorrinho, só de sua cara erguida, e Anna pensou que o artista tinha

captado à perfeição aquela expressão tão doce e embevecida.

—Desenhaste-o você?

—Não é grande coisa. E agora se supõe que tenho que fazer a maldita redação, não?

Anna deveria ter suspirado com sua resposta, mas estava muito fascinada com o desenho.

—É maravilhoso. É igual a ele. —Seus dedos estavam a ponto de passar as folhas para ver o que Seth tinha desenhado, mas resistiu e deixou o caderno na mesa—. Eu não sou capaz de desenhar nem um simples palitroque.

—Não é nada. Uma perda de tempo.

—Bem, se não o quiser, poderia-me ficar com ele?

Seth pensou que poderia tratar-se de um truque. depois de tudo, ela havia se tornado a pôr sua jaqueta e levava a maleta. Voltava a parecer uma trabalhadora social em vez da mulher que se arregaçou a camisa e se riu comendo caranguejos cozidos.

—Para que?

—Não posso ter mascotes em meu apartamento. Menos mal —acrescentou—. Não seria justo ter a uma encerrada todo o dia enquanto trabalho mas —disse sonriendo e jogando um olhar ao cachorrinho dormido—, eu adoro os cães. Quando puder ter uma casa e um pátio, terei um par deles. Mas até então, tenho que jogar com os mascotes de outros.

Pareceu-lhe estranho. Na mente do Seth os adultos se comportavam... freqüentemente com mão de ferro. Faziam o que queriam quando queriam.

—por que não muda a outro lugar?

—O lugar que tenho está perto do trabalho e tem um aluguel razoável. —Anna voltou a olhar pela janela para a franja de terra e água. Ambas se foram obscurecendo à medida que caía a noite—. Tem que ser assim até que me possa ocupar de conseguir a casa e o pátio. —dirigiu-se à janela, inundando-se naquela tranqüila vista. A primeira estrela cobrou

vida no horizonte e quase pede um desejo—. Algum lugar perto da água. Como este. De todos os modos...

deu-se a volta e se sentou no bordo da cama frente ao menino.

—Só queria subir antes de ir para ver se havia algo do que queria falar, ou alguma pergunta que queria me fazer.

—Não. Nada.

—De acordo. —Em realidade não esperava que lhe falasse abertamente... ainda—. Pode que queira saber o que vejo aqui, o que penso. —Seth se encolheu de ombros e ela o interpretou como uma afirmação—. Vejo um montão de tipos que tratam de pensar em como viver juntos e fazer que funcione. Quatro homens muito diferentes que chocam uns com outros. E acredito que vão cometer alguns enganos, e que certamente se zangarão e não estarão de acordo entre si. Mas também penso que o obterão... ao final, porque todos eles o desejam —acrescentou com um sorriso agradável—. Cada um a seu modo quer o mesmo.

Anna se levantou e extraiu um cartão da maleta.

—Pode me chamar sempre que querer. Aponto-te o telefone de minha casa por detrás. Não vejo nenhuma razão para ter que voltar, de forma profissional, durante um tempo. Mas posso voltar para me encarregar do cachorrinho. Boa sorte com a redação.

Quando ela se dirigia à porta, Seth se deixou levar pelo impulso e arrancou o desenho de Parvo do caderno.

—Pode ficar isto se quiser.

—De verdade? —Anna agarrou a folha e lhe dedicou um sorriso radiante —. meu Deus, que bonito é. Obrigado. —Seth se retirou para trás quando ela se inclinou para lhe beijar na bochecha, mas a jovem a roçou ligeiramente com os lábios e logo se endireitou. Deu um passo atrás, obrigando-se a manter certa distância—. lhe Dê as boa noite por mim a Tolo.

Anna introduziu o desenho na maleta enquanto baixava as escadas. Phillip se achava embevecido no piano, e tocava descuidadamente uma

melodia melancólica. Aquela era outra habilidade que ela invejava. sentia-se desiludida constantemente por não ter talento.

Não se via o Ethan por nenhum lado e CAM caminhava de forma inquieta pelo salão.

Pensou que essa poderia ser uma imagem típica dos três homens; Phillip deixando acontecer o tempo com elegância, Ethan fora ocupado em alguma caçada solitária, e CAM deixando escapar seu excesso de energia.

E o menino acima em sua habitação, fazendo seus desenhos e enfrascado em seus pensamentos.

CAM olhou para cima e quando seus olhos se encontraram sentiu como uma bola de calor em seu interior.

—Cavalheiros, obrigado pelo maravilhoso jantar.

Phillip se levantou e alargou uma mão para tomar a sua.

—Nós somos os que lhe damos as obrigado. Fazia muito tempo que não jantávamos com uma mulher tão formosa. Espero que volte.

«Que doce!», pensou ela.

—Passei-o estupendamente. lhe digam ao Ethan que é um gênio com os caranguejos. boa noite, CAM.

—Acompanho-te.

Anna tinha contado com isso.

—Em primeiro lugar —disse ela quando se dirigiam ao exterior—, e pelo que posso ver, o bem-estar do Seth se está cumprindo. Tem uma supervisão adequada, uma boa casa e apoio na vida escolar. Necessitaria sapatos novos, mas não imagino a nenhum menino de dez anos que não os necessite.

—Sapatos? O que acontece com seus sapatos?

—Não importa —respondeu Anna voltando-se para ele quando chegaram ao carro—. Todos vós têm que fazer alguns ajustes, e não há dúvida de que Seth é um menino com problemas. Suspeito que sofreu abusos, abusos físicos e possivelmente sexuais.

—Eu também o pensei —comentou brevemente CAM—. Isso não passará aqui.

—Sei. —Ela colocou uma mão em seu braço—. Se tivesse a mais mínima dúvida a respeito, levaria-me isso. CAM, necessita assessoramento profissional. Todos vós o necessitam.

—Assessoramento? Isso são estupidezes. Nós não precisamos esvaziar nosso interior com nenhum psiquiatra do condado.

—Alguns psiquiatras do condado são muito bons em seu trabalho —disse ela secamente—. Como eu tenho um título de psicóloga, me poderia considerar uma psiquiatra mau paga do condado, e sou muito boa no meu.

—Bem. falaste com ele e agora está falando comigo. Já estamos assessorados.

—Não o ponha difícil. —Sua voz era deliberadamente moderada porque sabia que provocaria um brilho de desconcerto em seus olhos. Era justo, pois também lhe tinha desconcertado a ela.

—Não o estou pondo difícil. colaborei contigo desde o começo.

Mais ou menos, pensou ela, e para seguir sendo justa admitiu que era mais do que tinha esperado.

—tivestes um bom começo, mas um profissional lhes ajudará a tirar as coisas do interior e chegar à raiz dos problemas.

—Nós não temos problemas.

Anna não teria esperado tanta resistência em um pouco tão básico, mas deveria havê-lo feito.

—É obvio que os têm. Ao Seth aterroriza que lhe toquem.

—Não lhe dá medo que lhe toque Grace.

—Grace? —Anna apertou os lábios para pensar—. Grace Monroe, a da lista que me deu?

—Sim, encarrega-se agora das tarefas domésticas, e o menino está louco por ela. Pode que tenha perdido um pouco a presilha por ela.

—Isso está bem, é são. Mas é só um começo. Quando um moço sofreu abusos ficam rastros.

Para que diabos estavam falando de todo aquilo?, pensou ele com impaciência. por que estavam falando de psiquiatras e escavando nas velhas feridas quando tudo o que ele queria era uns poucos minutos de suave flerte com uma mulher bonita?

—Meu velho estava acostumado a me sacudir o pele. E o que? Sobrevivi. —Odiava recordá-lo, odiava estar ao lado da casa que tinha sido seu refúgio e recordá-lo-a mãe do menino lhe golpeava. Bem, não vai ter oportunidade de voltar a fazê-lo. Esse capítulo está fechado.

—Nunca se fecha —disse Anna pacientemente—. Qualquer capítulo que começa sempre se apóia no capítulo anterior. Estou-te recomendando assessoramento agora, e o vou recomendar em meu relatório.

—Adiante. —CAM não podia explicar por que lhe enfurecia só pensá-lo. Só sabia que se condenaria se tivesse que pedir-se a si mesmo ou a algum de seus irmãos que voltassem a abrir aquelas portas, fechadas fazia já tanto—. Recomenda o que queira. Isso não significa que o tenhamos que fazer.

—Têm que fazer o melhor para o Seth.

—Como diabos sabe o que é o melhor?

—É meu trabalho —respondeu ela agora com frieza porque estava começando a irritar-se.

—Seu trabalho? Tem um título universitário e um montão de formulários. Nós somos os que o vivemos, os que o vivemos. Você não sabe nada sobre isso, o que se sente quando lhe esbofeteiam a cara e não pode fazer nada para impedi-lo. Ter em cima a uns gilipollas burocráticos do condado que não sabem uma mierda sobre como resolver o que acontece com sua vida.

Que não sabia? Ela pensou em uma estrada escura e deserta, no terror. No medo e os gritos. recordou-se a si mesmo que não devia entrar em sua vida pessoal, embora lhe oprimisse o estômago.

—Sua opinião sobre minha profissão ficou clara como o cristal em nossa

primeira entrevista.

—É verdade, mas cooperei. Informei-te de tudo e todos nós tomamos medidas para que isto funcionasse. —Colocou os polegares nos bolsos dianteiros em um gesto que Seth teria reconhecido—. Entretanto, nunca é suficiente. Sempre há algo mais.

—Se não houvesse algo mais —respondeu ela—, não estaria tão zangado.

—É obvio que estou zangado. Aqui estivemos movendo o culo. Acabo de rechaçar a melhor competição de minha carreira. Tenho um menino nas mãos que me olhe a cada minuto como se fora um inimigo, e ao minuto seguinte, sua salvação. Por Deus santo!

—E é mais duro ser sua salvação que seu inimigo.

Mas como diabos sabia ela tanto?

—Já lhe digo isso, o melhor para o menino e para todos é que nos deixe sozinhos. Se necessitar sapatos lhe comprarei os malditos sapatos.

—E o que vais fazer com o fato de que lhe assusta que lhe toquem, inclusive do modo mais casual, inclusive você ou seus irmãos? ides comprar lhe o medo?

—Superará-o. —CAM estava agora entrincheirado e se negava a permitir que ela se misturara.

—Superá-lo? —A súbita fúria fez que quase gaguejasse. E logo saíram as palavras como uma corrente que fez que o raio de medo de seus olhos estivesse envenenado—. Porque você quer? Porque o há dito? Sabe você o que é viver com essa classe de terror? Esse tipo de vergonha? o ter engarrafado dentro de ti e que o veneno vá saindo gota a gota incluso quando alguém que te ama queira te apoiar?

Abriu bruscamente a porta de seu carro e atirou dentro a maleta.

—Eu sei. Sei exatamente como é. —O agarrou seu braço antes de que ela pudesse meter-se no carro—. me Tire a mão de cima.

—Espera um minuto.

—Hei dito que me tire a mão de cima.

Como ela estava tremendo, fez-o. Em algum momento da discussão, Anna tinha passado da irritação profissional à raiva pessoal. O não tinha notado a mudança.

—Anna, não vou deixar que ponha ao volante desse carro estando tão nervosa. Acabo de perder a alguém a quem queria e não vou deixar que volte a acontecer.

—Estou bem. —Embora o disse mordendo as palavras, terminou-as com um comprido e prolongado suspiro—. Sou perfeitamente capaz de conduzir até casa. Se quer falar da possibilidade de assessoramento de forma racional, pode chamar a meu escritório para consertar uma entrevista.

—por que não damos um passeio? Aos dois tranqüilizaria.

—Eu estou tranqüila. —deslizou-se dentro do carro e quase lhe fechou a porta nos dedos—. Entretanto, você sim que poderia te dar um e te atirar ao mole.

CAM lançou uma maldição quando ela se afastou. Por um instante pensou persegui-la, tirá-la do carro e lhe pedir que terminassem a maldita e estúpida discussão. Mas o seguinte pensamento foi retornar a casa e esquecê-lo. Esquecê-la.

Entretanto, lembrou-se do olhar ferida que tinha aparecido em seus olhos e o som de sua voz quando havia dito que sabia o que era estar assustada, envergonhada.

deu-se conta de que alguém a tinha ferido. E nesse momento todo o resto caiu no esquecimento.

Anna fechou de repente a porta de seu apartamento, tirou-se os sapatos de um puxão e os lançou ao outro lado da habitação. Seu temperamento não era do tipo que se acendia, bulia e logo se esfriava. Era algo que fervia a fogo lento, cozia, macerava-se e logo se vomitava.

A viagem de volta não lhe tinha acalmado absolutamente; quão único

conseguiu foi que suas emoções se intensificassem.

Arrojou a maleta sobre o sofá, tirou-se a jaqueta do traje e a atirou também em cima. Que homem tão ignorante e cabezota! massageou-se as têmporas. O que lhe fez pensar que conseguiria lhe fazer entender? Ou que desejava fazê-lo?

Quando ouviu os golpes na porta, apertou os dentes. Acreditou que sua vizinha quereria intercambiar notícias ou fofocas.

Não estava de humor.

Decidida a ignorá-la até que estivesse acalmada, começou a tirá-las forquilhas do cabelo.

Voltaram a soar golpes, agora mais fortes.

—Venha, Anna. Abre a maldita porta.

Naquele momento só pôde ficar olhando, enquanto a comoção e a raiva faziam que seus ouvidos apitassem. Aquele homem a tinha seguido a casa? Tinha tido o valor de percorrer o caminho até sua porta e esperar que lhe desse a bem-vinda?

Provavelmente ele pensava que ela estava tão consumida pelo desejo que se equilibraria sobre ele e se derrubariam grosseiramente no chão do salão. Pois bem, ia se levar uma surpresa.

Anna se dirigiu à porta a pernadas e a abriu de um puxão.

—É um filho de puta.

CAM observou seu rosto furioso, o cabelo solto, e os olhos que brilhavam de vingança, e pensou que seria uma perversidade por sua parte encontrar aquilo excitante.

Mas o que podia fazer?

fixou-se no punho apertado.

—Adiante —lhe convidou ele—. Mas se me surra terá que escrever uma redação de quinhentas palavras sobre a violência em nossa sociedade.

Anna deixou escapar da garganta um som baixo e ameaçador, e tentou lhe fechar a porta na cara. CAM foi o suficientemente rápido para pará-la

com uma mão e o suficientemente forte para apoiar seu peso nela e mantê-la aberta.

—Queria me assegurar de que tinha chegado bem a casa —começou a dizer enquanto lutavam contra a porta—. E como estava perto, pensei que poderia subir.

—Quero que vá. Muito longe. De fato, quero que vá direito ao inferno.

—Faço-me cargo mas, antes de fazer a viagem, me conceda cinco minutos.

—Já te dei muito tempo.

—O que importam cinco minutos mais? —Para corroborá-lo, manteve a porta aberta com uma mão..., o que lhe enfureceu, e se precipitou dentro.

—Se não fora pelo Seth chamaria à polícia agora mesmo e faria que lhe encerrassem no cárcere.

CAM assentiu. Tinha tratado com esse tipo de mulheres enfurecidas e sabia que era o momento de ser prudente.

—Sim, também me faço cargo disso. Escuta...

—Não tenho por que te escutar. —Utilizando a palma da mão, golpeou-lhe duramente no peito—. É insultante, tem a cabeça dura e está equivocado, assim não tenho por que te escutar.

—Eu não estou equivocado —respondeu ele—. Você é a que está equivocada. Eu sei...

—Sabe tudo, não? —interrompeu-lhe ela—. Vem de ir dando saltos por todo mundo jogando a ser um temerário de primeira, e de repente sabe tudo sobre o que é o melhor para um menino de dez anos ao que conhece desde apenas um mês.

—Eu não jogava a ser um temerário de primeira. Era minha carreira! —estalou ele fazendo pedacinhos seus propósitos pacíficos de reconciliação—. Uma maldita boa carreira. E sei o que é melhor para o menino. Sou o que esteve aí dia e noite. Você passa um par de horas com ele e pensa que controlaria melhor o assunto. Isso é uma gilipollez.

—Meu trabalho consiste em controlá-lo.

—Então deveria saber que cada situação é diferente. Pode que a algumas pessoas funcione o soltar as tripas ante um estranho e que lhes analisem os sonhos. —Tinha-o solto com cuidado, com lógica e sobre a marcha. Estava decidido a ser absolutamente razoável—. Não há nada errôneo nisso, se te valer. Mas não pode generalizar. Tem que considerar as circunstâncias e as personalidades em jogo, e fazer ajustes.

Anna não podia controlar a respiração, assim deixou de tentá-lo.

—Eu não generalizo com a gente a que decidi ajudar. Estudo e avalio e, maldita seja, preocupo-me. Eu não sou nenhuma gilipollas burocrática que não sabe uma mierda. Sou uma assistente social com formação e com uma experiência de seis anos, e tenho essa formação e essa experiência porque sei exatamente o que é estar no outro lado, o que é estar ferida, assustada, só e necessitada. E nenhum caso que me atribui é um mero nome em um formulário.

Sua voz se quebrou, afundando-se no silêncio. Rapidamente retrocedeu, levando uma mão à boca e elevando a outra para fazer um signo a ele de que se fora. Sentiu que aquilo subia dentro dela, e que seria incapaz de detê-lo.

—Vete —conseguiu dizer—. Vete daqui agora mesmo.

—Não faça isso. —CAM se angustiou quando as primeiras lágrimas escorregaram pelas bochechas da Anna. Ele podia compreender e dirigir às mulheres furiosas. As que choravam lhe destroçavam—. Tempo morto. Falta. meu deus, não faça isso.

—me deixe reveste —rogou Anna e se deu a volta, pensando só em escapar, mas ele a envolveu com os braços e ocultou o rosto em seu cabelo.

—Sinto muito, sinto muito, sinto-o —repetiu CAM. teria se desculpado por tudo, absolutamente tudo, se aquilo servisse para suavizar as coisas —. Estava equivocado. estive desconjurado respeito a tudo o que disse. Não chore, pequena. —Ele a girou, abraçando-a com força. Pressionou os lábios contra sua frente, contra suas têmporas. Suas mãos lhe

acariciavam o cabelo, as costas.

Logo lhe beijou a boca, com suavidade ao princípio, para confortá-la e tranqüilizá-la, enquanto seguia murmurando rogos e promessas sem importância. Mas os braços dela se elevaram, lhe enroscando o pescoço, seu corpo pressionou o dele, e seus lábios se abriram com calidez.

A mudança foi rápido, e de repente ele se encontrou perdido nela, fundo nela. A mão que tinha acariciado brandamente seu cabelo agora se enredava nele, apertada, enquanto os beijos chegavam a queimar.

me leve daqui, foi tudo o que ela podia pensar. Não me deixe raciocinar, não me deixe pensar. Só me leve daqui. Ela desejava que lhe acariciassem as mãos, que lhe beijasse a boca, sentir que os músculos tremiam de desejo sob seus dedos. E com aquela forte e selvagem sensação de plenitude, ela poderia abandoná-lo tudo.

Ela tremeu contra ele, estremeceu-se em seus braços, e o som que deixou escapar contra sua boca se desesperada era como um gemido. Cain se tornou para trás, como se algo lhe ferroasse, e embora suas mãos não estavam de tudo firmes, manteve-as nos braços dela, mantendo-a a distância.

—Isto não foi... —Teve que deter-se, conceder um minuto. Sua mente estava confusa e era improvável que se esclarecesse se ela seguia lhe olhando com aqueles olhos escuros e úmidos, nublados de paixão—. Não posso acreditar que vá dizer isto, mas penso que não é uma boa idéia. —Percorreu seus braços de cima abaixo com as mãos, e lutou por manter o controle—. Está preocupada, provavelmente sem pensar... —Ainda tinha seu sabor, aquele sabor em sua própria língua que lhe revolvia o interior com uma fome raivosa—. meu Deus, preciso beber algo.

Zangada com eles dois, ela se passou o dorso da mão pela bochecha para enxugá-la.

—Farei café.

—Eu não falava de café.

—Sei, mas se formos ser sensatos, nos contentemos com o café.

Anna se dirigiu à cozinha e se manteve ocupada com o processo caseiro de moer os grãos e preparar o café. Cada nervo de seu corpo estava em tensão. Qualquer necessidade que tivesse tido ou imaginado tinha aflorado de forma brutal.

—Anna, se tivéssemos terminado teria pensado que me aproveitei da situação.

Ela assentiu, e continuou preparando o café.

—Ou me teria perguntado se fui eu a que o fez. Em qualquer caso, não é boa idéia. Para mim é importante não mesclar nunca sexo e culpabilidade. —Lhe olhou então com calma, com compostura—. É vital para mim.

E então ele soube. Ao sabê-lo, sofreu de uma vez rabia e uma sensação de impotência.

—meu deus, Anna, quando ocorreu?

—Quando tinha doze anos.

—Sinto muito. —Aquilo lhe fez sentir náuseas no estômago, no coração —. O sinto —disse outra vez torpemente—. Não tem por que falar disso.

—Aí é onde não estamos de acordo. Falar disso é o que me salvou ao final. —Então pensou que ele escutaria e que a conheceria—. Minha mãe e eu tínhamos ido a Filadelfia a passar o dia. Eu queria ver o Sino da Liberdade porque estávamos estudando a Guerra da Independência na escola. Tínhamos um cacharro por carro. Viajamos e visitamos os lugares. Comemos gelados e compramos lembranças.

—Anna...

A jovem elevou a cabeça rapidamente de forma desafiante.

—Tem medo de ouvi-lo?

—Pode. —passou-se uma mão pelo cabelo. Pode que tivesse medo de ouvi-lo, medo do que pudesse trocar entre eles. Outra tiragem de jogo de dados, pensou ao olhá-la, esperando com paciência. E compreendeu que ele também o precisava—. Segue.

Dando-a volta, Anna agarrou umas taças do armário.

—Só fomos as duas. Sempre tinha sido assim. Minha mãe ficou grávida quando tinha dezesseis anos e nunca revelou quem era o pai. me ter lhe complicou a vida enormemente, e deveu lhe supor bastante vergonha e apuros. Meus avós eram muito religiosos, muito à antigo uso. —Anna sorriu um pouco—. Muito italianos. Eles não apartaram a minha mãe de suas vidas, mas minha sensação era que lhes incomodava ter um papel mais que secundário a respeito. Assim tínhamos um apartamento do tamanho de uma quarta parte de este.

Levou a jarra ao mostrador e verteu o aromático e escuro café.

—Era o mês de abril, um sábado. Ela se tinha tomado o dia livre, assim que nos podíamos ir. Passamos um dia incrível e ficamos mais tempo do planejado porque nos estávamos divertindo. Eu fiquei meio dormida na viagem de volta, e minha mãe deveu agarrar o caminho equivocado. Assim que nos perdemos, mas ela não deixava de fazer brincadeiras a respeito. Começou a sair fumaça do capô.

apartou-se a um lado da estrada e saímos do carro. Começou-nos a entrar a risada frouxa. «Vá mierda.» «Vá plano.»

CAM sabia o que vinha a seguir, e lhe punha doente.

—Possivelmente queira te sentar.

—Não, estou bem. Ela pensou que o radiador necessitava água —continuou Anna. Seus olhos se nublaram à medida que recordava. Podia lembrar do calor que fazia, da tranqüilidade que havia, e de como a lua aparecia e desaparecia depois das nuvens—. iam caminhar até a casa mais próxima para pedir ajuda. Um carro se aproximou e parou. Havia dois homens dentro, e um deles se inclinou para fora e nos perguntou se tínhamos algum problema.

Anna se levou a taça aos lábios e bebeu. Suas mãos eram agora firmes. Podia voltar a contá-lo e voltar a vivê-lo.

—Lembrança o modo em que ela apertou sua mão contra a minha, fechando-a com tal força que doía. Mais tarde compreendi que tinha medo. Estavam bêbados. Minha mãe disse algo sobre ir caminhando a casa de seu irmão e que estávamos bem, mas eles saíram do carro. Ela me empurrou detrás de si. Quando o primeiro a agarrou, gritou-me para

que corresse. Mas não pude. Não me pude mover. O ria enquanto a toqueteaba e ela se defendia. E quando a separou da estrada e a tombou no chão, eu corri e tentei atirar dele. Mas é obvio não pude, e o outro homem atirou de mim e me arrancou a camisa.

Uma mulher indefesa e uma menina indefesa. Os punhos do CAM se fecharam a ambos os lados de seu corpo enquanto a raiva e a impotência lhe percorriam. Tivesse-lhe gostado de poder ir até aquela estrada aquela noite e lhes amassar com sanha.

—O seguiu rendo-se —continuou Anna tranqüilamente—. Vi sua cara com claridade durante uns instantes. Como se estivesse congelada em frente de mim. Segui ouvindo gritar a minha mãe, lhes suplicando que não me fizessem mal. Ele a estava violando, podia ouvir como a violava, mas ela seguia suplicando que me deixassem em paz. Deveu ver que aquilo ia ocorrer, e lutou com mais força. Ouvi como o homem a golpeava, lhe gritando que se calasse. Não parecia real, inclusive quando me estava violando não parecia que pudesse ser real. Só um mau sonho que seguia e seguia, sem parar.

»Quando acabaram, dirigiram-se cambaleando ao carro e se foram. Deixaram-nos ali. Minha mãe estava inconsciente. Estava gravemente ferida. Eu não sabia o que fazer. Disseram que entrei em shock, mas não recordo nada até que estive no hospital. Minha mãe nunca recuperou o conhecimento. Esteve em coma durante dois dias e logo morreu.

—Anna, não sei o que te dizer..., o que posso te dizer.

—Não lhe contei isso para ganhar sua simpatia —respondeu Anna—. Ela tinha vinte e sete anos, um ano menos dos que tenho eu agora. Faz muito tempo, mas a gente nunca esquece. Nunca se vai completamente. E eu recordo tudo o que aconteceu aquela noite, tudo o que fiz depois... até que me fui viver com meus avós. Fiz tudo o que pude para lhes fazer danifico, para me fazer isso mesma. Aquele era o modo de confrontar o que me tinha passado. Rechacei os conselhos —disse fríamente—. Não queria falar com nenhum psiquiatra sério e estirado. Em vez disso me meti em brigas, procurei problemas, e os encontrei. Deitava-me com quem me dava a vontade, tomei drogas, escapei-me de casa e estava contra os trabalhadores sociais e o sistema.

Anna agarrou a jaqueta que tinha atirado antes e a dobrou com cuidado.

—Odiava a todo mundo, e a mim mais que a ninguém. Eu era a que tinha querido ir a Filadelfia. Eu era o motivo pelo que tínhamos ido ali. Se não tivesse estado com ela, poderia ter fugido.

—Não —respondeu CAM. Queria tocá-la, mas tinha medo de fazê-lo. Não porque parecesse frágil..., pois não o era. Parecia incrivelmente forte—. Não, não deveria te culpar de nada.

—Sentia a culpa. E quanto mais a sentia, mais golpeava a tudo e a todos os que estivessem a meu redor.

—Às vezes é o único que se pode fazer —murmurou ele—. Lutar e fugir sem pensar até que tudo acabe.

—Às vezes não há nada pelo que lutar, nenhum lugar aonde ir. Durante três anos, utilizei o que aconteceu aquela noite para fazer o que quis. —Voltou a olhar ao CAM elevando e baixando a sobrancelha rápida e ironicamente—. Não escolhi bem. Pensei que era uma garota dura quando acabei no tribunal de menores. Mas meu assistente social era ainda mais dura. Animava-me, estimulava-me, seguia-me a pista. E como se negou a me abandonar, conseguiu-o. E como meus avós se negaram a me abandonar, consegui-o.

Com cuidado, ela deixou a jaqueta no braço do sofá.

—Podia ter sido diferente. Podia ter sido uma falha mais do sistema. Mas não foi.

CAM pensou que era incrível que ela tivesse convertido um horror como aquele em fortaleza. Era incrível que tivesse eleito um trabalho que lhe recordaria cada dia o que lhe tinha arruinado a vida.

—E decidiu devolver a moeda. Fazer o tipo de trabalho que te tinha salvado a vida.

—Sabia que podia ajudar. E sim, tinha uma dívida, do mesmo modo que você também sente que tem uma. Sobrevivi —disse lhe olhando diretamente aos olhos—, mas a sobrevivência não é suficiente. Não era suficiente para mim, nem para ti. E não será suficiente para o Seth.

—Cada costure a seu tempo —murmurou ele—. Quero saber se

agarraram a aqueles filhos de puta.

—Não. —Tinha aprendido fazia tempo a aceitar e a viver com aquilo—. Passaram semanas antes de que eu fora capaz de fazer uma declaração. Nunca os agarraram. O sistema não sempre funciona, mas eu aprendi, e acredito que faz o que pode.

—Eu nunca pensei assim, e isto não me vai trocar. —Começou a tender a mão, logo duvidou e a meteu no bolso—. Sinto te haver feito mal, te haver dito coisas que lhe têm feito recordar.

—Sempre está aí —respondeu—. Enfrenta a isso e o aparta durante compridos períodos de tempo. Mas volta uma e outra vez porque nunca se vai realmente.

—Deixou-te aconselhar?

—Ao final sim. Eu... —interrompeu-se e suspirou—. Bem, não digo que os conselhos façam milagres, CAM. O que te digo é que ajudam e são benéficos. Eu os necessitei, e quando finalmente estive preparada para receber essa ajuda, senti-me melhor.

—Façamos o seguinte —propôs enquanto a tocava, deixando simplesmente uma mão sobre as suas em cima do mostrador—. Deixaremos isso como uma possibilidade. Vejamos como partem as coisas...

—Ver como partem as coisas —disse suspirando, muito cansada para discutir. Doía-lhe a cabeça e sentia seu corpo vazio e frágil—. Estou de acordo, mas seguirei recomendando assessoramento em meu relatório.

—Não se esqueça dos sapatos —disse ele secamente, e ficou aliviado quando ela riu.

—Não terei que mencioná-los, porque sei que lhe levará a loja este fim de semana.

—Chama-o compromisso. Acredito que terminarei comprando os Anna comprendió cómo se sentían algunos hombres acerca de una mujer que había sido atacada sexualmente. Se le puso un nudo en el estómago. Pero era mejor saberlo.

—Devia ser bastante obstinado antes.

—Acredito que o término que utilizavam meus pais era «teimoso».

—É reconfortante sentir-se compreendida. —Baixou o olhar, observando a mão que cobria a sua—. Se me pedisse ficar não poderia dizer que não.

—Quero ficar. Desejo-te. Mas não lhe posso pedir isso esta noite. Não é o momento.

Anna compreendeu como se sentiam alguns homens a respeito de uma mulher que tinha sido atacada sexualmente. Lhe pôs um nó no estômago. Mas era melhor sabê-lo.

—É pelo de minha violação?

Não deveria ser assim. CAM não quis permitir que o que lhe tinha ocorrido a ela afetasse ao que pudesse acontecer entre eles.

—Não quero que manhã te arrependa de não ter podido te negar esta noite.

Surpreendida, ela voltou a lhe olhar.

—Nunca faz o que se espera de ti.

CAM tampouco fazia o que ele mesmo esperava, pelo menos ultimamente.

—Este assunto..., seja o que seja, não vai ser o que eu esperava dele. O que te parece uma entrevista na sábado de noite?

—Tenho uma entrevista na sábado. —Seus lábios se curvaram lentamente. O nó do estômago se afrouxou—. Mas a anularei.

—Às sete em ponto. —Deu a volta ao mostrador, beijou-a recreando-se nisso, e a voltou a beijar—. Em algum momento vou querer chegar até o final.

—Eu também.

—Bem. —Soltou um suspiro e se dirigiu à porta agora que estava seguro de que poderia—. Isto fará mais fácil o caminho de volta a casa.

Fez uma pausa, e se deu a volta para olhá-la.

Disse que tinha sobrevivido, Anna, mas não o fez. Triunfou. Tudo o que está relacionado contigo é um testemunho de valentia e fortaleza. —Quando lhe olhou, obviamente comovida, ele sorriu um pouco—. Não o aprendeu da trabalhadora social ou do assessor. Eles lhe ajudaram simplesmente a pensar. Imagino que o aprendeu de sua mãe. Deveu ser uma mulher incrível.

—Era-o —murmurou Anna, outra vez ao bordo das lágrimas.

—Você também. —CAM fechou a porta brandamente atrás dele. Decidiu que se tomaria seu tempo na viagem de volta a casa. Tinha um montão de coisas que pensar.

Onze

As bonitas manhãs dos sábados da primavera não eram para as passar em ruas repletas de gente. Para o Ethan, terei que as passar na água. A idéia de ir às compras..., de compras de verdade..., resultava-lhe algo quase terrorífico.

—Não vejo por que temos que fazer isto todos.

Como tinha sido o primeiro em subir ao jipe, CAM subiu na parte dianteira. Voltou a cabeça para olhar ao Ethan.

—Porque estamos juntos nisto. O velho celeiro do Claremont se aluga, verdade? Necessitamos um sítio se formos construir navios. Temos que chegar a um trato.

—Que insensatez —foi quão único disse Phillip enquanto girava pelo Market Street no St. Chris.

—Não se pode iniciar um negócio se não se tiver um lugar onde começar —reiterou CAM. Aquele simples feito era de uma lógica inapelável—. Assim que lhe jogamos uma olhada, fazemos o trato com o Claremont e começamos.

—Licenças, impostos, materiais, pedidos, Por Deus bendito —começou a enumerar Phillip—. Ferramentas, publicidade, linhas telefônicas, linhas de fax, contabilidade.

—Pois te ocupe você disso —respondeu CAM encolhendo-se de ombros, com gesto descuidado—. Assim que assinemos o arrendamento e lhe compremos ao menino uns sapatos, poderá fazer quão seguinte terei que fazer.

—De verdade? —queixou-se Phillip ao mesmo tempo que Seth dizia entre dentes que ele não necessitava sapatos.

—Ethan já tem o primeiro pedido e eu investiguei sobre o edifício. Você te tem que ocupar da papelada. E você terá os malditos sapatos —disse ao Seth.

—Não sei por que tem que dar ordens a todos.

CAM se limitou a soltar uma risada forçada.

—Eu tampouco.

O edifício Claremont não era realmente um celeiro, mas era tão grande como um. Em meados de 1700 tinha sido um armazém de tabaco. Depois da Guerra da Independência, os navios britânicos deixaram de chegar ao St. Chris com sua enorme variedade de mercadorias. Os negócios que tinham florescido entraram em quebra.

O ressurgir de finais de 1800 foi propiciado pela baía. Com a melhora dos métodos de engarrafamento e empacotamento se estendeu o mercado nacional de ostras, e St. Chris voltou a prosperar uma vez mais. Então o velho armazém de tabaco se reconverteu em envasadora.

Logo se exploraram os viveiros de ostras e o edifício se converteu em um glorioso abrigo de armazenagem. Nos últimos cinqüenta anos tinha

estado tão vazio como antes cheio.

O exterior era pouco pretensioso. De tijolo opaco pelo sol e o clima, e com buracos do tamanho de um dedo no cimento. Tinha um velho teto a ponto de afundar-se que necessitava urgentemente uma reparação. As janelas eram pequenas e estreitas. A maioria estavam rotas e imundas.

—OH, sim, isto parece prometedor —comentou Phillip com visível desgosto e estacionou o carro em um lugar marcado no lateral do edifício.

—Necessitamos espaço —lhe recordou CAM—. Não faz falta que seja bonito.

—Menos mal, porque isto está muito longe de ser bonito.

Com um pouco mais de interesse, Ethan subiu. encarapitou-se à janela mais próxima e utilizou o lenço do bolso traseiro para tirar grande parte da sujeira que havia, e assim poder inspecionar o interior.

—Não está mal de espaço. Tem portas de carga na parte posterior e um mole. Necessita alguma reparação.

—Alguma? —disse Phillip olhando por cima do ombro do Ethan—. O estou acostumado a está podre. Deve estar infestado de insetos. Provavelmente térmites e roedores.

—Pode que seja uma boa idéia mencionar-lhe ao Claremont —comentou Ethan— para que baixe o aluguel. —Para ouvir ruído de cristais, viu que CAM acabava de atravessar uma janela que tinha quebrado com o cotovelo—. Me parece que vamos entrar.

—Romper e entrar —disse Phillip, quem se limitou a sacudir a cabeça—. É um bom começo.

CAM atirou do velho fechamento da janela e o subiu.

—Estava quase quebrado. me dêem um minuto. —precipitou-se para dentro e desapareceu.

—Guay —exclamou Seth, e antes de que se ouvisse uma palavra mais, subiu também e se meteu dentro.

—Bonito exemplo lhe estamos dando —manifestou Phillip. passou-se

uma mão pela cara e desejou fervientemente não ter deixado de fumar.

—Bom, pensa o deste modo. Poderíamos ter forçado as fechaduras. Mas não o temos feito.

—Bem. Escuta, Ethan, temos que pensar nisto. Não há razão pela que não possa..., não possamos... construir esse primeiro navio em sua casa. Uma vez que comecemos a alugar edifícios e a apresentar cifras de impostos estaremos comprometidos.

—O que é quão pior pode ocorrer? Que gastemos tempo e dinheiro. Acredito que tenho ambas as coisas —respondeu Ethan. Ouviu a mescla de risadas do CAM e Seth que ecoavam no interior—. E pode que nos divirtamos enquanto estejamos nisso.

dirigiu-se à porta principal, sabendo que Phillip grunhiria, mas lhe seguiria.

—Vi um rato —disse Seth encantado quando CAM abriu completamente a porta principal—. Era impressionante.

—Ratos —repetiu Phillip. Examinou o pouco iluminado espaço com uma careta antes de dirigir-se ao interior—. É encantador.

—Temos que conseguir um par de gatas —apontou Ethan—. São mais temíveis que os machos.

Miro para cima, inspecionando o alto teto. O teto mostrava claramente os danos produzidos pela água. Havia um desvão, mas as escadas que conduziam a ele estavam rotas. A podridão, e provavelmente os ratos, comeram-se o arranhado teto de madeira.

Necessitaria muita limpeza e acertos, mas o espaço era amplo. permitiu-se a si mesmo sonhar.

O aroma da madeira sob a serra, o aroma de] azeite, o som do martelo sobre os pregos, o brilho do bronze, o chiado dos arranjos. Quase podia ver o modo em que o sol se filtraria pelas janelas novas e podas, iluminando o esqueleto de um veleiro.

—Imagino que teremos que levantar alguns muros para fazer escritórios —dizia CAM. Seth ia daqui para lá, explorando e soltando exclamações —. Teremos que fazer planos ou algo assim.

—O lugar é um horror —particularizou Phillip. —Sim, e por isso sairá barato. Poremos um par de milhares para arrumá-lo Y...

—Será melhor demoli-lo e começar de novo. —Phil, trata de controlar esse otimismo selvagem. —CAM se voltou para o Ethan—. Você o que pensa?

—Servirá.

—Servirá para que? —perguntou Phillip elevando as mãos—. Para cair em cima de nossas orelhas? —Naquele momento uma aranha, que Phillip considerou que tinha o tamanho de um Chihuahua, passeou-se pela ponta de seu sapato—. me Dêem uma escopeta —exclamou.

CAM se limitou a rir e a lhe dar uma palmada nas costas.

—vamos ver o Claremont.

Stuart Claremont era um homem pequeno, de olhar duro e gesto cheio o saco. As pequenas propriedades do St. Chris que lhe pertenciam quase sempre caíam por falta de reparação. Quando seus inquilinos se queixavam muito, ele às vezes, e grunhindo, resolvia com algumas tuberías e umas contas soldas, ou emendando um teto.

Gostava de economizar para os tempos difíceis. Mas para o Claremont, os tempos nunca eram o suficientemente difíceis para gastar um centavo.

Pelo contrário, sua casa do Oyster Shell Lane era um lugar de interesse. Todo mundo dizia que Nancy, sua mulher, podia ser muito machacona e era ela a que levava a voz cantante.

O tapete que ia de parede a parede era espessa e suave, e os muros estavam empapelados com gosto. Recarregada-las cortinas coordenavam implacavelmente com as recarregadas tapeçarias. As revistas estavam militarmente alinhadas em uma reluzente mesa de café de madeira de cerejeira, que fazia jogo com umas reluzentes mesas de fundo de madeira de cerejeira, que a sua vez faziam jogo com umas reluzentes mesitas auxiliar também de madeira de cerejeira.

Nada estava fora de seu sítio na casa Claremont. Cada habitação

parecia uma fotografia de revista. parecia-se com uma fotografia, pensou CAM, mas não à vida.

—Assim que lhes interessa o celeiro. —Com uma careta que ocultava seus dentes, Claremont acompanhou a seu gabinete. A decoração era de estilo inglês senhorial. A madeira escura dos painéis ficava acentuada por gravuras de caça. Havia cadeiras de couro com grandes almofadas de cor oporto, um escritório com adornos de bronze e uma chaminé de tijolo reconvertida em uma estufa de gás.

A enorme televisão parecia desconjurado.

—Ligeiramente —disse Phillip. Tinham acordado durante o caminho que Phillip levaria as negociações—. Acabam de começar a olhar os arredores em busca de um lugar.

—É um antigo e estupendo lugar. —Claremont se sentou atrás de seu escritório e lhes fez um gesto para que ocupassem as cadeiras—. Cheio de história.

—Estou seguro, mas não nos interessa sua história neste caso. Parece que há muita podridão.

—um pouco. —Claremont lhe tirou importância com sua mão de curtos dedos—. Vós vivem por aqui. O que se poderia esperar? Estão pensando em começar algum negócio ou algo assim, meninos?

—Estamo-lo estudando. Estamos dando os passos preliminares.

—Estraguem. —Ao Claremont não pareceu isso. Se fosse assim, não estariam os três sentados ao outro lado de seu escritório. Enquanto pensava o preço do aluguel que lhes poderia pedir pelo que considerava um grande peso sobre sua cabeça, dirigiu o olhar ao Seth—. Bem, falemos disso, pois. Pode que o menino queira sair fora.

—Não, não quer —respondeu CAM sem sorrir—. Todos nós vamos falar disso.

—Se assim o quiserem... —Ou seja, que assim eram as coisas, pensou Claremont. morria de impaciência por contar-lhe ao Nancy. Bom, tinha jogado uma boa olhada de perto ao menino, e até um cego poderia ver o Ray Quinn naqueles olhos. O santo do Ray, pensou com acritud. Parecia

que o capitalista Ray tinha cansado, sim senhor. E ele ia se divertir lhe contando às pessoas todo aquilo.

—Quero um arrendamento por cinco anos —disse ao Phillip, julgando corretamente quem ia dirigir o negócio ao final.

—Nós queremos alugá-lo por um ano, ampliable a sete. É obvio, esperamos que se façam algumas reparações antes de que o ocupernos.

—Reparações? —Claremont se tornou para trás em sua cadeira— Ja! Esse lugar é tão sólido como uma rocha.

—E queremos uma inspeção e tratamento de térmites. A manutenção regular correrá de nossa conta, é obvio.

—Não há nem um maldito inseto nesse lugar.

—Bem, pois. —Phillip sorriu com complacência—. Só terá então que consertar a inspeção. Quanto pede de aluguel?

Como estava zangado, e como sempre tinha desprezado ao Ray Quinn, Claremont elevou sua figura.

—Dois mil ao mês.

—Dois... —antes de que CAM se engasgasse com sua opinião, Phillip se levantou.

—Bem, não queremos esbanjar seu tempo. Alegra-nos muito lhe haver visto.

—Esperem, esperem —cacarejou Claremont, lutando com a leve sensação de pânico que lhe produzia ver como lhe escapava rapidamente o trato—. Não hei dito que não seja negociável. depois de tudo, tratei a seu pai... —Dirigiu um sorriso com os lábios apertados diretamente ao Seth—. Tratei durante mais de vinte e cinco anos. Não estaria bem que não desse a seus... filhos uma pequena oportunidade.

—Bem —respondeu Phillip. voltou-se a sentar, e resistiu a esfregá-las mãos. Esqueceu todas suas objeções ao plano geral ante o prazer de negociar um acordo—. Negociemos.

—Que demônios tenho feito? —perguntou-se Phillip trinta minutos mais tarde sentado em seu jipe, dando-se cabaçadas contra o volante.

—Um bom trabalho —comentou Ethan lhe dando golpecitos no ombro. Esta vez tinha chegado ao jipe antes que CAM, e tinha ocupado o assento dianteiro em qualidade de ganhador—. lhe Rebaixar o preço inicial na metade, conseguir que pague a maioria das reparações se as fizermos nós e lhe confundir o suficiente para obter que opte pela chamada... «cláusula de controle do aluguel» se nós escolhermos a opção de sete anos.

—O sítio é um lixeiro. vamos ter que pagar doze mil dólares ao ano, sem incluir equipamento nem manutenção, por um buraco.

—Sim, mas agora é nosso buraco —disse CAM satisfeito e estirou as pernas..., ou tratou de fazê-lo—. Levanta um pouco esse assento, Ethan. Estou apanhado aqui atrás.

—Nem pensar. Possivelmente me podiam deixar nesse lugar, assim poderia começar a pensar em coisas e logo me irei casa em carro.

—Vamos às compras —lhe recordou CAM.

—Não necessito uns malditos sapatos —voltou a dizer Seth, mas como reflexão em vez de com aborrecimento.

—Lhe vamos comprar uns malditos sapatos, lhe vamos cortar o cabelo enquanto os compramos e vamos todos ao centro comercial.

—Prefiro me dar um golpe com um tijolo antes que ir às compras ao centro comercial um sábado. —Ethan se arrellanó no assento e se colocou a viseira da boina em cima dos olhos. Não podia suportar pensá-lo.

—Quando começar a trabalhar nessa armadilha mortal —lhe disse Phillip—, provavelmente te golpeará com uma tonelada deles.

—Se for cortar o cabelo, todo mundo deve cortar-lhe —Sí, y todo el que

sale de allí se parece a Beaver Cleaver —respondió Cam frustrado, y le dio una fuerte patada al asiento de Ethan.

CAM jogou uma breve olhada ao rosto alvoroçado do Seth.

—Você crie que isto é uma democracia? joder! Sei realista, menino. Tem dez anos.

—Você poderia cortar lhe comentou isso Phillip, olhando ao CAM pelo espelho retrovisor e conduzindo para o norte para sair do St. Chris—. Você tem o cabelo mais comprido que ele.

—Fecha o pico, Phil. Ethan, maldita seja, levanta o assento.

—Ódio o centro comercial —declarou Ethan. A modo de desafio, estirou as pernas e baixou um entalhe o respaldo de seu assento—. Está cheio de gente. Pete, o barbeiro, segue tendo sua loja no Market Street.

—Sim, e tudo o que sai dali se parece com o Beaver Cleaver —respondeu CAM frustrado, e lhe deu uma forte patada ao assento do Ethan.

—Tira seus pés de minha tapeçaria —lhe advertiu Phillip—. Ou vai andando ao maldito centro comercial.

—lhe diga que me deixe sítio.

—Se tiver que comprar sapatos, eu os escolherei. Vós não têm nada que dizer a respeito.

—Se for pagar os sapatos, levará o que eu te diga e escolha.

—Comprarei-me os asquerosos sapatos eu mesmo, tenho vinte dólares.

CAM deixou escapar uma gargalhada.

—Tenta voltar a lhe jogar a luva à realidade, amigo. Não pode comprar uns sapatos decentes por vinte dólares hoje em dia.

—Pode, se não terem posta a etiqueta de nenhum desenhista francês de moda neles —lançou Ethan—. Isto não é Paris.

—Você não compraste sapatos decentes em dez anos —espetou CAM —. E se não subir esse jodido assento vou A...

—Basta já! —explorou Phillip—. Deixem agora mesmo e se não, juro-

lhes que vou agarrar e a golpear suas cabeças, a uma contra a outra. meu deus. —Soltou uma mão do volante e a passou pela cara—. Me pareço com mamãe. Esqueçam, esqueçam tudo. lhes mate o um ao outro. Arrojarei os corpos ao estacionamento do centro comercial e partirei ao México. Aprenderei a preparar mate e os venderei na praia do Cozumel. Será um lugar pacífico e tranqüilo. Trocarei-me o nome pelo do Raúl e ninguém saberá que tive relação com uma turma de loucos.

Seth se arranhou a tripa e se voltou para o CAM.

—Sempre fala assim?

—Sim, quase sempre. Outras vezes diz que se chamará Pierre e que viverá em uma água-furtada de Paris, mas sempre é o mesmo.

—Que estranho —disse Seth. Tirou uma parte de chiclete do bolso, desembrulhou-o e o meteu na boca. Comprar uns sapatos novos ia ser uma aventura.

Tudo teria terminado com os sapatos se CAM não se deu conta de que o fondillo dos jeans do Seth quase estava desgastado. Não é que fora um grande plano, mas possivelmente fora boa idéia, já que estavam ali, comprar dois pares de jeans.

CAM não tinha nenhuma dúvida de que se Seth não se tivesse queixado tanto por ter que prová-los jeans, não se teria visto empurrado a seguir com as camisas, as calças curtas e uma jaqueta. E inclusive terminaram comprando três boinas, uma sudadera e um fisbee que brilhava na escuridão.

Quando tentou recordar em que momento teve aquela ocorrência, tudo era muito cabides, queixa e ruído de máquinas registradoras.

Os cães lhes saudaram com entusiasmo selvagem e desesperado quando enfiaram o caminho de acesso à casa. Isto teria sido íntimo se não fora pelo fato de que os dois emprestavam a pescado morto.

Depois de alguns tacos, empurrões e ameaças, os humanos escaparam para o interior da casa, deixando aos cães fora com os sentimentos feridos. O telefone soava.

—Que alguém o agarre —pediu CAM—. Seth, te leve toda essa porcaria

acima e logo lhes dê um banho a esses cães pestilentos.

—Aos dois? —respondeu. A idéia lhe emocionou, mas pensou que era melhor queixar-se—. por que tenho que fazê-lo?

—Porque o digo eu —respondeu CAM. Chateava-lhe cair em um pouco tão patético, tão de adulto—. A mangueira está na parte de atrás. meu deus, necessito uma cerveja.

Mas como lhe faltavam as forças incluso para agarrá-la, deixou-se cair na cadeira mais próxima e se dedicou a observar um nada com o olhar vazio. Se tinha que voltar a enfrentar-se a esse centro comercial em sua vida, daria-se um tiro na cabeça e acabaria contudo.

—Era Anna —disse Phillip enquanto voltava a entrar no salão.

—Anna? É sábado de noite. —Não pôde reprimir o grunhido—. Necessito uma transfusão.

—Pediu-me que te dissesse que ela se encarregava do jantar.

—Bem, bem. Preciso me recompor. O menino é teu e do Ethan esta noite.

—É do Ethan —corrigiu Phillip—. Eu tenho uma entrevista. —Mas se afundou em uma cadeira e fechou os olhos—. Não são nem as cinco e quão único quero é cair na cama e no esquecimento. Como pode fazer isto a gente?

—Já tem roupa suficiente para um ano. Se só o tivermos que fazer uma vez ao ano, o que tem que mau nisso?

Phillip abriu um olho.

—Tem roupa da primavera e verão. O que passará quando chegar o outono? Pulôveres, casacos, botas. E lhe terão ficado pequenas as malditas coisas que compramos hoje.

—Não podemos deixar que isso ocorra. Tem que haver alguma pílula ou algo que lhe possamos dar. Além disso, pode que já tenha um casaco.

—Veio virtualmente com o posto. Papai tampouco trouxe nenhuma bagagem.

—Bem, pensaremos nisso mais tarde. Muito mais tarde. —CAM se

pressionou os olhos com os dedos—. Viu o modo em que lhe olhava Claremont, verdade? Aquele brilho asqueroso em seus olhos pequenos e brilhantes.

—Sim o vi. Falará e dirá o que goste de dizer. Não podemos fazer nada a respeito.

—Você crie que o menino sabe algo, de uma ou outra maneira?

—Não sei o que sabe Seth. Não sei como lutar com ele. Mas tenho uma entrevista com os investigadores na segunda-feira para ver como podemos localizar à mãe.

—Para nos colocar em problemas.

—Já estamos metidos em problemas. A única maneira de solucionar isto é reunir informação. Se ao final resulta que Seth é um Quinn de sangue, dirigiremos o assunto.

—Papai não pôde ter ferido a mamãe dessa maneira. O matrimônio era algo muito importante para eles; e o seu, muito sólido.

—Se teve um deslize, seguro que o contou —disse Phillip, quem acreditava firmemente—. E resolveriam. Essa parte de sua vida não era nosso assunto, e seguiria sem sê-lo agora se não fora pelo Seth.

—O não teve nenhum deslize —murmurou CAM decidido a acreditar-lhe Te vou contar uma coisa que eles me disseram. Alguém se casa, faz uma promessa e já está. Imagino que por isso nós três seguimos no lado dos solteiros nesta vida.

—Pode ser. Mas não podemos ignorar os falatórios, as suspeitas. E se a companhia de seguros impede que se pague a apólice de papai, vai deixar aos quatro maços de pés e mãos. Especialmente dado que acabamos de assinar o arrendamento desse maldito buraco do inferno.

—Tudo sairá bem. A sorte está começando a ficar de nosso lado.

—Ah sim? —perguntou Phil enquanto CAM ficava em pé—. por que pensa isso?

—Porque estou a ponto de passar a noite com uma das mulheres mais sexys do planeta. Além disso, pretendo ter muita sorte. —Olhou para trás enquanto começava a subir as escadas—. Não me espere

levantado, hermanito.

Quando entrou em sua habitação, CAM ouviu o follón que havia no pátio. encaminhou-se à janela e viu o Seth e aos cães. Simon se achava sentado estoicamente enquanto Seth lhe ensaboava. Parvo corria fazendo círculos amalucados, ladrando de excitação e terror ante a mangueira que soltava água no lugar em que tinha sido descuidadamente depositada no chão.

É obvio, o menino levava postos seus sapatos novos de marca, que agora estavam empapados de água e barro. ria como um parvo.

CAM se surpreendeu ao ver que o moço podia rir daquela maneira. Ignorava que pudesse ter esse aspecto, feliz sem reservas, jovem e amalucado.

Simon ficou em pé e se sacudiu de forma tão violenta e prolongada que lançou a água e o sabão pelo ar. Tornando-se para trás, Seth se escorregou na erva úmida e caiu de costas. Seguiu uivando de risada quando os dois cães se equilibraram sobre ele. Continuaram brigando sobre a água, o barro e o sabão até que os três acabaram empapados e imundos.

Vamos, CAM seguiu observando com um sorriso de orelha a orelha.

A imagem revoava em sua cabeça quando enfiou o corredor para o apartamento da Anna. Queria poder contar-lhe durante o jantar. Queria compartilhá-lo... e pensou que isso a suavizaria tanto como um jantar tranqüilo em um restaurante à luz das velas.

As rosas que tinha pego pelo caminho tampouco fariam mal. Cheirou-as. Se fosse um bom juiz da mente e o coração femininos, apostaria tudo a que Anna Spinelli tinha debilidade pelas rosas amarelas.

antes de poder bater na porta da Anna, abriu-se a porta do outro lado do corredor.

—Olá, você deve ser o novo noivo.

—Olá, senhora Hardelman. Conhecemo-nos faz uns dias.

—Não. Seria minha irmã.

—Ah. —CAM sorriu com precaução. Ela era exatamente igual à mulher

que tinha saído em outro momento dessa porta, incluindo a bata de chenilla rosa—. Bem... tudo bem?

—Trouxeste-lhe floresça. Gostará. Meus pretendentes estavam acostumados a me trazer flores, e meu Henry, Deus tenha piedade de sua alma, trazia-me lilás cada mês de maio. Pensa nas lilás o mês que vem, jovencito, se Anna segue te deixando vir por aqui. À maioria os larga, mas pode que te conserve.

—Sim. —Conseguiu sorrir mesmo que seu coração se parou com a expressão «te conserve»—. Possivelmente. —Impulsivamente, extraiu uma das rosas e a entregou com um pequeno gesto.

—OH! —Um rubor infantil se desenhou em sua enrugada cara—. meu Deus! —Seus olhos brilharam de prazer enquanto cheirava a rosa—. Que encantador e amável. Olhe, se tivesse quarenta anos menos brigaria com a Anna por ti. —Pestanejou a modo de flerte—. E ganharia.

—Não haveria briga —respondeu com uma piscada e uma careta de volta—. Ah, saúde seu... irmã.

—Que passe boa noite. Vades a dançar —acrescentou enquanto fechava a porta.

—Boa idéia. —E rendo-se por dentro, CAM bateu na porta.

Quando ela respondeu à chamada, com um aspecto tão sexy para comer-se a de três dentadas, pensou que o baile deveria começar imediatamente. Agarrou-a e a fez girar com o rufo elementar e vibrante do clássico do Bruce Springsteen e a Electric Street Band. Logo a desceu em picado enquanto ela ria e se cambaleava.

—Bem, olá. —Desfrutando de do enjôo, Anna soltou uma risada frouxa —. me Levante. Tem-me desequilibrada.

—Assim é como quero que esteja, desequilibrada. —Baixou a boca para beijá-la com um beijo úmido que lhe derreteu cada osso do corpo. Girando a cabeça, acomodou-se em seu ombro.

—A porta segue aberta —conseguiu dizer ela, e lhe deu um golpe com a mão para fechá-la.

—Boa idéia. —Foi subindo a mão pouco a pouco, palmo a palmo, e

seguiu lhe mordiscando a boca—. Sua vizinha me disse que deveria te levar a dançar.

—Ah. —Anna estava surpreendida de não estar suando por cada poro —. Se tratava disso?

—Era só um exemplo. —CAM agarrou seu lábio inferior com os dentes, atirou dele e logo o soltou—. Quer dançar um tango, Anna?

—Acredito que seria melhor que não dançássemos este. —Anna pressionou seu coração com uma mão para mantê-lo em seu sítio, enquanto conseguia soltar-se de seus braços—. Me trouxeste floresça. —A jovem ocultou a cara com elas enquanto as agarrava—. Terá pensado que não resistiria aos casulos de rosa, verdade?

—Sim.

—Tem razão. —riu elevando a cabeça sobre as flores—. As porei em água. Você pode servir o vinho. Tenho-o repousando na encimera. Os copos estão ali.

—Bem. Eu... —CAM olhou por cima e viu uma caçarola brilhante fervendo na cozinha e uma bandeja de aperitivos em cima do mostrador —. O que é tudo isto?

—O jantar —respondeu agachando-se até um armário da cozinha para procurar um vaso—. Não te deu Phillip meu recado?

—Pensei que quando lhe disse que te encarregaria do jantar significava que faria a reserva em algum sítio. —Agarrou um cogumelo cheio da bandeja, examinou-o e suspirou com regozijo—. Não pensei que fosses cozinhar para mim.

—Eu gosto de cozinhar —disse simplesmente enquanto preenchia um vaso de cor rosa pálido com água—. E queria estar a sós contigo.

CAM tragou rapidamente.

—Não serei eu quem o discuta. O que vamos jantar?

—Lingüini, com o famoso molho vermelho da família Spinelli.

deu-se a volta para tomar a taça do Merlot que lhe tinha servido. Seu rosto estava ligeiramente aceso devido ao calor da cozinha. O vestido que tinha eleito era da cor dos pêssegos amadurecidos, e moldava suas curvas como as mãos de um amante. O cabelo estava solto e terrivelmente encaracolado, e os lábios estavam pintados quase da mesma cor do vinho que bebia.

CAM pensou que se foram manter uma conversação de mais de três segundos antes de que voltasse a agarrá-la, seria melhor que permanecesse no lado oposto do mostrador.

—Cheira incrível.

—Melhor saberá.

Seu pulso o martilleaba por todos sítios. O modo em que a observava, com esse olhar largo, intensa e medidora antes de sorrir tinha feito que aflorasse o desejo, uma suave e persistente pontada de desejo que pulsava incesantemente. girou-se impulsivamente para trás e apagou a chama sob a caçarola. Com a vista posta no CAM, deu a volta ao mostrador.

—Eu também —lhe respondeu. Deixou sua taça a um lado e logo agarrou a dele e a pôs no mostrador. jogou-se o cabelo para trás, inclinou o rosto para ele, e sorriu lentamente—. me Prove.

Doze

Seu pulso pulsava já violentamente quando deu um passo para frente. Olhou-a aos olhos para ver cada mudança e golpe de emoção.

—vou querer fazer algo mais que te provar. Não o duvide.

Anna pensou que às vezes um deve seguir seus instintos, seus desejos. Naquele momento os seus, todos os seus, centravam-se nele.

—Não estaria aqui se o duvidasse.

Anna afundou os dedos no cabelo dele. Poderia lhe dirigir. Estava segura.

O lhe colocou as mãos nos quadris. Não se tratava de uma modelo magra como um palito e corpo de menino, mas sim de uma mulher. E a desejava. O lhe devolveu o sorriso. Poderia dirigi-la. Estava seguro.

—Você gosta de jogar, Anna?

—de vez em quando.

—Atiremos os jogo de dados.

CAM a atraiu para si e fez que ela agarrasse e soltasse o ar um momento antes de que suas bocas se fundissem. O beijo foi rápido, desesperado, faminto, com as línguas enredadas e uns dentes que mordiscavam. Os gritos selvagens que escapavam de sua garganta foram direitos ao cérebro como o uísque quente.

Anna lhe tirou a camisa da cintura e logo deslizou suas mãos para baixo. Carne e músculo, precisava senti-lo. Com um murmúrio de prazer, acariciou-lhe e arranhou até conseguir que aquela carne fervesse sob seus dedos e que os músculos se endurecessem como o ferro.

Anna desejava aqueles músculos, aquela força que se apertava contra si mesmo.

CAM pinçou nas costas de seu vestido, procurando a cremalheira, e ela riu entrecortadamente lhe beijando o pescoço.

—Não tem cremalheira —disse ela apertando os dentes contra sua mandíbula, sem lhe importar não ser suave—. Tem que... fazê-lo escorregar.

—meu deus! —O apartou o tecido suave e elástico de seus ombros,

substituindo-a por seus dentes, enquanto o anseia do aroma da pele, sua pele, afligia-lhe.

Giraram como bailarinos, embora seu percurso tinha a distância dos ares sonhadores do prelúdio do Chopin que tinha substituído ao «Boss». CAM se tirou os sapatos. Anna se apressou a abrir os botões de sua camisa. A cabeça dele flutuava enquanto se precipitavam para o dormitório. Ela se voltou a rir, mas o som se converteu em um gemido quando lhe arrancou o vestido até a cintura, quando aqueles olhos de cor aço escuro se deslizaram para baixo, quando agachou a cabeça e começou a devorar a carne que se achava em cima do bordo de encaixe negro de seu prendedor.

Colocou a língua por debaixo, brincando e saboreando até que os joelhos lhe afrouxaram e a cabeça se encheu de luzes e cores cintilantes. Anna sabia que ele era capaz de voltá-la louca. Também lhe desejava.

O desejo era enorme, implacavelmente vivo e primitivo. E nesse momento era o único que importava aos dois.

Com murmúrios desconexos, Anna lhe tirou a camisa e lhe cravou as unhas nas costas. Seu peito era largo e firme, e sentia a carne ardente e suave sob suas mãos errantes. Havia cicatrizes ao longo das costelas. Pensou que aquele era o corpo de um homem que assumia riscos, um homem que jogava para ganhar.

Com um rápido movimento de dedos, CAM abriu o fechamento frontal, deixando que os peitos enchessem suas ávidas mãos. Ela era magnífica. Pele dourada e curvas luxuriosas. Seu corpo era quase impossivelmente perfeito. Entretanto, era eróticamente real, brando e firme, suave e aromático. Queria enterrar-se nele, mas quando atirou do botão de suas calças, agitou a cabeça.

—Quero-te na cama. —CAM elevou as mãos dela até que lhe rodearam o pescoço e baixou a boca até que o beijo foi selvagem e lhe esmaguem —. Te quero debaixo de mim, sobre mim e me envolvendo.

Ela se tirou um sapato de uma patada, balançando-se como se se fossem balançando para a cama.

—E eu te quero dentro de mim. —tirou-se o outro sapato enquanto se cambaleavam para o colchão.

Primeiro ela rodou sobre ele, lhe montando. A luz quase se foi. Só uma débil esteira de sol poente se filtrava através das janelas. As sombras eram cambiantes. Os lábios estavam famintos e imparables, e percorriam sua cara, seu pescoço. Embora tinha desejado a outros homens antes, não tinha experiente nunca aquela ânsia feroz e primária que lhe percorria. Só podia pensar em lhe possuir, tomar o que desejava e saciar aquele desejo insuportável.

Quando a jovem se arqueou para trás e a débil luz perfilou seu corpo elevado, o ar se deteve em seus pulmões. Desejava-a com uma urgência que ele não recordava haver sentido nunca por nada nem por ninguém mais. O desejo de tomar, de possuir e de ter surgiram violentamente em seu ardente sangue.

CAM se ergueu, agarrando seu cabelo com uma mão e atirando de sua cabeça para trás para expor aquele comprido pescoço ante sua boca. Poderia ter algo com ela. E a teria.

Foi mais rude do que aparentava quando a empurrou de costas sobre a cama. Respirava com dificuldade quando fechou suas mãos sobre as dela. Os olhos dela eram escuros e brilhantes; CAM pensou que era o tipo de olhos nos que um homem se afogaria.

Seu cabelo era uma massa emaranhada de seda negra contra a cor bronze da colcha. Seu aroma era algo mais que um convite provocador. Era uma demanda ardente.

Tome, parecia dizer. Se te atrever.

—Poderia te comer viva —murmurou ele e voltou a apertar uma vez mais sua boca contra a dela.

O a manteve debaixo, sabendo que se a deixava livre aquilo se acabaria logo. Rápido, Meu deus, sim, ele o queria rápido, mas não queria que se acabasse. Pensou que poderia viver sua vida ali, naquela cama, com o corpo da Anna estremecendo-se sob o seu.

As mãos dela se dobraram sob as suas, e seu corpo se arqueou quando CAM se levou a ponta do peito à boca. CAM podia sentir como lhe

retumbava o coração enquanto utilizava seus dentes, sua língua e seus lábios para saboreá-los e saboreá-los.

Quando se encheu dela, e ela dele, liberou suas mãos para acariciar, e ser acariciado.

Rodaram pela cama apalpando-se e atirando das roupas que permaneciam entre eles. A respiração era rápida e forçada, marcada pelos lentos ofegos e os suaves gemidos que falavam de emoções turbulentas e escuros desejos. Cada sensação dava passo a outra, fazendo que os trementes amantes chegassem ao delírio. Ela se estremeceu sob suas mãos, ao bordo das lágrimas, à medida que cada nova quebra de onda de prazer a sacudia com força.

Ela lutou por obter que ele sofresse a mesma dor incisiva e crispada.

Ele acariciou o sexo dela, que estava ardente, úmido e preparado. Seu corpo se arqueou e suas unhas se cravaram nas costas enquanto o organismo lutava por chegar ao topo.

Logo se voltaram loucos.

Anna o recordaria como uma batalha em busca de mais e mais. E ainda mais e mais. Sexo animal e selvagem em busca do macho. Procurava as mãos que se deslizavam pela pele úmida e a boca faminta procurava a fome de sua boca. Aí voltava de novo, e seu grito de liberação foi uma espécie de soluço, mescla de triunfo e indefensión.

Já não havia luz, mas ainda podia vê-la. O brilho daqueles olhos escuros, a forma generosa daquela formosa boca. O sangue lhe retumbava na cabeça, no coração, no lombo. Só podia pensar nele agora e em deixar-se levar a interior dela de maneira intensa e profunda.

Lhe nublou a vista e a cabeça lhe deu voltas. Permaneceram tranqüilos durante um momento estremecedor, unidos, acoplados. Ele não se deu conta sequer de que suas mãos procuraram as dela, e que seus dedos se apertaram aos seus.

Logo começaram a mover-se em uma carreira plena de velocidade e urgência. Aquele era o maravilhoso e são som da pele fresca roçando-se

contra a pele fresca. Seus olhares se encontraram e cravaram. CAM observou como os olhos da Anna se voltavam cegos e opacos enquanto ele alcançava o topo, ouviu o gemido que escapou de seus lábios um instante antes de que ele a beijasse e sufocasse o som.

Seus quadris se moviam como pistões, lhe urgindo a que continuasse, e que chegasse a seu próprio topo. Ele se bateu contra ela, agarrando-se ao bordo com as gemas dos dedos. Observando-a, olhando-a enquanto a urgência da liberação se cravava viciosamente em sua garganta. Então o corpo dela se esticou como um arco de prazer e de surpresa.

CAM afogou seu próprio grito enquanto se deixava cair.

Não podia mover-se. CAM estava seguro de que se naquele momento alguém apontasse com uma arma a sua cabeça, ficaria ali convexo e aceitaria a bala. Ao menos morreria satisfeito.

Não podia pensar em um lugar melhor para estar que sobre o corpo curvado da Anna, com o rosto enterrado em seu cabelo. E se permanecia ali o suficiente poderia ter sua segunda oportunidade.

A música tinha trocado de novo. Quando sua mente se limpou o suficiente para poder sintonizá-la, reconheceu os inteligentes giros de letra e melodia do Paul Sinton. Esteve a ponto de ficar dormido enquanto a música lhe convidava a chamar o cantor Ao.

—Se fica dormido em cima de mim vou ter que te fazer danifico.

CAM tirou a energia suficiente para sorrir.

—Não vou ficar me dormido. Estou pensando em voltar a te fazer o amor.

—Ah! —Anna esfregou suas mãos pelas costas dele, até chegar aos quadris—. De verdade?

—Sim. me conceda só um par de minutos.

—eu adoraria. Se pudesse respirar.

—OH! —Perezosamente, apoiou-se nos cotovelos e ficou olhando—. O sinto.

Ela se limitou a sorrir.

—Não, não o sente. É um presunçoso, mas eu também o sou, assim que tudo está bem.

—foi sexo do bom.

—foi sexo do bom —assentiu ela—. E agora vou terminar o jantar. vamos necessitar energia se formos voltar a tentar.

Encantado e desconcertado de uma vez, CAM sacudiu a cabeça.

—É uma mulher fascinante, Anna. Sem jogos e despretensioso. te mostrando tal como é poderia fazer o passar fatal aos homens.

Anna lhe deu um pequeno empurrão para poder-se liberar.

—O que te faz pensar que não o tenho feito? Você chegaste exatamente ao lugar ao que eu quis, não? —Sonriendo, ficou em pé e caminhou nua até o banho.

—Tem um corpo diabólico, senhorita Spinelli.

Lhe olhou por cima do ombro enquanto se envolvia em uma pequena bata vermelha.

—O mesmo te digo, Quinn.

dirigiu-se à cozinha cantarolando, enquanto reacendia o fogo sob o molho e enchia uma panela de água para a massa. meu deus, tinha sido maravilhoso, pensou; sentir-se tão solta, tão livre, tão liberada. Embora tivesse sido tão arriscado o ter ao Cameron Quinn como amante, os resultados bem valiam ter assumido semelhante risco.

O fazia que fora consciente de cada palmo de seu corpo, e cada palmo do dele. Tinha-lhe feito sentir-se dolorosamente viva. E o melhor de tudo, pensou enquanto agarrava o pão que queria torrar ligeiramente, era que parecia que ele a entendia.

Era uma maravilha sentir-se desejada por um homem, que um homem te fizesse sentir plena. E o que acendia seu coração era lhe gostar de ao homem que a desejava.

deu-se a volta e agarrou seu vinho no momento em que CAM saía da habitação. pôs-se as calças, mas não se incomodou em grampeá-los.

Anna bebeu lentamente enquanto lhe estudava por cima do bordo da taça. Grandes ombros, largo peito, e uma cintura que se estreitava para marcar logo os quadris e as largas pernas. Sim, tinha um corpo magnífico.

E por agora era todo dele.

Agarrou um pepino japonês da bandeja e o levou aos lábios dele.

—Lança —disse CAM enquanto sentia o calor na boca.

—Um. Eu gosto... o picante. —Ela agarrou a taça de vinho e a passou—. Tem fome?

—A verdade é que sim.

—Não demorarei muito. —E como reconheceu o olhar dele, escapou depois do mostrador para remover o molho—. A água está a ponto de ferver.

—Já sabe o que se diz sobre quem espera —começou a dizer ele enquanto dava a volta ao mostrador atrás dela. Foi o desenho sobre a geladeira o que lhe distraiu de seu plano preconcebido de tombá-la sobre o chão da cozinha—. Ey!, esse se parece muito a Tolo.

—É que é Tolo. Desenhou-o Seth.

—De verdade? —Introduziu um polegar no bolso enquanto o estudava mais de perto—. A sério? É muito bom. Não sabia que o moço soubesse pintar.

—Saberia se passasse mais tempo com ele.

—Passo tempo com ele cada dia —protestou CAM—. Não me há dito uma mierda. —CAM não sabia por que se incomodava, mas não lhe importou—. Como conseguiu que lhe desse isso?

—O pedi —respondeu ela simplesmente, e depois introduziu os lingüini na água fervendo.

CAM se deu a volta.

—Escuta, estou fazendo-o o melhor que posso com o menino.

—Eu não hei dito que não fora assim. Simplesmente penso que o faria

melhor... com um pouco mais de prática e esforço.

Anna se jogou o cabelo para trás. Não tinha pretendido meter-se nisso. supunha-se que sua relação com o CAM tinha dois compartimentos separados, sem que seus conteúdos se tivessem que mesclar.

—Está fazendo um bom trabalho. Isso é o que queria dizer. Mas ainda fica um comprido caminho que percorrer para ganhar sua confiança e seu afeto, CAM, para dar o melhor de ti mesmo. Ele é uma obrigação que está cumprindo, e isso é admirável. Mas também é um menino. Necessita amor. Você tem sentimentos para ele. Eu o vi. —Lhe sorriu—. Mas ainda não sabe o que fazer com eles.

CAM franziu o cenho enquanto observava o desenho.

—Assim que se supõe que agora tenho que lhe falar sobre os desenhos de cães?

Anna suspirou e logo se deu a volta para emoldurar o rosto do CAM com suas mãos.

—Simplesmente fala com ele. É um bom homem com um bom coração. O resto virá sozinho.

Ainda molesto, ele agarrou suas bonecas. Não podia dizer por que a suave compreensão de sua voz e a divertida compaixão de seus olhos lhe haviam posto nervoso.

—Eu não sou um bom homem. —Suas mãos apertaram o suficiente para fazer que os olhos da Anna se obscurecessem—. Sou egoísta e impaciente. Eu gosto das emoções porque isso é o que realmente vai. Pagar dívidas não tem nada que ver tendo bom coração. Sou um filho de puta e isso eu gosto.

Ela se limitou a elevar uma sobrancelha.

—Sempre é bom conhecer-se a gente mesmo.

CAM sentiu uma leve quebra de onda de pânico em sua garganta, mas a ignorou.

—Provavelmente te farei mal antes de que o tenhamos conseguido.

Anna moveu a cabeça.

—Pode que eu te faça mal primeiro. Quer te arriscar?

CAM não sabia se rir ou gritar, e terminou abraçando-a com um beijo ardente.

—Jantemos na cama.

—Esse era o plano —disse ela.

A massa estava fria para quando começaram a comer-lhe mas aquilo não lhes impediu de comê-la com ânsia.

—sentaram-se com as pernas cruzadas na cama, juntando seus joelhos, e jantaram à luz de meia dúzia de velas que ela tinha aceso.

CAM se equilibrou sobre os lingüini, fechando os olhos com sensação de prazer.

—meu deus, que bom está isto.

Anna enrolou de forma perita a massa com seu garfo e comeu.

—Deveria provar meu lasaña.

—Conto com isso. —Depravado e preguiçoso, partiu uma parte do pão rangente que Anna tinha colocado em uma cesta de vime, e aconteceu a metade a ela.

Sua habitação, conforme comprovou ele, era diferente ao resto do apartamento. Aqui ela não tinha ido ao prático nem ao racional. A cama era de grande tamanho, e estava coberta por lençóis de cor rosa pálido e um edredom impecável de cetim cor bronze vivo. O cabecero era um arco romântico de ferro forjado, curvado e frívolo, e repleto de uma dúzia de almofadões coloridos e amaciados. Pensou que o penteadeira era uma antigüidade, e consistia em uma grande peça de mogno com acabados de brilhos rosáceos. Estava talher de botellitas e terrinas, e uma escova revestida de prata.

O espelho que se achava sobre ele tinha forma ovalada.

Também havia uma nécessaire feminina de mogno com um tamborete com faldillas e uns ferragens de cobre brilhante. Por alguma razão, sempre tinha pensado que esse tipo de mobiliário era incrivelmente sexy.

Havia uma urna de cobre repleta de flores altas e recarregadas, as

paredes estavam cobertas de quadros e as janelas remarcadas com o mesmo tecido de cor bronze vivo da colcha.

Esta é a habitação da Anna, pensou ele de forma distraída. O resto do apartamento era ainda da senhorita Spinelli. A prática e a sensual. Ambos os adjetivos foram com ela.

CAM alcançou o bordo da cama onde tinha colocado a garrafa de vinho e encheu a taça dela.

—Trata de me embebedar?

CAM a sorriu. Seu cabelo estava solto e a bata o suficientemente afrouxada para lhe deixar um ombro ao descoberto. Os grandes olhos escuros pareciam rir de ambos.

—Não tenho por que... mas seria interessante em qualquer caso.

Ela sorriu, encolheu-se de ombros e bebeu.

—por que não me conta que tal seu dia?

—o de hoje? —perguntou. estremeceu-se de maneira zombadora—. Um pesadelo.

—A verdade. —Anna lhe serve mais pasta no prato—. me Dê detalhes.

—Compras. Sapatos. Horrível. —Quando ela riu, ele sentiu que aquela risada sacudia sua cara. meu deus, que risada tão boa tinha—. Fiz que Ethan e Phillip viessem comigo. Nem pensar de me enfrentar a isso sozinho. Virtualmente tivemos que algemar ao menino para conseguir que viesse. Parecia que ia comprar lhe uma camisa de força em vez de uns sapatos.

—Muitos homens para apreciar o gozo, a provocação e o matiz das compras.

—A próxima vez vai você. De qualquer modo eu tinha posto o olho nesse edifício perto da água. fomos ver o antes de nos dirigir ao centro comercial. Servirá para o trabalho.

—Que trabalho?

—O negócio. A construção de navios.

Anna posou seu garfo.

—Assim vão a sério com isso.

—Tremendamente a sério. O lugar servirá. Necessita alguns acertos, mas o aluguel é aceitável..., especialmente desde que espremos ao proprietário para que pagasse a maior parte das reparações básicas.

—Querem construir navios.

—Isso me fará sair da casa e me apartar das ruas. —Como viu que não lhe devolvia o sorriso se encolheu de ombros—. Sim, acredito que posso me colocar nisso. por agora, claro está. Construiremos este para o cliente que Ethan tem já esperando, e veremos como marcha a partir daí.

—Entendi-te que assinastes um arrendamento?

—Isso. por que volta para essa questão?

—Alguns o chamariam precaução, consideração, detalhe.

—Sotaque a precaução e a consideração em mãos do Ethan e os detalhes nas do Phillip. Se não funcionar, quão único teremos perdido é uns quantos dólares e um pouco de tempo.

Era estranho ver como lhe quadrava aquele caráter suscetível, pensou ela. Ia bem a aqueles olhos escuros que se preocupavam com tudo.

—E se funciona —acrescentou—. pensaste nisso?

—O que quer dizer?

—Se funciona terá aceito outro maldito compromisso. vai se converter em um hábito. —Anna riu agora ao ver a expressão de preocupação e surpresa em sua cara—. vai ser divertido ver o que pensa de tudo isto dentro de seis meses ou assim. —tornou-se para diante e lhe beijou brandamente—. —Gosta de um pouco de sobremesa?

A fastidiosa preocupação que a palavra «compromisso» lhe tinha suposto se desvaneceu quando os lábios dela acariciaram os seus.

—O que há?

—Cannoli —respondeu enquanto colocava os pratos no chão.

—Sonha bem.

—0... —Ao lhe olhar, desabotoou-se a bata e deixou que escorregasse por seus ombros—. Eu.

—Isso sonha melhor —disse CAM deixando que lhe arrastasse para ele.

Acabavam de dar as três quando Seth ouviu o carro que avançava pelo caminho à casa. Tinha estado dormido, mas sonhando. Maus sonhos nos que tinha retornado a aquelas habitações fedorentos onde as paredes eram sujas, e mais finas que o papel de desenho.

Sons de sexo, grunhidos, gemidos e colchões que chiavam, e a asquerosa risada de sua mãe quando estava cheia de coca. Aqueles sonhos lhe faziam suar. Às vezes ela vinha quando ele tratava de achar conforto e sonho no sofá que cheirava a umidade. Se estava de bom humor, ela ria e lhe dava abraços asfixiantes, lhe tirando de um sonho intermitente e lhe levando para os aromas e sons do mundo ao que lhe tinha miserável.

Se estava de mau humor, soltava tacos e lhe esbofeteava, para terminar sentando-se no estou acostumado a chorando grosseiramente.

De qualquer modo resultavam sempre noites miseráveis.

Mas pior, mil vezes pior, era quando algum daqueles homens que ela se levou a cama se deslizava e arrastava fora daquela pequena habitação para lhe tocar.

Não tinha passado freqüentemente e quando despertava chiando e agitando-se, eles se foram. Mas o medo vivia dentro dele como um demônio vestido de vermelho. Tinha aprendido a dormir no chão atrás do sofá quando havia algum homem rondando.

Mas esta vez Seth não se despertou de um pesadelo para encontrar-se algo pior. Lutou por sair do agitado sonho e se encontrou entre lençóis limpa e com um cachorrinho roncando e enroscado a seu lado.

Chorou um pouco porque estava sozinho e não havia ninguém a quem ir ver. Logo se acurrucó mais perto de Tolo, consolado pelo suave cabelo e o batimento do coração constante de seu coração. O som do carro lhe impediu de voltar a inundar-se no sonho.

Primeiro pensou que seriam policiais. Tinham ido agarrar lhe, a levar-lhe Logo, com o coração em um punho, disse-se a si mesmo que se estava comportando como um bebê. Sem fazer ruído, saiu da cama e se dirigiu lentamente à janela para observar.

Tinha um esconderijo localizado em caso de necessidade.

Era o Corvette. Seth teria reconhecido o som de seu motor se não tivesse estado médio dormido. Viu sair ao CAM e ouviu o suave e carinhoso assobio.

Terá saído a ligar com alguma mulher, pensou Seth com desprezo. Os adultos eram tão predecibles. Quando se lembrou de que CAM ia jantar com a trabalhadora social aquela noite, abriu os olhos e ficou boquiaberto.

Ai tio, tio, pensou. CAM estava perseguindo à senhorita Spinelli. Aquilo era tão... estranho. Tão estranho, pensou, que não sabia como sentir-se. De algo estava seguro, pensou enquanto CAM seguia assobiando de caminho para casa, e era que CAM se sentia bem, como um dandi.

Quando ouviu que se fechava a porta dianteira, dirigiu-se rapidamente à porta de seu dormitório. Queria jogar uma olhada rápida, mas quando escutou o som de uns passos subindo as escadas, atirou-se em engoma à cama. No caso de.

O cachorrinho se sobressaltou e começou a mover-se no momento em que Seth fechou rapidamente os olhos quando se abriu a porta.

Quando os passos se aproximaram lenta e silenciosamente à cama, o coração começou a lhe pulsar com força. O que ia fazer?, pensou com pânico doentio. meu deus, o que poderia fazer ele? A cauda de Parvo começou a golpear a cama enquanto Seth se aterrorizava e se preparava para o pior.

—Imagino que pensará que este é um bom assunto, vagando a metade do dia, com a tripa enche e uma cama suave e branda de noite — murmurou CAM.

Sua voz pronunciava mal pela falta de sonho, mas ao Seth soava a drogas ou álcool. Procurou manter a respiração lenta e constante enquanto seu coração palpitava como uma taladradora contra as costelas e a cabeça.

—Sim, sente-se como em um caminho de rosas, verdade? E sem ter feito nada por ganhar o Cão bobo. —Seth quase pestanejou ao dar-se conta de que CAM lhe falava com Tolo e não a ele—. Será um problema quando crescer e ocupe mais lugar na cama que ele, verdade?

Cautelosamente, Seth entreabriu os olhos o suficiente para ver através das pestanas. Viu descender a mão do CAM e lhe dar a Parvo um golpecito descuidado e rápido. Logo estirou os lençóis e a manta e lhe agasalhou: A mesma mão fez ao Seth uma ligeira carícia na cabeça.

Quando a porta se voltou a fechar, Seth esperou trinta segundos antes de atrever-se a abrir os olhos. Olhou diretamente à cara de Tolo. O cachorrinho parecia lhe sorrir como se ambos se escaparam com algo. lhe devolvendo o sorriso, Seth passou um braço ao redor do corpo gorducho do cachorrinho.

—Acredito que isto vai bem, né, menino? —sussurrou-lhe.

Como agradecimento, Parvo lhe lambeu a cara, logo bocejou ampliamente e pôs-se a dormir de novo.

Esta vez, quando Seth dormiu, não houve sonhos agitados que lhe perseguissem.

Treze

—Está muito feliz estes dias.

CAM recebeu o conciso comentário do Phillip encolhendo os ombros, e continuou assobiando enquanto trabalhava. Estavam fazendo muitos progressos no que CAM jocosamente denominava seu estaleiro. Era um trabalho duro, sujo e no que se suava.

E cada vez que CAM fazia comparações em términos de limpeza dava graças a Deus.

Porque as janelas que não estavam rotas permaneciam abertas de tudo, e o ar seguia transportando um vago aroma a produtos químicos. Ante a insistência do Phillip, tinham comprado uma bateria de bombas inseticidas e tinham bombardeado o lugar com uma névoa assassina. Quando esta se dissipou, o número de vítimas era grande. Levou-lhes quase meio-dia retirar os cadáveres. As janelas de reposto se escoraram quando se receberam. Claremont se tinha queixado amargamente do gasto, a pesar do trato que fez com seu cunhado, quem administrava a empresa madeireira em Cambridge e as tinha vendido a preço de custo. aplacou-se ligeiramente com o fato de que os Quinn arrancariam as velhas janelas e instalariam as novas, lhe economizando assim a contratação de trabalhadores.

Se o fato de que as melhoras no edifício elevariam o valor potencial de revenda lhe agradava, guardou aquele pequeno prazer para si mesmo.

Tinham alavancado e extraído os tablones podres, atirando-os fora a um montão crescente de refugos. O corrimão metálico das escadas que levavam a desvão superior estava oxidada, assim que a arrancaram. Claremont utilizou suas argúcias para obter as permissões adequadas, assim estavam derrubando um par de muros para albergar o que seria um banho.

Para o CAM era como um hobby este tipo de trabalho. Divertia-lhe e além disso voltava a maioria das noites a um lar limpo. Tinha uma bela mulher desejando dançar o tango com ele sempre que o tempo e as circunstâncias o permitissem; por tudo isso, pensava que tinha direito a ser feliz.

Diabos, o menino fazia inclusive seus deveres... a maioria das vezes. Tinha acabado a redação que tanto desprezava e estava a meio

caminho de cumprir sua liberdade condicional sem incidentes.

CAM pensou que sua sorte tinha melhorado muito durante as duas últimas semanas.

No que se referia ao Phillip, estas tinham sido as duas piores semanas de sua vida. Quase não tinha passado tempo em seu apartamento, tinha perdido seu par favorito de mocasines Magli baixo os dentes famintos de Tolo, não tinha pisado no interior de um só restaurante de quatro estrelas, e muito menos se aproximou de uma mulher.

A menos que contasse à senhora Wilson do supermercado.

Em vez disso estava fazendo jogos malabares, tratando e rechaçando assuntos que ninguém mais se preocupou de pensar, com ampolas nas mãos pelo manejo do martelo, e passando as noites perguntando-se o que tinha passado com sua vida anterior.

O fato de saber que CAM tinha relações sexuais regularmente fazia que lhe levassem os demônios.

Quando o tablón que estava levantando lhe obsequiou com uma grande estilhaça no dedo polegar, soltou umas quantas palavrões.

—por que diabos não contratamos carpinteiros?

—Porque você sugeriu, como gestor de nossos mágicos recursos, que assim era mais barato. E Claremont nos concedeu o primeiro mês de aluguel gratuito se o fazíamos nós mesmos. —CAM agarrou o tablón, colocou-o e começou a cravar o seguinte prego—. Você disse que era um bom trato.

Apertando os dentes se extraiu a lasca e se lambeu o dolorido polegar.

—Estava furioso naquele momento.

Phillip deu um passo atrás com as mãos apoiadas nos quadris, por cima do cinturão de ferramentas, e inspecionou a zona. Estava asquerosa.

Sujeira, serrín, montões de refugos, pilhas de madeira e partes de plástico. Aquilo não era vida, voltou a pensar, enquanto o som do martelo do CAM fazia um ruído surdo compassado com a enérgica melodia de rock do Bob Seger que saía da rádio.

—Devo me haver voltado louco. Este lugar é um lixeiro.

—Sim.

—Ter começado este estúpido negócio vai se comer nosso capital.

—Sem dúvida.

—Afundaremo-nos em seis meses.

—Poderia ser.

Phillip franziu o cenho e divisou a jarra de chá gelado que estava no chão.

—te importa todo um cominho.

—Se explorar, explora —comentou CAM. Voltou a introduzir o martelo em seu cinturão, e extraiu a cinta de medir—. Não estamos pior que antes. Mas se ocorrer, se nos estrelarmos em um momento dado, já teremos o que necessitamos.

—E isso é?

CAM agarrou o seguinte tablón, inspecionou sua longitude e logo o colocou nos cavaletes.

—Um negócio... que Ethan pode levar uma vez que esteja situado. busca-se um par de trabalhadores, marinheiros fora de temporada, e constrói três ou quatro navios ao ano para mantê-lo a flutuação.

Fez uma pausa o suficientemente larga para marcar o tablón e fazer correr a serra. O pó saiu voando e o ruído era ensurdecedor. CAM deteve a serra e levantou o tablón de seu sítio.

—Eu lhe darei uma mão agora e você lhe seguirá a pista ao dinheiro. Mas deveria nos deixar espaço para nos mover um pouco, assim eu poderia correr um par de competições ao ano e você poderia voltar a extorquir aos consumidores com anúncios gritões. —Voltou a tirar o martelo—. E todo mundo seria feliz.

Phillip levantou a cabeça e se arranhou o queixo.

—estiveste pensando.

—Isso.

—Assim pensa que essa volta à normalidade vai ocorrer?

CAM se enxugou o suor da frente com o dorso da mão.

—quanto antes consigamos que este lugar esteja preparado e funcione, antes construiremos o primeiro navio.

—O que explica por que estiveste perdendo o culo e eu o meu. E logo o que?

—Tenho suficientes contatos para conseguir um segundo encargo, e logo um terceiro. —Pensou no Tod Bardette, o bastardo, que seguiria recrutando uma tripulação para a One-Tom Cup. Sim, poderia arrumar-lhe para que Bardette encarregasse um navio dos Quinn. E a partir daí outros, muitos outros, que pagariam bem—. Acredito que minha principal contribuição a esta empresa são os contatos. Seis meses —disse—. O podemos arrumar em seis meses.

—Eu me volto para trabalho amanhã —respondeu Phillip com os braços cruzados, preparado para a batalha—. Tenho que ir. Tenho horário flexível, assim só estarei em Baltimore de segunda-feira à quinta-feira. Não o posso fazer melhor.

CAM considerou a situação.

—De acordo. Sem problema. Mas moverá o culo os fins de semana.

Durante seis meses, pensou Phillip. Mais ou menos. Logo soltou um suspiro.

—Há um fator que não introduziste em seu plano: Seth.

—O que acontece ele? Estará aqui. Tem um lugar onde viver. vou utilizar a casa como base.

—E quando estiver fora rompendo recordes e corações femininos no Montecarlo?

CAM franziu o cenho e golpeou com o martelo a cabeça do prego com mais força da necessária.

—O não vai querer estar pego a mim todo o momento. Vós estarão perto quando eu não esteja. O menino vai estar cuidado.

—E se a mãe retorna? Não foram capazes de encontrá-la. Nada.

Sentiria-me melhor se soubéssemos onde está e o que faz.

—Eu nem me lembro dela. Não existe para mim. —Tem que existir, pensou CAM enquanto recordava o pálido aspecto do rosto do Seth—. Ela não vai se colocar conosco.

—Eu gostaria de saber onde está —voltou a dizer Phillip—. E que demônios era para papai.

CAM o separou da mente. Sua maneira de dirigir os cabos soltos era atá-los e esquecê-los. O problema imediato, conforme o via ele, era acondicionar o edifício, ordenar a equipe, as ferramentas e os materiais. Se o negócio era um meio para um fim, terei que começá-lo.

Cada dia que trabalhava no edifício era um dia mais próximo à fuga. Cada dólar que investia em materiais e equipamento era um investimento no futuro. Seu futuro.

Estava mantendo sua promessa, disse-se a si mesmo. A seu modo.

Com o sol lhe dando as costas e um lenço de cor azul clara atada na cabeça, dedicou-se a arrancar tabuletas rotas do teto. Ethan e Phillip estavam trabalhando detrás dele, substituindo tabuletas. Seth parecia passar-lhe bem fazendo voar as que estavam desprezam do teto ao chão, e vendo satisfeito como se formava uma grande pilha debaixo.

Era um lugar genial, pensava Seth. Ali, no teto, ao sol e vendo acontecer voando alguma gaivota de vez em quando. podia-se ver quase tudo de ali acima. A cidade, com suas ruas retas e seus pátios quadrados. As velhas árvores emergindo da erva. As flores tampouco estavam mau. De ali acima só eram manchas e pontos de cor. Alguém estava segando, e o som lhe chegava como um zumbido longínquo.

Podia ver a linha da costa, com os navios no mole ou sulcando a água. Um par de meninos navegavam em um pequeno esquife com velas azuis e, como lhes invejava, voltou a observar os moles.

Havia gente comprando, passeando ou comendo em uma das mesas exteriores com sombrinhas. Os turistas observavam o espetáculo que formavam os pescadores de caranguejos. adorava olhar aos turistas; quando o fazia, não invejava tanto a aqueles meninos dentro de seu precioso navio.

Desejava ter tido os prismáticos que lhe deu de presente Ray para ver ainda mais longe. Desejava poder sentar-se ali alguma vez com seu caderno de desenhos.

Tudo parecia tão... limpo de ali. O céu e o mar tão azuis, e a erva e as folhas tão verdes. podia-se cheirar a água se a gente dava uma boa baforada de ar Y... pode que aquele aroma fossem perritos quentes.

O aroma fez que seu estômago rugisse de fome. Voltou um pouco seu olhar e pôde ver o CAM pela extremidade do olho. Tio, gostaria de ter músculos como aqueles. Com uns músculos assim poderia fazer algo e ninguém te deteria. Um menino com uns músculos como esses não teria que ter medo de nada nem de ninguém nunca mais na vida.

Ao comprovar seus próprios músculos com o dedo, pensou que lhe faltava muito para ter uns bons. Possivelmente se utilizasse ferramentas poderia endurecê-los.

—Disse que poderia arrancar algumas —lhe recordou Seth.

—Mais tarde.

—Isso disse antes.

—E o volto a dizer. —Era um trabalho duro, asqueroso e tedioso, e CAM desejava terminá-lo igual a desejava respirar. Suava já sob a camiseta e a tirou. Tinha as costas brilhante pelo suor e a garganta seca como o deserto. Arrancou outro quadrado e observou como Seth o atirava grunhindo.

—Está-os atirando ao mesmo sítio?

—Isso é o que você disse que fizesse.

Observou ao menino. O cabelo do Seth pendurava sob uma boina de jogador dos *lhes Areje* que CAM tinha terminado comprando quando foram a uma partida na semana anterior. Agora que o pensava CAM, não acreditava ter visto o menino sem a boina após.

lhe levar a partido de beisebol tinha sido um impulso, pensava ele agora, algo sem importância. Mas lhe tinha impressionado o olhar do Seth ao ver os *Camden Yards*. Como se tinha sentado ali, agarrando um perrito quente que lhe esqueceu nas mãos enquanto observava cada

movimento no campo.

E lhe tinha feito rir quando a opinião séria e firme do Seth tinha sido que «na televisão parecia uma mierda comparado com aquilo».

Observou ao Seth enquanto arrancava outra tabuleta e se perguntou se lhe ensinaria ao menino como devolver uma bola. Imediatamente, o fato de ter tido aquele pensamento lhe irritou.

—Não está olhando onde as tiras.

—Sei pefectamente aonde vão. Se você não gostar de como o faço, as atire você mesmo. Disse que poderia arrancar algumas.

Não valia a pena, pensou CAM. Não valia a pena o esforço de discutir.

—Bem, quer arrancar tabuletas do maldito teto? Vale, olhe, vê como o faço? Usa a pinça do martelo Y...

—Estive-te observando há uma hora. Não terá que ser muito inteligente para arrancar tabuletas.

—Bem —disse CAM entre dentes—. Faz-o. —Lançou o martelo à mão impaciente do Seth—. Vou abaixo. Necessito algo de beber.

CAM desceu da escada de maneira insegura, tratando de convencer-se a si mesmo de que os meninos de dez anos eram uns presumidos gilipollas. Além disso, quantas mais tabuletas arrancasse o menino, menos ficariam a ele por arrancar. Se sobrevivia a aquele dia passaria outra noite de sábado com a Anna. Desejava-o com todas suas forças.

Agora havia uma mulher, pensou enquanto agarrava a jarra de água geada e tragava um pouco. Era quase uma mulher perfeita. Embora às vezes tinha uma sensação incômoda no ventre quando pensava nela daquele modo, era difícil lhe encontrar um defeito.

Era formosa, elegante, sexy. E tinha uma risada contagiosa e uns olhos maravilhosos. Seu espírito selvagem de aventura ficava oculto sob seu traje de funcionária.

E além disso cozinhava.

Soltou uma risada afogada e tirou outro lenço para secá-la cara.

Bom, se ele fosse do tipo de homens conformistas ficaria com ela.

Colocaria um anel em seu dedo, pronunciaria o «sim quero» e a levaria correndo a sua casa, a sua cama, para sempre.

Comidas ardentes, sexo ardente.

Conversação, risadas. Sorrisos suaves para despertar pela manhã. Olhadas compartilhadas que dizem mais que as palavras.

Quando se viu si mesmo olhando ao vazio, com a jarra pendurando de seus dedos e uma estúpida expressão na cara, golpeou-se com força. Mais vale suspirar profundamente.

O sol lhe tinha abrandado o cérebro, pensou. O permanente não era seu estilo. Nunca o tinha sido. E o matrimônio, a palavra lhe fez estremecer, era para outros.

Graças a Deus, Anna não procurava mais, como ele. Uma relação bonita, fácil, sem ataduras e sem complicações era o que quadrava aos dois.

Para assegurar-se de que sua mente não ia se voltar a esquentar, tornou-se água geada pela cabeça. Seis meses, prometeu-se enquanto voltava a sair ao exterior. Seis meses e retornaria a seu mundo. Competição, velocidade, festas eleganes e mulheres que só procuravam uma carreira rápida.

Quando o pensamento de todo aquilo se desvaneceu, e quando a imagem de todo isso lhe deixou vazio em seu interior, soltou um taco. Era o que ele queria, maldita seja. O que conhecia. Seu mundo. Não estava desenhado para desperdiçar sua vida consruyendo navios para que os dirigissem outros, educando a um menino e preocupando-se de casar alcetines.

Seguro, pode que ensinasse ao menino como atirar a bola, mas isso não tinha grande importância. Pode que Anna Spinelli estivesse firmemente ancorada em seu cérebro, mas isso não tinha por que ter grande importância tampouco.

O necessitava espaço, necessitava liberdade. Precisava competir.

Seus pensamentos buliam quando voltou a sair. Quase se estrela contra a escada de alumínio. Um taco e um grito afogado soaram ao uníssono.

Quando olhou para cima seu coração deixou de pulsar.

Seth estava pendurado do marco quebrado de uma janela a vinte pés de altura. Em questão de segundos, CAM viu o desenho das reveste de seus sapatos novos, os cordões pendurando e os meias três-quartos cansados. Ethan e Phillip já estavam no telhado, lutando por alcançar ao Seth.

—Agüenta —gritou Ethan—. Me ouve?

—Não posso. —O pânico debilitava a voz do Seth, fazendo-a parecer muito infantil—. Me escorrego.

—Não podemos lhe alcançar daqui. —A voz do Phillip era mortalmente serena, mas seus olhos brilhavam de medo ao olhar ao CAM no estou acostumado a—. Levanta a escada. Rápido.

Tomou a decisão em segundos, embora parecia que lhe tinha levado toda a vida. CAM calculou o tempo que lhe levaria elevar a escada até seu sítio e subir até o lugar de onde pendurava Seth. Muito tempo, pensou, e se moveu até colocar-se justo debaixo do Seth.

—te deixe cair, Seth. Você te deixe cair. Eu te agarrarei.

—Não. Não posso. —Sangravam-lhe os dedos, e quase se soltou quando sacudiu a cabeça com força. O pânico lhe percorreu o espinho dorsal como se de uns ratos famintos se tratasse—. Não o conseguirá.

—Pode fazê-lo. Fecha os olhos e te deixe cair. Estou aqui. —CAM plantou as pernas, as separando, e tratou de não pensar em que estava tremendo—. Estou justo aqui.

—Tenho medo.

—Eu também. te deixe cair. Faz-o! —ordenou tão secamente que os dedos do Seth se soltaram por instinto.

Parecia como se a queda não tivesse fim. O rosto do CAM estava alagado de suor. O ar se negava a entrar nos pulmões do Seth. Embora os olhos ardiam a causa do sol e o sal, CAM não os separou do menino. Seus braços estavam ali, dobrados e preparados à medida que Seth caía.

CAM ouviu um suspiro, não soube se o seu ou o do Seth, quando ambos

rodaram pelo chão. CAM utilizou seu corpo para amortecer a queda do menino, e caiu ao duro chão com as costas nua.

Mas em um momento ficou de joelhos. Deu a volta ao Seth, lhe esmagando contra ele.

—Deus! OH, Meu deus!

—Está bem? —A voz do Ethan retumbou de acima.

—Sim. Não sei. Está bem?

—Acredito que sim. —Tremia muito, tagarelavam-lhe os dentes, e quando CAM afrouxou o abraço o suficiente para lhe olhar a cara, viu sua pele pálida como a morte e uns olhos grandes e frágeis. sentou-se no chão, colocou ao Seth em seu regaço e inclinou a cabeça do menino para seus joelhos.

—Só está conmocionado —disse a seus irmãos.

—Boa pesca. —Phillip se sentou no teto, esfregou-se a cara pegajosa com as mãos, e pensou que seu coração voltaria para a normalidade em um ano ou dois—. Jesus, Ethan, no que estava eu pensando ao mandar a esse menino abaixo a procurar água?

—Não é tua culpa. —Querendo tranqüilizar a ambos, Ethan apertou o ombro do Phillip—. Não é culpa de ninguém. Está bem. —Voltou a olhar para baixo, com intenção de lhe dizer ao CAM que agarrasse a escada. Mas o que viu foi a aquele homem sustentando ao menino e apertando sua bochecha contra a cabeça do moço.

A escada podia esperar.

—te limite a respirar —lhe ordenou CAM—. Faz-o lentamente. Te parou a respiração, isso é tudo.

—Estou bem —respondeu Seth, mas mantinha os olhos fechados, morto de vergonha. Os dedos lhe queimavam, mas tinha medo de olhar. Quando finalmente compreendeu que lhe estavam agarrando com força, não sentiu náuseas nem pânico.

Era gratidão e um alívio doce, quase desesperado.

CAM fechou os olhos também. E foi um engano. De novo voltou a ver o

Seth cair; cair e cair, mas esta vez ele não foi o suficientemente rápido, ou o suficientemente forte. Não estava ali.

O medo se mesclou com a fúria. Girou ao Seth até que seus rostos se aproximaram, e lhe sacudiu.

—Que demônios estava fazendo? No que estava pensando? Idiota, poderia te haver partido o pescoço.

—Eu só... —Lhe quebrou a voz, lhe mortificando—. Só ia A... Não sabia. Tinha o sapato desabotoado. Devo ter dado um mau passo. Eu só...

Mas o resto de suas palavras ficaram silenciadas contra o forte e suarento peito do CAM, enquanto este lhe voltava a estreitar contra ele. Seth podia ouvir o rápido batimento do coração de seu coração, escutar como retumbava contra seu ouvido. E voltou a fechar os olhos. E lentamente, lhe medindo, seus braços se fecharam em um abraço.

—Não passa nada —murmurou CAM, procurando manter a calma—. Não foi tua culpa. Quase me matas do susto.

CAM se deu conta de que suas mãos tremiam. Estava fazendo o ridículo. Deliberadamente, jogou ao Seth para trás e franziu o cenho.

—Como foi essa queda?

Seth conseguiu esboçar um sorriso.

—Acredito que bastante guay.

—Um desafio à morte. —Como os dois se sentiam incômodos, foram-se apartando lenta e cautelosamente—. Menos mal que é um adoentado ainda. Se pesasse um pouco mais me teria deixado seco.

—Joder —disse Seth, porque não não lhe ocorria nada mais que dizer.

—Danificaste-te um pouco as mãos. —CAM franziu o cenho ostensiblemente ao examinar as mãos sangrentas e arranhadas—. Acredito que será melhor que alcancemos ao resto da tripulação e lhe arrumemos.

—Não é nada. —Aquilo queimava como o fogo.

—Não faz falta que te sangre até morrer. —Como ainda lhe tremiam as mãos, CAM fez um rápido movimento para colocar a escada em seu

lugar—. Entra e busca a maleta de primeiros auxílios —lhe ordenou que —. Parece que Phil acertou quando nos fez comprar essa maldita coisa. Olhe por onde o vais estrear você.

Uma vez que viu o Seth meter-se na casa, CAM apoiou a frente contra o lateral da escada. Seu estômago seguia revolto, e uma dor de cabeça do que não se precaveu até o momento lhe sacudia as têmporas como um trem de mercadorias.

—Está bem? —perguntou Ethan colocando uma mão no ombro do CAM assim que pôs um pé em terra.

—Fiquei-me sem saliva. Me secou toda a boca. Em minha vida passei tanto medo.

—Já somos três. —Phillip olhava a seu redor. Como lhe seguiam tremendo as pernas, sentou-se em um dos degraus da escada—. Tem muito mal as mãos? Necessita um médico?

—Tem os dedos machucados. Não estão muito mal. —Para ouvir o som de um carro avançando pelo terreno de cascalho se voltou a ver de quem se tratava. E o estômago lhe acabou de revolver—. OH, perfeito. A sexy trabalhadora social às três em ponto.

—O que está fazendo ela aqui? —Ethan atirou de sua boina para baixo para ocultar a cabeça. Odiava ter mulheres ao redor quando estava suando.

—Não sei. Tínhamos uma entrevista esta noite, mas não era até as sete. Em primeiro lugar, vai dizer algo muito feminino sobre nós por ter ao menino aí acima.

—Pois não o diremos —murmurou Phillip enquanto lançava a Anna um sorriso encantador de bem-vinda—. Bom, isto ilumina o dia. Não há nada melhor que ver uma mulher bonita depois de uma dura manhã de trabalho.

—Cavalheiros... —Anna simplesmente sorriu quando Phillip tomou sua mão e a levou aos lábios. Aquilo a divertia muito. Três homens, três irmãos, três reações. A bem-vinda educada do Phillip, o gesto de cabeça vagamente coibido do Ethan e o olhar irritado do CAM.

E não cabia dúvida alguma de que cada um de llos tinha um aspecto raivosamente masculino e tractivo com seus cinturões de ferramentas empapados de suor.

—Espero não incomodar. Queria ver o edifício e vim a trazer uns presentes. Há uma cesta de picnic em meu carro..., comida para homens —acrescentou—. Para tudo o que queira fazer um alto para almoçar.

—foi muito amável por sua parte. Agradecemo-lhe isso. —Ethan se girou —. irei procurar a ao carro.

—Obrigado. —Anna inspecionou o edifício, baixou seus óculos de sol de cristais redondos e arreios metálica, e o observou de novo. Tudo o que lhe ocorreu pensar é que se alegrava de haver-se vestido de maneira informal para aquela visita inoportuna, com uns jeans folgados e uma camiseta. Pensou que não havia modo de entrar ali e sair poda—. Assim que este é...

—O começo de nosso império —começou a dizer Phillip, quem acabava de pensar em levá-la a dar uma volta para lhe dar ao CAM o tempo suficiente de assear ao Seth e lhe calar a boca, quando o menino saiu.

Tinha a cara negra, imunda de suor, sujeira e sangue que se esfregou pelas bochechas com os dedos. Sua camiseta branca com a lenda «simplesmente faz-o» estava no mesmo estado. Levava a maleta de primeiros auxílios como se fora uma cesta.

Anna se alarmou ao lhe ver. Pôs-se a correr para o menino e lhe agarrou brandamente dos ombros antes de que CAM ou Phillip pudessem pensar em uma história razoável.

—OH céu, está ferido. O que passou?

—Nada —começou a dizer CAM—. É que...

—Tenho-me cansado do teto —soltou Seth. acalmou-se enquanto estava dentro e tinha passado de estar tremendo a sentir um orgulho desmedido.

—Que te tem cansado do... —Assustada, Anna começou a procurar ossos quebrados de maneira instintiva. Seth se contraiu e se retorceu, mas ela continuou fazendo-o até ficar tranqüila—. meu Deus. O que

fazem por aí parados? —Voltou a cabeça e lançou ao CAM um olhar furioso—. chamastes a uma ambulância?

—Não necessita uma ambulância. É de mulheres queixar-se.

—Queixar-se! —repetiu Anna. Mantendo uma mão protetora no ombro do Seth, se giró,hacia eles—. Queixar-se! Vós três estão dando voltas por aqui como uma manada de símios. O menino poderia ter lesões internas. Está sangrando.

—São só os dedos. —Seth os estendeu, com olhar de admiração—. Tio, vai ser o tema candente na segunda-feira na escola! Escorreguei-me da escada ao baixar, mas me agarrei ao marco da janela daí. —O moço assinalou o lugar, e Anna quase se enjoa ao ver a altura—. CAM me disse que me deixasse cair, que ele me agarraria; fiz-o e me agarrou.

—Este menino ou não diz nem duas palavras ou não pára de falar —disse CAM ao Phillip—. Está bem —disse elevando a voz—. Só ficou sem respiração.

Anna nem se incomodou em lhe responder, e se limitou a lhe lançar um olhar largo e fulminante antes de voltar-se para sorrir ao Seth.

—por que não me deixa lhe jogar uma olhada a suas mãos, céu? Limparemo-las e veremos se necessitar pontos. —Anna elevou o queixo, embora seus óculos escuros não podiam ocultar o furor de seus olhos—. Logo eu gostaria de falar contigo, Cameron.

—Teria apostado a que o faria —murmurou ele, enquanto ela se levava ao Seth para seu carro.

Seth reconheceu que não lhe importava que lhe mimassem um pouco. Era uma nova experiência ter a uma mulher fazendo um escândalo por um pouco de sangue. Suas mãos eram suaves e sua voz amável. E se os dedos lhe ferroavam e ardiam, era um preço pequeno que pagar pelo que parecia uma aventura gloriosa.

—Foi uma queda larguísima —disse Seth.

—Sim, sei. —Só pensá-lo fez que lhe encolhesse o coração—. Deve haver sentido muito medo.

—Só me assustei um pouco. —Seth se mordeu o interior da bochecha

para não soltar uma queixa enquanto lhe enfaixava cuidadosamente as feridas—. Alguns meninos teriam gritado como as garotas e se teriam molhado as calças.

Não estava seguro de se tinha gritado ou não, deixava-o impreciso, mas tinha inspecionado seu jeans e sabia que tudo ia bem por ali.

—E CAM estava cheio o saco. Quem poderia pensar que eu lhe dava uma patada à escada a propósito.

Anna levantou a cabeça.

—Gritou-te?

Seth começou a espraiar-se, mas havia algo nos olhos dela que lhe pôs difícil seguir soltando mentiras.

—Durante um minuto. A maior parte do tempo estava como embevecido. Ninguém acreditaria que passei meu braço a seu redor enquanto levava, me dando tapinhas e essas coisas.

Seth se encolheu de ombros, mas se lembrou da cálida sensação interna ao sentir-se abraçado, seguro, a salvo.

—Alguns meninos não podem suportar o sangue, sabe?

Anna suavizou o sorriso e se levantou para lhe acariciar o cabelo.

—Sim, sei. Bom, está bastante bem para ser um menino que se cansado do telhado. Não o volte a fazer, vale?

—Uma vez foi suficiente.

—Me alegro de ouvi-lo. Há frango frito na cesta..., a menos que o tenham comido tudo.

—Poderia-me comer uma dúzia de partes. —Começou a correr até que lhe começou a remoer a consciência. Era outra sensação estranha que lhe fez dá-la volta e olhá-la aos olhos—. CAM disse que me agarraria e o fez. foi um tipo guay.

Logo correu para o edifício, lhe gritando ao Ethan que lhe guardasse alguma parte de frango.

Anna suspirou. ficou sentada ali, no assento do passageiro, e ordenou a

maleta de padres. Quando uma sombra se abateu sobre ela, continuou colocando o estojo de primeiro socorros. Podia lhe cheirar e sentir o suor, o homem, e a leve fragrância do sabão que tinha utilizado na ducha matinal. Ela conhecia agora bem aquele aroma e o modo em que se mesclava com o seu próprio. Conhecia-o tão bem que o distinguiria entre um punhado de homens, inclusive algemada e amordaçada.

E embora era certo que tinha sentido curiosidade pelo edifício, tratava-se realmente de uma desculpa para viajar desde o Princess Anne a lhe ver.

—Suponho que não será necessário que te diga que os meninos da idade do Seth não deveriam andar subindo e baixando escadas sem vigilância.

—Suponho que não.

—Ou que os meninos de sua idade são descuidados, bastante difíceis e desajeitados.

—O não é desajeitado —disse CAM com certo ardor—. É ágil como um macaco. E é obvio —acrescentou com ironia na voz—, o resto de nós somos símios, assim que todo quadra.

Ela fechou o estojo de primeiro socorros de primeiros auxílios, levantou-se e o entregou.

—Isso parece —assentiu ela—. Entretanto, os acidentes ocorrem. Não importa quão cuidadoso a gente seja nem tampouco o empenho que fique em evitá-los. Por isso são acidentes.

Anna lhe olhou à cara. O seguia irritado com ela, com as circunstâncias, conforme comprovou. E aquela raiva escondida que parecia que nunca desaparecia de tudo estava a ponto de sair à superfície.

—Assim, quantos anos de sua vida se levou por diante esse pequeno incidente?

CAM soltou um suspiro.

—Um par de décadas. Mas o menino as arrumou muito bem.

CAM se voltou para olhar ao edifício. Foi então quando Anna viu rastros de sangue em suas costas. Rastros que compreendeu que provinham das mãos do Seth. O tinha agarrado ao menino, e este se agarrou a ele,

pensou.

CAM se voltou e a viu sonriendo.

—O que acontece?

—Nada. Bom, já que estou aqui, e que lhes estão comendo minha comida, acredito que tenho direito a dar uma volta.

—Que parte deste negócio vais ter que incluir em seus informe?

—Não estou trabalhando —respondeu ela com mais dureza da que pretendia—. Pensei que vinha a lhes fazer uma visita a uns amigos.

—Não pretendi que lhe tomasse nesse sentido, Anna.

—De verdade? —Ela deu a volta ao carro e fechou a porta. Maldita seja, tinha ido ver lhe ele, a estar com ele, e não a fazer uma visita domiciliária inesperada—. O que incluirei em meu próximo relatório, a menos que veja outra coisa, é que em minha opinião Seth está afectivamente vinculado a seus tutores e eles a ele. Assegurarei-me de que te chegue uma cópia. De momento, passo. Pode me devolver a cesta quando te convier.

Anna pensou que aquela era uma boa saída para pôr as coisas em seu sítio, enquanto se apressava a dar a volta ao carro. estava-se pondo de mau humor, mas o tinha sob controle. Nesse momento, ele a agarrou enquanto ela alcançava a porta do carro, danificando a situação.

Anna se girou rapidamente e errou o golpe em seu primeiro intento de lhe golpear o peito umedecido.

—As mãos fora.

—Onde vai? Espera só um minuto.

—Não tenho que esperar a nada, e não quero que você me espere tampouco. —Lhe golpeou com ambas as mãos—. meu Deus, que asqueroso é!

—Se te pudesse acalmar e escutasse...

—O que? Pensa que não sei? Pensa que não adivinhei o que viu, o que pensou quando me viu chegar? «Maldita seja, aqui vem a trabalhadora social. Fechemos filas, meninos.» —tornou-se para trás—. Que lhe

jodan!

Poderia havê-lo negado e adotar a postura de «não sei do que me fala». Mas seus olhos faziam o mesmo efeito nele que o que tinham feito no Seth: não deixariam que lhe atasse a língua contando uma mentira decente.

—De acordo, tem razão. Foi instintivo.

—Ao menos tem a delicadeza de ser honesto. —sentia-se tão ferida que se enfureceu e se surpreendeu ao mesmo tempo.

—Não sei por que te põe assim.

—Ah, não? —jogou-se o cabelo para trás—. Então lhe contarei isso. Olhei-te e vi a um homem que também é meu amante. Você me olhaste e viu a um símbolo do sistema no que não confia e ao que não respeita. Agora que isto ficou claro, te aparte de meu caminho.

—Sinto muito. —tirou-se o lenço porque tinha a cabeça a ponto de estalar—. Volta a ter razão, e o sinto.

—Eu também. —Ela começou a abrir a porta do carro.

—Pode-me conceder um maldito minuto? —Em vez de voltar a agarrá-la-se passou as mãos pelo cabelo. Não foi o tom de impaciência o que a deteve, a não ser a amostra de fadiga em seu rosto.

—Muito bem. —Anna soltou o bracelete da porta—. Tem um minuto.

O pensou que não havia outra mulher no mundo a que daria tantas explicações como a esta que lhe observava com o cenho franzido.

—Ainda estávamos todos um pouco conmocionados. O momento não podia ter sido pior. Maldita seja, ainda me tremiam as mãos.

Odiava admiti-lo, odiava-o. Para controlar-se um pouco se deu a volta e passeou de um lado a outro.

—Sofri um acidente uma vez. Faz uns três anos. No Grand Prix. Dava-lhe um golpe ao quitamiedos, calculei mau e comecei a dar voltas. O carro ficou destroçado. O pior é o fogo que não se vê, os vapores que se vão esquentando. Vi-me carbonizado por completo. Só durante um momento, mas foi intenso. —Fez uma bola com o lenço na mão, e logo o

alisou—. E te digo, Anna, que o ver esse menino de abaixo, o ver seus cordões pendurando foi muito pior. Mil vezes pior.

Como poderia ela seguir zangada? E por que não poderia ele dar-se conta de que tinha tantísimo amor que dar com apenas deixá-lo escapar livremente? Havia-lhe dito que provavelmente a faria mal, mas ela não tinha sabido que seria tão logo, ou dessa maneira.

Não tinha cuidadoso na direção adequada. Não tinha sabido que se estava apaixonando por ele.

—Não posso fazer isto —disse ela um pouco para si mesmo, e colocando as mãos em seus braços para lhes dar calor. Sentia frio, inclusive quando permanecia de pé sob um sol abrasador. Quantos passos tinha dado para encontrar o amor, e quantos teria que retroceder para proteger-se a si mesmo?—. Não sei no que estive pensando. Coinprometerme pessoalmente contigo não faz mais que complicar nosso mútuo interesse pelo menino.

—Não me deixe, Anna. —CAM experimentou então outro tipo de medo: um que não havia sentido nunca antes—. demos passos em falso, mas podemos dar marcha atrás. Estamos bem juntos.

—Estamos bem na cama —respondeu ela lhe piscando os olhos um olho ao ver uma sombra de dor nos olhos dele.

—Só?

—Não —disse ela lentamente enquanto ele lhe aproximava—, não só, mas...

—Em meu interior há algo para ti, Anna. —esqueceu-se de que tinha as mãos sujas e as apoiou em seus ombros—. Ainda não lhe dei isso. Esta

história contigo tem feito que seja a primeira vez em minha vida em que não quis fugir para a linha de meta.

A jovem pensou que seguiam nesse ponto. Deveria estar preparada para que ele alcançasse essa linha e a cruzasse, por diante dela.

—Não mescle quem sou eu e o que sou —disse brandamente—. Tem que ser honesto comigo, ou todo o resto não significará nada.

—estive mais contigo do que tenha estado com nenhuma outra mulher antes. E sei quem é.

—Bem. —Ela colocou uma mão em sua bochecha quando ele se inclinou para beijá-la—. Veremos o que acontece.

Quatorze

Era uma bonita tarde da primavera. O ar era quente, o vento suave e havia as suficientes nuvens para filtrar um pouco o sol de maneira que um não se torrasse. Quando Ethan aproximou o navio até o porto, o mole estava infestado de turistas contemplando o trabalho dos

estivadores e o dos recolectores de caranguejos.

Ethan se alegrava de ter capturado suficientes caranguejos pela manhã cedo. Os tanques de água do navio situados sob o toldo a raias estavam cheios de caranguejos aborrecidos que seguiriam o caminho para a panela ao ficar o sol. ocuparia-se de sua captura e deixaria que seu companheiro se entendesse com o motor, que falhava um pouco. Decidiu aproximar-se dos escritórios e ver como se desenvolvia o trabalho de encanamento.

Estava rabiando porque se acabou, embora Ethan Quinn não era pessoa dada a rabiar ou, ao menos, não se permitia pensar que o fora, mas o estaleiro era um sonho íntimo que levava um tempo acariciando. Agora era o momento oportuno.

Simon soltou um latido seco e feliz ao chocar o navio contra os pilote. Quando Ethan estava assegurando as defesas, umas mãos se prepararam para as recolher, umas mãos que reconheceu antes de levantar o olhar. Eram bonitas, largas.y não levavam nem anéis nem laca de unhas.

—Tenho-o, Ethan

Este levantou os olhos e sorriu ao Grace.

—Obrigado. O que faz no mole a meio-dia?

—Agarrar caranguejos. Betsy se encontrava mal hoje pela manhã, assim que se necessitava ajuda, e além minha mãe queria levar-se ao Aubrey umas horas.

—Deveria te reservar um pouco de tempo livre para ti, Grace.

—Bom... —disse enquanto assegurava as defesas com mão perita e depois se alisava seu cabelo curto.

—Um dia destes. acabastes o presunto cozido que preparei o outro dia?

—Não deixamos nenhuma miolo. Estava muito bom. Obrigado.

Agora que a conversação intrascendente se terminou e se encontrava no mole a seu lado, Ethan não sabia o que fazer com as mãos. Por isso, arranhou a cabeça do Simon.

— tivemos boa pesca hoje.

—Já vejo. —Mas o sorriso do Grace não se refletia em seus olhos e em troca se mordia os lábios.

Ethan pensou que aquilo era um signo claro de que Grace tinha problemas na cabeça.

—se preocupa algo?

—Incomoda-me te fazer perder o tempo quando está ocupado, Ethan —disse enquanto passeava a vista pelo mole—. Me acompanha a dar um passeio um momento?

—É obvio. Convido-te a tomar um refresco. Jim, ocupa-te de tudo, vale?

—Claro, capi.

Ethan colocou as mãos nos bolsos enquanto o cão trotava entre eles dois. Fez um gesto com a cabeça para ouvir uma saudação familiar e logo que reparou na rapidez com a que se moviam os dedos dos que pescavam caranguejos; sempre eram dignos de ver enquanto trabalhavam. Sim percebeu os aromas da água, do pescado, do sal no ar porque gostava de muito, mas também o sutil aroma a sabão e xampu do Grace.

—Ethan, eu não quero lhes causar nenhum transtorno nem a ti nem a sua família.

—Não poderia fazê-lo, Grace.

—Há algo que deve saber, embora me chateia, e muito.

Grace baixou a voz, algo estranho nela, como bem sabia Ethan. Viu sua cara rígida com a boca apertada e decidiu esquecer o refresco e conduzi-la longe dos moles.

—Eu acredito que melhor me conta isso e lhe tira isso da cabeça —disse Ethan.

—E lhe passar isso à tua —respondeu ela suspirando. Desgostava-lhe enormemente fazê-lo. Ethan sempre estava aí quando tinha algum problema ou necessitava um ombro no que te apoiar. Uma vez ela tinha desejado que lhe oferecesse algo mais que o ombro, mas... tinha

aprendido a aceitar as coisas como eram.

—O melhor é que saiba —disse falando quase para si mesmo—. Não pode te enfrentar a algo sem saber do que se trata. Há um detetive da companhia de seguros falando com a gente, perguntando sobre seu pai e também sobre o Seth.

Ethan lhe pôs a mão sobre o braço um instante. Já estavam o suficientemente longe dos moles, das lojas e dos ruídos do tráfico. perguntou-se o que se podia fazer com aquilo.

—Que classe de perguntas? —inquiriu.

—Pois sobre o estado mental de seu pai as últimas semanas antes do acidente. Sobre por que trouxe para o Seth a casa. E veio para ver-me esta manhã a primeira hora. pensei que era melhor falar com ele que não fazê-lo. —Olhou ao Ethan e se relaxou quando viu que ele assentia —. Lhe disse que Ray Quinn era um dos melhores homens que conheci e lhe deixei claro o que pensava sobre a gente que difunde fofocas maliciosas.

Ao ver que Ethan sorria para ouvi-la, Grace fez uma careta.

—A verdade, fez-me sentir muito mal. Já sei que está fazendo seu trabalho e que tem maneiras suaves como a nata, mas me chateou, sobre tudo quando me perguntou se sabia algo sobre a mãe do Seth ou sobre sua procedência. Respondi-lhe que não e que não me importava nada. Seth está onde deve estar e ponto final. Espero ter atuado bem.

—Fez o melhor.

Os olhos do Grace se voltaram da cor das tormentas no rio agora que as emoções a agitavam.

—Ethan, eu sei que dói que a gente fale, que contem coisas que não lhes correspondem. Não significam nada. —Continuou falando enquanto tomava as mãos—. Sobre tudo para quem conhece sua família.

—Sairemos desta —respondeu lhe dando um ligeiro apertão de mãos enquanto pensava se devia as retirar ou não—. Te agradeço que me tenha contado isso. —separou-se mas seguiu olhando seu rosto tanto

tempo que Grace se ruborizou—. Não dormiste o suficiente, tem os olhos cansados.

—Ah! —exclamou ela envergonhada, chateada, enquanto se cobria os olhos com as mãos. por que este homem só notava que algo lhe preocupava?—. Aubrey teve uma noite um pouco alvoroçada. Tenho que voltar —disse rapidamente, enquanto acariciava ao paciente Simon—. Passarei amanhã por sua casa a limpar.

foi depressa pensando, com certa tristeza, que um homem que só se dá conta de se tiver algum problema ou de se está cansada nunca pensará em ti como mulher.

Entretanto, Ethan enquanto a via partir pensou que era muito bonita para estar trabalhando como uma mula.

O inspetor se chamava Mackensie e estava refletindo. Até o momento suas notas continham a descrição de um homem que era um santo com um halo de pureza tão largo e brilhante como o sol. Um samaritano desinteressado que não só amava a seus vizinhos, mas também além disso agüentava suas cargas com carinho, e que, junto a seu fiel algema, tinha salvado a grandes parcela da humanidade e mantido ao mundo livre em democracia.

Em outras notas diferentes, Raymond Quinn aparecia como um déspota convencido de sua superioridade moral, pomposo, intrometido, que compilava meninos maus como outros colecionam selos, e lhes utilizava para lhe proporcionar um trabalho de escravos, um bálsamo para seu ego e possivelmente lascivos favores sexuais.

Embora Mackensie admitia que a segunda versão era mais interessante, a tinham proporcionado só uns poucos.

Como era um homem precavido e atento aos detalhes, pensou que possivelmente a verdade se encontrasse a metade de caminho entre a versão do santo e a do pecador.

Seu propósito não era canonizar nem condenar ao Raymond Quinn (apólice n° 005—678—LQ2). O simplesmente tinha que recolher dados que determinassem se o pagamento da apólice devia ser satisfeito ou

não.

Em qualquer caso, ao Mackensie pagariam por seu tempo e esforços.

deteve-se e comeu um sanduíche em um pequeno e gordurento lugar chamado Comidas Bay Sede. Tinha uma certa debilidade pela graxa, o café mau e as garçonetes com nomes como Lulubelle.

devido a isso, a seus cinqüenta e oito anos pesava vinte quilogramas de mais, vinte e cinco se não ajustava a escala ao zero antes de subir à báscula, tinha um quadro crônico de más digestões e se divorciou duas vezes.

"Támbién estava um pouco calvo, tinha joanetes e uma presa que lhe doía como se tivesse um ferro candente. Mackensie era consciente de não ser nenhum troféu físico, mas conhecia seu trabalho, levava trinta e dois anos na companhia de seguros True Life e seus arquivos estavam tão brancos como o coração de uma monja.

Conduziu sua Ford Taunus pelo terreno de cascalho próximo ao edifício. Seu último contato, um pequeno inseto chamada Claremont, tinha-lhe proporcionado algumas direções. Tinha-lhe assegurado com um sorriso tenso que aí encontraria ao Cameron Quinn.

Ao Mackensie tinha aborrecido aquele homem aos cinco minutos de sua companhia. O inspetor tinha tratado gente durante o suficiente tempo para reconhecer a inveja, a avareza e a malícia incluso disfarçadas de amabilidade. Claremont não tinha capas ocultas, era pura zalamería.

Mackensie arrotou em lembrança do sabor dos pepinos japoneses em vinagre que se permitiu na comida, meneou a cabeça e se tragou a ração do Zantac que tomava cada hora. No solar havia uma caminhonete, um sedan antigo e um Corvette clássico estupendo.

Ao Mackensie gostou do Corvette, embora nunca se pôs atrás do volante de uma daquelas armadilhas mortais nem por amor nem por dinheiro. Certamente que não, mas em qualquer caso o admirou enquanto saía do carro.

Quando duas pessoas saíram do edifício, pensou que também era capaz de admirar o aspecto de um homem. Não o do major dos dois, que vestia uma camisa de quadros vermelha e gravata com alfinete. Um

burocrata, pensou, já que tinha bom olho para classificar às pessoas.

O mais jovem era muito magro, muito ávido e muito despachado para ser um burocrata. Se não trabalhava com as mãos, poderia fazê-lo, refletiu Mackensie. Lhe via como quem sabe o que quer e a forma de consegui-lo.

Se se tratava do Cameron Quinn, imaginou que Ray Quinn não deveu parar nem um momento.

CAM se deu conta da presença do Mackensie quando o obeso inspetor continuou andando. sentia-se satisfeito com os avanços: acreditava que em uma semana se finalizaria o banho, mas Ethan e ele podiam passar sem essa inconveniência até então.

Queria abrir imediatamente e já que a instalação elétrica estava terminada e além disso tinha passado a inspeção, não havia nenhuma necessidade de esperar mais.

Mackensie tinha aspecto de chupatintas. espremeu-se a cabeça tratando de recordar se tinha alguma entrevista ainda, mas chegou à conclusão de que não. Venderá algo, pensou, quando Mackensie e ele se aproximaram.

O homem leva uma maleta, reparou CAM com desalento. Quando a gente leva uma maleta quer dizer que pretendem tirar o que levam dentro.

—Você deve ser o senhor Quinn –disse Mackensie com voz afável e olhar escrutinadora.

—Certamente.

—Eu sou Mackensie, de Seguros True Life.

—Já temos seguro. —Ou isso pensava, refletiu CAM—. Meu irmão Phillip se ocupa desses assuntos. —de repente caiu na conta e CAM ficou em guarda—. True Life diz?

—Exato. Sou um inspetor da companhia. Precisamos esclarecer alguns pontos antes de resolver sua demanda sobre a apólice de seu pai.

—Meu pai morreu —disse CAM com tom monótono—. Não é essa a questão, Mackensie?

—Meus mais sentido pêsames.

—Imagino que a companhia sente ter fechado o assunto. Por isso eu sei, meu pai pagou a apólice de boa fé. O truque está em que para ganhar deve morrer, e ele morreu.

Fazia calor ao sol e o pastrami em pão de centeio com a mostarda muito condimentada não lhe estava sentando nada bem. Mackensie soltou um suspiro.

—Tenho algumas pergunta que fazer sobre o acidente.

—Um carro se encontra com um poste de telefone. O poste ganha. me crie, eu conduzo freqüentemente —respondeu CAM.

Mackensie assentiu. Em diferentes circunstâncias teria apreciado o tom do CAM.

—Vocês são conscientes de que a apólice contém uma cláusula sobre suicídio.

—Meu pai não se suicidó, Mackensie, e como você não ia no carro com ele naquele momento lhe vai resultar complicado provar o contrário.

—Seu pai se encontrava sob um intenso estresse, um importante transtorno emocional —argüiu Mackensie.

CAM soltou um bufido.

—Meu pai educou a três boas peças e ensinou a um punhado de mucosos colegiais. Suportou grandes dose de estresse e de transtornos emocionais ao longo de sua vida.

—E recolheu a um quarto menino.

—Exato. —CAM colocou os polegares nos bolsos e sua atitude se converteu em um desafio—. Isso não tem nada que ver com você ou sua companhia.

—Mas sim tem que ver com as circunstâncias do acidente de seu pai. Existe a possibilidade de uma chantagem e, portanto, uma ameaça para sua reputação. Tenho uma cópia da carta que se encontrou no carro.

Quando Mackensie abriu sua maleta, CAM deu um passo adiante.

—Vi essa carta e o que significa é que há uma mulher com o instinto maternal de uma gata de beco raivosa. Tente demonstrar que Ray Quinn se embutiu contra o poste porque tinha medo de uma puta e esmagarei a sua companhia de seguros.

A ira que CAM pensava que tinha deixado atrás voltou com todo seu poder avassalador.

—Importa-me uma mierda o dinheiro. Podemos ganhar dinheiro por nós mesmos. True Life pretende não cumprir suas obrigações neste litígio e esse é o terreno de meu irmão e dos advogados, mas se você ou alguém mais se mete com a reputação de meu pai, então terão que brigar comigo.

Mackensie calculou que seu oponente teria uns vinte e cinco anos menos que ele, era teimoso como uma mula e estava tão enlouquecido como um lobo faminto. Decidiu que o melhor seria trocar de tática.

—Senhor Quinn, não tenho o mais mínimo interesse em danificar a reputação de seu pai. True Life é uma boa empresa, trabalhei nela durante a maior parte de minha vida. —Tentou sorrir amavelmente—. É pura rotina.

—Eu não gosto de sua rotina.

—Entendo-lhe. Aqui o suspeito é o acidente em si. Os relatório médico confirmam que seu pai estava em boas condições físicas. Não há indícios de um ataque ao coração, de derrame cerebral, de nenhuma causa física que provocasse a perda de controle do veículo. Foi um acidente de um único carro em uma estrada vazia em um dia seco e claro. As provas que encontraram os peritos na reconstrução do acidente não foram concludentes.

—Esse é seu problema —CAM viu o Seth baixando a rua da escola. —E este é o meu, pensou—. Não posso lhe ajudar, mas sim posso lhe dizer que meu pai encarava os problemas de frente. Nunca tomava o caminho mais fácil. Tenho muito trabalho. —Deixando a conversação neste ponto, CAM se deu a volta e se dirigiu para o Seth.

Mackensie se esfregou os olhos que choravam a causa do sol. Possivelmente Quinn pensasse que não tinha acrescentado nada a seu

relatório, mas estava equivocado. Mackensie estava seguro agora de que os Quinn lutariam por sua demanda até o final, se não pelo dinheiro, pela memória de seu pai, ao menos.

—Quem é esse? —perguntou Seth enquanto olhava como Mackensie se dirigia para seu carro de novo.

—Um enganador de seguros. —CAM assinalou com a cabeça rua abaixo por volta de dois meninos que rondavam a meia maçã dali—. Os quais são esses meninos?

Seth se voltou para lhes olhar e depois se encolheu de ombros.

—Não sei. Meninos da escola. Ninguém.

—Estão-lhe incomodando?

—Não. Vamos ao telhado?

—O telhado está terminado —murmurou CAM e contemplou com certa diversão como os dois meninos perambulavam tentando aparentar um ar distraído sem consegui-lo—. Eh,vosotros!

—O que faz? —vaiou Seth mortificado.

—te acalme. Venham aqui —ordenou CAM aos meninos, que ficaram quietos como estátuas.

—por que coño os chamas? São só uns gilipollas da escola.

—Posso usar aos gilipollas para algum trabalho— disse CAM com suavidade. Também lhe tinha ocorrido que Seth podia utilizar alguns companheiros de sua idade. Esperou enquanto Seth se violentava e os dois meninos mantinham em sussurros uma conversação rápida, que terminou quando o mais alto dos dois ficou direito e baixou a rua com ar fanfarrão embainhado em umas Nike destroçadas.

—Não estamos fazendo nada —disse o menino com tom desafiante e um tanto quebrado pelo ceceio provocado por um dente quebrado.

—Isso já o vejo. Querem fazer algo?

O menino passeou o olhar pelo mais jovem, depois pelo Seth e finalmente olhou com precaução à cara do CAM.

—Ao melhor.

—Tem nome?

—Claro, meu nome é Danny. Este é meu irmão pequeno, Will. Eu cumpri onze anos a semana passada, ele só tem nove.

—Cumprirei dez em dez meses —declarou Will enquanto lhe dava uma cotovelada nas costelas a seu irmão.

—Ainda está na escola elementar —disse Danny com um desprezo que compartilhou com o Seth generosamente—. É um menino da escola elementar.

—Não sou nenhum menino.

Ao levantar Will o punho ameaçando, CAM lhe deteve e lhe deu um ligeiro apertão no braço.

—Acredito que é o suficientemente forte para mim.

—Sou muito forte —lhe respondeu Will para sorrir a seguir com encanto angélico.

—Já veremos. Vêem toda esta mierda empilhada por aqui? Todas estas velhas pranchas, o papel com breu, o lixo? —CAM inspecionou a zona —. Vêem aquele contêiner? Se colocarem toda a mierda no contêiner lhes dou cinco dólares.

—A cada um? —disse Danny com os olhos cor avelã reluzindo em meio de uma cara cheia de sardas.

—Não me faça rir, tio, mas lhes darei dois dólas extra se o fizerem sem que eu tenha que sair a intervir em nenhuma briga —disse assinalando com o dedo ao Seth—. O está ao mando.

No momento em que CAM lhes deixou sozinhos, Danny se voltou para o Seth. Ambos se mediram em silencio com os olhos entrecerrados.

—Vi-te dar murros ao Robert.

Seth trocou o peso de uma perna a outra se por acaso asso. Calculou que eram dois contra um, mas estapreparado para a briga.

—E o que?

—Esteve guay —foi tudo o que respondeu Danny, que começou a recolher pranchas rotas. Will sorriu feliz ante a cara do Seth. —Robert é um gordo pedorro, e Danny diz que quando lhe pegou não parava de sangrar. —Seth sorria.

—Chiava como um porco.

—Oink, oink —disse Will encantado—. Podemos comprar gelados no Crawford com o dinheiro.

—Sim, bom —Seth começou a juntar o lixo com o Will, que estava pego a seus talões alegremente.

Anna não tinha um bom dia. Tinha começado a manhã rompendo o último par de meias que tinha inclusive antes de chegar à porta de entrada. Não ficavam rosquinhas, nem iogurte, nem quase de nada, e se devia a que tinha dedicado muito tempo ao CAM, ou a pensar nele, e se tinha atrasado nas compras.

Quando se deteve jogar ao correio uma carta para seus avós, partiu-se uma unha na rolha. O telefone já estava soando quando entrou no escritório às oito e meia e ao outro lado da linha se encontrou com uma mulher histérica perguntando por que não tinha recebido ainda seu cartão médico.

Acalmou à mulher e lhe assegurou que se ocuparia pessoalmente do caso. Depois, simplesmente porque se encontrava ali, o posto telefônico lhe pôs com um homem maior queixando e insistindo em que seus vizinhos maltratavam a seus filhos porque lhes permitiam ver a televisão todas as noites da semana.

—A televisão é a arma que deixaram os comunistas —lhe disse—. Não há mais que sexo e assassinatos, sexo e assassinatos, e mensagens subliminales. Tenho lido tudo a respeito.

—Inteirarei-me do que acontece, senhor Bigby —lhe prometeu, e abriu a gaveta superiora de onde tirou uma aspirina.

—Mais lhe vale. Tentei-o com a poli, mas não fazem nada. Esses

meninos estão condenados. vão necessitar que os desprogramen.

—Obrigado por chamar nossa atenção sobre o caso.

—É meu dever de americano.

—Arrumado a que sim —murmurou Anna depois de pendurar o telefone.

Como sabia que estava citada às duas da tarde no tribunal de família, pôs em marcha o ordenador com a intenção de procurar o arquivo e revisar seus informe e notas. Quando viu na tela a mensagem de que seu programa havia cometio um ato ilegal, não se incomodou em gritar. limitou-se permanecer sentada, fechar os olhos e fazer-se à idéia de que ia ser um dia péssimo. Foi a pior.

Anna sabia que seu testemunho no julgamento era grave. O caso Higgins tinha chegado a sua mesa por volta de quase um ano. Os três meninos de oito, seis e quatro anos tinham sofrido maus entendimentos físicos e emocionais. A mulher de apenas vinte e cinco anos era caso claro de esposa maltratada. Ao longo de anos tinha abandonado muitas vezes a seu marido, mas sempre terminava voltando com ele. Seis meses antes, Anna se tinha esforçado enormemente para levá-la a ela e a seus filhos a um centro acolhida. A mulher tinha demorado menos de treintan e seis horas em trocar de parecer. Embora o coração da Anna sofria por ela, havia-se decididopor o bem dos meninos. Seus rostos gastos, os cardeais, o medo e o pior, a resignação refletida em seus olhos apagados a atormentavam. Tinham sido entregues a seus pais de acolhida, um matrimônio o suficienente generoso e forte para acolher a todos. Ao ver aqueles pais de acolhida escoltando aos meninos maltratados se jurou a si mesmo que faria quanto estivesse em sua mão para que permanecessem ali.

—Quando este caso chegou para mim em janeiro do ano passado, recomendou-se assessoramento psicológico tão individual como familiar —declarou Anna do estrado das testemunhas—. Não se seguiram as recomendações. Tampouco quando em maio do mesmo ano a senhora Higgins foi hospitalizada com a mandíbula deslocada, ou quando em setembro, Michael Higgins, o filho maior, rompeu-se um braço. Em novembro, a senhora Higgins e seus dois filhos maiores foram atendidos em urgências de várias lesões. Me notificou e assisti à senhora Higgins e

a seus filhos, lhes transladando a uma casa de acolhida. Ela não permaneceu ali nem dois dias completos.

—Você foi a assistente social deste caso durante mais de um ano. —O advogado se coloca ante ela, sabendo por experiência que não era necessário guiar seu testemunho.

—Sim, mais de um ano —respondeu, e sentiu seu fracasso intensamente.

—Qual é a situação atual?

—Nos dia seis de fevereiro deste ano a polícia acudiu respondendo à chamada de um vizinho se encontrou ao senhor Higgins sob os efeitos do álcool. A senhora Higgins foi encontrada histérica e requereu tratamento médico por lacerações s cardeais faciais. Curtis, o filho menor, tinha um braço quebrado. O senhor Higgins foi detido. Naquele momento, ao ser eu a assistente social encarregada do caso, notificaram-me o acontecido.

—Viu você à senhora Higgins e aos meninos aquele dia? —perguntou o advogado.

—Sim. Fui ao hospital. Falei com a senhora Higgins. Declarou que Curtis se cansado pelas escadas. devido à natureza de suas feridas, ao histórico do caso, não acreditei. O traumatólogo urgências compartilhava minha opinião. Os meninos foram entregues a uns pais de acolhida, com os que permaneceram até a data.

Anna continuou respondendo perguntas sobre situação do caso e sobre os próprios meninos. Em momento determinado, dedicou um sorriso ao irmão médio quando falou da equipe de futebol ao que tinha conseguido apontar-se.

Depois Anna se preparou para o aborrecimento irritação do turno de perguntas.

—É você consciente de que o senhor Higgins se submeteu voluntariamente a um programa de reabilitação de alcoólicos? —Anna evitou uma olhada ao advogado de ofício do Higgins e olhou diretamente aos olhos do pai. —Sou consciente de que com o passar do ano passado o senhor Higgins declarou ter começado o tema de reabilitação

ao menos em três ocasiões. Viu como o ódio e a ira obscureciam o rosto do senhor Higgins. Deixem que me odeie, pensou Anna. Estava condenada se permitia que ele pusesse as mãos em cima daqueles meninos de novo.

—Sou consciente de que nunca completou programa.

—O alcoolismo é uma enfermidade, senhorita Spinelli. O senhor Higgins neste momento está recebendo tratamento. Está de acordo em que a senhora Higgins é uma vítima da enfermidade de seu marido?

—Estou de acordo em que ela sofreu maus entendimentos tanto físicos como emocionais por sua parte.

—E é capaz de pensar que ela deva sofrer ainda mais ao perder a seus filhos, e estes a ela? Acaso pensa que este tribunal poderia decidir separar a esta mãe de seus três filhos?

Anna pensou que a eleição era dela. O homem que pegava a sua mulher e aterrorizava a seus filhos, ou a saúde e a segurança dos meninos.

—Acredito que ela vai sofrer durante mais tempo até que tome a decisão que troque suas circunstâncias, e minha opinião profissional é que a senhora Higgins neste momento é incapaz de cuidar de si mesmo e muito menos de seus filhos.

—Neste momento, o senhor e a senhora Higgins têm ambos os trabalho estável —prosseguiu o advogado—. A senhora Higgins declarou sob juramento que ela e seu marido se reconciliaram e que continuam tratando de solucionar suas dificuldades matrimoniais. Como ela declarou, separar à família só causaria dor a todos os implicados.

—Já sei que ela crie. —O olhar que Anna dirigiu à senhora Higgins era compassiva, mas sua voz foi firme—. Acredito que há três meninos cuja saúde e bem-estar estão em jogo. Conheço os relatório médico, psiquiátricos e policiais. Nos últimos quinze estes meses três meninos foram tratados em urgências onze vezes em total. –Agora sim contemplou ao advogado e se perguntou como podia estar ante um tribunal brigando pelo que seguraente seria a destruição de três meninos —. Sou consciente de que o braço de um menino de quatro anos foi quebrado como o ramo de uma árvore. Recomendo claramente que

estes meninos permaneçam em regime de acolhida fiscalizado para proteger sua segurança física e emocional.

—Não se apresentaram cargos contra o senhor Higgins.

—Não, não se apresentaram. —Anna dirigiu seu olhar para a mãe, e a posou em seu rosto Isso candido é outro crime —murmurou.

Quando terminou, Anna passou junto ao matrimônio Higgins sem lhes dirigir o olhar, mas depois do corrimão o pequeno Curtis se encarapitou procurando sua mão.

—Tem uma piruleta? —sussurrou fazendo-a sorrir.

Anna se tinha acostumado a levar piruletas para ele. adorava as de cereja.

—Talvez tenho alguma. vamos ver.

Estava procurando na bolsa quando uma voz seseó atrás dela.

—Tira suas mãos do que é meu, puta.

No momento em que começava a girar-se, Higgins a golpeou com toda sua força tombando-a enviando ao Curtis ao chão entre gritos e lamentos. A cabeça da Anna retumbava como se ouvisse sinos e os olhos lhe faziam faíscas. Pôde escutar gritos enquanto conseguia apoiar-se nas mãos e ajoelhar-se.

Doía-lhe tremendamente a bochecha no lugar onde se chocou contra uma cadeira de madeira. Sangravam-lhe as Palmas das mãos por escorregar no chão. E além disso, maldita seja, as meias novas que tinha comprado para substituir às rotas estavam destroçadas nos joelhos.

—Estate quieta —lhe ordenou Marilou, que estava em cuclillas no despacho da Anna lhe curando os arranhões.

—Estou bem. —De fato as feridas tinham pouca importância—. valeu a pena. Essa pequena demonstração ante o tribunal supõe que não

poderá aproximar-se dos meninos em algum tempo.

—Anna, preocupa-me —Marilou levantou o olhar com aqueles olhos escuros reluzentes—. Acredito que quase te alegra de que lhe tenham golpeado com esse punho de duzentos quilogramas.

—Pelo que me alegro é das conseqüências. Ai, Marilou! —deixou escapar um suspiro enquanto sua supervisora se levantava para examinar o moratón da bochecha—. Estou encantada de apresentar cargos por agressão e, sobre tudo, de ver esses meninos ir-se casa com sua família de acolhida.

—Crie que foi um bom dia de trabalho? —Marilou deu um passo atrás sacudindo a cabeça—. Também me preocupa porque acredito que te implica muito.

—Não pode ajudar se te distancia, embora grande parte do que fazemos é simplesmente papelada, Marilou; formulários, procedimentos, mas de vez em quando temos que atuar embora só seja para que te golpeie um punho de duzentos quilogramas. Merece a pena.

—Se se preocupar muito acabará com algo mais que um par de moratones e os joelhos limpos.

—Se não se preocupar o suficiente é melhor dedicar-se a outro trabalho.

Marilou suspirou. Era difícil discutir quando se pensa exatamente o mesmo.

—Vete a casa, Anna.

—Ainda falta uma hora.

—Vete a casa, considera-o um pagamento pelo comete.

—Se o expuser assim. Posso aproveitar essa hora, não tenho nada para comer em casa. Se ouvir algo sobre... —interrompeu-se e levantou a vista ao escutar a chamada na porta. Abriu os olhos—. Cameron.

—Senhorita Spinelli, tem um momento? —Seu sorriso de bem-vinda se transformou em um grunhido. luz de seus olhos se obscureceu e o olhar se voltou cortante como uma espada de fogo—. Que coño aconteceu? —Entrou como uma bala, enrolando ao Marilou para chegar até a Anna —. Quem coño te pegou?

—Ninguém, em realidade, estava...

Em lugar de deixar que acabasse de falar, Cameron se girou para o Marilou. esta, dividida entre fascinação e a risada, deu um passo atrás e levantou as mãos com as Palmas abertas.

—Eu não fui, campeão. Eu me limito a intimidar a minha equipe, nunca lhes ponho a mão em cima.

—houve um follón no tribunal, isso é tudo. —Lutando por aparentar energia e profesionalidad apesar de ter as pernas e os pés nus, Alma se levantou—. Marilou, este é Cameron Quinn. Cameron, Marilou Johnston, minha supervisora.

—Prazer em conhecê-lo inclusive em semelhantes circunstâncias —disse Marilou lhe tendendo a mão—. Fui aluna de seu pai faz um milhão de anos. A verdade é que simplesmente lhe adorava.

—Já, obrigado. Quem te golpeou? —perguntou a Anna de novo.

—Alguém que inclusive neste momento está no lado errôneo de uma cela fechada. —Anna rapidamente colocou os pés nus nos sapatos de salto sob—. o Marilou, vou tomar me essa hora que me oferece. —Seu único pensamento naquele momento era levar-se ao CAM, lhe apartar do Marilou, de sua curiosidade e daqueles olhos que todo o viam—. Cameron, se quer me comentar algo sobre o Seth me pode acompanhar a casa. —ficou a jaqueta cinza claro—. Não está longe. Convido a um café.

—De acordo. Obrigado. —Quando ele tomou pelo queixo sentiu em seu interior uma mescla de alegria e preocupação—. Conversaremos um momento.

—Verei-te amanhã, Marilou.

—Sim, certamente. —Marilou sorriu abertamente enquanto Anna agarrava sua maleta a toda pressa—. Falaremos também.

Quinze

Anna permaneceu calada até que saíram edifício e se encontraram a sós e a salvo no estacionamento.

—CAM, pelo amor de Deus!

—Pelo amor de Deus, o que?

—Aqui é onde trabalho. —deteve-se ante o e se girou para lhe encarar —. Onde trabalho, recorda? Não pode entrar em meu escritório embalado como se fosse um apaixonado ultrajado.

—É que sou um apaixonado ultrajado, e quero saber o nome do filho de puta que te pôs a mão em cima.

Não permitiria que a violência que lhe rodeava lhe emocionasse. Seria muito pouco profissional, pensava enquanto seu estômago se encolhia de forma deliciosa.

—A pessoa em questão as está vendo as autoridades competentes. E além não está autorizado a ser nem apaixonado, nem ultrajado, nem nada, em horas de trabalho.

—Ah, sim? Tenta-o e detenme —a desafiou, e levado pelo temperamento fundiu sua boca com a Anna.

A jovem se moveu um momento. Qualquer podia abrir uma janela e lhes ver. O beijo era muito fogoso, muito excitante para ser um abraço à luz do dia no estacionamento de um escritório.

Mas era também muito fogoso e excitante para resistir. Anna se deixou levar pelo beijo, por ele, por ela mesma e lhe rodeou com seus braços.

—vais parar? —sussurrou ela contra sua boca.

—Não.

—De acordo, então sigamos mas portas dentro.

—Boa idéia. —CAM acertou a abrir a porta do carro mantendo sua boca contra a dela.

—Não posso entrar se não me solta.

—Tem razão. —CAM a soltou para surpreendê-la posando seus lábios brandamente sobre a bochecha ferida—. Te dói?

O coração da Anna ainda flutuava.

—um pouco, possivelmente. —Entrou no carro procurando o cinto de segurança com grande atenção, realizando deliberadamente gestos eficientes.

—O que aconteceu? —perguntou-lhe enquanto se deslizava junto a ela.

—Um pai que maltrata a três filhos e a sua esposa não preocupou meu testemunho ante o tribunal de família. Empurrou-me. Eu estava de costas, porque se não, teria se levado um bom joelhada nos ovos, mas estava fora de meu alcance. Caí-me de bruces, o que seria embaraçoso se não fora pelo fato de que ele está agora encerrado e os meninos com

sua família de acolhida.

—E a mulher?

—Não a posso ajudar —disse Anna enquanto deixava cair para trás a cabeça dolorida—. Cada um deve liberar suas próprias batalhas.

CAM não respondeu nada. Tinha estado pensando mesmo. Por isso tinha decidido desfazer-se de três meninos, levar-lhe ao Ethan e ir ver a. Habia pensado lhe contar o da investigação do seguro, as especulações a respeito das conexões entre o Seth e seu pai, a busca da mãe do Seth que Ethan tinha começado.

Queria contar-lhe tudo, saber sua opinião. Mas agora se encontrava perguntando-se se aquele era o melhor caminho para ela, para ele, para o Seth. Espera, disse-se a si mesmo e racionalizou sua decisão: a jovem tinha passado por maus momentos, necessitava um pouco de atenção.

—Então, golpeiam-lhe freqüentemente em seu trabalho? —perguntou.

—Né..., não. —Anna riu ao tempo que ele se detinha frente a sua casa —. de vez em quando alguém tenta te dar um murro ou te atira algo. Mas a maior parte do tempo são só maus entendimentos verbais.

—Que trabalho tão divertido! —exclamou CAM.

—Tem seus momentos. —Lhe tirou da mão e caminhou a seu lado—. Sabia que a televisão é a arma dos comunistas?

—Nunca o tinha ouvido.

—Por isso lhe o conto. —Anna utilizou a chave para abrir a rolha de correio, recolheu umas cartas, faturas e uma revista de modas—. Bairro Sésamo é uma coberta.

—Sempre suspeitei do grande pássaro amarelo.

—Nooo, esse é só um gancho. A rã é o cérebro. —Ela ficou um dedo nos lábios enquanto se aproximavam da porta. Entraram sigilosamente como meninos que se escaparam da escola—. Não quero que as enfermeiras me armem um escândalo.

—Importem-te se o faço eu?

—Depende de sua idéia de escândalo.

—Comecemos aqui mesmo. —CAM rodeou sua cintura com os braços e roçou seus lábios.

—Suponho que isto o posso consentir —disse ela enquanto cólaboraba se aprofundando no beijo—O que está fazendo aqui, CAM?

—Tenho a cabeça cheia de coisas. —CAM posou de novo seus lábios sobre o moratón e depois mais abaixo, no pescoço—. Sobre tudo de ti. Quero estar contigo, verte, falar contigo e também te fazer o amor.

Anna curvou seus lábios sobre os do CAM.

—Tudo ao mesmo tempo?

—por que não? Tinha pensado te convidar para jantar..., mas agora acredito que poderíamos encarregar uma pizza.

—Perfeito —disse ela suspirando—. Por que não serve um pouco de vinho e eu me troco?

—Há algo mais —acrescentou CAM enquanto continuava seu caminho para a orelha da Anna—. Algo que estive desejando fazer. Estive-me perguntando como seria despojar à senhorita Spinelli de um de seus trajes de «dedicada funcionária».

—Ah, sim?

—Do primeiro momento em que te vi.

A jovem sorriu com picardia.

—É sua oportunidade.

—Estava desejando que dissesse isso. –CAM voltou a pôr sua boca sobre a da Anna, mas mais avida, mais possessiva. Esta vez o suspiro da jovem transformou em um ofego tremente quando lhe tirou a jaqueta de um puxão e a agarrou pelos braços—. Desejo a morte. Dia e noite.

A voz da Anna se tornou gutural, apagada pela agitação.

—Espero que isto te ajude porque eu também desejo a morte.

—E não te dá medo?

—Nada que tenha que ver contigo e comigo dá medo.

—E o que passaria se eu te pedisse que me deixasse fazer algo, de tudo? —O coração da Anna deu um tombo mas manteve o olhar firme.

—Responderia que quem te detém.

Com os olhos cheios de um desejo escuro e perigoso, CAM jogou uma olhada para baixo e depois a olhou à cara.

—Pergunto-me o que leva a senhorita Spinelli debaixo dessas primorosas blusas brancas.

—Não acredito que a um homem como você lhe detenham uns poucos botões para averiguá-lo.

—Tem razão. —O apartou as mãos de sua jaqueta para as pôr sobre o algodão cuidadosamente engomado de sua blusa e a rasgou. CAM viu como pelo assombro, Anna abria enormemente os olhos e se excitou—. Se quiser que me detenha, farei-o. Não quero fazer nada que você não queira.

Tinha-lhe destroçado a blusa e se excitou. Ele esperou olhando-a para ver se lhe dizia que parasse ou não. E isto a excitou ainda mais. Compreendeu que não tinha sido de tudo sincera ao lhe dizer que nada do que acontecesse entre eles lhe assustava. Temia o que pudesse lhe acontecer a seu coração.

Mas naquele momento de amor fisico sabia que podia igualar-se a ele.

—Quero-o tudo, absolutamente tudo —respondeu Anna.

Ao CAM lhe alvoroçou o sangue, entretanto suas carícias seguiram sendo suaves, juguetonas, movendo o dorso da mão por cima da escorregadia malha branca do prendedor de meia monopoliza.

—Senhorita Spinelli —disse pausadamente enquanto deslizava os dedos sob o lustroso cetim para beliscar o ereto mamilo—. Quanto mais pode agüentar?

Aqueles ligeiros puxões provocavam espirais quentes ao longo de seu corpo. Além disso o ar se tornou espesso.

—Acredito que vamos averiguar o —respondeu ela.

Lentamente a conduziu até a parede enquanto mantinha o olhar em seus

olhos.

—Comecemos aqui. Sujeita te —murmurou ele ao tempo que deslizava a mão sob sua saia e rasgava o objeto interior de encaixe que levava. Lhe acelerou a respiração e esteve a ponto de tornar-se a rir. Então ele introduziu seus dedos em provocando uma forte e áspera onda de prazer alagou seu organismo por surpresa. O orgasmo a rasgou por dentro esvaziando sua mente e lhe roubando o fôlego. Quando lhe falharam os joelhos, ele se limitou a sujeitá-la contra a parede.

—Quero te dar mais. —O morria por vê-la pulsar mais, por ver seu rosto sobressaltado pela excitação, por ver como aqueles esplêndidos olhos se obscureciam.

Ela se agarrou a suas costas procurando o equilio. Ao jogar a cabeça para trás deixou ao descoberto os golpes no pescoço e ele não pôde conter-se e os lambeu. Ela gemeu contra ele, moveu-se para ele com o fôlego entrecortado, quando CAM deu um puxão à jaqueta e ao que ficava de sua blusa para tirar-lhe La pared era suave y estaba fría, no así las manos de Cam. El contraste le resultó tan excitante que casi no lo pudo soportar.

Anna se encontrava indefesa, aniquilada. Aquele ataque a seus sentidos tinha deixado os membros estremecidos e o coração martilleando como um tambor. Disse seu nome, tentou-o, mas converteu em um grito afogado quando lhe deu volta. A jovem apertou as úmidas Palmas contra a parede.

CAM atirou do botão da saia. Ela sentiu como saltava e se estremeceu quando notou a malha sobre os quadris e como se deslizava para o chão. O tinha as mãos sobre seus peitos, moldando, as deslizando entre o cetim e a carne, e ao contrário. Então também o rasgou e ela desfrutou enormemente com o som da delicada malha ao ceder.

CAM lhe mordiscava as costas. E suas mãos..., tinha as mãos em todas partes, levando a à loucura e depois mais à frente.

Umas Palmas ásperas contra uma suave pele, uns hábeis dedos que pressionavam, deslizando-se.

O fôlego da Anna, que escapava entrecortado através de seus lábios,

começou a acalmar-se. O prazer era imenso e a meia-noite escura. Viu como se inundava em um erotismo onde só existiam as sensações.

Brilhante, deslumbrante e pecaminoso.

A parede era suave e estava fria, não assim as mãos do CAM. O contraste lhe resultou tão excitante que quase não o pôde suportar.

Quando lhe deu a volta outra vez, ela tinha os olhos cegados pela luz do sol. Ele estava ainda completamente vestido e ela nua. Anna o encontrou extremamente erótico e não pôde dizer uma palavra quando ele levantou os braços por cima da cabeça e lhe sujeitou ambas as bonecas com uma só mão.

Sem deixar de olhá-la, ele passou uma mão áspera por seu cabelo, como se a penteasse, para lhe tirar as forquilhas.

—Quero mais —disse quase sem poder articular palavra—. me Diga que quer mais.

—Sim, quero mais.

CAM apertou seu corpo sobre o dela, algodão suave e um áspero vaqueiro contra a pele úmida. E o beijo que lhe arrancou a deixou com a cabeça dando voltas.

Então começou a trabalhar com a boca aquele corpo estremecido.

Ele queria provar todos os sabores de seu corpo o mel escuro de sua boca, a seda úmida de seus peitos. Também o sabor cremoso de seu ventre e a lustrosa seda dos pantys.

Então chegou o calor, a quebra de onda sufocante, quando lambeu a zona entre suas pernas.

Tudo, absolutamente tudo, era no único no que ele podia pensar. E depois mais.

Anna se agarrou a seu cabelo aproximando o rosto mais e mais conforme subia para a cúpula. Foi seu grito, quase um alarido, o que fez que ele perdesse o que ficava de controle. Tinha que ser agora.

O se separou para apertar-se depois contra ela.

—Preciso te possuir —disse ofegando——. Necessito que me olhe

quando o fizer.

O a penetrou ali mesmo e os gemidos da Anna se entrelaçaram no ar.

Mais tarde a levou até a cama e se tendeu a seu lado. Ela se fez um novelo em seu flanco como um menino, e aquele gesto lhe pareceu surpreendentemente doce. Contemplou como dormia trinta minutos, depois uma hora. Não podia deixar de tocá-la: uma mão pelo cabelo, a ponta dos dedos no moretón de seu rosto, uma carícia na curva das costas.

Acaso havia dito que tinha algo em seu interior para ela? Começou a preocupar-se sobre o que poderia significar aquilo. Nunca havia sentido a necessidade de permanecer com uma mulher depois o sexo. Nunca havia sentido o desejo de limitar-se a olhá-la dormir, ou de tocá-la pelo simples feito de tocar e não para excitar-se.

perguntou-se a que estranho e escorregadio lugar tinham chegado.

Então ela se moveu, suspirou e pestanejou abrindo os olhos para fixá-los nele. Quando ela sorriu, o coração lhe deu um tombo.

—Olá! Dormi-me?

—Acredito que sim. —CAM tentou encontrar algum comentário engenhoso, frívolo e ligeiro, mas só pôde dizer seu nome—. Anna. —E se inclinou para lhe cobrir a boca com a sua, com ternura, com suavidade, com carinho.

O sonho se esfumou dos olhos da jovem quando ele se endireitou, mas não pôde ler nada neles. Ela tomou fôlego uma vez, devagar, logo outra.

—O que foi isso?

—Maldita seja, não sei. —Ambos se tornaram para trás com cautela—. Acredito que o melhor seria encarregar essa pizza.

O alívio e o desgosto lutavam dentro dela. Anna se esforçou para que ganhasse o alívio.

—Boa idéia. O número está à direita do telefone da cozinha. Se não te importa chamar, eu gostaria de me dar uma ducha rápida e me pôr algo.

—De acordo. —Com um gesto de intimidade despreocupado, lhe acariciou o quadril—. Com o que a quer?

—Quero-o tudo. —Anna esperou a que riera Não gostou que fora o primeiro em abandonar a cama. Necessitava um momento mais. —Servirei o vinho.

—Fantástico. —No instante em que se encontrou sozinha enterrou o rosto no travesseiro e deixou escapar um gemido afogado de frustração. Dar marcha atrás? Pensou furiosa consigo mesma. Desde onde tirava a estúpida idéia de que podia dar marcha atrás? Estava perdidamente apaixonada por ele.

É minha culpa, recordou-se a si mesmo, é meu problema. endireitou-se e se pressionou com uma mão o coração traidor. E será meu pequeno secreto, decidiu.

encontrou-se melhor já vestida e com uma ligeira capa de maquiagem. Tinha mantido uma boa conversação na ducha consigo mesma. Possivelmente estava apaixonada por ele. Não tinha por que ser nada mau. A gente se apaixona e se desenamora todo o tempo e os mais inteligentes, os mais firmes, tiram partido. Ela podia ser inteligente e firme.

É obvio que não procurava uma história de sempre jamais, nem um cavalheiro branco, ao Príncipe Azul. Anna tinha superado os contos de fadas fazia muito tempo, e toda sua inocência tinha ficado enterrada no bordo de um CAMnão deserto quando tinha doze anos. Tinha aprendido a sentir-se feliz por si mesmo, que, muito tempo depois da violação, para ser incapaz de fazer nada mais que sentir-se desgraçada e fazer sentir desgraçados aos que a rodeavam.

Tinha superado o pior. Não cabia dúvida de que podia superar um coração ligeiramente machucado. Em qualquer caso, nunca se tinha apaixonado: tinha girado, serpenteado, rodeado o amor, mas nunca se lançou de cabeça a ele como agora. Podia resultar uma aventura maravilhosa e certamente uma experiência da que aprender.

Além disso, qualquer mulher que encontrasse um amante como

Cameron Quinn podia sentir-se agradecida.

Por isso sorria quando entrou no salão e encontrou ao CAM bebendo vinho e olhando a capa da última revista de modas. Tinha posto música e se escutava ao Eric Clapton interpretando Layla.

Quando ela se aproximou e lhe plantou um beijo no pescoço, surpreendeu-se do salto que deu.

Era o sentimento de culpa, pura e simplesmente, e ele se odiou por isso. Quase derramou o vinho e teve que esforçar-se por manter o rosto impassível.

O rosto que fazia caretas na capa da revista pertencia a uma modelo francesa de largas pernas chamada Martine.

—Não pretendia te assustar. —Anna levantou uma sobrancelha enquanto olhava a revista que sustentava nas mãos—. Estava absorto vendo as novas cores deste verão, verdade?

—Só passava o momento. A pizza deve estar a ponto de chegar. —Começou a deixar de lado a revista, desejando com todas suas forças enterrá-la sob os almofadões, mas Anna atirava dela para tirar-lhe —Lo creo de verdad —respondió él casi con desesperación, aunque pensó que lo mejor era no añadir que habiendo visto a las dos desnudas, sabía muy bien de lo que hablaba.

—Antes a odiava.

CAM se sentiu incômodo e com a garganta seca.

—Como?

—Bom, não exatamente ao Martine a magnífica, a não ser às modelos como ela. Magra, loira e perfeita. Eu sempre fui redondita e castanha. Isto acrescentou ela enquanto se dava um golpe no cabelo magro e úmido— me voltava louca quando era uma adolescente. Tentei todo o imaginável para alisá-lo.

—Eu gosto de seu cabelo. —Desejou que lhe desse a volta à revista—. É muito mais formosa que ela. Não há ponto de comparação.

A jovem mostrou rapidamente um sorriso cálida.

—Isso foi muito bonito.

—Acredito de verdade —respondeu ele quase com desespero, embora pensou que o melhor era não acrescentar que tendo visto as duas nuas, sabia muito bem do que falava.

—Muito bonito. Além disso queria com tanto desespero ser magro, loira e não ter quadris.

—Você é de carne e osso. —Sem poder conter-se mais, agarrou a revista e a atirou por cima ombro—. Ela, não.

—É uma forma de vê-lo. —Ela se estava rendo, inclinou a cabeça e acrescentou—: Me dá a sensação que os tipos como você vão detrás das supermodelos: ficam tão bem penduradas do braço um homem.

—Eu quase não a conheço.

—A quem?

meu deus! estava-se perdendo.

—A ninguém. Aí chega a pizza —disse com grande alívio—. Seu vinho está na encimera. Eu me ocupo a comida.

—De acordo. —Sem ter nem idéia de por que logo ele estava tão cortante se dirigiu à cozinha a procurar sua bebida.

CAM viu que a revista, ao cair, tinha ficado com a capa para cima, por isso parecia que Martine enfocava aqueles olhos azuis assassinos diretamente sobre ele. Trouxe-lhe para a memória a marca de um tortazo e uns quantos insultos. Dirigiu um olhar receoso a Anna. Não foi uma experiência que queria repetir.

Enquanto ele pagava ao repartidor, Anna saiu ao pequeno balcão com seu vinho.

—Faz muito bom. Jantemos aqui fora.

Tinha um par de cadeiras e uma mesa dobradiça. Uns gerânios rosas e umas flores brancas se esparramavam brandamente por cima dos vasos de barro.

—Se alguma vez consigo economizar o suficiente para comprar uma casa, quero-a com alpendre, um grande, como o teu. —Anna entrou em

procurar a toalha e os pratos—. E um jardim. Um dia destes vou aprender algo sobre flores.

—Uma casa, um jardim, alpendres —respondeu ele, mais a gosto agora ao ar livre, sentando-se—. Eu acreditei que foi uma garota de cidade.

—Sempre o fui. Não estou segura de que a vida em urbanizações eu goste. Essas cercas com os vizinhos ao outro lado. parece-se muito à vida em um apartamento, acredito eu, sem nenhuma privacidade nem comodidades —disse servindo uma parte de pizza no prato—. Com o tempo eu gostaria de ter um lugar, a ser possível no campo. O problema é que sou incapaz de economizar.

—Você? —não pôde por menos que dizer ele— A senhorita Spinelli parece tão prática...

—Tenta-o. Meus avós eram muito austeros, tinham que sê-lo. Educaram-me para que olhasse o dinheiro. —A jovem comeu um pouco e soltou um sussurro apreciativo antes de falar com a boca cheia de queijo e molho —. Quase sempre o que vejo é que esfuma.

—Qual é seu ponto débil?

—Principalmente? —perguntou suspirando—, roupa.

CAM olhou por cima do ombro para a roupa atirada em um montão feito farrapos sobre o chão. —Acredito que te devo uma blusa e uma saia, por mencionar a roupa interior. —Ela riu com vontades.

—Suponho que sim. —estirou-se comodamente suas calças azul pálida e a camiseta branca esculpe grande—. foi um dia terrível. Me alegro de que viesse e o trocasse.

—por que não vem a casa comigo?

—Como?

De onde coño tinha saído aquilo?, perguntou-se. Não tinha semelhante pensamento em mente quando as palavras brotaram de seus lábios, mas deviam estar em alguma parte.

—Para passar o fim de semana —acrescentou—. Vêem acontecer o fim de semana a casa.

Ela se levou a pizza à boca e a mordiscou lentamente.

—Não acredito que seja uma boa idéia. Há um menino muito impressionável em sua casa.

—Sabe o que passa —começou a dizer, até que captou o olhar, o famoso olhar da senhorita Spinelli—. De acordo, dormirei no sofá de abaixo. Pode fechar sua habitação com chave.

Ela fez uma careta.

—E onde guardas a chave?

—Este fim de semana a guardarei em meu bolso. Mas o caso é que —continuou falando enquanto ela ria— pode te instalar no dormitório. De um ponto de vista profissional vou proporcionar te tempo com o menino. Está progredindo e além disso quero te levar a navegar.

—Irei na sábado e poderemos navegar.

—Vêem na sexta-feira de noite —disse lhe agarrando a mão e aproximando os nódulos a sua boca—. Fica até no domingo.

—Pensarei-o —murmurou ela lhe soltando a mão. Os gestos românticos podiam desarmar—. Acredito que se for ter convidados, deveria consultá-lo com seus irmãos. Poderia não gostar de ter a uma mulher no meio o fim de semana.

—Gostam das mulheres e especialmente as que sabem cozinhar.

—Ah! Ou seja que agora se supõe que vou cozinhar.

—Possivelmente só uns poquitos lingüini, ou uma lasaña.

Ela sorriu e se serve outra parte de pizza.

—Pensarei-o —repetiu de novo—. Agora me fale do Seth.

—Hoje tem feito dois amigos.

—De verdade? Fantástico.

Os olhos lhe brilharam com tal prazer e intensidade, que ele não pôde deter-se.

—Sim, tive-os aos três no telhado, preparado para lhes agarrar quando

caíssem.

Anna abriu a boca de repente e depois a fechou com o cenho franzido.

—Que gracioso é, Quinn!

—Exato. Um menino da classe do Seth e seu irmão menor. Paguei-lhes cinco dólares por um duro trabalho. Depois conseguiram que lhes convidasse para jantar fora de casa e os hei encasquedo ao Ethan. —Anna abriu os olhos de par em par.

—deixaste ao Ethan solo com três meninos?

—Pode fazer-se carrego. Eu o tenho feito esta tarde um par de horas —disse recordando que não tinha sido para tão—. Só tem que preocupar-se de que encham o estômago e assegurar-se de que não se matem entre eles. Sua mãe recolherá a sete e meia, é Sandy McLean, bom, agora do Miller. Fui à escola com ela. —CAM sadió a cabeça assombrado e desconcertado—. Dois filhos e uma pequena caminhonete. Nunca o pensei da Sandy.

—A gente troca —murmurou ela, surpreendida do muito que invejava a Sandy Miller e sua pequena caminhonete—. Ou ao final resulta que não é o que imaginamos ao princípio.

—Suponho. Seus filhos são como duas escopetas. —Ela sorriu ao ver de que forma tão graciosa tinha feito o comentário.

—Bom, agora já sei por que pareceste tão inesperadamente em meu escritório. Era para escapar a loucura.

—Sim, mas principalmente o que queria era te rasgar a roupa —respondeu servindo-se outra parte de pizza—. Consegui as duas coisas.

Pensou, além disso, enquanto bebia vinho e contemplava o pôr-do-sol com a Anna junto a ele, que se sentia extraordinariamente bem por tudo isso.

Dezesseis

O desenho não era o ponto forte do Ethan. Para o resto dos navios que tinha construído realizou toscos esquemas e cálculos detalhados. Para o primeiro navio daquele cliente, tinha ideado uma plataforma elevada, e lhe resultou mais fácil e preciso baixar de ali.

O esquife que tinha construído e vendido era modelo básico ao que tinha acrescentado alguns detalhes próprios. Tinha sido capaz de idear mentalmente todo o projeto, sem problemas para imaginar o interior nem os laterais.

Mas compreendia que os inícios de um negócio requeriam todos os documentos que Phillip lhe tinha pedido que assinasse, e era necessário ser mais formal, mais profissional. Tinham que conseguir fama de destreza e qualidade se queriam manter-se a flutuação. Por esta razão, permanecia inumeráveis horas ante sua mesa de trabalho lutando com os projetos e desenhos do primeiro encargo.

Quando desenrolava os bosquejos terminados na mesa da cozinha, sentia-se orgulhoso e agradado de uma vez de seu trabalho.

—Isto —dizia sujeitando as esquinas superiores— está tudo em minha cabeça.

CAM olhava por cima do ombro do Ethan, sorvia a cerveja que acabava de abrir e grunhia.

—Acredito que se supõe que isso é um navio. —Sentindo-se insultado,

mas não especialmente surpreso, Ethan franziu o cenho.

—Eu gostaria de verte a ti fazê-lo melhor, Rembrandt.

CAM se encolheu de ombros e se sentou. depois de examinar os bosquejos de perto e de maneira mais neutra, admitiu que não poderia fazê-lo. Mas isso não significava que os desenhos do balandro se parecessem mais aos de um navio.

—Suponho que não importa muito sempre e quando não lhe ensinarmos sua criação artística ao cliente. —CAM retirou os esboço e se inclinou sobre os projetos. Aqui se apreciava a atenta precisão e paciência do Ethan—. De acordo. Agora podemos falar. Você quer te dedicar à construção de navios sem ensambladuras vistas.

—É mais caro —começou a dizer Ethan—, mas tem suas vantagens. Será um navio mais forte e rápido quando o acabarmos.

—Seremos dos poucos —murmurou CAM—. Tem que fazê-lo muito bem.

—Seremos bons.

CAM teve que sorrir.

—Sim.

—O caso é que... —Com orgulho, Ethan deu uma cotovelada ao projeto terminado do navio e o apartou—. Terá que ser hábil e preciso para construir navio sem ensambladuras vistas. Qualquer que saiba de navios o reconhece. Este homem é um piloto de domingo, não sabe mais que o básico de amurada e estribor. Quão único tem é dinheiro, mas com gente que sim sabe de navios.

—Ou seja, que vamos utilizar lhe para ganhar reputação —finalizou CAM —. Bem pensado. Estudou os desenhos, as cifras, as perspectivas. pareceu que ia ser um bombom. O que tinham que fazer era construi-lo —. Podíamos fazer maquete a base de módulos.

—poderia-se fazer.

Criar uma maquete a base de módulos era uma antiga e respeitada forma de construir navios. Com esporões de igual espessura ensambladas juntos lhes dá a forma desejada ao casco. Depois, no

arbusto, poderia-se dar a forma necessária à armadura modelo. Continuando, os construtores podiam riscar a estrutura das pranchas, ou dos mós, com a devida correlação de uns com outros.

—Deveríamos começar pela estrutura superior —refletiu CAM.

—Acredito que deveríamos começar a trabalhar no esta noite e continuar amanhã. Isso significava desenhar a estrutura do casco em uma plataforma no escritório. Teria que estar detalhada e mostrar todas as seções de módulos. Estas seções deviam ser contrastadas por meio de esquemas com as curvaturas longitudinais, as linhas de flutuação.

—Sim, para que esperar? —CAM levantou a vista quando viu o Seth perambular ao assalto da geladeira—. Embora seria muito melhor se houvesse alguém que pudesse desenhar algo que merecesse a pena e nos economizasse tempo —disse casualmente, e fingindo não dar-se conta do súbito interesse do Seth.

—Como temos as medições e som de primeira classe, isso não tem importância. —Ethan passou uma mão brandamente sobre seu esquema do navio, defendendo seu trabalho.

—Seria muito melhor se pudéssemos lhe mostrar ao cliente algo chamativo —CAM elevou um ombro—. Phillip o definiria como marketing.

—Não me importa nada como o chamaria Phillip —Entre as sobrancelhas do Ethan começou a formar uma linha de tozudez, assino seguro de que estava a ponto de teimar ainda mais—. O cliente ficou satisfeito com meu trabalho anterior e não vai começar agora a criticar os desenhos. Quer um puto navio, não um quadro para decorar sua parede.

—Só estava pensando que... —CAM se interrompeu neste ponto ao ver que Ethan, claramente zangado, levantava-se procurar uma cerveja—. Freqüentemente nos estaleiros que conheci a gente ronda, passa o momento. Gostam de ver como se constróem os navios, sobre tudo a gente que não tem a mais mínima idéia sobre construção de navios, mas pensa que sim sabe. Poderia conseguir clientes assim.

—E? —Ethan abriu a garrafa e bebeu—. Não me interessa se a gente

quer nos ver cravejando pranchas. —Sim lhe importava, mas não se esperava chegar a esse ponto.

—Estava pensando que seria interessante ter pendurados nas paredes projetos emoldurados de navios construídos.

—Ainda não construímos nem um só navio.

—O Skipjack —particularizou CAM—, seu navio de pesca, o navio que fez para nosso cliente. Em Maine faz uns anos eu passei muitas horas em um veleiro de dois paus e com um pequeno esquife muito vistoso no Bristol.

Ethan bebeu de novo enquanto refletia.

—Possivelmente esteja bem, mas não dou meu voto para contratar a nenhum artista que pinte quadros. Temos uma equipe preparada para trabalhar e Phil há terminando de afinar o contrato para este navio.

—Era só uma idéia. —CAM se voltou. Seth continuava ante a geladeira totalmente aberto—. quer comer algo, guri?

Seth se assustou e a seguir agarrou o primeiro que alcançou. O iogurte de arándanos não era o que tinha em mente, mas se sentia muito incômodo para deixá-lo outra vez. Jodido pelo que considerava gilipolleces sobre a saúde do Phillip, ou uma colher.

—Tenho coisas que fazer —disse entre dentes enquanto saía correndo.

—Dez dólares a que isso vai para os cães —comentou CAM à ligeira e se perguntou quanto demoraria Seth em começar a desenhar navios.

Pela manhã já tinha um acabamento detalhado e em certo modo romântico desenho do Skipjack do Ethan. Não precisava ver o Phillip na cozinha para saber que era sexta-feira. No dia anterior à liberdade. Ethan já se partiu, tinha saído a navegar para comprovar como estavam as armadilhas dos caranguejos e as cevas. Embora Seth tinha tentado maquinar como reunir aos três, não tinha sido capaz de procurar a maneira de atrasar a marcha do Ethan. Mas se ficavam dois de três

tampouco estava mau, pensou enquanto passava junto à mesa onde CAM meditava em silencio com sua taça de café.

Necessitavam pelo menos duas taças de café para que em casa dos Quinn se escutasse algo mais que grunhidos. Seth já estava acostumado, por isso não disse uma palavra quando deixou no chão a mochila. Sustentava seu caderno de desenho com o dedo metido entre as páginas. Deixou-o sobre a mesa, como se não lhe interessasse o mais mínimo e depois, com o coração em um punho, pinçou no armário procurando os cereais.

CAM viu o desenho imediatamente. Não disse nada enquanto sorria. Estava contemplando a torrada que tinha conseguido queimar quando Seth se aproximou da mesa com uma caixa e um bol.

—O maldito torrador está quebrado.

—tornaste a subir o termostato —lhe respondeu Phillip enquanto batia ovos e cebollitas para fazer uma omelete.

—Não acredito. Quantos ovos mexidos está fazendo?

—Revoltos, nenhum. —Phillip verteu os ovos na frigideira que havia trazido de sua própria cozinha—. te Faça os teus.

«Mierda! Acaso estava cego o tio?», perguntou-se Seth. Verteu leite sobre os cereais e brandamente lhe deu uma cotovelada ao caderno aproximando-o pouco mais ao CAM.

—Não te vai passar nada por acrescentar um par de ovos, já que os está preparando. —CAM partiu parte da torrada carbonizada. Quase tinham chegado a lhe gostar de assim—. Eu preparei o café.

—Essa água de castanhas —corrigiu Phillip—.Não tenhamos delírios de grandeza. CAM suspirou com animação e se levantou agarrar um bol. Tomou a caixa de cereais que estava lado do caderno de desenho do Seth aberto. Quase podia escutar como lhe chiavam os dentes ao menino quando se sentou de novo e ficou a comer.

—Certamente terei companhia este fim de semana.

Phillip estava concentrado dourando a omelete até o ponto perfeito.

—Quem?

—Anna. —CAM verteu leite no bol—. vou levar a navegar e acredito que lhe ouvi comentar algo sobre cozinhar.

No único que o tio era capaz de pensar era garotas e em encher o estômago, decidiu Seth aborrecido. Utilizou o cotovelo para aproximar o desenho algo mais. CAM não olhou por cima de seu bol de cereais em nenhum momento.

Quando viu que Phillip passava a omelete da frigideira ao prato, considerou que tinha chegado o momento de fazer sua jogada. O rosto do Seth era um poema de raiva e angústia.

—O que é isto? —perguntou CAM distraído, inclinando a cabeça para ver o desenho que estava diretamente sob seus narizes.

Ao Seth quase lhe puseram os olhos em branco. Tinha chegado o maldito momento.

—Nada —murmurou, e seguiu comendo com regozijo.

—Parece o navio do Ethan —comentou CAM tomando o café e olhando ao Phillip—. Não? —Phillip se deteve saborear o primeiro bocado de seu café da manhã com aprovação.

—Sim. É um bom desenho. —Com curiosidade olhou ao Seth—. O tem feito você?

—Só estava matando o tempo. —A quebra de onda de orgulho ia subindo por seu pescoço enquanto lhe desatavam os nervos no estômago.

—Eu trabalho com tipos que não sabem desenhar assim de bem. —Phillip deu ao Seth um tapinha distraído nas costas—. Boa trabalho.

—Não é para tanto —respondeu Seth encolhendo-se de ombros, enquanto a emoção lhe alagava.

—Que graça! Ethan e eu estivemos falando precisamente de utilizar desenhos dos navios no estaleiro. Sabe, Phil, como anúncios de nosso trabalho.

Phillip voltou a concentrar-se nos ovos, mas levantou uma sobrancelha com surpresa e aprovação.

—Você pensaste isso? Surpreende-me. Boa idéia. —Estudou o desenho mais de perto, como se houvesse trabalhando nele—. Terá que emoldurar o de forma rústica e deixar os borde do desenho sem tocar, como se fossem desenhos de trabalho, que não fiquem bonitos.

CAM emitiu um som gutural, como se estivesse meditando.

—Com um só desenho não vai trocar nada —demarcou franzindo o cenho em direção ao Seth—. Pergunto se não poderia fazer algum mais, por exemplo do navio de pesca do Ethan, ou se eu te desse fotografias de um par de navios nos que trabalhei.

—Não sei —Seth teve que lutar para conter excitação de sua voz. Quase conseguiu manter olhar aborrecido, mas quando se encontrou com olhos do CAM, havia pequenas faíscas de alegria dançando neles—. Possivelmente.

Phillip não demorou muito em encontrar a chave. Uma vez que captou o significado, alcançou seu café e assentiu.

—Seria uma boa exposição. Os clientes que chegam poderiam ver os diferentes navios que construímos. Deveríamos ter um de que está começando agora.

CAM soprou.

—Ethan fez um desenho patético. Parece trabalho escolar. Não sei o que se poderia fazer com ele —Então olhou ao Seth entrecerrando os olhos—. Talvez pode lhe jogar uma olhada.

Seth notou como lhe ascendia a risada pela garganta e a tragou com decisão.

—Suponho que sim.

—Perfeito. Tem uns noventa segundos para chegar ao ônibus, guri, ou terá que ir andando.

—Mierda! —Seth ficou de pé com dificuldade, agarrou a mochila e saiu em meio de um chiado de sapatilhas.

Quando se ouviu golpear a porta, Phillip se sentou de novo.

—Bom trabalho, CAM.

—Tenho meus momentos.

—de vez em quando. Como sabia que o menino podia desenhar?

—Deu a Anna um desenho que tinha feito do cachorrinho.

—Mmm. Bom, que assunto te traz com ela?

—Assunto? —CAM se concentrou em sua penosa torrada, procurando não invejar a omelete do Phillip.

—O fim de semana juntos, navegar, preparar jantares... Não te tinha visto farejando ao redor dle nenhuma mulher até que esta apareceu em cena —Phillip sorriu sobre seu café—. Soa como algo, sério. Quase... doméstico.

—Calma! —o estômago do CAM sofreu uma ligeira e incômoda sacudida —. Simplesmente nos estamos divertindo juntos.

—Não sei. me parece que ela é das que põem barreiras.

CAM soltou um bufido.

—É uma mulher com carreira. É divertida, ambiciosa e não quer complicações. —Embora sonhava com uma casa no campo, recordou CAM, perto do rio, com um jardim para plantar flores.

—l.as mulheres sempre procuram complicações—afirmou Phillip—. Melhor te ande com cuidado.

—Sei perfeitamente aonde vou e como chegar ali.

—Isso é o que dizem todos.

Anna se esforçou ao máximo para não procurar nem encontrar complicações. Essa foi uma das razões pelas que decidiu não ver o Cameron na sexta-feira de noite. Pôs como desculpa o trabalho e se comprometeu a encontrar-se com ele em sua casa, na sábado pela manhã muito cedo, para navegar

Quando CAM protestou mimoso, a jovem fraquejou e lhe prometeu

preparar uma lasaña.

Tinha herdado de sua avó aquela parte que lhe dava tanto prazer: ver outras pessoas comer o ela tinha preparado. E era algo do que sentir-se orgulhosa.

Embora não se comprometeram em passar noite juntos, os dois o davam por feito. dedicou-se a tarde a si mesmo. Trocou o traje jaqueta por um moletom. Pôs sua música favorita: Billie Holiday entre o Verdi e Cream. Bebeu uma taça de bom vinho tinjo e contemplou o pôr-do-sol.

Era consciente de que tinha chegado o momento. Era hora de refletir com claridade e de levar a cabo uma análise objetivo. Conhecia o Cameron Quinn só desde fazia algumas semanas, e se tinha envolto com ele mais que com qualquer homem com o que se relacionou jamais.

Semelhante nível de implicação não entrava em seus planos; ela, que normalmente o planejava tudo. Sempre pensava cuidadosamente os passos que dava, tanto no profissional, como no pessoal. Sabia que era uma forma defensiva de atuar, a que tinha eleito com sangue-frio a uma idade temprana. Se se expor onde a levava não podia levá-la cada passo que dava, continha seus impulsos e aplicava a razão; era muito mais difícil cometer enganos.

Sabia que anos atrás tinha cometido muitos. Se tivesse contínuo pelo caminho que tinha empreendido às cegas depois de perder sua inocência e a sua mãe, teria resultado um fracasso.

Tinha aprendido a não reprová-lo que fez durante a parte escura de sua vida, a não recrear-se na culpa pelo dano causado às pessoas que a amava. A culpa é um sentimento negativo e Anna preferia os atos positivos, os resultados, as diretrizes.

As eleições que tinha tomado na vida e seus lucros se deviam a seus avós, a sua mãe e à aterrada menina enroscada ao bordo de um caminho escuro.

Levou-lhe tempo, um comprido tempo de cura, compreender que se ela tinha perdido a sua mãe, seus avós tinham perdido a sua única filha, uma filha a que amavam. A pesar da dor, tinham aberto as portas de sua casa a Anna; e face aos atos destrutivos seus corações nunca tinham

titubeado.

Gradualmente aprendeu a aceitar aquela perda, o horror que tinha conhecido. Ainda mais, aprendeu que tudo o que tinha feito os dois anos posteriores a aquela noite eram produto de uma alma ferida. Teve a sorte de contar com gente que a habia querido o suficiente para ajudá-la a sanar. Quando encontrou de novo seu caminho, prometeu-se a si mesmo que nunca mais seria imprudente. Os impulsos estavam bem para as loucuras: as farras, os passeios em carro a toda velocidade a nenhuma parte. converteu-se em um pouco tão fundamental para ela ser eminentemente prática, motivada, ser racional, que tinha enterrado em seu coração a imprudência. Agora, refletiu, esse mesmo coração era o que a tinha conduzido a aqui.

Amar ao Cameron Quinn era muito temerário. E a que ia ter um custo para ela. Suas emoções eram uma responsabilidade só dela, decidiu. Era algo que tinha aprendido da forma mais dura. Saberia as dirigir e sobreviveria. Entretanto, teve que admitir que tudo era estranho, enquanto se apoiava na porta do balcão para sentir a brisa das primeiras horas da noite. Sempre acreditou que se alguma vez se apaixonava, seria consciente de cada etapa. Tinha desejado desfrutar de cada momento; tinha imaginado um deixar cair, um gradual conhecimento mútuo de sentimentos que se afiançavam. Mas com o CAM não havia nem suave deslizamento nem situação gradual. Só uma queda violenta e ida. Depois lhe pareceu que em um abrir e fechar olhos se apaixonou de repente. Pensou que se CAM se dava conta disso, jogaria correr aterrorizado. A idéia lhe fez sorrir um pouco. Faziam bom casal. Ela sentia vontades de correr mas em direção oposta. Estava preparada para uma aventura mas certamente não para uma aventura amorosa.

Analisemos, ameaçou-se a si mesmo. O que era o que o fazia diferente? Seu aspecto? Fechou os olhos enquanto emitia um murmúrio de prazer. Não existia dúvida alguma de que ao princípio era o que lhe tinha chamado a atenção. Que mulher não olharia duas vezes e logo outra mais a alguém tão moreno e perigoso? Aqueles inquietos olhos cinzas como o aço, a dura boca que igual podia soltar uma risada zombadora ou um grunhido. Seu corpo, que respondia à fantasia perfeita de qualquer mulher: fortes músculos, mãos ásperas e um corpo fibroso.

É obvio que se sentou atraída por ele. E além lhe tinha intrigado sua rapidez de mente. Também a arrogância, teve que admitir, embora se tratava de um pensamento oculto. Mas seu coração o trocou tudo. Não esperava que tivesse um coração tão generoso, perigosamente generoso. Tinha tanto que dar e não era consciente disso.

Ao princípio pensou que era egoísta, duro de roer, inclusive frio, e se imaginava que podia chegar a sê-lo. Mas no importante era quente e generoso. Acreditava que ele não se dava conta de quanto dava ao Seth ou de como estava trocando a relação entre eles.

Duvidava sinceramente de que soubesse que amava ao menino, e Anna caiu na conta de que tinha sido essa cegueira do CAM para sua própria bondade a que a tinha desarmado.

Anna supunha que apaixonar-se por ele tinha sido bastante sensato.

Seguir apaixonada por ele seria um desastre. Tinha que fazer algo.

Soou o telefone, distraindo-a. Com o vinho em mão, entrou na casa e desprendeu o portátil da mesa auxiliar.

—me diga.

—Senhorita Spinelli? Está trabalhando? —Anna não pôde reprimir um sorriso.

—Trabalhando em algo? Pois, sim. —Enquanto tomava um sorvo, sentou-se apoiando os pés na mesita auxiliar—. E você?

—Ethan e eu temos que acabar alguns mezaninos esta noite. Depois não voltarei a pensar nada relacionado com o trabalho até na segunda-feira. —CAM também falava por um móvel que tinha comprado procurando um pouco de intimidade. Tocava ao Seth lavar os pratos e escutou como se estrelava um mais contra o chão.

—Dizem que vai fazer bom manhã.

—Ah, sim? Estupendo.

—Ainda pode vir esta noite —sugeriu

Resultava tentador, mas tinha cedido já a muitos impulsos em sua relação com ele.

—Estarei ali pela manhã bem cedo.

—Suponho que não tem um biquíni, um vermelho. —Anna estalou a língua.

—Não, eu..., meu biquíni é azul. —CAM fez uma pausa.

—Não esqueça a mala.

—Se me levar a mala, se ficar, quero que me dê a chave do dormitório.

—Que rígida é! —Viu uma garceta pescar sobre o rio e voar ao ninho situado em cima de um poste. —Está voltando para casa, pensou CAM, está-se instalando.

—Só precavida, Quinn. E muito lista. Como vai o edifício?

—Vai partindo —murmurou ele. Gostava de escutar sua voz enquanto sentia mover o ar úmido, contemplando como caía a noite—. Lhe ensinarei isso quando vier. —Queria lhe ensinar o desenho do Seth. Tinha-o emoldurado ele mesmo pela tarde e queria compartilhá-lo com..., com alguém a quem lhe importasse—. Provavelmente comecemos o primeiro navio a semana que vem.

—De verdade? Tão rápido?

—Para que esperar? chegou o momento de pôr a produzir nosso dinheiro e ver como caem os jogo de dados. Ultimamente acredito que estou de sorte.

Da casa situada detrás dele escutou ao cachorrinho ladrar como um louco, seguido dos tons mais graves do Simon. A seguir a voz do Phillip se elevou em um meio grito, meio risada, com o fundo incomum do som das risitas do Seth, o que provocou que se voltasse e olhasse fixamente para a casa.

abriu-se a porta traseira e duas formas caninas saíram disparadas tropeçando uma com outra enquanto alcançavam os degraus. E ali, emoldurado na porta pela que se filtrava a luz da cozinha, estava o menino.

Ao CAM lhe encolheu o coração com força sem saber muito bem por que. Por um instante, tão somente um momento, pareceu-lhe escutar o rangido da cadeira de balanço do alpendre e a risada afogada de seu

pai.

—meu deus! Que estranho —murmurou.

A linha Telefónica começou a oscilar e a ter rferencias conforme caminhava.

—O que acontece?

—De tudo. —CAM se encontrou agarrando o telefone com mais força e a tendo saudades com um desejo selvagem, quase desesperado—. Deveria estar aqui. Te sinto falta de.

—Não te ouço.

deu-se conta de que se afastou da casa como uma espécie de negação instintiva do que retraía: retornar ao lar, assentar-se.

Sacudiu a cabeça e se aproximou da casa buscanso melhorar a conexão, e deu graças a Deus por caprichos da tecnologia.

—Perguntava-te que... o que tem posto.

Ela riu brandamente e olhou para seus cômodos talões de moletom.

—por que? Nada especial —ronronou, e ambos se inundaram no fácil flerte telefônico com sensação de alívio.

Pouco tempo depois, CAM deixou o telefone sobre os degraus do alpendre e perambulou até o mole. A água golpeava lentamente contra o casco do navio. As aves noturnas se moviam e o canto de contrabaixo de um mocho liderava o coro em bosque longínquo. O rio tinha a cor da tinta a luz da magra lua. Havia trabalho que fazer.

Sabia que Ethan lhe estava esperando, mas necesiba sentar-se perto da água um momento, sentar-se em silêncio enquanto as estrelas piscavam e o mocho ululava sem cessar chamando a seu casal pacientemente.

Não se sobressaltou quando notou um movimento junto a ele. Começava a acostumar-se. Não podia recordar em quantas ocasiões se sentou nesse mesmo mole sob o mesmo céu com seu pai. Lhe ocorreu que não era o mesmo estar ao lado com o fantasma de seu pai, mas que coño, nada em sua vida era já igual ao que tinha sido.

—Sabia que estava aqui —disse CAM em voz baixa.

—Eu gosto de estar pendente do que acontece. —Era Ray, vestido com calças de pescar e uma sudadera de manga curta, que CAM recordava que antes era azul forte, e sustentava um cano sobre a água—. Faz muito tempo que não pescava de noite.

Cameron pensou que se Ray tirava um peixe gato, conseguiria que ele se voltasse louco de tudo.

—Como de pendente? —perguntou pensando na Anna e no que os dois tinham feito na escuridão.

Ray riu entre dentes.

—Eu sempre respeito a intimidade de meus filhos, CAM. Não se preocupe por isso. Ela certamente é um bombom —comentou alegremente—. Tenta ocultá-lo quando está trabalhando, mas um homem com bom olho se dá conta. Você sempre teve bom olho com as mulheres.

—E você? —CAM se odiou a si mesmo por perguntá-lo. Fazia uma noite tão aprazível, tão perfeita. não sabia quanto tempo foram durar aquelas alucinações, ou o que fossem. Tinha que tentá-lo—. Que tal olho tinha você para as mulheres, papai?

—O suficientemente agudo. Acaso não me fixe em sua mãe? —Ray suspirou—. Nunca toquei a nenhuma outra mulher depois de meu compromisso com o Stella. Olhava, apreciava, eu gostava, mas nunca toquei a ninguém mais.

—Tem que me contar o do Seth.

—Não posso. Não é assim como deve ser. Fez um bom trabalho com o menino lhe fazendo parte do negócio e começando por utilizar seus desenhos. Eu gostaria de ter acontecido mais tempo, com com todos vós. Mas não pôde ser.

—Pai...

—Sabe o que jogo mais de menos, CAM? As coisas mais simples. lhes ver os três discutindo. Houve momentos em que sua mãe e eu pensamos que as rixas nos foram voltar loucos, mas isso é o que sinto falta de agora. Pescar uma manhã cedo quando o sol começa a esquentar a brisa sobre a água. Tenho saudades ensinar, ver a cara que tem um estudante quando algo que você diz de repente conecta com ele e lhe abre a mente. Estranho a garotas bonitas com seus vestidos do verão, e estar convexo às três da manhã na cama eschando a chuva golpear no telhado. —Então voltou a cabeça e sorriu. Tinha os olhos azuis tão brilhantes e luminosos como a cor que teve a vez a sudadera —. Deveríamos apreciar essas coisas enquanto as temos, mas não o fazemos nunca. Quase nunca. Enchemos muito nossas vidas. de vez em quando deveria tentar fazer um alto para saborear as pequenas coisas. Crescem se você o faz.

—Neste momento tenho na cabeça algo mais que a chuva no telhado.

—Sei. Está metido em uma boa confusão, mas já está saindo dele. Ainda tem que averiguar o que quer, o que necessita e o que há dentro de ti. Em seu interior há mais do que crie.

—Quero respostas. Necessito respostas.

—Encontrará-as —respondeu Ray complacente— quando te acalmar um pouco.

—me diga sabem Ethan e Phillip que você... está aqui?

—Saberão —respondeu Ray sonriendo—quando chegar o momento. Amanhã será um bom dia para navegar. Desfruta das coisas pequenas —disse, e desapareceu.

Dezessete

Estava pendente dela. CAM pensou que era a coisa mais estranha, pela primeira vez em sua vida. Não recordava ter procurado ou esperado nunca a uma mulher. Inclusive quando era adolescente, as mulheres buscavam a ele. Chamavam-lhe por telefone, perambulavam perto de sua casa, entretinham-se ante sua bilheteria na escola. Pensou que se acostumou, que lhe haviam mal educado.

Nunca tinha passado pelo típico medo ante uma primeira entrevista. A atrativa Allyson Kent, uma garota de mais de dezesseis anos, tinha-lhe proposto que saíssem juntos quando ele tinha quinze. Inclusive lhe tinha recolhido na porta de casa com o Chevrolet Empala do 72 de seu pai. Não estava seguro do que se sentia quando uma garota te levava por aí até que Allyson estacionou a rua Blue Crab e lhe sugeriu que utilizassem o assento traseiro.

Não lhe importou o mais mínimo.

Perder sua virgindade com a preciosa Allyson, das mãos rápidas, aos quinze anos foi uma experiência doce e deliciosa. E CAM nunca tinha cuidadoso para trás.

Gostava das mulheres, gostava de tudo o que tivesse que ver com elas, inclusive a parte aborrecida, já que era o que as fazia femininas e acreditava que os homens se levavam sempre a melhor parte. Podiam olhar, tocar e cheirar. E a não ser que fossem completamente imbecis, normalmente se podia escapulir de uns suaves braços a outros sem muito problema.

Ele nunca tinha sido imbecil.

Entretanto aí estava: procurando a Anna e esperando-a. E além se perguntava o que tinha Anna para não estar tão ansioso por escapulir-se.

Possivelmente se tratava de que não lhe pressionava, refletiu enquanto se afastava do mole para aproximar-se da lateral da casa a escutar se chegava o carro. Algo mais. Podia ser a falta de expectativas. Ela era divertida durante o sexo, e parecia que não esperava muitos adornos românticos. Teve uma infância penosa, mas tinha superado a dor e se converteu em uma pessoa forte e completa.

Ele a admirava por isso.

Como podia realçar ou minimizar seu aspecto lhe fascinava. Esta dualidade o fazia perguntar-se quem era em cada momento. E entretanto, ambas as partes encaixavam tão bem, que um homem dificilmente podia notar por onde se uniam.

quanto mais pensava nela, mais a desejava.

—O que faz?

levou-se um susto de morte quando viu o Seth aproximar-se por detrás. Tinha estado contemplando o caminho, desejando algo menos que aparecesse Anna. E agora, mortificado, colocou as mãos nos bolsos.

—Nada, caminhando um pouco.

—Não estava caminhando —assinalou Seth.

—Porque me parei. Agora estou caminhando outra vez, vê-o?

Seth fez um gesto a costas do CAM e despues se colocou a seu lado.

——O que se supõe que posso fazer?

CAM fingiu um grande interesse pelos tulipas vermelhos que se esquentavam ao sol no bordo da casa.

—Com o que?

—Contudo. Ethan está fora no navio de pesca e Phillip está encerrado acima no escritório com o ordenador.

—E o que? —CAM se agachou para arrancar uma má erva, ou o que pensava que o era. Onde coño estava Anna?—. O que fazem os meninos com o que estava?

—Tinham que ir às compras e a comer com sua avó —Seth pôs cara de desprezo—. Não tenho nada que fazer. Aborreço-me.

—Bom, pois pode limpar sua habitação ou algo assim.

—Venha já.

—meu deus! Eu o que sou, seu conselheiro social? danificou-se a televisão?

—na sábado pela manhã não há mais que programas de mierda para meninos.

—Você é um menino –sublinhou CAM e ouviu com alívio que se aproximava um carro—. o Ensine a esse teu cão de cérebro plano alguns truques.

—Não tem o cérebro plano —sentindo-se insultado, Seth se voltou e assobiou ao cão—. Olhe. —Parvo chegou correndo levando na boca o que parecia uma lata de cerveja.

—Já vê! mastigando alumínio. É incrível. Olhe, eu não... —CAM emudeceu quando viu que Seth estalava com o dedo, assinalava e Tolo plantava seu culo no chão.

—Também o faz se o ordeno que —disse Seth com um gesto, enquanto acariciava a cabeça de Parvo como prêmio—. Mas consegui que obedeça por meio de sinais com a mão. —Levantou uma mão e Tolo subiu uma pata.

—Isso está muito bem. —disse com surpresa e orgulho—. Em quanto tempo lhe ensinaste?

—Um par de horas de vez em quando.

Os três contemplaram como Anna entrava no caminho. Parvo foi o primeiro em aproximar-se de saudar.

—Ainda não o consegui com «quieto» —lhe confiou Seth—, mas não o praticamos tanto.

Tampouco o tinha conseguido com «abaixo». No momento em que Anna saiu do carro, Parvo começou a saltar e a saltar com a língua fora disposto a lamber o que fora alegremente.

CAM pensou que o cão tinha acertado. Também lhe tivesse gostado de equilibrar-se sobre ela e começar a lambê-la. Levava uns jeans desbotados em um azul suave e pálido e uma camiseta de cor vermelha intenso franzida na cintura. Era um conjunto a meio caminho entre o prático e a figura de uma sereia.

E provocou que ao CAM a boca lhe fizesse água.

—Parece distinta com o cabelo solto —comento Seth.

—Sim. —CAM queria pôr as mãos em cima de seu cabelo, dela.

Estava agachada falando brandamente com o cachorrinho, que se tinha convexo com a tripa para cima para que a acariciasse. Levantou a cabeça e CAM pôde ver, inclusive através dos óculos de sol, os olhos da Anna completamente abertos, como se lhe estivesse advertindo de que o menino estava detrás dele.

Sem fazer caso do sinal, atirou dela até pôr a de pé, deu-lhe um bom apertão que lhe fez cambalear-se sobre o cachorrinho e cair contra seu corpo, e logo a beijou afogando os protestos que balbuciava.

Anna só pôde pensar que era como ser absorvida pelo sol. O calor era intenso e chegou a seu ponto gélido antes de que ela pudesse respirar. A necessidade, a impaciência e a avidez brotavam do CAM e a golpeavam com alarmante rapidez. O martilleo selvagem de um pássaro carpinteiro caçando seu café da manhã ressonou no ar e se emparelhou com o frenético batimento do coração de seu coração. Quão único podia fazer era agüentar até que ele acabasse de saboreá-la e ficasse satisfeito.

Quando CAM se apartou, seus hábeis lábios se curvaram. Anna seguro que recordaria esse aspecto presunçoso quando a cabeça lhe voltasse a assentar-se em cima dos ombros.

—Olá, Anna.

—bom dia —respondeu, esclarecendo-a garganta, dando um passo atrás e obrigando-se a olhar ao Seth, quem parecia mais aborrecido que surpreso, por isso lhe dedicou um sorriso—. bom dia, Seth.

—Sim, olá.

—Seu cão está enorme. —Como precisava distrair-se, olhou a Tolo e lhe tendeu a mão. O cão se sentou e levantou uma pata, o que adorou—. Mas que macacada! —ajoelhou-se de novo, agarrou-lhe a pata e lhe arranhou detrás das orelhas—. Que mais sabe fazer?

—Estamos trabalhando um par de coisas. —Parvo já tinha completado todo seu repertório, mas Seth não queria confessá-lo.

—Formam uma boa equipe. Tenho alguns doces no carro —disse ela

sem lhe dar importância—. Costure que preparei para o jantar. me ajude.

—Sim, é obvio —respondeu Seth dirigindo um olhar ressentido ao CAM —. Não tenho nada melhor que fazer.

—vamos sair a navegar, verdade? —comentou alegremente Anna. Divertiu-lhe ver o CAM abrindo de repente a boca e ao Seth olhando-a com os olhos muito abertos e interessados.

—Posso ir eu?

—É obvio —respondeu ela e voltando-se, abriu a porta do carro e lhe tendeu uma bolsa—. Assim que coloquemos tudo isto. Espero aprender rápido, porque de navios não sei virtualmente nada.

Seth, animado, colocou-se as bolsas em ambos os quadris.

—Não passa nada, mas necessitará um chapéu.

Dito isto, levou as bolsas para a casa.

—Eu acreditei que iríamos somente você e eu —lhe disse CAM. O se tinha imaginado uma bonita fantasia em que se deslizavam por alguma borda do rio e hacian o amor intensamente no fundo do navio.

—Ah, sim? —comentou ela enquanto agarrava uma pequena bolsa de viagem e o punha na mão—. Estou segura de que o vamos passar em grande os três.

Fechou a porta do carro, acariciou a bochecha do CAM e se foi tranqüilamente para a casa detrás o Seth.

Ao final foram os quatro. Seth insistiu em levar A Tolo, e como Anna lhe respaldou todo o tempo, ganharam a votação ao CAM.

Era difícil estar vexado quando contava com uma tripulação tão alegre. Parvo se sentou na amurada com um colete salva-vidas para cães que tinha pertencido a um dos inumeráveis cães do Ray e Stella, e ladrava contente às ondas e aos pássaros.

Seth, que já estava mastigando um sanduíche que tinha tirado da geladeira, explicava a Anna concienzudamente os mistérios do arranjo dos navios.

CAM pensou que a jovem estava muito atrativa com aquela boina velha

sua da equipe dos *lhes Areje*, enquanto emprestava grande atenção a tudo o que Seth lhe explicava.

Houve um pequeno golpe de mar e CAM olhou para trás para ver como o agüentava Anna. Estava ajoelhada na popa e inclinada sobre o trilho, mas CAM se deu conta de que não era porque tivesse o estômago revolto. A jovem sorria abertamente enquanto assinalava entusiasmada com o dedo ao ver as árvores e as extensas restingas da ilha do Smith.

CAM pediu ao Seth que içasse as velas.

Anna nunca esqueceria aquele momento. A vida na cidade não a tinha preparado nem para os sons, nem o movimento, nem a vista das brancas velas elevando-se, golpeando e inchando-se de vento. Por um momento, ao lhe golpear o vento nas bochechas e encher as velas até arrebentar, pareceu-lhe que o navio voava. A água estalava nas esteiras e a jovem saboreou o sal.

Queria contemplá-lo tudo de uma vez; as ondas elevando-se sobre a água azul esverdeada, o velamen desdobrado, formando um branco mar no alto; as línguas de terra e as rochas. E além como o homem e o menino trabalhavam brandamente, de forma precisa e quase sem mediar palavra entre eles.

Navegaram passando o que Seth identificou como uma bandeja de caranguejos. Não era mais que uma choça frágil levantada com madeiras cinzas envelhecidas, que logo que aparecia sobre a água, sujeita a um desvencilhado atraque. As bóias laranjas que marcavam as cestas de caranguejos salpicavam a superfície. Viu como um navio de pesca se balançava com a maré enquanto um pescador vestido com calças desbotadas, uma boina desgastada e botas brancas, levantava uma pajarera de arame, compondo um autêntico quadro para a vista.

O pescador deteve seu trabalho o tempo suficiente para tocar a viseira da boina em sinal de saudação antes de jogar dois caranguejos que se moviam agitados no tanque de água.

Anna pensou que aquilo era a vida na água e olhou como o navio de pesca golpeava o seguinte bóia.

—Esse é o pequeno Donnie —explicou Seth—. Ethan diz que lhe

chamam assim embora já é major mas que seu pai é o grande Donnie. Que estranho!

Anna riu, já que lhe tinha parecido que o pequeno Donnie pesava perto de cem quilogramas.

—Suponho que é o que ocorre ao viver em sítios pequenos. Deve ser maravilhoso viver e trabalhar na água dessa maneira.

Seth se encolheu de ombros.

—Está bem, mas eu gosto mais navegar.

Quando Anna elevou o rosto para encará-lo ao vento, pensou que Seth tinha toda a razão. Limitar-se a navegar, rápida e livremente, com o navio elevando-se e caindo, e as gaivotas gritando por cima da cabeça. Pensou que ao CAM lhe via muito natural ao leme com suas largas pernas abertas, para compassar o ritmo do navio, as mãos firmes e o comprido corto negro flutuando. Quando CAM girou a cabeça acaso podia sentir saudades de que seu coração desse um tombo? Quando lhe tendeu a mão acaso resultava estranho que ela se levantasse com precaução e caminhasse sobre a amurada tão pouco familiar?

—Gosta de levar o leme? —perguntou CAM. Que horror!

—Melhor não —respondeu Anna, tentando ser prática—. Não saberia o que fazer.

—Mas eu sim. —CAM atirou da Anna até pô-la diante dele e colocou suas mãos em cima das da jovem—. Aquilo é Pocomoke —disse assinalando para um estreito canal—. Se quiser que vamos mais devagar, podemos ir por esse caminho e esquivar as armadilhas de caranguejos.

O vento golpeava brandamente as bochechas da Anna, que viu uma gaivota lançar-se contra a superfície da água, inundar-se e depois elevar-se soltando esse guincho que se parecia com uma risada gritalhã. Ao diabo ser prática!

—Não quero ir mais devagar —declarou.

Ouviu-lhe rir por cima de sua orelha.

—Que garota mais valente! —exclamou.

—Para onde nos dirigimos? O que vamos fazer? —perguntou Anna.

—Direção sul, sudeste. Navegaremos orzando, no fio do vento —disse ele.

—No fio? Mas se parecer que já estamos! Não sabia que se podia navegar tão rápido Que maravilha!

—Sim. Sujeita um momento.

Ante seu assombro, CAM se retirou para trás e chamou o Seth para que lhe ajudasse a ajustar algo relativo às velas. Ouviu-lhes rir quando viram como lhe punham os nódulos brancos sobre o leme.

Escutou o ranger dos mastros e como se estremeciam as velas ao virar. Pareceu-lhe que o navio aumentava a velocidade como se nada. Tentou relaxar-se. Ao fim e ao cabo quão único tinham ao redor era a água.

Pôde ver a direita, a bombordo, corrigiu-se a si mesmo, um pequeno navio a motor saindo de um dos inumeráveis rios ou canais. Calculou que estava muito longe para temer atascos ou um acidente.

Justo no instante em que começava a convencer-se de que podia realizar aquela tarefa sem incidentes, o navio se inclinou. Afogou um grito e quase girou a roda do leme em sentido contrário à inclinação do navio quando as mãos do CAM se cerrarón de novo sobre as suas e o manteve firme.

—Quase nos passamos!

—O que vai. escoramos um pouco, brandamente. Mais velocidade —disse CAM.

Anna sentia o coração na garganta.

—Deixaste-me ao leme.

—Terá que equilibrar as velas. O menino sabe o minimo das dirigir. Ethan lhe ensinou muito e o aprende rápido. É um bom marinheiro —acrescentou

—Mas me deixaste ao leme —repetiu ela.

—Tem-no feito muito bem —respondeu lhe dando meu distraído beijo no

alto da cabeça—. Isso dali em frente é a ilha Tangier. vamos rodear a e despúes iremos para o norte. Há muitos lugares íntimos no Little Choptank. Chegaremos ali antes da hora de comer.

Anna suspirou aliviada e pensou que não parecia que fossem naufragar. E como não tinha armado nenhum follón, relaxou-se o suficiente para recostar-se contra ele.

Abriu as pernas como tinha visto o CAM e deixou que seu corpo se compassasse ao ritmo do navio. Seu novo desejo era ter um pequeno balandro, um esquife, ou como se chamasse, quando tivesse por fim uma casa ao bordo da água.

Continuou sonhando que seriam os irmãos Quinn quem o construíra.

—Se tivesse um navio, navegaria sempre que houvesse ocasião.

—Teremos que te ensinar o básico, muito antes de que faça trapézio.

—O que quer dizer, que me balance pelo mastro com uns meias-calças de lentejoulas?

A imagem lhe pareceu realmente atrativa.

—Não é isso, não. usa-se um arranjo, um trapézio para pendurar-se por cima da água —explicou CAM.

—faz-se só como diversão?

—Bom, eu gosto de —replicou CAM rendo— mas é para aumentar a velocidade com a força do balanço.

—Pendurar-se por cima da água —meditou ela olhando a bombordo—. Ao melhor também gosta.

CAM deixou que Anna dirigisse o foque sob o atento olhar do Seth. lhe gostava de sentir o cabo nas mãos sabendo que estava ao cargo, mais ou menos, da branca vela ondeante. Rodearam a pequena língua de areia da ilha do Tangier e teve que dirigir o foque na rápida manobra de virar, e fazer todo o necessário para manter a velocidade durante a

mudança de rumo.

CAM se tinha posto uns jeans cortados e lhe reluzia a pele com o sol, o suor e a água. Anna se queixou da dor das mãos ante esta tarefa tão pouco familiar. Em troca se estremeceu quando CAM comentou que era uma boa tripulante.

Comeram no Hudson Creek fora já do rio Little Choptank, perto de um desvencilhado embarcadero com a única companhia dos pássaros e o ruído da água. O sol brilhava em um céu azul muito claro, e a temperatura tinha subido a uns vinte e cinco graus, proporcionando a calidez propía de um verão ao que ainda lhe faltavam umas semanas para chegar.

deram-se um refrescante banho com o acompanhamento da música da rádio. Parvo chapinhou alegremente, enquanto Seth mergulhava sob a superfície que parecia um espelho e nadava como um delfin selvagem.

—Está-o acontecendo como nunca em sua vida –comentou Anna em voz baixa. Os restos daquele menino mal-humorado, desafiante e zangado com o que se entrevistou pela primeira vez se estavam desvanecendo. perguntou-se se ele era consciente.

—Então suponho que não deve me preocupar que insistisse tanto em que viesse conosco —comentou CAM.

Anna sorriu. recolheu-se o cabelo no alto da cabeça em um vão intento por mantê-lo seco. Com o Seth e o cachorrinho salpicando sem parar resultava impossível que permanecesse seco.

—Em realidade não te incomoda nada, e nunca teria navegado tão brandamente sem ele a bordo.

—Isso é bastante certo, mas terei que dizer algo sobre navegações bruscas.

CAM apartou a água que havia frente a ele e a rodeou com seus braços.

Anna encolheu automaticamente os ombros para defender-se.

—Nada de aguadillas.

—Crie que eu faria algo tão predecible? —perguntou com os olhos empanados pela risada—. Sobre tudo quando há coisas muito mais

divertidas —concluiu e inclinando a cabeça, beijou-a.

Tinha os lábios úmidos e escorregadios, e o pulso da Anna se acelerou com a sensação de ter a boca do CAM deslizando-se sobre a sua, primeiro apanhando-a e depois, possuindo-a. A água cálida pareceu aumentar sua temperatura quando as pernas de ambos se entrelaçaram. A jovem se sentia ingrávida, e suspirou à medida que flutuava dentro daquele beijo.

Então se encontrou sob a água.

Saiu à superfície cuspindo e apartando o úmido cabelo da cara. O primeiro que ouviu foi a risada do Seth, e o primeiro que viu foi a careta zombadora do CAM.

—Não pude resistir —declarou, antes de tragar água a sua vez quando ela se deu a volta e lhe golpeou no rosto com o estômago.

—O seguinte será você —advertiu ao Seth, que estava tão surpreso ante a idéia de que houvesse uma pessoa adulta jogando com ele que lhe apanhou facilmente, e lhe afundou.

Seth se defendeu, salpicou água e tragou mais ainda quando ficou a rir.

—Ouça, que eu não tenho feito nada —protestou Seth

—Chá riste. Além disso, acredito que vós dois atuam em equipe. Possivelmente foi tua idéia.

—Disso nada. —liberou-se e então teve a brilhante ideia de inundar-se e afundá-la lhe atirando do braço.

Foi uma batalha campal, e quando se esgotaram, estiveram de acordo em declarar um empate. Nesse momento foi quando viram que CAM já não estava na água, a não ser sentado comodamente no navio comendo um sanduíche.

—O que faz ali acima? —perguntou Anna enquanto se retirava o cabelo molhado para trás.

—Contemplando o espetáculo —respondeu engolindo o presunto e o queijo com a ajuda de uma Pepsi-penetra—. Parece um par de imbecis.

—De imbecis? —repetiu Anna. Então Olhou ao Seth e por meio de um acordo tácito, os inimigos se uniram—. Aqui eu só vejo um imbecil ao redor, que é você.

—Sim, só há um —conveio CAM, enquanto eles nadavam devagar dirigindo-se para o navio.

Qualquer idiota podia ter imaginado o que tentavam. CAM quase conseguiu pôr as pernas fora de seu alcance, mas depois decidiu que demônios!, e lhes permitiu atirar dele até cair à água salpicando de forma impressionante.

Passaram horas antes de que Seth caísse na conta de que tanto Anna como CAM lhe tinham posto as mãos em cima e ele não se havia sentido assustado.

depois de que o navio esteve atracado, os marinheiros em terra e a coberta limpa, Anna se arregaçou, metaforicamente, e se dirigiu a trabalhar à cozinha. Era sua intenção proporcionar aos homens Quinn um jantar inesquecível. Podia ser um marinheiro em florações, mas ali era uma perita.

—Cheira a glória —disse Phillip quando apareceu na cozinha.

—Pois melhor saberá —respondeu Anna. Estava preparando as folhas de lasaña com o estilo de uma artista na matéria—. É uma antiga receita familiar.

—São as melhores —conveio Phillip—. Nós temos uma receita secreta de gofres herdada de meu pai. Prepararei-te uns para o café da manhã.

—eu adoraria —levantou os olhos para lhe sorrir e advertiu uma sombra de preocupação em seus olhos—. Vai tudo bem?

—É obvio. Só alguns cabos soltos no trabalho. —Não tinha nada que ver com o trabalho, a não ser com o último relatório do detetive privado que tinha contratado. Tinha localizado à mãe do Seth no Norfolk, e isso estava muito perto, sem lugar a dúvidas—. Necessita ajuda?

—Tenho tudo sob controle —respondeu ela, enquanto colocava uma última capa de lasaña na limite, antes de colocá-la no forno—.

Possivelmente queira provar o vinho.

Phillip, distraído, tomou a garrafa, e inmediatanrcnte se interessou.

—É um Nebbiolo, o melhor dos tintos italianos.

—Isso acredito eu, e te asseguro que meu lasaña está a altura das circunstâncias.

Phillip fez uma careta enquanto servia duas taças. Seus olhos eram de um marrom dourado que fizeram pensar a Anna em um anjo.

—Querida Anna, por que não abandona ao CAM e te foge comigo?

—Porque lhes caçaria aos dois, e depois te mataria —declarou CAM ao entrar na cozinha—. se Separa de minha mulher, hermanito, antes de que te faça mal. —Apesar de que o disse com ligeireza, CAM não estava muito seguro de que não fora mais que uma brincadeira, e tampouco gostou de sentir aquela leve fervura de ciúmes.

Ele não era um homem ciumento.

—Não distingue um Barolo de um Chianti —continuou Phillip enquanto servia outra taça—. Deveria te fugir comigo.

—Deus mijo! –respondeu ela, imitando a fala do sul de forma bastante convincente—. eu adoro que dois homens fortes briguem por mim, e aqui vem o terceiro –acrescentou ao ver que Ethan entrava pela porta traseira—. Você também te quer bater em duelo por mim, Ethan?

Este piscou e se arranhou a cabeça. As mulheres lhe confundiam, mas estava quase seguro de que se tratava de uma brincadeira.

—foste você quem preparou o que está no forno?

—Com estas manitas —assegurou Anna.

—vou procurar minha escopeta.

Quando ela riu, Ethan lhe dedicou um sorriso fugaz e depois se escabulló fora da habitação para dar uma ducha depois do trabalho do dia.

—minha mãe, Ethan quase flertando com uma mulher! —disse Phillip surpreso, e levantou a taça para brindar—. Acredito que temos que

conseguir que fique por aqui, Anna.

—Se algum puser a mesa enquanto acabo de alinhar a salada, possivelmente me dê tempo a que provem meus cannoli.

CAM e Phillip se olharam o um ao outro.

—A quem lhe toca hoje? —perguntou CAM.

—A mim não. Acredito que a ti.

—Disso nada, fiz-o ontem.

contemplaram-se outra vez e então os dois se dirigiram à porta para chamar gritos ao Seth.

Anna se limitou a sacudir a cabeça. Pensou que os irmãos pequenos estão para que abusem deles em semelhantes circunstâncias.

Anna esteve segura de que o jantar tinha sido um êxito quando Seth repetiu pela terceira vez. Pensou que já tinha perdido aquele ar de gato guia de ruas nos ossos. E também a palidez. Às vezes, possivelmente ainda tinha os olhos receosos e olhava às escondidas depois das pestanas, como esperando os golpes que de pequeno tinha aprendido a receber. Mas agora era mais freqüente encontrar uma sombra de humor em seu olhar. Era um menino alegre que estava descobrindo como divertir-se com a gente.

Ainda tinha uma linguagem rude, mas não era de esperar que melhorasse enquanto seguisse vivendo em uma casa com três homens, embora via como CAM lhe dava ligeiras patadas por debaixo da mesa quando dizia tacos muitas vezes.

Estavam-no conseguindo. Ao princípio teve sérias dúvidas de que três homens crescidos, com sua vida feita, encontrassem a forma de acoplar-se, de lhe fazer um sítio. E sobre tudo, que abrissem seu coração a um menino que lhes tinham coado entre eles. Entretanto, estavam conseguindo que funcionasse. Quando a semana próxima Anna escrevesse seu relatório sobre o caso Quinn, pensava deixar claro que Seth DeLauter se encontrava em seu lar, exatamente no lugar ao que pertencia.

Levaria tempo o que a tutela passasse de ser temporário a permanente,

mas pensava fazer valer sua influência. Não havia nada que pudesse esquentar um coraz.ón mais que a forma em que Seth olhava ao CAM atrás de cada golpe sob a mesa, nem as caretas que fazia, exatamente como qualquer menino de dez anos.

Pensou que CAM seria um pai estupendo: o suficientemente firme, mas divertido. Seria dos que ficariam a um menino nos ombros para lutar a braço partido no jardim. Quase podia vê-lo: um bonito menino de cabelo moreno e uma preciosa menina com as bochechas rosadas.

—Equivocaste-te que trabalho —disse Phillip enquanto se retirava da mesa e se expor esquecer do cinturão.

Anna piscou ao ser surpreendida sonhando acordada, e quase se ruborizou.

—Ah, sim?

—Teria que pôr um restaurante. Se tiver intenção de te mover nessa direção, conta comigo para investir —declarou. Depois se levantou com a intenção de utilizar a máquina para fazer capuchino e completar a sobremesa, e respondeu o telefone ao primeiro timbrazo.

Ao escutar aquela rouca voz feminina com um acento italiano muito sexy, arqueou as sobrancelhas.

—Sim, está aqui a meu lado. —Phillip emudeceu e tendeu o telefone ao CAM—. É para ti, moço.

CAM agarrou o telefone e detrás escutar uma frase lhe ronronem, quase conseguiu identificar a voz.

—Olá, carinho —disse tentando recordar seu nome—. *Come vai*?

Phillip, que de verdade queria a seu irmão, tentou distrair a Anna.

—Faz seis meses que consegui esta máquina —disse tomando sua cadeira para que se levantasse, e possivelmente inclusive afastá-la para que não escutasse—. É sensacional.

—De verdade? —comentou Anna, a quem não lhe interessava o mais mínimo o funcionamento de nenhuma máquina de café. Não naquele momento em que escutava com que suavidade tinha saudado CAM à autora da óbvia chamada feminina. Quando lhe ouviu rir, chiaram-lhe os

dentes.

Ao CAM nem lhe tinha passado pela cabeça camuflar sua alegria ou o conteúdo da conversação. Ao fim conseguiu emparelhar a voz com um nome, Sophia, a do corpo sinuoso e olhos sedutores, e continuou conversando alegremente sobre conhecidos comuns. A Sophia adorava a competição, qualquer classe de competição, e era muito ardente, melosa e direta na cama.

—Não, tenho que ir em algum momento do verão este ano —disse CAM —. Não sei quando voltarei para Roma. Você será a primeira, *bela* — respondeu quando lhe perguntou se a chamaria quando fora.— Sim, claro que me lembro, o pequeno restaurante perto da Fontana dava Trevi. É obvio.

inclinou-se sobre a encimera, enquanto a voz de o fazia evocar algumas lembranças. Não dela em concreto, já que logo que podia recordar seu nome, mas sim de Roma, da cidade, as ruas estreha, cheias de gente, os aromas, os sons e a pressa.

As carreiras.

—Como? –a pergunta da Sophia sobre seu Porsche lhe trouxe de volta ao tempo e lugar reais—. Sim, tenho-o guardado em uma garagem na Niza até que…

CAM se deteve com o pensamento disperso quando lhe perguntou se pensava vendê-lo. Sophia tinha um amigo, disse-lhe, Carlo. O se lembrava do Carlo, verdade? E Carlo se perguntava se CAM queria vender o carro posto que levava já tanto tempo nos EUA

—Não tinha pensado nisso. —Vender o carro? Sentiu um pequeno ataque de pânico. Era tanto como admitir que não voltaria. Nem tanto a Europa como a sua vida.

Sophia falava rápido, persuasiva, em uma mescla de italiano e inglês que lhe confundia. Tinha seu número de telefone, sim? Podia chamá-la quando quisesse. Diria ao Carlo que o estava pensando. Todos lhe sentiam falta de. Roma era tão *nonioso* sem ele. inteirou-se de que se retirou de uma competição na Austrália e se temia que era devido a uma mulher. Por fim se apaixonou?

—Sim, não —respondeu. A cabeça lhe dava voltas—. É um tanto complicado, coração, mas estaremos em contato. —Depois lhe fez rir uma vez mais ao lhe sussurrar como sugeria que passassem a primeira noite de sua volta a Roma—. Seguro que me lembrarei. Como poderia esquecê-lo, querida? Sim. *Ciao*.

Phillip batia leite e tentava, com o aspecto de um homem desesperado, envolver a Anna na conversação sobre os distintos tipos de grãos de café. Ethan, com o instinto de um supervivente, tinha abandonado a cozinha. E Seth se limitava a permanecer sentado, troceando uma torrada de alho para Tolo, que estava escondido sob a mesa.

Sem dar-se conta de nada, CAM arqueou uma sobrancelha olhando a máquina de capuchino.

—Eu me arrumo com um café normal —começou a dizer sonriendo quando viu que Anna se dirigia para ele—. Recordo seus cannoli desde...

Iniciou a frase até que o ar escapou de seus pulmões quando lhe plantou um murro no estomago. antes de que pudesse voltar a aspirar ar ou tornar-se atrás, Anna passou a seu lado e saiu dando uma portada.

—O que acontece? —perguntou ao Phillip com os olhos exagerados e sujeitando o estômago—. Por Deus! O que lhe há dito?

—É um completo gilipollas! —murmurou Phillip e depois apurou sua taça em silêncio.

—Eu acredito que está muito zangada —comentou Seth, enquanto olisqueaba o ar—. Posso provar essa porcaria que preparaste?

—Claro —respondeu Phillip, enquanto batia uma cheia de espuma e CAM saía fora.

CAM alcançou a Anna no mole.

—por que demônios tem feito isso? –perguntou ele.

—Uy, não sei, CAM, por puro e maldito capricho –Anna se girou para encarar-se com ele com os olhos cintilando sob a luz das estrelas—. As

mulheres são criaturas estranhas, porque nos zangamos quando o homem com o que se supõe que estamos, fica a tontear por telefone ante sua própria cara com qualquer tia boa italiana.

A luz se amortecia mas CAM pensou que era melhor não fazer caretas.

—Venha, preciosa...

CAM deixou de falar, sem saber se lhe divertia ou lhe assustava ver que ela levantava o punho.

—Não me chame preciosa. me chame por meu nome. Você crie que sou idiota? Preciosa, céu, encanto..., isso é o que se diz quando apenas se recorda o nome da mulher que está debaixo de um na cama.

—Espera um momento, maldita seja!

—Não, espera você um maldito momento. Acaso pode imaginar quão insultante resulta que diante de meus narizes organize uma entrevista com seu novieta italiana em Roma, quando apenas te assentou meu lasaña no estômago?

Pior, pensou, muito pior, tinha-o feito um segundo depois de que ela construíra castelos no ar imaginando a ele com meninos, com seus filhos. Era mortificante, era para sentir-se furiosa.

—Eu não estava organizando uma entrevista —começou a dizer e a seguir se deteve, fascinado, ao escutar uma catarata de insultos em italiano brotar de seus lábios—. Isso não o aprendeu de seus avós?. —Quando ela mostrou os dentes, ele não pôde reprimir um sorriso—. Está ciumento.

—Não é questão de ciúmes. É questão de educação. —Anna sacudiu a cabeça e tentou acalmar-se. deu-se conta de que quão único estava conseguindo com seu estalo era estar mais molesta ainda. Mas maldita seja! Ainda não tinha terminado—. Você é livre, Cameron, e eu também. Nada de expectativas nem de promessas, de acordo. Entretanto, não consinto que mantenha ante mim uma sessão de sexo telefônico enquanto estamos juntos na mesma habitação.

—Não era sexo por telefone, era uma conversação.

—O pequeno restaurante da Fontana dava Trevi? —respondeu ela

agora com frieza—. Como poderia esquecê-lo? «Você será a primeira». Se quer ter algum *zucchero* italiano, bem, é seu problema. Mas não volte a fazê-lo diante de meus narizes nunca mais.

Anna tomou fôlego e depois levantou uma mão antes de que ele pudesse falar.

—Sinto te haver pego.

CAM calibrou seu estado de ânimo. Estava agitada, mas acalmando-se.

—Não, não o sente —respondeu.

—De acordo, não o sinto. Merecia-lhe isso.

—Não tem nenhuma importância, Anna.

Sim, sim a tem, pensou ela com desalento. Para ela significava muito, e era sua culpa, era seu pequeno desastre.

—foste muito grosseiro.

—As formas nunca foram meu ponto forte. Ela não me interessa. Logo que posso recordar seu rosto.

Anna inclinou a cabeça.

—De verdade crie que uma declaração semelhante te beneficia?

Que demônios pretendia que dissesse? perguntou-se deixando escapar um rápido suspiro de impaciência. Decidiu que às vezes o melhor quer dizer a verdade.

—que não posso me tirar da cabeça é seu rosto, Anna.

Ela suspirou.

—Agora tenta me distrair.

—E funciona?

—Possivelmente. —recordou-se a si mesmo suas emoções, seu problema—. Deixemos claro que inclusive nas relações casuais há limites que não se devem ultrapassar.

CAM não estava seguro de que a palavra «casual» definisse o que havia entre eles, mas naquele momento algo que ela quisesse lhe parecia

bem.

—Está bem. A partir de agora você será a única tia boa italiana com a que vou ligar. —Ao ver que ela não sorria e tinha uma expressão insossa, fez uma careta—. A lasaña estava impressionante. Nenhuma outra de minhas tias boas sabe cozinhar —concluiu.

Anna deixou vagar seu olhar da água até o rosto do CAM, e depois inclinou a cabeça pensativa. Ele estava quase seguro de que havia um espiono de humor em seus olhos.

—Eu acredito que melhor o deixamos estar —disse CAM—, mas não me importa se você não quer.

—Suponho que, apesar de tudo, melhor me agüento –respondeu ela. Olhou para a casa de onde partia uma música que penetrava pelas janelas e se esparramava pelo ar—. Quem touca o violino?

—Ethan. –Era uma canção rápida e animada, uma das favoritas de seus pais. Ao escutar como se incorporava um piano, sorriu—. E esse é Phillip.

—O que toca você?

—Um violão pequeno.

—Eu gostaria de te escutar. —Levantou uma mão em são de paz, que CAM tomou aproximando os dedos a seus lábios.

—É a única a que quero, Anna. A única em quem penso.

por agora, pensou ela, e deixou que ele a abraçasse. O presente era quão único importava.

Dezoito

Anna não estava muito segura de como se sentia ao ver o CAM concentrar-se totalmente quando ficou a afinar uma velha e baqueteada violão Gibson. Era uma parte dele com a que não tinha contado.

Surpreendeu-lhe e lhe agradou ver como os três homens se colocaram totalmente na melodia. Pensou naquelas fortes vozes, naqueles dedos rápidos e destros. Uma vez mais pensou no trabalho em equipe. E nos laços familiares indestrutíveis.

Sem lugar a dúvidas, tinham existido muitas noites como aquela em suas vidas. Pôde imaginar-se aos três sendo mais jovens mesclando suas canções ante as duas pessoas que lhes tinham proporcionado a música, as metas e a família, sentadas na mesma habitação com eles.

A jovem conservou em sua memória aquela imagem e a música, e as levou consigo quando ao fim subiu à cama. À cama do CAM.

Recordou que havia um menino na casa e trancou a porta (se por acaso CAM chegava nas pontas dos pés da cama improvisada no sofá de abaixo). E se prometeu não abrir se chamava a sua porta. Não importa o sexy que lhe tinha parecido enquanto fazia cobrar vida a aquele velho violão.

A maioria das canções eram velhas baladas irlandesas e melodias de pub que não lhe resultavam familiares. Pareceram-lhe tristes e dilaceradoras, inclusive quando a música que soava de fundo das palavras era tão alegre. Trocaram a um pouco parecido a um rock e puseram cara de desprezo quando Seth propôs que tocassem algo do século atual.

Enquanto se despia, Anna pensou que tinha sido algo muito doce. Eles nunca o tivessem definido assim, e se houvessem sentido horrorizados se alguíen o fizesse. Quatro machos unidos, quatro irmãos não de sangue, mas sim de coração. Era fácil ver como se entendiam entre eles e como não o aceitavam ao menino, mas sim já era um mais.

Quando Seth comentou que o violino era só para mulheres e nenazas, Ethan simplesmente sorriu começou a tocar uma melodia para despertar a atenção e o interesse do Seth. O seco comentário do Ethan, «Vejamos se uma nenaza pode fazer isto», conseguiu que Seth se encolhesse de ombros e sonriera abertamente.

Quando Seth ficou dormido, limitaram-se a lhe deixar convexo sobre o tapete com a cabeça do cachorrinho apoiada em seu culo, como se fora um travesseiro. Outra forma de pertença, pensou Anna.

ficou a camisola e agarrou a escova do cabelo. Aquela casa provocava facilmente a sensação de pertença. Tinha grandes habitações, singelas, com móveis usados e um encanamento ruidoso. Reconheceu alguns detalhes femininos que antes não estavam: o brilho do mobiliário, o curioso floreiro com flores da primavera. Detalhes da pessoa que limpava, nos que seus ocupantes certamente não se fixaram para nada, pensou Anna.

Se fosse sua casa, não trocaria quase nada, decidiu sonhando de novo enquanto se escovava o cabelo. Possivelmente retocaria um pouco o colorido, acrescentaria alguma pincelada aqui e lá com grossos almofadões pelo chão e toques de flores. Decididamente ampliaria o jardim. Tinha estado lendo sobre espécies perenes, as que melhor se davam ao sol e as que necessitavam sombra. Havia um espaço estupendo onde as árvores começavam a substituir à grama. Pensou que umas lilás, uns gladíolos e umas pervincas ficariam bem ali e acrescentariam um pouco de variedade.

Acaso não seria estupendo, perguntou-se, despertar um sábado pela manhã, remover a terra, compor canteiros com bonitas flores, planejando a composição, o crescimento, as texturas e cores? E as ver crescer, florescer e esparramar-se ano detrás ano?

Através do espelho viu um movimento depois da janela. O coração lhe subiu à garganta, enquanto uma sombra escura se deslizava depois dos cristais escuros. A janela rangeu e ela se girou lentamente, empunhando a escova como se fora uma arma.

Então CAM pisou no batente.

—Olá! —Tinha-lhe gostado de olhar como se escovava o cabelo e lhe

desgostou quando deixou de Te fazê-lo trouxe algo.

CAM mostrou um ramo de violetas que Anna tentou olhar com cara suspeita.

—Como chegaste até aqui?

—Subindo —respondeu dando um passo adiante e ela para trás.

—Subindo por onde?

—Pelo lateral da casa, principalmente. Eu estava acostumado a subir e descer pela canaleta, mas então estava menos.

Ele se aproximou e Anna retrocedeu.

—Que inteligente! E se te cai?

CAM tinha escalado escarpadas montanhas rochosas em Montana, México e França, mas sorriu de forma cativante ante sua preocupação.

—Haveria-o sentido?

—Não acredito. —Como ele se colocou à distância de um braço, Anna alargou a mão e tomou o ramalhete que estava ligeiramente estragado —. Obrigado pelas flores. boa noite.

Que interessante!, pensou ele. A voz e a atitude da Anna eram muito formais, a pesar do fato de que estava ante ele com pouco mais que uma camiseta branca larga. Por alguma razão, CAM encontrou a singela e prática objeto de algodão absurdamene sexy. Parecia que por fim ia poder seduzi-la.

—Não podia dormir —declarou. moveu-se e girou o interruptor, deixando somente o pequeno abajur de noite iluminando com uma luz dourada e cálida.

—Não o tentaste muito —respondeu ela, girando o interruptor de novo.

—me pareceram horas —comentou, enquanto levantava uma mão para passar brandamente um dedo por seu braço da boneca até o cotovelo. Tinha a pele moréia, quase dourada em contraste com o branco imaculado da camisola—. Só podia pensar em ti, minha muito belo Anna —disse brandamente—, a dos olhos italianos.

lhe pareceu que se elevava sobre as pontas dos pés ao sentir o roce daquele dedo que agora percorria a linha de sua mandíbula. Tinha o coração palpitando. Não, era o estômago. Não, era tudo.

—CAM, há um menino na casa.

—Que está dormido como um tronco. —CAM dirigiu os dedos para sua garganta para lhe medir o rápido bater do pulso—. Está roncando sobre o tapete do salão.

—Teria que haver subido a sua cama.

—por que?

—Porque... —Devia existir uma boa razão, mas como podia pensar com claridade quando ele estava olhando seu rosto com aqueles olhos cor cinza fumaça tão concentrados, tão intensos?—. Você tinha planejado isto —disse com voz débil.

—Não exatamente. Tinha pensado te levar a bosque escuro para dar um passeio antes de que a casa ficasse em silêncio. E então te tivesse feito o amor ao ar livre. —CAM tomou sua mão, girou-lhe a palma e depositou um beijo no centro—. À luz das estrelas, mas está chovendo.

—Está chovendo? —repetiu ela. Olhou a janela e viu que as cortinas se moviam com o vento que tinha refrescado. Quando olhou para trás, ele se tinha aproximado e a rodeou com seus braços. As largas Palmas, as hábeis mãos lhe acariciavam as costas.

—Quero te ter na cama, em minha cama. CAM inclinou a cabeça para mordiscar a base de beijos sua mandíbula, e depois justo debaixo, onde a pele era tão suave como a água—. Te desejo, Anna. Dia e noite.

—Amanhã —começou a dizer ela.

—Esta noite. Amanhã... —a palavra «sempre», que tinha na ponta da língua, ficou aí quando a beijou.

Anna emitiu um ligeiro som que pôde ser de angustia no momento em que CAM deslizou a língua entre seus lábios entreabiertos para profunizar o beijo, que se foi fazendo mais e mais fundo até que ela só pôde deixar-se afundar. As belas florecitas caíram ao chão quando seus dedos se afrouxaram sem forças.

CAM só a tinha beijado assim uma vez antes, com aquela inexplicável ternura que fez que ela descobrisse sua alma. Se tivesse podido articular palavra, teria balbuciado seu amor por ele. Mas tinha os joelhos tremendo, o coração perdido e as paabras se encontravam fora de seu alcance.

O a tocou ligeiramente. unicamente suas mãos ligeiras nas costas, enquanto sua boca bebia na dela, destruindo-a.

—Esta vez não é uma competição —se ouviu murmurar, mas não estava seguro de se se dirigia a ela ou a ele mesmo. Só sabia que queria ir devagar, dolorosamente devagar, sem tempo, de tal forma que pudesse saborear cada instante, cada movimento, cada gemido.

O se moveu para apagar as luzes.

—Quero esta parte —sussurrou e começou seu caminho pela frágil pele até a zona sob a mandíbula de novo—. E esta também —disse dirigindo-se para a fina coluna de sua garganta, onde o aroma era quente e o sabor defumado.

Quando ele se apartou e lhe aconteceu a camisa por cima da cabeça, ela tomou fôlego. Queria recuperar-se e lhe devolver parte do que lhe estava dando. aproximou-se dele e ficando nas pontas dos pés obteve que os olhos e as bocas ficassem ao mesmo nível.

Mas lhe beijou na têmpora, na sobrancelhas, nos olhos quando pestanejaram juntos.

—Eu gosto de te olhar —declarou ele. Tomou o bordo de sua camisa e foi levantando pouco a pouco. A ti toda inteira. Inclusive quando não está perto de mim tenho tua imagem na cabeça.

Quando a camisola caiu ao chão, CAM manteve os olhos fixos em seu rosto e a acurrucó em seus braços. Notou como tremia.

E soube, em um brilho fugaz que lhe cortou o fôlego, que nunca tinha desejado a nenhuma mulher como a Anna. Esta vez, quando a tombou sobre a cama, foi ele quem se inundou cegamente no beijo.

Não teve que ordenar a suas mãos que fossem suaves, que fossem devagar. Não teve que refrear a urgência da posse, nem quando sentiu o

suspiro dela tão suave sob suas carícias, nem quando se movia de forma tão flexível sob suas mãos, nem quando se estava dando por completo antes de que ele o pedisse.

O explorou assombrado seu corpo, como se fora a primeira vez. A primeira mulher, o primeiro desejo.

De algum jeito tudo era novo: esse desejo de duração, de tomar a sorvos em lugar de engolir, de deslizar-se em lugar de correr. Quando lhe percorreu o corpo com as mãos, a pele do CAM se estremeceu e sentiu calor.

Nenhum dos dois escutou as primeiras e suaves gotas de chuva, nem o leve mas penetrante gemido do vento.

Ela se elevou até chegar a uma quebra de onda larga e vibrante, e flutuando caiu de novo sussurrando seu nome.

O prazer era líquido, suave como o rocio da manhã e extenso como o largo mar. Podia sentir como se deslizava por seu corpo, derramando-se, cambiante, levando-a de novo ao alto, a uma cúpula curvada onde só existia ele.

Ela apertou a boca contra sua garganta, suas costas; tivesse-lhe absorvido se tivesse sabido cóo fazê-lo. Ninguém a tinha transportado daquela forma. Quando ela emoldurou seu rosto on as mãos, atraiu sua boca e verteu naquele beijo todo seu ser, soube que era dele, totalmente dele.

Quando ele a penetrou só foi um passo mais. Ela se abriu, tomou e lhe correspondeu. moveram-se juntos lentamente com a respiração entrelaçada, com os olhos o um no outro. moveram-se unidos com suavidade, compassando o ritmo para alargar cada gota de prazer.

O prazer aumentou, aturdiu-lhes, deslumbrou-lhes até que ela curvou os lábios apesar de que todo lhe dava voltas.

—me beije —pediu ela em uma última e tremente respiração.

Então se encontraram suas bocas, pegaram-se como se aquela última quebra de onda arrolladora afundasse aos dois.

CAM não falou, não se atreveu a fazê-lo, quando as mãos da Anna se deslizaram brandamente desde suas costas até a cama. sentia-se como se se atirou de um escarpado e tivesse aterrissado sobre o coração. Tinha o coração ao descoberto, inchado, e pertencia a ela.

Se aquilo era amor, estava morto de medo.

Entretanto, não se podia mover, não podia permitir que ela se fora. Ela estava tão bem a seu lado, sentia-se tão a gosto com ela ali. Tinha o corpo débil, satisfeito e a cabeça quase vazia. Unicamente era o coração o que tremia e pulsava.

Já se preocuparia depois.

Sem dizer nada, nenhuma palavra, trocou de postura aproximando-a mais junto a si, de forma possessiva, enquanto a chuva lhe arrulhava até que dormiu.

Anna despertou com a luz do sol lhe cegando os olhos, e se surpreendeu ao encontrar-se pega ao CAM. Os braços de este a rodeavam em um forte abraço, ao igual a lhe rodeava com os seus. Tinham as pernas entrelaçadas de tal maneira que a perna direita da Anna estava enganchada sobre o quadril dele como se fora uma âncora: Se ela tivesse tido a cabeça limpa, lhe podia ter ocorrido que embora os dois assumiam que sua aventura era casual, inclusive algo complexa, na cama era onde melhor se entendiam.

Anna deslizou a perna para baixo tentando desfazer o nó formado por seus membros, mas ele se moveu e imobilizou ainda mais a perna dela.

—CAM —sussurrou sentindo-se culpado e amalucada. Ao não receber resposta se revolveu e falou mais alto—. CAM, acordada.

O emitiu um grunhido, aproximou-se mais e murmurou algo contra seu cabelo.

Anna suspirou e, vendo que não tinha eleição, levantou a perna apanhada entre as do CAM, até que com o joelho apertou com força seu entrepierna. A seguir lhe deu uma cotovelada leve.

Assim conseguiu que abrisse os olhos.

—O que? O que acontece?

—Acordada.

—Estou acordado —respondeu com os olhos entreabiertos, mas não zangado—. Te importaria mover você...? —Quando a pressão cedeu, CAM deixou escapar o fôlego que tinha estado retendo—. Obrigado.

—Deve ir —disse ela outra vez entre sussurros—. Não teria que haver ficado toda a noite.

—por que não? —sussurrou ele a sua Esta vez é minha cama.

—Sabe o que quero dizer —vaiou a jovem—. Algum de seus irmãos poderia despertar em qualquer momento.

obrigou-se a levantar um pouco a cabeça para esquadrinhar o relógio que estava na mesinha de noite do outro lado.

—São mais das sete. Ethan já estará levantado e certamente já teria esvaziado a primeira cesta de caranguejos. por que falamos em sussurros?

—Porque você não deveria estar aqui.

—Eu vivo aqui —respondeu com um sorriso preguiçoso no rosto—. Demônios! fica muito bonita quando está despenteada e sente vergonha. Acredito que te possuirei outra vez.

—Estate quieto —disse com uma risada tola, até que notou que a mão do CAM se movia às escondidas para tocar seu peito—. Agora não.

—Estamos aqui nus e você é toda suavidade e calor —declarou CAM, aproximando-se de seu pescoço.

—Não comece.

—Muito tarde. Já estou na primeira volta.

E de fato quando ele trocou de postura, Anna compreendeu que tinha divulgado o pistoletazo de saída. CAM penetrou a jovem com um movimento tão suave, tão natural, tão fácil e tão agradável que se limitou a suspirar.

—Não gema ou despertará a meus irmãos —disse em sua orelha com uma risada sufocada.

Anna soltou uma gargalhada e, a meio caminho entre a diversão e a excitação, trocou de postura, girou e ficou escarranchado sobre ele. CAM tinha aspecto dormitado, perigoso e excitante. Quase sem respiração, Anna uniu as mãos por cima de sua cabeça. inclinou-se e apanhou o lábio inferior da boca do CAM até sorvê-lo.

—De acordo menino preparado, a ver quem geme antes. E arqueando-se para trás começou a cavalgar.

Tempo depois, decidiram que tinham empatado.

Anna lhe obrigou a saltar pela janela, o que considerou totalmente ridículo. Entretanto, lhe fez sentir algo menos decadente. Quando baixou as escadas a casa estava silenciosa, e como se deu uma refrescante ducha, encontrava-se cômoda vestida com umas calças de algodão de tênue cor azeitona e uma camiseta de camuflagem. Seth continuava dormindo sobre o tapete. Parvo montava guarda no chão.

Ao ver a Anna, o cachorrinho lutou por levantar-se, choramingando e queixando, enquanto a seguia até a cozinha. imaginou que ou tinha o estômago vazio, ou a bexiga enche. Quando abriu a porta, Parvo saiu disparado como uma bala, demonstrando que se tratava do último, e fez um pis enorme sobre umas azaleas que estavam a ponto de florescer.

Os pássaros cantavam a pleno pulmão, alegremente. O rocio faiscava sobre a erva, que necessitava que a cortassem. Ainda havia sobre a água um pouco de bruma, mas se estava limpando rapidamente, como se fora fumaça voando, e entre a bruma, Anna pôde contemplar pequenas faíscas de sol reluzindo sobre a água tranqüila.

O ar estava afresco depois da noite de chuva, e as folhas pareciam mais verdes, como se tivessem crescido mais desde no dia anterior.

Criou uma pequena fantasia que incluía café fumegante e um passeio até o mole. No momento em que deu o primeiro passo para preparar o café, entrou CAM pela porta da rua.

deu-se conta de que não se barbeou, e aquela leve sombra lhe sugeria

uma preguiçosa manhã de domingo no campo. CAM levantou uma sobrancelha.

Anna tirou duas taças do armário e depois levantou a sua.

—bom dia, Cameron.

—bom dia, Anna. —Decidido a lhe seguir o jogo, aproximou-se dela e lhe deu um casto beijo—. Que tal dormiste?

—Muito bem, e você?

—Como um tronco —respondeu, enquanto fazia um cacho de cabelo ao redor do dedo com o cabelo da jovem—. Não havia muita tranqüilidade para ti?

—Tranqüilidade?

—Você é uma garota de cidade, possivelmente o silêncio do campo...

—Ah! Não. Eu gosto. Em realidade, acredito que nunca tinha dormido tão bem.

estavam-se sonriendo o um ao outro quando entrou Seth tropeçando e esfregando-os olhos.

—Há algo para comer?

CAM apartou o olhar que tinha fixa na Anna.

—Phillip esteve presumindo de que ia preparar gofres. vá despertar lhe.

—Gofres? Que guay! —Seth saiu correndo com os pés nus golpeando contra o chão de madeira.

—Ao Phillip não vai gostar de —comentou Anna.

—Foi ele quem começou com a história dos gofres.

—Posso prepará-los eu.

—Você fez o jantar. Aqui fazemos turnos, para evitar o caos e para que não corra o sangue —respondeu CAM. Então se escutou um ruído surdo e desagradável em cima de suas cabeças—. por que não tomamos este café e nos pomos fora da linha de tiro?

—Eu estava pensando o mesmo.

CAM, seguindo um impulso, agarrou uma vara de pescar.

—Toma isto —disse—. Fez uma ronda pela geladeira e se topou com um pequeno arena do queijo Brie do Phillip.

—Pensei que íamos tomar gofres —comentou ela.

—E vamos fazer o. Este é a ceva —respondeu enquanto se guardava o queijo no bolso e tomava a taça de café.

—Utiliza o queijo Brie como ceva?

—usa-se o que se tem à mão. Se um peixe for picar, fará-o com o que seja, com qualquer maldita coisa —respondeu, lhe tendendo sua taça de café—. vamos ver o que conseguimos.

—Eu não sei pescar —disse ela, enquanto saíam fora.

—Não passa nada. Você lança o verme, neste caso um queijo riquíssimo, e a esperar a ver o que acontece.

—Então, por que os homens normalmente vão com todos esses arranjos tão complicados e muito caros, e com esses estranhos chapéus?

—São só adornos. Não estamos falando de pesca com mosca seca. Simplesmente se trata de jogar um cano à água. Se não sermos capazes de tirar um par de «gatos» enquanto Phillip traz os gofres à mesa, é que perdi meu toque especial.

—Gatos? —durante um instante de assombro, Anna ficou totalmente horrorizada—. Não utilizará gatos como ceva?

CAM a olhou piscando e se deu conta de que ela estava muito séria. Então soltou uma gargalhada.

—É obvio que sim. Agarra-lhes pelo rabo, esfola-lhes a tripa e os lança. —Sentiu pena por ela, mas só porque ficou branca como uma parede. Entretanto não deixou de rir—. São peixes gato, querida. vamos pescar algum peixe gato antes de tomar o café da manhã.

—Que gracioso! —declarou a jovem sorvendo pelo nariz, e começou de novo a caminhar—. O peixe gato é horroroso, vi-o em fotografias.

—Está-me dizendo que alguma vez provaste o peixe gato?

—E por que razão deveria havê-lo feito? —sentou-se ao bordo do mole agarrando a taça de café com ambas as mãos, um tanto desgostada.

—Frita-o fresco e frita-o bem, e nunca terá tomado nada melhor. Põe-te uns sapatos cômodos, agarra umas espigas de milho de milho e terá uma festa preparada.

Anna lhe contemplou enquanto CAM se sentava a seu lado e começava a cevar o anzol com o queijo Brie. Tinha barba incipiente, o cabelo despenteado e os pés descalços.

—Peixe gato frito e sapatos cômodos? Que o diga o temerário Cameron Quinn, o homem que compete em carreiras sobre água, terra e corações através de toda a Europa... Acredito que seu pastelito romano não te reconheceria.

CAM fez uma careta e lançou o linha à água.

—Não vamos voltar a falar disso, verdade? —comentou.

—Não —disse rendo e depois se inclinou para lhe beijar a bochecha—. Quase não te reconheço nem eu mesma, mas acredito que eu gosto.

O lhe tendeu o cano.

—Tampouco você parece esta manhã a soberba e dedicada servidora pública, senhorita Spinelli.

—Os domingos libero. O que faço se lança um peixe?

—Pois o tira da água.

—Como?

—Já nos preocuparemos quando ocorrer —respondeu. inclinou-se para agarrar a armadilha para caranguejos amarrada ao pilote mais próximo —. Pelo menos esta noite não morreremos de fome.

Ao ver aproximá-las pinzas que entrechocaban, Anna levantou os pés da água ligeiramente, mas se alegrava de estar sentada ali bebendo café e contemplando o despertar da manhã. Quando mamãe pato e suas seis crias como bolinhas passaram nadando, a jovem teve a típica reação de garota urbana aos olhos do CAM.

—Olhe, olhe! Que patitos. Que macacada!

—Todos o anos agarramos um ninho na curva próxima ao final do bosque —respondeu ele. Ao ver que Anna tinha um olhar sonhador, não pôde resistir a tentação—. É bom caçá-los no inverno.

—Caçar o que? —murmurou ela enfeitiçada imaginando-se como se sentiria ao ter na mão uma daquelas bolinhas peludas. de repente abriu enormemente os olhos horrorizada—. Você dispara a esses patitos?

—Bom, logo já são maiores —respondeu, embora não tinha disparado nem aos patos nem a nenhuma outra costure em sua vida—. Te pode sentar e matar dois daqui antes do café da manhã.

—Deveria te dar vergonha.

—Aí te nota que é de cidade.

—Eu diria que se nota minha humanidade. Se fossem meus patos, não consentiria que ninguém lhes disparasse. —Ao ver a careta zombadora em sua cara, Anna entrecerró os olhos—. Está tentando te burlar de mim.

—E o consegui. Está tão bonita quando te zanga! —declarou. Beijou-a na bochecha para abrandá-la—. Minha mãe tinha o coração muito brando para permitir que caçássemos. A pesca nunca lhe incomodou. Dizia que era uma luta mais igualada e além disso odiava as armas.

—Como era sua mãe?

—Era... uma pessoa firme —declarou ao final—. Era difícil que se alterasse. Mas se o conseguia podia te levar uma bofetada, embora lhe custava fazê-lo. Gostava de seu trabalho, os meninos. Tinha muitas debilidades. Chorava com algumas filmes e livros, inclusive lhe incomodava ver como limpávamos o pescado. Mas quando havia algum problema, aparecia de novo a firmeza.

CAM tinha tomado a Anna da mão sem dar-se conta, entrelaçando os dedos.

—Quando vim aqui me tinham dado uma boa surra. Ela me instalou aqui. Eu pensava escapar assim que me encontrasse bem. Dizia-me mesmo que aquele casal eram um par de gilipollas. Podia lhes roubar com os olhos enfaixados e partir quando quisesse. Queria chegar ao

México.

—Mas não foi —disse Anna com suavidade.

—Apaixonei-me por ela. Foi o dia que voltei de navegar com papai pela primeira vez. Me tinha aberto um mundo novo. Sentí,miedo, mas aí estava. Papai entrou em casa para pontuar alguns exames, acredito. Eu estava dizendo gilipolleces a respeito de ter que me pôr aquele estúpido colete salva-vidas, e de tudo em geral. Então ela me tirou da mão e me atirou à água diretamente. E disse que era conveniente que aprendesse a nadar, e me ensinou. Apaixonei-me por ela a dois metros deste mole. Já ninguém tivesse podido me apartar daqui.

Anna comovida, aproximou as mãos entrelaçadas a sua bochecha.

—Tivesse-me gostado de conhecê-la, conhecer seus pais, aos dois.

O se endireitou e de repente caiu na conta de que lhe tinha contado uma história que nunca tinha compartilhado com ninguém, e se lembrou de como a noite anterior tinha estado sentado ali falando com seu pai.

—Isto..., você crie que a gente volta?

—De onde?

—Já sabe, fantasmas, espíritos, toda essa sujeira do Mais à frente e demais.

—Eu não acredito em todo isso —disse depois de uma breve pausa—. depois de morrer minha mãe houve um tempo em que me parecia cheirar seu perfume. Sentia no ar, no ambiente, aquele aroma tão... próprio de minha mãe. Possivelmente era real, possivelmente era minha imaginação, mas em qualquer caso me ajudou. Suponho que isso é o que importa.

—Sim, mas...

—Ai! —exclamou, enquanto quase lhe caía o cano ao sentir o puxão—. Aí, aí! Agarra-o.

—Bom, conseguiste-o! —respondeu pensando que aquela distração era estupenda. Um minuto mais e em um ataque de loucura lhe tivesse confessado tudo. inclinou-se para agarrar o cano e mantê-la firme—. Recolhe o carretel, e logo solta um pouco. Assim. Não dê puxões.

Devagar e com firmeza.

—Parece que é grande —disse Anna, a quem lhe retumbava o coração nos ouvidos—, muito grande.

—Sempre o parecem. Já o tem. Recolhe-o agora. —levantou-se para agarrar a rede que sempre pendurava do bordo do mole—. Levanta-o e tira-o fora.

Anna se tornou para atrás com os olhos médio fechados, que se abriram de repente quando viu o peixe fora da água cintilando ao sol, retorcendo-se.

—meu deus!

—Que não te caia, pelo amor de Deus! —Morto de risada, CAM a agarrou pelo ombro antes de que caísse à água, e inclinando-se, apanhou ao escorregadio peixe com a rede—. Que bom exemplar!

—E eu o que faço, o que faço agora?

CAM liberou o peixe do anzol e depois, para espanto da Anna, tendeu-lhe a rede.

—Sujeita a.

—Não me deixe com isto —disse a jovem olhando a rede de soslaio, e ao encontrar-se com as barbas e os olhos do peixe, fechou os seu—. CAM, vêem aqui e te faça carrego desta coisa espantosa.

O homem deixou o cubo de boca larga que acabava de encher com água no mole, tomou a rede e jogou dentro a captura.

—Uma garota de cidade!

Anna deixou escapar um suspiro de alívio.

—Possivelmente o seja —comentou e depois jogou uma olhada ao cubo —. Uf, que feio é. Solta-o.

—Nem o sonhe. Pesará uns quatro quilogramas.

Quando Anna se negou a tomar o cano de novo, CAM sacrificou o resto

do queijo Brie de seu irmão e se dispôs a ocupar-se de pescar ele mesmo o que faltava para o jantar.

Anna trocou de atitude quando viu a reação do Seth sobre o que tinha feito aquela manhã. Para ela foi um triunfo inesperado impressionar a um menino pescando aquilo tão feio, especialmente vindo de alguém a quem gostava do pescado. Quando se dirigia com o CAM ao estaleiro, decidiu que um de seus próximos projetos seria ler algo sobre a pesca.

—Acredito que com a ceva apropriada, posso pescar algo mais atrativo que um peixe gato.

—Gosta que na próxima semana vamos desenterrar larvas de noite?

Anna se baixou um pouco os óculos de sol.

—Assim, como sonha?

—Em efeito.

A jovem voltou a colocá-las óculos.

—Pois não acredito que goste. Prefiro seguir utilizando o colchão de plumas e essa preciosa estantería —declarou e voltou a lhe olhar—. Então, você conhece a famosa receita secreta de seu pai dos gofres?

—Não. Nunca me contou isso. Acredito que se deu conta muito em breve de que eu era um desastre na cozinha.

—Como posso subornar melhor ao Phillip?

—Não lhe tiraria uma palavra nem no potro de tortura. A receita só se transmite entre os Quinn —disse CAM.

Já veremos, pensou Anna, enquanto se dava golpecitos no joelho, o que continuou fazendo quando entraram no solar junto ao velho edifício de tijolo. Não estava segura de que reação esperava CAM dela. Por isso pôde ver, havia poucas mudanças. Tinham retirado o lixo e reparado as janelas rotas, mas o edifício seguia tendo um aspecto velho e abandonado.

—limpastes —declarou, já que lhe parecia um comentário pouco

arriscado, que pareceu gostar ao CAM, enquanto saíam do carro.

—O mole necessita uma reparação —comentou ele—. Phillip se ocupará de tudo. —Tirou umas chaves tão reluzentes como o cadeado novo da porta de entrada—. Acredito que deveríamos pôr um pôster ou algo assim —disse quase para si, enquanto abria a fechadura.

Quando abriu a porta, Anna captou o aroma de serrín, a umidade e a café passado. Mas quando entrou, o sorriso educado que mantinha no rosto se transformou em assombro.

CAM acendeu umas luzes que a cegaram. A iluminação era muito clara porque só havia lâmpadas sem abajures pendurando do teto. O chão, que tinha sido reparado, estava varrido e quase limpo. No ângulo mais próximo tinham colocado um muro cego para criar uma divisão do espaço. As escadas eram novas e o passamanes de madeira clara estava envernizado. O piso superior seguia parecendo perigoso, mas se deu conta do potencial de todo aquilo.

Viu polias e drizas, enormes ferramentas elétricas com dentes terríveis e um armário metálico com gavetas onde supôs que se guardavam misteriosas ferramentas. Nas portas que comunicavam com o mole, viu umas fechaduras de aço novas que reluziam.

—CAM, é maravilhoso. Que rápido trabalhastes!

—A velocidade é minha especialidade —disse com despreocupação, mas encantado ao ver que estava impressionada de verdade.

—tivestes que trabalhar como escravos para conseguir tudo isto —comentou. Embora queria vê-lo tudo, foi a enorme plataforma central a que atraiu sua atenção. Sobre ela havia um desenho com giz e lápis cheio de curvas, linhas e ângulos.

—Não o entendo —comentou fascinada e dando uma volta ao redor—. Se supõe que isto é um navio?

—É um navio, o navio. É o casca de ovo. desenha-se o casco a tamanho real, as seções do vazamento, as formas transversais e depois se comprovam desenhando algumas curva longitudinais, como a deriva, que são as linhas de flutuação.

CAM estava de joelhos na plataforma enquanto falava, e utilizava as mãos para expressar-se, embora ela não entendesse nada ainda. Não importava se ela compreendia a explicação técnica ou não. Entendia a ele. Possivelmente CAM ainda não era consciente, mas se tinha apaixonado por aquele lugar e do trabalho que ia desenvolver ali.

—Terá que acrescentar as linhas de proa e as diagonais. Poderíamos utilizar o desenho de novo, e é a única forma de reproduzi-lo exatamente igual. É um desenho cojonudo. Eu gostaria de lhe acrescentar os detalhes estruturais em tamanho real. quanto mais preciso seja, melhor.

CAM levantou a vista e encontrou a Anna sonriendo enquanto jogava com as costeletas dos óculos.

—Perdoa, não tem nem idéia do que te estou falando —disse.

—Parece-me maravilhoso, e de verdade o penso. Aqui estão construindo algo mais que navios —declarou a jovem.

Ligeiramente envergonhado, CAM ficou de pé.

—A idéia é construir navios —respondeu, saltando agilmente fora da plataforma—. vamos ver aquilo.

Tomando a da mão, levou-a até o muro oposto onde estavam pendurados dois quadros. Um, do navio favorito do Ethan, o skipjack, e outro do navio em construção.

—Tem-nos feito Seth —disse com um deixe de orgiillo na voz que ele não notou—. É o único de nós que pode fazer um desenho como Deus manda. Phil o faz bem, mas o menino é muito bom. O seguinte será o navio de pesca do Ethan, e depois o balandro. Tenho que fazer um par de fotos de uns navios nos que trabalhei para que os possa desenhar.

Os vamos pendurar todos aqui e acrescentaremos os que vamos construindo. Como se fora uma espécie de exposição da marca comercial.

Anna tinha os olhos cheios de lágrimas quando se voltou e lhe abraçou. Surpreendeu-lhe a força do abraço, mas a correspondeu.

—É algo mais que navios —murmurou a jovem, e se endireitou para pôr as mãos aos lados da cara do CAM—. É maravilhoso —repetiu e pôs seus lábios sobre os dele.

O beijo lhe alagou, afligiu-lhe, deixou-lhe aniquilado. Tudo o que tinha relação com ela, com eles dois, começou a dar voltas por seu coração. E as perguntas, milhões de perguntas, zumbiram dentro de sua cabeça. A resposta, a singela resposta a todas as perguntas a teve muito perto de si mesmo.

Disse seu nome só uma vez e depois a apartou com certa insegurança. Precisava vê-la, olhá-la de verdade, já que ele não se encontrava realmente muito seguro de nada.

—Anna —repetiu de novo—. Espera um momento.

antes de que a resposta pudesse lhe proporcionar uma certa firmeza, antes de que pudesse sentir-se seguro de novo, a porta se abriu com um rangido e entrou a luz do sol.

—me perdoem meninos —disse Mackensie amavelmente—. Vi o carro aí fora.

Dezenove

A primeira reação do CAM foi de enorme chateio. Estava ocorrendo algo, algo importante não queria interrupções.

—O negócio está fechado, Mackensie —declarou enquanto mantinha sujeito com força o braço da Anna e lhe dava as costas a quem não considerava mais que um chato chupatintas.

—Não pensei que o estivesse —respondeu Mackensie com voz ainda amistosa e suave. Em seu campo de trabalho não era bem-vindo normalmente—. A porta estava aberta. Bom, isto vai ser algo grande.

Mackensie era em seu interior um apaixonado da bricolagem, e ao contemplar todas aquelas flamejantes ferramentas elétricas se o fazia a boca água.

—Aqui reuniram uma equipe de primeira —declarou.

—Se quiser um navio, volte amanhã e falamos —respondeu CAM.

—Eu me enjôo —confessou Mackensie com uma careta rápida—. Não posso nem estar sobre um mole sem sentir náuseas.

—Jódase. Parta.

—Entretanto, certamente eu gosto dos navios, embora deva confessar que nunca me expus como se constróem. vê-se uma boa montagem por aqui. Deveu-lhes que custar um bom maço de bilhetes.

Esta vez, CAM se voltou com rabia nos olhos mostrando um perigo maior que o de uma pistola.

—É meu problema como gasto o dinheiro —declarou.

Anna, desconcertada, pôs a mão sobre o braço do CAM. Não lhe chocava que fora grosseiro, já que lhe tinha visto sê-lo outras vezes, mas sim lhe surpreendia o súbito tom de ira ante o que ela não considerava mais que algo molesto.

Pensou que se aquela era a forma em que pensava tratar aos clientes potenciais, era melhor que fechasse o negócio.

antes de que lhe pudessem ocorrer palavras para lhe acalmar, CAM se desfez de sua mão.

—Que coño quer agora? —perguntou.

—Só um par de perguntas —respondeu saudando com a cabeça a Anna educadamente—. Senhora, sou Larry Mackensie, inspetor de

reclamações da Companhia True Life.

Anna, que estava em branco sobre o assunto, aceitou automaticamente a mão que lhe tendia.

—Senhor Mackensie, sou Anna Spinelli.

Mackensie fez um rápido repasse mental a seus arquivos. Em um momento caiu na conta de que ela era a assistente social do Seth DeLauter. Como tinha aparecido em cena depois do falecimento do assegurado, não tinha necessitado contatar com ela, mas aparecia na documentação. E a cena íntima que tinha contemplado lhe dizia que se encontrava muito unida a um dos Quinn, pelo menos. Não estava seguro de como ou quando lhe seria útil aquela informação, mas em qualquer caso tomava nota.

—Encantado.

—Se tiverem coisas que tratar —começou a dizer Anna— esperarei fora.

—Eu não tenho nada que discutir com ele, nem agora nem nunca. Parta a preencher seu relatório, Mackensie. terminamos —disse CAM.

—Não de tudo. Pensei que gostaria de saber que,regreso aos escritórios centrais. Em minhas entrevistas consegui grande quantidade de informação diversa, senhor Quinn. Embora não muito do que você qualificaria como «feitos inegáveis». —Olhou de novo para a serra de cinta, desejando fugazmente poder comprar uma igual—. Temos a carta que se encontrou no carro de seu pai, que se pode relacionar com seu estado mental. Um acidente de um só carro, no que o condutor era uma pessoa em forma, sem restos de álcool nem drogas —disse encolhendo-se de ombros—. Além disso temos o fato de que poucos dias antes do acidente, o assegurado aumentou a apólice e acrescentou um beneficiário. Esse tipo de coisas a companhia as olhe com receio.

—Parta e averigúe —respondeu CAM baixando a voz, qual grunhido ameaçador de cão—. Mas não aqui, não em minha casa.

—Só queria que soubesse como está o assunto. Começar um negócio novo —comentou Mackensie em tom casual— supõe um bom maço de bilhetes. Têm-no pensado faz muito tempo?

CAM saltou como uma mola e agarrando ao Mackensie pelas lapelas lhe pôs nas pontas dos pés sobre seus brilhantes sapatos de cordões.

—É um filho de puta.

—CAM, estate quieto! —A ordem chegou rápida e cortante da Anna, que sublinhou avançando para eles e pondo uma mão nas costas de cada um dos homens. Pensou que era como mediar entre um lobo e um touro, mas conhecia o terreno que pisava—. em Senhor Mackensie, acredito que será melhor que se vá.

—Seguirei meu caminho —declarou com voz bastante firme, a pesar do suor frio que lhe molhava a base do pescoço e gotejava ao longo de sua coluna—. São só detalhes, senhor Quinn. A companhia me paga para que reúna detalhe.

Mas não lhe pagavam para que um beneficiário furioso lhe sacudisse como a um polvo, recordou-se a si mesmo quando saiu e pôde tragar ar de novo.

—Bode, maldito bode —espetou CAM com vontades de golpear algo, o que fora, mas havia muito espaço vazio—. De verdade pensa que meu pai se embutiu contra um poste telefônico só para que eu pudesse construir navios? Teria que lhe haver dado um bom golpe. Maldita seja! Primeiro disseram que tinha sido porque não podia suportar o escândalo, e agora porque queria que tivéssemos um montão de dinheiro. A mierda com seu maldito dinheiro. Não lhe conheciam. Não nos conhecem nenhum de nós.

Anna deixou que jogasse pestes, que rondasse pelo edifício procurando algo que golpear. Tinha o coração gelado, paralisado contra as costas. Havia suspeitas de suicídio, pensou aturdida. Havia uma investigação em marcha.

E CAM sabia, tinha-o sabido todo o tempo.

—É um inspetor de reclamações da companhia onde seu pai contratou a apólice do seguro de vida, não?

—É um jodido imbecil —respondeu CAM girando-se, com mais palavrões que lhe mordiam a língua. Então viu o rosto da Anna rígido e completamente frio—. Não significa nada. Não vale a pena. Saiamos

daqui.

—Há suspeitas de que seu pai se suicidó.

—Meu pai não se matou.

Anna levantou uma mão. Tinha que deixar a dor de lado e concentrar-se no concreto.

—Você tinha falado com o Mackensie antes. E suponho que você, ou pelo menos seu advogado, estiveste em contato com a companhia de seguros a respeito deste assunto durante algum tempo.

—Disso se ocupa Phillip.

—Você estava ao tanto, mas não me comentou nada.

—Não é teu assunto.

Não, pensou, não sou capaz de manter enterrado tanto dor.

—Já vejo. —recordou-se que aquilo era pessoal. ocuparia-se disso mais tarde—. E como afeta todo isto ao Seth?

A raiva lhe invadiu de novo, abrindo-se passo para a garganta.

—Seth não sabe nada de nada.

—Se crie isso, está-te enganando. Os falatórios correm rápido nos lugares pequenos, nas comunidades fechadas. E os meninos escutam muitas coisas.

CAM pensou com certo ressentimento que quem falava agora era a assistente social. Imaginou vestida com um daqueles malditos trajes e além disso levando a maleta.

—Disso se trata, de falatórios. Não tem maior importância —respondeu.

—Ao contrário, as falações podem resultar muito daninhas. O melhor seria que falasse claro com ele, que o contasse, embora pareça que te resulta difícil fazê-lo.

—Não tergiverse as coisas, Anna. trata-se do jodido seguro. Nada mais.

—trata-se de seu pai —corrigiu ela—, de sua reputação. Acredito que não há nada que signifique mais para ti. —Suspirou profundamente—.

Entretanto, tal e como há dito, não tem nada que ver comigo no plano pessoal. Acredito que terminamos.

—Espera um momento —exclamou CAM. Avançou até ficar frente a ela, lhe bloqueando o passo. Sentiu com ansiedade que se ela se ia, chegaria algo mais longe que até o carro.

—Para que? Pode te explicar? É só um assunto de família, não? Eu não sou parte da família. Tem toda a razão —concluiu. Assombrou-lhe escutar sua voz soar tão acalmada, tão separada, tão absolutamente razoável quando estava a ponto de estalar—. E imagino que pensa que o melhor é manter o assunto a costas da assistente social, que é mais inteligente lhe apresentar só os aspectos positivos e esconder os negativos.

—Meu pai não se matou. Não tenho por que lhe defender nem ante ti, nem ante ninguém.

—Não, não tem por que, nem tampouco te pedi nunca que o fizesse —respondeu ela lhe rodeando e dirigindo-se para a porta.

O a agarrou antes de que chegasse, mas ela o esperava e se girou com toda calma.

—Não há por que discutir, CAM, quando estamos de acordo no principal.

—E você não tem por que zangar —respondeu a sua vez CAM—. Estamos ocupando da companhia de seguros, e também dos falatórios a respeito de que Seth era seu filho mais querido, pelo amor de Deus!

—Como? —disse assombrada apertando-a cabeça com a mão—. Se comenta que Seth é filho ilegítimo de seu pai?

—Não são mais que panaquices de mentes estreitas —replicou CAM.

—minha mãe! Paraste-te a pensar o que pode supor que Seth escute semelhantes comentários? Paraste-te a pensar sequer um momento que é algo que eu devia saber para poder avaliar e ajudar ao Seth da melhor maneira possível?

CAM colocou os polegares nos bolsos.

—Sim, pensei-o, e não lhe contei isso porque estamos nisso. trata-se de meu pai.

—Também de um menor de idade que está a seu cargo.

—Está a meu cargo —respondeu CAM sem alterar-se—, e essa é a questão. Faço o que considero melhor. Se não te contei nada sobre o assunto do seguro nem das falações é porque nada é verdade.

—Possivelmente não o sejam, mas ao não haver me contado isso, que mentiste é você.

—Não queria ir alimentando por aí essa gilipollez de que Seth é o bastardo de meu pai.

Anna assentiu lentamente com a cabeça.

—Está bem. Embora pense que Seth é o filho bastardo de algum outro homem, isso não minimiza seu valor como pessoa.

—Não quis dizer isso —começou a dizer enquanto se aproximava dela. Mas a jovem se apartou—. Não faça isso —explorou CAM e a abraçou —. Não te separe de mim. Pelo amor de Deus, Anna. Minha vida se transformou totalmente nos dois últimos meses, e não sei quanto tempo passará até que se estabilize de novo. Preocupa-me o menino, o trabalho, você. Mackensie rondando, a gente especulando sobre a moralidade de meu pai na seção de fruta do supermercado, a puta da mãe do Seth no Norfolk...

—Espera. —Esta vez Anna não se limitou a apartar-se, mas sim deu um puxão—. A mãe do Seth se pôs em contato contigo?

—Não, não —respondeu CAM, ao que lhe ardia a cabeça—. Contratamos um detetive para que averiguasse seu paradeiro. Phillip pensou que era melhor saber onde se encontrava, que intenções tinha.

—Já. —Seu coração se partiu em duas metades: uma de mulher, e outra profissional, e ambas sangravam—. Ou seja que está no Norfolk, mas tampouco te incomodou em me contar isso —Así lo único que conseguiremos es poner difíciles las cosas al chico. —Le molestó sentir que se le encogía el estómago con sólo pensarlo. Le horrorizó pensar que vería de nuevo aquella mirada de miedo en el pálido rostro de Seth —. No permitiré que ningún cotilleo malintencionado le complique la vida.

—Não, não lhe disse isso. —CAM se deu conta de que tinha recuado em

suas posições, e que não tinha escapatória—. Nos inteiramos que estava ali só faz dois dias.

—Os Serviços Sociais contam com que lhes proporcione esse tipo de informação.

O fez que seus olhos se encontrassem e assentiu lentamente.

—Suponho que sim. foi minha culpa.

Anna se deu conta de que entre ambos se desenhou uma linha espessa e ameaçadora.

—Evidentemente, em tudo isto não pensaste para nada em mim, nem tampouco em ti. vou explicar te algo. À margem do que pessoalmente possa sentir por ti agora, minha opinião profissional é que você e seus irmãos são as pessoas mais adequadas para lhes fazer cargo do Seth neste momento.

—De acordo, então...

—Tenho que avaliar a informação que acabo de obter —continuou Anna —, e tem que ficar refletida na documentação.

—Assim o único que conseguiremos é pôr difíceis as coisas ao menino. —Incomodou-lhe sentir que lhe encolhia o estômago com apenas pensá-lo. Horrorizou-lhe pensar que veria de novo aquele olhar de medo no pálido rosto do Seth—. Não permitirei que nenhum fofoco malintencionado lhe complique a vida.

—Está bem. Nisso estamos de acordo —respondeu Anna, quem se deu conta de que seus desejos se cumpriram, ao menos em parte.

Tinha estado por aí o suficiente tempo para dar-se conta de quanto chegava a lhe importar ao CAM o menino.

—Minha opinião profissional é que Seth está bem cuidado, tanto de um ponto de vista físico como emocional —declarou com voz cortante, muito em seu papel—. É feliz e está começando a sentir-se seguro. Ao que terá que acrescentar que ele te quer e que você quer a ele, embora nenhum dos dois são totalmente conscientes disso. Sigo acreditando que é necessária a assistência psicológica, e isso também o incluirei em meu relatório quando o tribunal falta sobre a custódia permanente. Como

te disse de um princípio, minha prioridade, minha absoluta prioridade, é o bem-estar do menino.

CAM caiu na conta de que Anna lhes apoiava firmemente, e que não lhe teria influenciado nada do que ele pudesse lhe haver contado, ou não lhe haver contado. Sentiu uma quebra de onda de culpabilidade aguda.

—Sempre fui absolutamente clara contigo —disse Anna antes de que pudesse articular palavra.

—Maldita seja, Anna!

—Não acabei —respondeu com frieza—. Não me cabe dúvida de que esperará a que Seth se assentou e a que o novo negócio funcione antes de estabilizar de novo sua vida, por utilizar suas mesmas palavras. O que acredito que significa reatar sua carreira como piloto na Europa. Deve encontrar a fórmula para reunir suas necessidades, mas isso não é meu assunto. Entretanto, pode ocorrer que se discuta a custódia, sobre tudo se a mãe do Seth aparece por aqui. Se for assim, todo o relatório do caso deveria ser avaliado de novo. Se ele se encontrasse feliz e bem cuidado de seu cargo, eu faria quanto estivesse em minha mão para que permanecesse com vós. Eu estou de sua parte, o que me coloca em seu lado. Isso é tudo.

CAM sentiu uma mescla de culpabilidade e verguenza enfeitadas com umas gotas de alívio.

—Anna, sou consciente de quanto tem feito. Estou-te muito agradecido.

Ela assentiu quando CAM levantou uma mão.

—Neste momento não gosta de ser muito cordial contigo. Não quero que me toque —respondeu.

—De acordo. Não te tocarei. nos sentemos em algum sítio e falemos de tudo isto.

—Acredito que já falamos.

—Agora te está pondo cabezota.

—Não, sou realista. dormiste comigo, mas não confia em mim. O fato de

que eu tenha sido clara contigo mas você comigo não, é meu problema. O fato de que tenha estado na cama com um homem que me considera por uma parte um entretenimento e por outra um obstáculo é meu engano.

—Não foi assim —rebateu CAM, ao tempo que sentia que perdia a calma apressado por um ataque de pânico—. E não é assim agora tampouco.

—Eu o vejo dessa maneira. Agora necessito tempo para averiguar o que sinto. Agradeceria-te que me aproximasse de meu carro —finalizou Anna, quem, dando-a volta, saiu.

CAM preferia que se zangasse a aquela frieza, aquela couraça geada depois da que a jovem tinha escondido seu estado de ânimo, e que ele não conseguia romper. E além disso sentia medo, um sentimento que não gostava. Anna esteve muito educada, inclusive amigável com o Seth e Phillip quando voltaram para a casa para que recolhesse suas coisas.

Também esteve educada com o CAM, tanto que pensou que ao longo dos dias recordaria a frieza de seu trato.

disse-se que não importava, que Anna o superaria, que simplesmente estava zangada porque CAM não tinha despido sua alma ante ela, e porque não tinha compartilhado os detalhes íntimos de sua vida com ela. Coisas de mulheres.

A1 fim e ao cabo as mulheres eram as que tinham inventado o desdém para que os homens se sentissem como uns vermes.

Decidiu que lhe daria dois dias para que se recociera em seu próprio molho. Deixaria que entrasse em razão. Depois lhe daria de presente umas flores.

—Jogou-te uma bronca —comentou Seth, enquanto CAM permanecia de pé ante a porta de entrada contemplando o exterior.

—O que saberá você! —exclamou CAM.

—Jogou-te a bronca —repetiu Seth, enquanto se entretinha com o caderno de desenho sentado com as pernas cruzadas no alpendre dianteiro. Não te deixou lhe dar um beijo de despedida e você está aí apertando os dentes.

—te cale.

—O que fez?

—Eu não tenho feito nada —disse CAM ao tempo que fechava a porta e saía dando fortes pisadas—. Simplesmente se está comportando como uma mulher.

—Algo tem feito —insistiu Seth lhe olhando com olhos de mocho—. Anna não é uma gilipollas.

—Lhe acontecerá —argüiu CAM sentando-se na cadeira de balanço. Não ia se preocupar. Nunca se preocupava com as mulheres.

Não tinha fome. Como ia comer pescado frito sem recordar como tinham estado pela manhã Anna e ele sentados no mole?

Não podia dormir. Como podia dormir em sua cama sem recordar como tinham feito o amor entre aqueles mesmos lençóis?

Não se concentrava no trabalho. Como podia desenhar diagonais sem recordar como tinha sorrido Anna quando lhe tinha ensinado a plataforma de montagem?

No meio da amanhã saiu e se dirigiu ao Princess Anne. Mas não lhe comprou flores. Agora era ele quem ia montar a bronca.

Passou de comprimento ante a recepção e entrou diretamente no escritório da Anna. E então ficou furioso ao encontrá-lo vazio. Típico, foi tudo o que pôde pensar. Tudo estava contra suya.

—Senhor Quinn —disse Marilou da porta com os braços cruzados—. Posso fazer algo por você?

—Estou procurando a Anna, à senhorita Spinelli.

—Sinto muito, mas não está disponível.

—Esperarei.

—Pois vai para comprido. Não estará disponível até na próxima semana.

—Na próxima semana? —repetiu CAM com os olhos entrecerrados, que recordaram ao Marilou a um aço afiado para matar—. O que significa que não estará disponível?

—A senhorita Spinelli se tomou a semana livre —respondeu Marilou, que se imaginava perfeitamente qual era a razão, posto que a tinha diante e a estava brocando com uns acerados olhos cinzas. Já o tinha pensado pela manhã quando Anna lhe apresentou o relatório e pediu o tempo livre—. Estou familiarizada com o caso, se por acaso há algo que eu possa fazer.

—Não, é um pouco de tipo pessoal. Onde se partiu?

—Não posso lhe dar essa informação, senhor Quinn, mas sim pode lhe deixar uma mensagem escrita, ou uma na secretária eletrônica. É obvio, se ficar em contato conosco estarei encantada de lhe dizer que você quer falar com ela.

—Está bem. Obrigado.

CAM saiu o mais rápido que pôde. Enquanto chegava ao carro carrancudo, pensou que provavelmente estaria em seu apartamento. Pois bem, deixaria que lhe gritasse, que vomitasse todo aquilo. Depois a levaria a cama para poder deixar atrás todo aquele ridículo episódio.

Não fez caso dos nervos que lhe atendiam o estômago quando cruzou o vestíbulo do apartamento. Chamou com brutalidade e depois se meteu as mãos nos bolsos. Chamou mais devagar e deu um murro na porta.

—Maldita seja, Alma! Abre a porta. Isto é uma estupidez. Vi seu carro estacionado fora.

A porta que tinha detrás rangeu ao abrir-se. apareceu uma enfermeira. O som de um programa matinal de jogos encheu o vestíbulo.

—Não está, jovem amigo da Anna.

—Seu carro está fora —insistiu CAM.

—foi em um táxi.

CAM afogou um taco, compôs a mais encantada de seus sorrisos e cruzou o vestíbulo.

—Onde foi?

—À estação de trem, ou possivelmente ao aeroporto —respondeu sonriendo. Pensou que realmente era um homem bonito—. Disse que partia uns dias. ficou de chamar para assegurar-se de que a irmã e eu nos encontrávamos bem. Que encanto, preocupar-se conosco durante suas férias!

—Umas férias em...

—Disse-o? —perguntou-se a jovem, mordendo-os lábios e pensando durante uns instantes—. Acredito que não. Tinha uma pressa tremenda, mas se deteve para que não nos preocupássemos. É uma garota muito considerada.

—Sim. —A garota encantadora e considerada lhe tinha deixado a ele na estacada.

Não tinha nenhuma necessidade de voar a Pittsburgh; o bilhete de avião tinha feito um bom buraco em seu pressuposto. Mas precisava ir. Queria ir. No mesmo instante em que chegou à estreita casa encostada de seus avós, a metade de suas preocupações desapareceram.

—Anna Louisa! —exclamou Theresa Spinelli, uma miúda e magra mulher com o cabelo cinza aço impecavelmente ondulado, um rosto sulcado por mil rugas amáveis e um sorriso mais largo que o mediterrâneo. Anna teve que inclinar-se bastante para beijá-la e abraçá-la—. Ao, Ao, nossa garotinha está aqui.

—Que gosto estar em casa, Canção de ninar!

Alberto Spinelli se apressou a sair à porta. Era um homem um palmo maior que sua miúda esposa, que só media um metro e médio, com largas costas, e que levava um pneumático de recâmbio que pressionou de forma acolhedora contra Anna quando ambos se abraçaram. Tinha o cabelo fino e cinza, os olhos escuros e alegres depois das grosas

óculos.

Alberto levou a Anna correndo até o salão para poder começar a alvoroçar na intimidade.

Falavam rápido em uma mescla de italiano e inglês. A comida era o primeiro na lista. Theresa sempre pensava que sua menina estava morta de fome. depois de enchê-la com ensopa minestrone, pão fresco e uma enorme ração de tiramisú, Theresa quase deu por sentado que sua pequena não morreria de desnutrição.

—Bem —disse Ao sentando-se e acendendo um de seus gordos puros —. Nos vais contar por que vieste?

—Necessito razões para vir a casa? —respondeu Anna lutando por não relaxar de tudo, enquanto se estirava em uma das duas poltronas brincalhonas, que lhe recordava as numerosas ocasiões em que lhe tinham resultado tão reconfortantes. Agora estavam estofos com um alegre tecido de raias, mas o almofadão que tinha debaixo do culo seguia sendo tão brando como a manteiga.

—Chamou-nos faz três dias e não mencionou o vir a casa.

—foi um impulso. tive tanto trabalho que me saía pela orelhas. Estou cansada e precisava fazer uma pausa. Queria vir a casa e comer os pratos de Canção de ninar durante um tempo.

aproximava-se o suficiente à verdade, embora não fora a verdade completa. Acreditava que não era muito inteligente por sua parte lhes contar a aqueles avós que a adoravam que se embarcou em uma aventura com os olhos fechados, e a tinha finalizado com o coração quebrado.

—Trabalha muito —disse Theresa—. Ao, não te digo sempre que a menina trabalha muito duro?

—A Anna gosta de trabalhar duro. Gosta de utilizar a cabeça, que tem muito bem mobiliada. Mas, eu, que também utilizo a cabeça, digo-te que não veio só para comer seus manicotti.

—Há manicotti para jantar? —perguntou Anna com um grande sorriso e sabendo que não conseguiria lhes enganar durante muito tempo. Tinham

conhecido seus piores momentos. Tinham-na suportado quando ela fez todo o possível por lhes ferir e ferir-se si mesmo. E a conheciam bem.

—Comecei a preparar o molho assim que chamou para dizer que vinha. Ao, não lhe dê a lata.

—Não lhe estou dando a lata. Estou perguntando.

Theresa pôs os olhos em branco.

—Se tiver uma mente tão brilhante dentro dessa enorme cabezota saberia que é por algum menino pelo que veio correndo a casa. É italiano? —perguntou Theresa olhando a Anna com uns brilhantes olhos parecidos com os de um pássaro.

Anna soltou a gargalhada. Que sorte, Meu deus, estar em casa!

—Não sei, mas adora o molho vermelho que preparo.

—Então tem bom gosto. por que não lhe traz para que possamos lhe jogar uma olhada?

—Porque temos algum problema que eu devo resolver.

—Resolver? —perguntou Theresa fazendo um gesto com a mão—. Como vais solucioná-lo se você estiver aqui e ele não? É bonito?

—É muito bonito.

—Tem trabalho? —quis saber Ao.

—Está iniciando um negócio próprio com seus irmãos.

—Que bem! É um homem familiar —disse Theresa inclinando a cabeça contente—. A próxima vez lhe traz, e julgaremos nós mesmos.

—De acordo —respondeu ela, já que era mais fácil assentir que dar explicações—. vou desfazer a bagagem.

—Tem-lhe quebrado o coração —murmurou Theresa quando Anna saiu da habitação.

Ao se aproximou e lhe deu golpecitos na mão.

—Tem um coração forte.

Anna se tomou seu tempo enquanto pendurava a roupa no armário e a guardava nas gavetas da velha cômoda que utilizava quando era pequena. A habitação estava quase igual. O papel das paredes estava um pouco mais estragado. Recordou que o tinha colocado seu avô para alegrar a habitação quando se transladou a viver com eles.

Então ela odiava as preciosas rosas da parede porque pareciam estar frescas e vivas, enquanto que todo seu interior estava morto.

Entretanto, as rosas permaneciam, um pouco mais velhas, mas ali estavam. Como seus avós. sentou-se na cama para escutar os familiares ruídos da primavera.

Ali estava o familiar, o reconfortante, o seguro.

Teve que admitir que aquilo era o que queria. Uma casa, filhos, a rotina, com todas as surpresas que uma família proporciona através do tempo. Supôs que para alguns aquilo poderia soar vulgar. Houve um tempo em que a ela o tinha parecido.

Mas agora Anna tinha maturado. Uma casa, o matrimônio, a família. Não havia nada vulgar em todo isso. Esses três elementos formavam uma unidade única e muito valiosa.

Queria e necessitava todo aquilo.

Possivelmente tinha estado jogando. Possivelmente não tinha sido clara de tudo. Nem com o CAM, nem consigo mesma. Não tinha tentado lhe apanhar em seus sonhos, mas acaso no fundo não tinha começado a

desejar que os compartilhasse? Tinha aparentado manter um relação sexual sem ataduras e ocasional, mas seu coração tinha sido o suficientemente imprudente para desejar muito mais.

Possivelmente merecia que lhe rompesse.

Nem pensar! Pensou levantando-se de um salto. esforçou-se, tinha aceito as limitações de sua relação. E apesar de tudo, ele não tinha crédulo nela. Isso era intolerável.

Decidiu que não assumiria aquela maldita culpa e se dirigiu airadamente para o rajado espelho do penteadeira e começou a retocar a maquiagem.

Algum dia conseguiria o que desejava. Um homem forte que a amasse, respeitasse-a e, sobre tudo, que confiasse nela. Um homem que a considerasse uma companheira e não uma inimizade. Teria uma casa no campo, perto da água, filhos próprios e um maldito e estúpido cão se quisesse. Teria todo isso.

Só que não seria junto ao Cameron Quinn.

Devia, ao menos, lhe agradecer o lhe haver aberto os olhos não só ante as falhas de sua suposta relação, mas também também respeito a suas necessidades e desejos pessoais.

Preferia engasgar-se.

Vinte

CAM tinha descoberto que uma semana podia resultar eterna. Sobre tudo quando se tem parecido na garganta um grande dilema impossível de tragar.

Ajudava o fato de que tinha conseguido brigar com o Phillip e com o Ethan. Mas não era exatamente quão mesmo um enfrentamento com a Anna.

Também lhe ajudou começar a trabalhar no casco do navio, que lhe supôs muito tempo de trabalho e de concentração. Não podia permitir-se pensar nela quando estava assoalhando.

Mas pensou nela de todos os modos.

Teve momentos maus quando imaginou em alguma praia do Caribe, com aquele minúsculo biquíni, e com algum bronzeado e musculoso tipo lhe estendendo nata protetora pelas costas e convidando-a a algum coquetel.

Então se disse a si mesmo que se partiu a algum lugar para lamber umas feridas imaginárias e que provavelmente se encontraria em alguma habitação de hotel tampada com os lençóis e molhando lenços.

Mas aquela imagem não lhe fez sentir melhor.

Quando retornou a casa depois de passar todo na sábado no estaleiro, gostava de tomar uma cerveja. Possivelmente dois. Ethan e ele se dirigiram diretamente à geladeira e já tinham desarrolhado duas garrafas quando chegou Phillip.

—Não está Seth com vós? —perguntou.

—Está em casa do Danny. —CAM bebeu da garrafa a fervuras para tirar o sabor do serrín da garganta—. Sandy lhe trará mais tarde.

—Está bem —disse Phillip agarrando uma cerveja—. Sentem-se.

—Como?

—recebi uma carta da companhia de seguros. —Phillip retirou uma cadeira—. O essencial é que estão dando rodeios. Utilizam um montão de términos legais, citam cláusulas, mas, em resumo, aduzem ter dúvidas sobre as causas da morte e vão seguir investigando.

—Terá que joderse! Os miseráveis bodes não querem soltar a massa —disse CAM zangado, e lhe deu uma patada a uma cadeira, embora lhe tivesse gostado de dar-lhe ao Mackensie.

—falei com nosso advogado —continuou Phillip, fazendo uma careta—. Acredito que a partir de agora se vai a replantear nossa amizade se sigo lhe chamando em fim de semana. Diz que temos várias opções. Podemos ficamos quietos e deixar que a companhia continue com a investigação, ou podemos lhes levar a julgamento por dívida da reclamação.

—Que fiquem seu jodido dinheiro, eu não o quero em nenhum caso.

—Não —argüiu Ethan com suavidade, como um eco do exabrupto do CAM. Seguiu contemplando sua cerveja enquanto meneava a cabeça—. Isso não é o correto. Papai pagou as cotas ano detrás ano. Fez uma ampliação pelo Seth. Não está bem que não paguem. E se não pagarem seguirá correndo o boato de que papai se suicidó. E isso tampouco está bem. Até o momento foram eles os que pressionaram —acrescentou elevando os olhos sombrios—. nós Façam-no agora.

—Se acabarmos nos tribunais —advertiu Phillip—, pode resultar uma boa confusão.

—Ou seja, que não vamos apresentar briga porque se pode montar um follón —rebateu Ethan com uma faísca de diversão no rosto pela primeira vez—. Está bem, que os jodan.

—CAM?

CAM deu um gole à cerveja.

—Faz tempo que gosta de uma boa briga. Acredito que esta é a ocasião.

—Então estamos de acordo. Teremos os papéis a semana preparados que vem e vamos lhes dar uma patada no culo —disse Phillip girando-se

—. Brindemos por uma boa bronca.

—Brindemos pela vitória —corrigiu CAM.

—Brindo por isso. Nos vai custar muito dinheiro —acrescentou Phillip—. Os honorários dos advogados, os gastos da documentação. A maioria do capital que reunimos se empregou no negócio —disse com um suspiro —. Acredito que necessitamos outro fundo comum.

CAM pensou em seu querido Porsche, que lhe aguardava pacientemente na Niza, com menos pena da que esperava. disse-se que não era mais que um carro, só um maldito carro.

—Eu posso obter dinheiro em efetivo em um par de dias —anunciou CAM.

—Eu posso vender minha casa —respondeu Ethan encolhendo-se de ombros—. Há gente perguntando por ela, e a tenho aí.

—Não —lhe contradisse CAM, a quem o só pensamento lhe atravessou na garganta—. Não a ataduras. Aluga-a. Sairemos desta.

—Eu ganhei algum dinheiro na Bolsa —interveio Phillip suspirando, e dizendo mentalmente adeus ao maço que estava incrementando sua carteira de investimentos—. Direi a meu agente de Bolsa que enfaixa para ter efetivo. Abriremos uma conta conjunta a semana que vem: o Fundo para a Defesa Legal dos Quinn.

Os três conseguiram sorrir um pouco.

—O menino deve sabê-lo —anunciou Ethan ao cabo de um momento—. Se formos embarcar nisto, deve saber o que acontece.

CAM levantou o olhar justo no instante em que seus dois irmãos fixavam a vista nele.

—Venha já. por que tenho que fazê-lo eu? —perguntou.

—É o major —lhe respondeu Phillip com uma careta zombadora—. Além disso, assim apartará a mente da Anna.

—Não estou dando voltas ao assunto da Anna, nem de nenhuma outra mulher.

—estiveste toda a semana crispado e melancólico —resmungou Ethan

—. Me tornaste louco.

—E a ti o que? tivemos umas pequenas diferenças e nada mais. Estou-lhe dando tempo para que se coza em seu próprio suco.

—Eu acredito que mais que cozerse estava ficando congelada a última vez que a vi —rebateu Phillip contemplando sua cerveja—. E disso faz uma semana.

—É meu problema como levo minha relação com uma mulher.

—É obvio. Mas me avise quando terminar com ela, vale?, porque Anna é...

Phillip emudeceu quando viu que CAM saltava por cima da mesa e lhe agarrava pelo pescoço. As garrafas de cerveja voaram e se estrelaram contra o chão.

Com resignação, Ethan se passou a mão pelo cabelo pulverizando gotas da cerveja queda. CAM e Phillip estavam no estou acostumado a esmurrando-se duramente um ao outro. Tomou outra cerveja fresca antes de encher uma jarra com água fria.

Suas botas de trabalho rangeram ao pisar nos cristais quebrados, que apartou para evitar levar a ninguém ao hospital a lhe dar pontos. Sem preferências por nenhum dos dois, esvaziou a jarra em cima de ambos os irmãos.

Conseguiu que lhe emprestassem atenção.

Phillip tinha o lábio partido e CAM ferroadas nas costelas, e ambos sangravam ao ter rodado sobre os cristais quebrados. Empapados e sem fôlego, contemplaram-se um ao outro com cautela.

Phillip, com certa precaução, passou-se os nódulos pelo lábio lhe sangrem.

—Sinto muito. A brincadeira não tinha graça. Não pensei que entre vós houvesse nada sério.

—Eu nunca disse que o fora —replicou CAM. Phillip riu e depois fez uma careta de dor, já que o lábio lhe supurava.

—Irmão, não faz falta. Acredito que nunca imaginei que seria o primeiro

de nós em te apaixonar.

O estômago prejudicado pelos punhos do Phillip se alterou.

—Quem diz que estou apaixonado por ela?

—Não me golpeaste a cara só porque você gosta de um pouco —ironizou Phillip e jogou uma olhada a suas calças de pinzas—. Mierda. Sabe o que costa tirar as manchas de sangue de um objeto de algodão? —levantou-se e tendeu uma mão ao CAM—. É uma garota estupenda —disse enquanto lhe ajudada a ficar em pé—. Espero que resolva.

—Não há nada que resolver —respondeu CAM desesperado—. Está muito equivocado.

—Se você o disser. vou trocar me de roupa —finalizou Phillip.

Saiu coxeando ligeiramente.

—Não varri o maldito estou acostumado a —começou a dizer Ethan— para que seus hormônios montassem este follón.

—começou ele —murmurou CAM, sem que lhe importasse o ridículo que soava.

—Não, suponho que começou você com o que seja que fizesse para encher o saco a Anna. —Ethan abriu um armário e tirou a faxineira que tendeu ao CAM—. Acredito que agora deveria limpá-lo.

foi pela porta traseira.

—Vós dois pensam que sabem tudo, joder. —Furioso, deu uma patada a uma cadeira que se encontrava de caminho ao cubo—. Sou eu quem sabe como vai minha vida. Teria que estar na Austrália preparando minha melhor carreira. Aí é onde deveria estar.

Passou a faxineira por cima da água, a cerveja e os cristais sem deixar de murmurar.

—Na Austrália. Se ainda ficasse um pouco de sentido. Como complicam as coisas as malditas mulheres. O melhor é desfazer-se delas.

Voltou a dar uma patada a outra cadeira, porque o fazia sentir melhor, e depois com ajuda da faxineira jogou as partes de cristal no cubo.

—Quem se brigou? —perguntou Seth.

CAM se voltou e entrecerró os olhos ao ver o menino no marco da porta.

—Surrei ao Phillip.

—E por que?

—Porque tinha vontades.

Seth inclinou a cabeça, passou através do atoleiro e tirou uma Pepsi da geladeira.

—Se lhe surraste você como é que está sangrando?

—Talvez é que eu gosto de sangrar. —Terminou de varrer enquanto o menino seguia lhe olhando—. Tem algum problema? —perguntou CAM.

—Eu nenhum.

CAM empurrou o cubo a um lado. O menos que podia fazer Phillip era esvaziá-lo. dirigiu-se à pia e com maus modos se arrancou os cristais do braço. Então tirou o uísque, endireitou uma cadeira e se sentou com a garrafa e um copo.

Viu como Seth olhava a garrafa e depois apartava a vista. CAM serviu devagar dois dedos do Johnny Walker no copo.

—Não tudo o que bebe se embebeda —disse—. Não tudo o que se embebeda, como possivelmente dita fazer eu, pega aos meninos.

—Em qualquer caso, não entendo por que a gente bebe essa mierda —argüiu Seth.

CAM bebeu o uísque de um gole.

—Porque somos débeis e estúpidos, e além te faz sentir bem; tudo ao mesmo tempo.

—Vais partir a Austrália?

CAM se serve um pouco mais.

—Não parece que vá.

—Não me importa se vai. Importa-me uma mierda onde vá.

Soterrada-a ira na voz do menino surpreendeu a ambos. Vermelho como um tomate, Seth se deu a volta e se dirigiu correndo à porta.

Bom, mierda, pensou CAM e apartou a um lado o uísque. levantou-se da mesa e golpeou a porta enquanto Seth corria pelo pátio em direção ao bosque.

—Vêem aqui! —gritou. Quando viu que aquilo não diminuía a velocidade do menino, decidiu pôr mais ênfase—. Joder, hei dito que venha!

Esta vez Seth deu um derrapagem e se deteve. Quando se deu a volta, olharam-se fixamente através da extensão de erva com os nervos bastante alterados.

—Traz o culo de volta aqui. Agora.

Seth se aproximou com os punhos apertados e o queixo para fora. Ambos sabiam que não tinha nenhum outro lugar ao que acudir.

—Não te preciso —exclamou Seth.

—Nem pensar, é obvio que não. Deveria te surrar por ser tão estúpido. Todo mundo diz que tem um cérebro privilegiado aí dentro, mas para mim que é parvo do culo. Agora, sente-se. Aqui —acrescentou, assinalando com o dedo os degraus—. E se não fazer o que eu te diga quando lhe ordenar isso, então te esquentarei esse culo.

—Não me dá medo —disse Seth, mas se sentou.

—Assustarei-te até que fique branco como uma parede, e isso me faz ter a frigideira pela manga. —CAM também se sentou e viu como o cachorrinho se dirigia para eles arrastando-se sobre a tripa. Também podia amedrontar aos perritos, pensou com indignação—. Não vou a nenhum sítio —começou a dizer.

—Hei-te dito que não me importa.

—De acordo, mas eu lhe o conto igual. Supunha que me partiria uma vez que tudo estivesse situado. Disse-me mesmo que o faria. Suponho que o necessitava. Nunca imaginei que voltaria aqui para me estabelecer.

—Então por que não vai?

CAM lhe deu um tímido golpe no alto da cabeça com o canto da mão.

—por que não te cala até que eu termine o que quero dizer?

Aquele golpe indolor e aquela ordem impaciente resultaram ao Seth mais reconfortantes que um milhão de promessas.

—Dei-me conta de que já rodei o suficiente. Eu gostava do que fazia enquanto o fazia, mas acredito que aquilo terminou. Parece que tenho um lugar aqui, e um negócio, e inclusive possivelmente uma mulher —murmurou pensando na Anna.

—Ou seja que vais ficar te para trabalhar e para ligar com uma garota —rebateu Seth.

—Essas são duas poderosas razões para permanecer em um lugar. E além disso está você —disse CAM recostando-se sobre os degraus superiores e cruzando os braços pelos cotovelos—. Não posso dizer que me importasse muito quando voltei. Sobre tudo tendo em conta essa atitude tua tão brincadeira e além disso o que seja tão feio... mas parece que cresceste e te converteste em um menino.

Seth sorriu disimuladamente, muito contente.

—Você é mais feio ainda.

—Eu sou maior, e tenho certos direitos. Ou seja que acredito que ficarei para ver se melhora seu aspecto com o passado do tempo.

—Em realidade não quero que vá —disse Seth depois de um comprido instante, quase sem fôlego. Era o mais próximo a falar com o coração do que era capaz.

—Sei —suspirou CAM—. Agora que já pusemos tudo isto em claro, há outro assunto. Nada do que preocupar-se, simplesmente é um lixo dessas de tipo legal. Phil e os advogados se fazem cargo da maior parte, mas haverá comentários. Não deve fazer nenhum caso se os escutar.

—Que classe de comentários? —inquiriu Seth.

—Há gente, algum imbecil, que pensa que papai se lançou contra aquele poste. Que se suicidó.

—Sim, e agora esse gilipollas da companhia de seguros anda por aí

fazendo perguntas —concluiu Seth.

CAM deixou escapar um suspiro. Certamente deveria lhe dizer ao menino que não chamasse gilipollas às pessoas maiores, mas havia coisas mais importantes.

—Sabia?

—Claro, ouvi-o por aí. falou com a mãe do Danny e do Will. Danny me disse que lhe tinha jogado a bronca. Não gosta das pessoas que rondam perguntando sobre o Ray. esse caraculo, Chuck, o do periódico Dairy Queen, disse-lhe ao tipo do seguro que Ray andava jogando pós às estudantes e que então teve remorsos de consciência e se suicidó.

—Remorsos de consciência? —repetiu CAM. De onde tirava o menino toda aquela mierda—. Chuck Kimball? Sempre foi um caraculo. A verdade é que lhe expulsaram da escola porque lhe pilharam copiando em um exame de literatura. E acredito que Phillip lhe surrou bem uma vez. Embora não recordo por que foi.

—Tem cara de carpa.

CAM soltou uma gargalhada.

—Sim, acredito que sim. Papai... Ray nunca tocou a nenhum aluno, Seth.

—Comigo sempre foi justo —E isso era o que importava—. Minha mãe...

—Segue —lhe animou CAM.

—Disse-me que ele era meu pai. Mas em outra ocasião me disse que era outro, e outra vez que estava muito bêbada me contou que meu pai era um tipo chamado Keith Richards.

CAM não pôde resisti-lo e soltou a gargalhada.

—Que barbaridade! Agora resulta que liga com os Rolling Stones?

—Com quem?

—Já me ocuparei de sua educação musical mais adiante.

—Eu não sei se Ray era meu pai —continuou Seth levantando a vista—. Ela é uma mentirosa, ou seja que não me acredito nada do que diz, mas ele me acolheu. Sei que Ray lhe deu dinheiro, muito dinheiro a minha mãe. Não sei se ele me tivesse confessado que era meu pai. Dizia que havia coisas das que tínhamos que falar, mas que tinha que resolver alguns assuntos antes. Sei que você não quer que fosse meu pai.

CAM caiu na conta de que isso não já não importava.

—Você queria que o fora? —perguntou.

—Era um homem bom —O menino o disse de uma maneira tão singela que CAM lhe aconteceu um braço pelos ombros. E Seth se recostou contra ele.

—Sim, sim o era.

Tudo tinha trocado. Tudo era diferente. E ansiava desesperadamente contar-lhe a ela. CAM era consciente de que sua vida tinha dado um giro de cento e oitenta graus outra vez. E de alguma forma tinha alcançado exatamente o ponto ao que precisava chegar.

Quão único faltava era Anna.

Decidiu provar sorte e se aproximou de seu apartamento. Pensou que era sábado de noite. Anna se incorporava ao trabalho na segunda-feira pela manhã. Como era uma mulher muito prática, no domingo o dedicaria a organizar-se, a ordenar a penetrada e responder o correio. Esse tipo de coisas.

Se não a encontrava, Por Deus que ficaria sentado na soleira da porta até que aparecesse.

Mas quando a jovem respondeu a sua chamada com aquele aspecto tão fresco, tão alegre, agarrou-lhe despreparado.

Anna, por sua parte, tinha preparado o encontro ao longo da semana. Sabia exatamente como dirigi-lo.

—CAM, que surpresa. Encontra-me de milagre.

—Como que de milagre? —repetiu CAM bobamente.

—Sim, mas ainda tenho cinco minutos. Quer entrar?

—Bom, eu..., onde demônios te colocaste estes dias?

Anna arqueou as sobrancelhas.

—Como diz?

—Tirou férias inesperadamente.

—Eu não diria isso. Arrumei minhas coisas no trabalho, pu-me em contato com meus vizinhos e me regaram as novelo enquanto estive fora. Não me raptaram os extraterrestres, mas sim tomei uns dias livres para assuntos próprios. Quer um café?

—Não. —De acordo, pensou CAM. Pretende seguir atuando com frieza. O também se sentia capaz de fazê-lo—. Quero falar contigo.

—Que bem, porque eu também quero falar contigo. Que tal está Seth?

—Está muito bem. Sério. aplainamos um pouco o caminho. Precisamente hoje...

—O que te passou no braço?

Com impaciência, CAM olhou os arranhões e raspaduras abertos.

—Nada. Não é nada. Escuta Anna...

—por que não se sinta? Eu gostaria de me desculpar se estive muito brusca contigo a semana passada.

—te desculpar? —De acordo, pensou CAM, isso estava melhor. sentou-se no sofá desejando mostrar-se compassivo— por que não o esquecemos tudo? Tenho muito que te contar.

—Eu gostaria de deixar as coisas claras —disse Anna e, sonriendo amavelmente, sentou-se em frente—. Suponho que os dois tínhamos situações complicadas e em grande medida foi minha culpa. Ao estabelecer uma relação contigo existia um certo risco. Senti-me atraída por ti e não calculei com cuidado o alcance dos possíveis problemas. Era de esperar que acontecesse algo do tipo das discussões que tivemos a semana passada. Como ambos tomamos muito a peito o bem do Seth, e seguiremos fazendo-o, eu não gostaria que atuássemos de forma estranha.

—Está bem, então não o faremos —respondeu CAM. Tentou tomar a da mão, mas ela fez caso omisso do gesto e se limitou a lhe dar uns golpecitos.

—E agora que já arrumamos isto, me vais perdoar. Lamento te jogar mas tenho uma entrevista.

—O que?

—Uma entrevista. —Anna olhou o relógio de pulso—. dentro de pouco, por certo, e tenho que me trocar.

Muito lentamente, CAM ficou de pé.

—Tem uma entrevista? Esta noite? Que demônios se supõe que significa isso?

—O que se supõe geralmente —respondeu pestanejando um par de vezes como se estivesse confundida, e depois seu olhar se encheu de desculpas—. Uy, sinto muito! Acreditei que os dois tínhamos claro que se terminou o..., bom, a parte pessoal de nossa relação. Pensei que era evidente que não funcionava para nenhum dos dois.

CAM sentiu como se alguém lhe tivesse golpeado com um punho de aço no peito, destruindo suas defesas.

—Olhe, se ainda está zangada...

—Você crie que pareço zangada? —perguntou com frieza.

—Não —respondeu olhando-a fixamente e meneando a cabeça enquanto sentia uma rápida cãibra e um tombo no estômago—. Não, não o parece. Está-me rechaçando.

—Não fique tão teatral. Simplesmente estamos finalizando uma aventura que os dois empreendemos livremente sem promessas nem expectativas. esteve bem enquanto durou, muito bem. Eu não gostaria que isso se danificasse. Agora no que concerne a nossa relação profissional, já te disse que farei quanto esteja em minha mão para defender a custódia permanente do Seth. Entretanto, espero que de agora em diante seja mais comunicativo quanto à informação. Eu gostaria também consultar contigo ou te aconselhar sobre qualquer aspecto da custódia. Você e seus irmãos estão cumprindo um

maravilhoso papel com respeito ao Seth.

CAM esperou convencido de que faltava algo mais.

—Isso é tudo? —perguntou.

—Não me ocorre nada mais, e vou mal de tempo.

—Vai mal de tempo. —Lhe tinha apunhalado em pleno coração e não tinha tempo—. É uma autêntica e maldita pena, porque eu não terminei.

—Sinto ter machucado seu ego.

—Em efeito, meu ego está ferido. Neste momento tenho outras muitas feridas. Como coño pode estar aí de pé e não me fazer nem caso depois do que compartilhamos?

—tivemos uma magnífica relação sexual. Não o nego. O caso é que já não a teremos nunca mais.

—Sexo? —Sujeitou-a pelo braço, sacudiu-o e teve a pequena satisfação de ver um brilho de aborrecimento em meio da frieza de seus olhos—. Só foi isso para ti?

—Isso era para os dois. —Não estava acontecendo como ela tinha planejado. Tinha esperado que se zangasse e armasse um escândalo. Ou que se houvesse sentido aliviado ao ver que ela se apartava primeiro e se afastou assobiando. Mas não tinha imaginado que se enfrentasse a ela assim—. Vete de meu lado.

—Nem pensar! Tornei-me médio louco esperando que voltasse. transformaste minha vida de cima abaixo, e seria absurdo que você te largue simplesmente porque terminaste comigo.

—terminamos os dois. Já não te quero, e o sinto se tiver sido eu a primeira em dizê-lo. E agora aparta suas mãos de mim.

Soltou-a como se sua pele lhe queimasse as mãos. Tinha notado um certo deixe em sua voz, um que lhe fez suspeitar.

—O que te faz supor que eu ia dizer te todo isso?

—Não queremos as mesmas coisas. Não chegávamos a nenhuma parte, e eu não vou continuar aí, apesar do que possa sentir por ti.

—O que sente por mim?

—Estou cansada de ti! —disse gritando—. Cansada de mim, de nós. Estou cansada e farta de me dizer que a diversão e os jogos são suficientes. Pois bem, não o são. Nem de longe, e quero que vá.

CAM sentiu que o medo e a raiva que tinha experiente se transformavam em prazer.

—Está apaixonada por mim, verdade?

Nunca tinha visto uma mulher passar tão rápido de cozer-se a fogo a lento à ebulição. E ao vê-lo, perguntou-se como tinha podido demorar tanto em dar-se conta de que a adorava. Anna se deu a volta, tomou um abajur e a atirou.

CAM captou sua intenção e deu obrigado por ser ágil no momento em que a base do abajur assobiava junto a sua cabeça antes de estelar se contra a parede.

—É um arrogante, vaidoso e desumano filho de puta. —A jovem tomou agora um vaso, um novo que tinha comprado de volta a casa para consolar-se e o lançou.

—meu deus, Anna! —disse enquanto lhe percorria uma simples e plaina admiração ao ver-se obrigado a agarrar o vaso antes de que se estrelasse contra sua cabeça—. Deve estar louca por mim.

—Desprezo-te. —Procurou freneticamente algo mais para atirar e agarrou um fruteiro que estava na encimera. Primeiro arrojou a fruta: as maçãs—. Te odeio. —Logo, as pêras—. Te detesto. —Depois, os plátanos—. Não posso acreditar que te tenha deixado me tocar alguma vez. —Então foi o fruteiro. Mas esta vez foi mais preparada e primeiro fingiu arrojá-lo e depois o lançou para onde ele se dirigiu para esquivá-lo.

A peça de porcelana se estrelou justo em cima da orelha do CAM, que começou a ver dançar estrelas ante seus olhos.

—Está bem. O jogo terminou. —lançou-se em picado sobre ela e a sujeitou pela boneca. Como já tinha o corpo castigado, acusou os murros e golpes da Anna, mas conseguiu arrastá-la até o sofá e tombá-la—. te Controle ou me vais matar.

—Quero te matar —respondeu ela apertando os dentes.

—Faço-me à idéia perfeitamente.

—Você não se inteira de nada. —revolveu-se e conseguiu que lhe invadisse uma quebra de onda confusa de risada e desejo. Quando se deu conta, apartou-se e lhe golpeou com força.

—Maldita seja. Está bem. acabou-se. —Atirou dela para cima e se a cargó.a as costas—. Ainda tem a mala feita? E diz que tem uma maldita entrevista Disso nada! Que diz que terminamos. E uma mierda! —Levou-a até o dormitório, viu a mala em cima da cama e a agarrou.

—Mas o que faz? Deixa isso no chão. me solte.

—Não penso soltar nenhuma das duas coisas até que estejamos em Vegas.

—Vegas? Quer dizer Las Vegas? —perguntou enquanto lhe esmurrava com ambos os punhos nas costas—. Não vou contigo a nenhuma parte e muito menos a Las Vegas.

—É exatamente onde vamos. É o lugar onde pode te casar mais rápido.

—E como coño crie que vais levar me a avião gritando como uma louca? Meterão-lhe no cárcere em menos de cinco minutos.

CAM acabou por utilizar seu sentido comum, já que lhe estava fazendo um dano considerável, baixou-a diante da porta de entrada e a sustentou pelos braços.

—vamos casar nos e se acabou.

—Pode... —Anna sentiu que lhe abandonavam as forças e a cabeça lhe dava voltas—. nos casar? —Começou a registrar a palavra—. Você não quer te casar.

—me acredite. estive lhe dando voltas a essa idéia desde que me atiçou com o fruteiro. E agora te vais comportar de forma razoável, ou terei que te sedar?

—Por favor, deixa que vá.

—Anna. —Pôs sua frente sobre a dela—. Não me peça isso, porque não posso viver sem ti. te arrisque, jogue-lhe isso Vêem comigo.

—Está zangado e ferido —respondeu ela com voz tremente—. E pensa que sair correndo para Las Vegas para celebrar um amalucado e instantâneo matrimônio em cinco minutos o vai arrumar tudo.

CAM agarrou seu rosto com as mãos com grande suavidade. Anna tinha os olhos cheios de lágrimas e ele se deu conta de que cairia de joelhos se a jovem deixava que se derramassem.

—Não pode me dizer que não me ama. Não te acredito.

—Sim que te quero CAM, mas sobreviverei. Há coisas que necessito. Tenho que ser honesta comigo mesma e admiti-lo. Tem-me quebrado o coração.

—Sei. —CAM pressionou os lábios contra a têmpora da Anna—. Sei que lhe tenho quebrado isso. estive cego, fui um egoísta, fui um estúpido. E, maldita seja!, tinha medo. De mim, de ti, de tudo o que acontecia a meu redor. Danifiquei-o tudo, e agora você não quer me dar outra oportunidade.

—Não é questão de oportunidades. trata-se de ser o suficientemente consciente para saber que queremos coisas distintas.

—Hoje por fim me dei conta do que eu quero. me diga o que deseja você.

—Quero um lar.

O tinha um para ela.

—Quero me casar.

Acaso ele não o acabava de pedir?

—Quero ter filhos.

—Quantos?

Anna tinha os olhos secos e lhe deu um empurrão.

—Não é uma brincadeira.

—Eu não estou brincando. Estava pensando em dois, com opção a três. —CAM fez uma careta ao ver o olhar de profundo assombro no rosto dela—. Bem. Agora é você a que está assustada porque começa a te

dar conta de que falo a sério.

—Você, você pensava voltar para Roma, ou onde fora, assim que pudesse.

—Podemos ir os dois a Roma, ou onde seja, em nossa lua de mel. Não vamos levar nos a menino. por aí não passado. de vez em quando eu gostaria de participar de uma competição ou dois. Só para me manter em forma. Mas fundamentalmente me dedicarei ao negócio de construção de navios. É obvio que pode fracassar. Então te encontrará apanhada com um marido em casa ao que não gosta de nada o trabalho do lar.

Anna desejava poder apertá-las têmporas, mas não podia já que ele seguia sujeitando-a pelos braços.

—Não posso pensar.

—Está bem. Escuta. Quando foi deixou um buraco em meu interior, Anna. Não queria admiti-lo, mas aí estava. Um grande buraco vazio.

CAM descansou sua frente na da jovem por um instante.

—Sabe o que tenho feito hoje? trabalhei na construção de um navio. E me hei sentido bem. Voltei para casa, quão única conheci em minha vida e me gostou. tivemos uma reunião de família e nos ocupamos que assunto da companhia de seguros; decidimos fazer o correto respeito a meu pai. Por certo, que estive falando com ele.

Anna não pôde deixar de lhe olhar fixamente embora a cabeça lhe dava voltas.

—O que? Como?

—Com meu pai. mantive algumas conversações com ele, concretamente três, desde que morreu. Lhe vê bem.

Anna tinha o fôlego congelado justo na base da garganta.

—CAM.

—Sim, sim —respondeu com uma rápida careta—. Necessito assessoramento psicológico. Podemos discuti-lo mais tarde, o que não significa que o deixe de lado. Estava-te contando o que tenho feito hoje,

verdade?

Muito lentamente ela assentiu.

—Sim.

—De acordo. depois da reunião familiar, Phil fez um agradável comentário, por isso lhe peguei um murro, e brigamos um momento. Isso também eu gostei. Depois conversei com o Seth sobre o que deveria ter falado faz tempo com ele, e escutei o que deveria ter escutado faz tempo também, e então nos sentamos um momento juntos. Senti-me a gosto, Anna, senti-me bem.

A jovem curvou os lábios.

—Me alegro.

—Há mais. Quando estava sentado compreendi que era ali onde queria estar, onde precisava estar. Só faltava algo, e esse algo foi você. E por isso vim a te buscar, para que volte. —CAM pressionou brandamente com seus lábios a têmpora da jovem—. Para que volte para casa, Anna.

—Acredito que preciso me sentar.

—Não. Quero que lhe tremam as pernas quando te disser que te amo. Está preparada?

— Meu Deus!

— Sempre tive muito cuidado de não lhe dizer a nenhuma mulher, exceto a minha mãe, que a amava. A ela tampouco o disse muito freqüentemente. me dê uma oportunidade, Anna, e me lhe ouvirá dizer isso tantas vezes como pode suportar.

Ela suspirou.

— Não me vou casar em Las Vegas.

— Diversão arruinada. —CAM viu que ela curvava os lábios antes de posar os seus em cima. E aquele sabor aplacou todos suas dores de corpo e alma—. Como te senti falta de! Não te parta nunca mais.

—O resultado foi que entraste em razão. —Anna lhe rodeou estreitamente com seus braços. E se sentiu a gosto, pensou com certa frivolidade. sentiu-se bem—. CAM, quero escutá-lo outra vez agora

mesmo.

—Amo-te. Sinto-me tão bem te amando. Não posso acreditar que tenha perdido tanto tempo.

—foram menos de três meses —lhe recordou ela.

—Muito tempo. Mas o compensaremos.

—Quero que me leve a casa –murmurou ela— depois.

CAM se apartou e inclinou a cabeça.

—depois do que? —Então ela soltou uma gargalhada quando ele a levantou em seus braços.

CAM se abriu passo através dos restos da briga e deu uma patada a um plátano maltratado apartando-o.

—Sabe? Não imagino por que pensei sempre que o matrimônio era aborrecido.

—O nosso não o será —respondeu ela beijando sua machucada cabeça, que ainda sangrava um pouco—. Lhe prometo isso.

Procurando outros livros?

Comente em nossa comunidade, isso pode influenciar positivamente outras pessoas.

Arquivos ePub não são fáceis de achar, doe ao disco virtual, todos agradecem!

Facebook



http://goo.gl/o26wI

“A Sabedoria é o caminho o Amor é a luz”

Chico Xavier